

COLETÂNEAS *de*

Volume

1

Aconselhamento Bíblico

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Aconselhamento bíblico - David W. Smith

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Perguntas Raio X - David A. Powlison

Exaltar a dor? Ignorar a dor? O que fazer com o sofrimento? - Edward T. Welch

Como você se sente? - David A. Powlison

Quem somos? Necessidades, anseios e a imagem de Deus no homem - Edward T. Welch

Sua aparência: o que os padrões atuais dizem e as imagens retratam - David A. Powlison

E se você não foi amado por seu pai? - David A. Powlison

Crítica aos integracionistas atuais - David A. Powlison

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Déficit de Atenção/Hiperatividade: o que você precisa saber - Edward T. Welch

Transtorno Dissociativo de Identidade: insight bíblico - Edward T. Welch

Homossexualismo: pensamento atual e diretrizes bíblicas - Edward T. Welch

Devemos nos casar? - David A. Powlison e John Yenchko

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Amor Incondicional? - David Powlison



Christian
Counseling &
Educational
Foundation

RESTORING CHRIST to COUNSELING &
COUNSELING to the CHURCH



Coletâneas de Aconselhamento Bíblico



David W. Smith¹

Os autores dos artigos do primeiro volume de Coletâneas de Aconselhamento Bíblico, Edward Welch e David Powlison, foram meus professores no programa de doutorado em Aconselhamento Bíblico há quase vinte anos. Três coisas impressionaram-me naquela época: a seriedade e integridade destes homens nos mínimos detalhes de seu andar com Deus, seu compromisso com a igreja local e seu empenho como conselheiros e professores da Christian Counseling and Educational Foundation de relacionar a Palavra de Deus aos problemas humanos mais complexos, crendo que ela é totalmente suficiente para nos conduzir “à vida e à piedade” (2 Pe 1.3,4). Estes três impactos ainda perduram.

Os artigos reunidos neste volume representam parte do empenho destes dois autores para demonstrar que a Bíblia é, de fato, a ÚNICA regra de fé e prática (2 Tm 3.16,17) para lidar com todos os problemas não-orgânicos do ser humano. Que o mesmo Deus, que tanto usou a vida e os ensinamentos destes autores em minha vida, possa usá-los agora na sua vida por meio destes artigos traduzidos para o português, fortalecendo sua confiança no poder e nas riquezas da Palavra de Deus – a espada do Espírito – a fim de que você seja “perfeito [maduro] e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3.17).

Na graça sobre graça do nosso amado Senhor Jesus.

¹ Dr. David Smith está envolvido ativamente no Aconselhamento Bíblico há mais de 30 anos. Durante 29 anos serviu como missionário no Brasil, onde lecionou no *Seminário Bíblico Palavra da Vida* e no *Seminário Teológico Servo de Cristo*. Atualmente é professor no *The Master's College*.

Perguntas Raio-X:

Descobrimos os porquês e os motivos do comportamento humano



David A. Powlison¹

“Por que eu fiz isso?” “Por que você reagiu daquela maneira?” “Por que usou aquelas palavras e aquele tom de voz?” “Por que pensou e sentiu daquela maneira?” “Você consegue lembrar detalhes do que aconteceu?” “Como você fez escolhas naquela situação?” “Como chegou aos resultados que colheu?”

A pergunta “Por quê?” desperta inúmeras teorias sobre a natureza humana. Por que as pessoas fazem o que fazem? Cada uma das análises da personalidade humana e das tentativas de solucionar o que aflige a raça humana está ancorada em alguma “resposta” a esta pergunta. O ponto de vista sobre a motivação humana estabelece cada detalhe das teorias e da prática. Você ficou bloqueado em algum ponto da hierarquia das necessidades? Você é geneticamente predisposto à agressão? Os hormônios são os culpados? Sua dinâmica psíquica entra em conflito com as regras

sociais? Seus impulsos foram reforçados por estímulos de recompensa? Você é do signo de Áries sob a influência de Júpiter? Você é um adulto co-dependente, que foi criado em um lar conturbado que determinou sua maneira de agir? Você está tentando compensar um sentimento de inferioridade, buscando elevar a sua auto-estima? Um demônio chamado Compulsão infiltrou-se em uma brecha de sua personalidade? Você não tem um conhecimento doutrinário bom? O seu temperamento é melancólico ou sanguíneo, pessimista ou otimista, introvertido ou extrovertido? “Eu fiz, pensei ou senti de tal e tal maneira *porque...*”. O comportamento visível deve ter por trás alguma razão.

As teorias a respeito do que faz as pessoas agirem de uma forma ou de outra tomam corpo nos modelos de aconselhamento. As explicações dirigem as soluções: tomar medicação, expulsar um demônio, suprir suas necessidades, não tomar decisões importantes em dias astrais desfavoráveis, reprogramar o seu auto-papo, examinar a sua dor. As causas presumidas e as respostas

¹Tradução e adaptação de *X-ray questions: drawing out the whys and wherefores of human behavior*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n.1, Fall 1999, p. 2-9.

apropriadas são debatidas entusiasticamente. Nas bibliotecas universitárias, centenas de prateleiras registram os debates. O Senhor Deus tem muito a dizer sobre esta questão. Ele refuta ativamente os rivais e os impostores, demonstrando que a motivação humana tem a ver com Ele. O aconselhamento que tem como alvo ser bíblico precisa fazer justiça àquilo que Deus diz sobre os porquês e os motivos do coração humano. As Escrituras reivindicam “discernir os pensamentos e propósitos do coração” de acordo com os critérios específicos com que Aquele que sonda os corações avalia o que Ele vê em nós (Hb 4.12).

A lista de “perguntas raio X” que damos a seguir ajuda a discernir os padrões da motivação humana. As perguntas têm por objetivo ajudar a identificar e expor aquilo que ocupa posição de autoridade no coração. O propósito é revelar os “deuses funcionais” – na verdade, o que ou quem controla as ações, os pensamentos, as emoções, as atitudes, as memórias e as expectativas. Preste atenção: na prática diária, os seus “deuses funcionais” costumam estar diametralmente opostos ao Deus a quem você declara adorar.

Pense em quando você fica ansioso, preocupado, tomado por inquietação. Alguma coisa aconteceu – você não consegue tirar esse problema da mente. Alguma coisa está acontecendo agora – você se deixa consumir pela situação. Alguma coisa acontecerá amanhã – sua mente trabalha incansavelmente a questão, remoendo cada alternativa possível. À medida que o pecado da preocupação crava as garras em sua alma, talvez você procure alívio instantâneo: assaltar a geladeira, assistir televisão, masturbar-se, ler um romance, fazer compras, jogar. Ou talvez você tente assumir o controle: completar uma lista de tarefas e telefonemas, trabalhar

durante toda a noite, limpar a casa. O que está acontecendo?

Como cristão você declara que Deus controla todas as coisas e opera cada uma delas para a glória dEle e o seu bem. Você declara que Deus é a sua rocha e o seu refúgio, um socorro bem presente em qualquer dificuldade que você enfrente. Você declara que O adora, confia nEle, ama e obedece. Mas naquele momento – hora, dia, período – de ansiedade, fuga ou desespero, você vive como se você precisasse controlar todas as coisas. Você vive como se o dinheiro, a aprovação de outros, o sermão bem-sucedido, seu diploma ou uma prova, a saúde perfeita, o fato de evitar conflitos ou conseguir aquilo que você quer ou...importasse mais do que amar a Deus e confiar nEle. Você vive como se os bons sentimentos passageiros pudessem ser um refúgio, como se suas ações pudessem consertar o mundo. Seu deus funcional compete com o Deus que você professa. Os descrentes estão totalmente tomados por motivações não-piedosas. Os crentes sinceros estão, com frequência, seriamente comprometidos com outros deuses, distraídos e divididos. Mas a graça pode nos dar uma nova orientação, purificar-nos e levar-nos de volta para o Senhor.

A obra de transformação que Cristo opera em nossas vidas acontece simultaneamente em duas dimensões, a “vertical” e a “horizontal”, o porquê e o como. Deus está reorientando continuamente tanto a nossa adoração como a nossa caminhada, os nossos motivos bem como o nosso estilo de vida. Paulo resume o propósito do seu ministério nas seguintes palavras: “Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia” (1 Tm 1.5). O amor resume a renovação dos relaciona-

mentos horizontais. Um coração puro, uma boa consciência e uma fé sincera resumem a reconfiguração do relacionamento vertical. Um coração impuro e dividido serve a vários senhores. Uma consciência má ou corrompida tira conclusões errôneas, avalia mal os fatos e engana, deixando de processar a vida como Deus quer. Uma fé hipócrita declara, canta e ora determinada coisa, mas confia em outra coisa quando sob pressão. As falhas no coração, na consciência e na fé produzem pecados específicos. A restauração do coração, da consciência e da fé produzem atos específicos de obediência. Este artigo investiga a dimensão vertical que guia e impulsiona – causa – a dimensão horizontal.

Perceba que cada pergunta gira ao redor da mesma questão básica: Quem ou o que é o seu deus funcional? Muitas das perguntas simplesmente derivam dos verbos que estabelecem nosso relacionamento com Deus: amar, confiar, temer, esperar, buscar, obedecer, refugiar-se, e assim por diante. Cada verbo traz uma lâmpada para nos guiar. Àquele que é o caminho, a verdade e a vida. Mas cada verbo pode ser transformado também em uma pergunta, erguendo um espelho para nos mostrar em que estamos errados. Cada pergunta conduz à mesma pergunta essencial. Em situações específicas – tempos, lugares e pessoas diferentes – uma ou outra pergunta pode ser mais apropriada e útil. Maneiras diferentes de formular as perguntas sobre motivação podem despertar pessoas diferentes.

As perguntas que vêm a seguir são perguntas “Por quê?”, formuladas de modo concreto como perguntas “O quê?”. Elas podem ajudá-lo a perceber o que determina a direção da vida de uma pessoa. Você não pode ver o que está no coração de outra pessoa, mas

você pode fazer perguntas inteligentes do tipo “Por que você está irado? Por que você manipula outros? Por que você está ansioso nessa situação? Por que você tem um problema de cobiça em determinado momento? Por que você bebe em excesso?” A Bíblia – a palavra penetrante e iluminadora dAquele que sonda os corações – está preocupada em mergulhar abaixo dos comportamentos e emoções para revelar as motivações e nos expor perante Deus. Quando ficamos convictos dos enganos específicos que alimentamos em nossas mentes, a reorientação das motivações por meio da graça do evangelho costuma ser o passo seguinte.

Estas perguntas podem ser aproveitadas de várias maneiras. Cada uma delas pode ser usada como lente microscópica, para dissecar detalhes de um acontecimento específico da vida da pessoa. Ou pode ser usada como lente panorâmica, para fornecer uma visão ampla e lançar luz em hábitos recorrentes que caracterizam várias facetas da vida da pessoa. Você descobrirá ao longo do aconselhamento – e no seu próprio crescimento em graça – que os detalhes e o panorama complementam-se mutuamente. O panorama sozinho é muito geral; a mudança acontece em coisas específicas. Os detalhes isolados parecem triviais; o panorama dá um significado amplo aos detalhes pequenos.

As referências bíblicas têm o propósito de incentivá-lo a pensar. Elas apenas arranham a superfície do material que a Bíblia oferece sobre a motivação humana. Assegure-se de fazer a pergunta essencial: O que está motivando você ou outra pessoa? Não corra para dar a “resposta bíblica certa” antes de trabalhar árdua e honestamente para analisar os “deuses funcionais”. O arrependimento que resulta de uma compreensão

desta questão fará com que a “resposta certa” seja de fato certa e o amor de Jesus seja uma fonte de alegria e esperança.

1. O que você ama? O que você odeia?²

Esta pergunta baseada no “primeiro grande mandamento” sonda coração, alma, entendimento e força. Não há pergunta mais profunda que possa ser feita a alguém. Não há explicação mais profunda para a razão que nos leva a fazer o que fazemos.

2. O que você quer, deseja, anseia, cobiça? A que desejos você obedece?³

Esta pergunta resume a atuação interior da “carne” nas epístolas do Novo Testamento. “Seja feita a minha vontade” e “Eu quero_____” estão sempre em pauta. Os desejos que governam as pessoas são variados. Portanto, saia em busca de detalhes para esta pessoa, agora, nesta situação. Perceba que, às vezes, a vontade das outras pessoas pode governá-lo (a pressão do grupo, o desejo de agradar, um comportamento de camaleão). O anseio do seu coração, em tais casos, é alcançar tudo quanto de bom outros prometem e evitar qualquer mal que possa amedrontar: “Meu anseio é ser compreendido, aceito, apreciado, admirado”.

3. O que você procura, quer alcançar, busca? Quais são seus alvos e expectativas?⁴

Esta pergunta considera que a sua vida é ativa e se move em uma direção. Nossa vida é dirigida por propósito. A motivação humana não é passiva, como se fôssemos controlados por forças externas que resultam em “insa-

tisfação”, “frustração”, “condicionamento”. As pessoas são verbos na voz ativa.

4. Sobre o que você alicerça a sua esperança?⁵

A dimensão de futuro destaca-se na interpretação de Deus da motivação humana. As pessoas se sacrificam ativamente para alcançar aquilo que esperam – e o que esperam? Pessoas desesperadas tiveram suas esperanças frustradas – e quais eram estas esperanças?

5. O que você teme? O que você não quer? O que o deixa preocupado?⁶

Temores pecaminosos são o inverso de anseios ardentes. Se você deseja evitar a todo custo alguma coisa – perda da reputação, perda do controle, pobreza, doença, rejeição etc. – torna-se governado por medo e cobiça.

6. No que você sente prazer?⁷

Esta pergunta abre caminho para a pergunta 2: O que você deseja? Ser “orientado por sentimentos” significa fazer dos seus desejos o seu guia.

7. Do que você precisa? Quais são as suas “necessidades sentidas”?⁸

Se as perguntas 2 e 3 expõem os alvos em termos de ação, esta pergunta revela os alvos em termos do que você espera receber. As necessidades que sentimos são freqüentemente mencionadas como se fossem auto-evidentes e destinadas a serem supridas, não como algo que domina e escraviza sutilmente. Nossa cultura, que enfatiza as necessidades, reforça

² Mt 22.37-39; 2 Tm 3.2-4; Lc 16.13-14.

³ Gl 5.16-25; Ef 2.3, 4.22; 1 Pe 1.14, 2.11, 4.2; 2 Pe 1.4, 2.10; Tg 1.14-15, 4.1-3; Pv 10.3, 10.28, 11.6-7; Sl 17.14-15, 73.23-28.

⁴ Mt 6.32-33; 2 Tm 2.22.

⁵ 1 Pe 1.13; 1 Tm 6.17.

⁶ Mt 6.25-32, 13.22.

⁷ Veja nota de rodapé 2.

⁸ Mt 6.8-15, 6.25-32.

os instintos e hábitos da carne. Na maioria dos casos, as necessidades sentidas são uma linguagem comum para exigências idólatras de amor, compreensão, um senso de estar no controle, afirmação e realização.

8. *Quais são seus planos, a sua “agenda”, estratégias e intenções a se cumprirem?*

Esse é outro modo de avaliar o que você busca. O egocentrismo que espreita por trás dos planos aparentemente mais nobres pode ser assustador. Ninguém costuma dizer: “A expansão da nossa igreja em uma mega-igreja irá me dar fama, prosperidade e poder”, mas estas motivações são fruto da natureza humana. Sua presença, mesmo acobertada, perverte e macula as ações em um grau ou outro.

9. *O que mexe com você? O seu planeta se move ao redor de que sol? Onde está o seu jardim encantado? O que ilumina o seu mundo? De qual fonte de satisfação você bebe? O que alimenta a sua vida? O que de fato importa para você? Que castelos você constrói nas nuvens? Você organiza a sua vida ao redor de quê? O que orienta o seu mundo?*⁹

Muitas metáforas atraentes podem expressar a pergunta “Qual a sua razão de viver?”. Perceba que ser governado, por assim dizer, por um grande anseio por intimidade, realização, respeito, saúde ou bem-estar não define estes desejos como legítimos. Eles funcionam de maneira pervertida, colocando-nos no centro do universo. Fomos criados para ansiarmos predominantemente pelo próprio Senhor, pelo Doador e não as

dádivas. A ausência de bênçãos – rejeição, ostentação, insultos, doença, pobreza – é com frequência o contexto de provação em que aprendemos a amar a Deus por quem Ele é. Em nossa idolatria, colocamos as dádivas como bens supremos e fazemos do Doador um office-boy para atender nossos desejos.

10. *Onde você encontra refúgio, segurança, conforto, escape, alegria?*¹¹

Esta é a pergunta dos Salmos, penetrando em seu escapismo e sua falsa confiança. Ela é de ajuda no lidar com muitos dos “comportamentos compulsivos”, que costumam surgir no contexto de problemas e pressões e funcionam como falsos refúgios.

11. *Em quem ou no que você confia?*¹²

Confiar é um dos principais verbos no seu relacionamento com Deus ou com os falsos deuses e as mentiras. Os Salmos expressam confiança em nosso Pai e Pastor. Em quê você está colocando a confiança que ancora e dirige a sua vida? Em outras pessoas? Em suas habilidades e realizações? Em sua igreja ou tradição teológica? Nos bens materiais? Na dieta, no exercício físico ou no cuidado médico?

12. *Qual a pessoa cujo desempenho é importante para você? Sobre os ombros de quem descansa o bem-estar do seu mundo?*¹³

Esta pergunta investiga a justiça própria, a tendência a viver por meio de seus filhos ou colocar a esperança no casamento com um cônjuge certo.

⁹ Veja nota de rodapé 3.

¹⁰ Is 1.29-30; 50.10-11; Jr 2.13, 17.13; Mt 4.4, 5.6; Jo 4.32-34, 6.25-69.

¹¹ Sl 23, 27, 31, e cerca de dois terços dos demais Salmos.

¹² Pv 3.5, 11.28, 12.15.

¹³ Fp 1.6, 2.13, 3.3-11, 4.13; Sl 49.13.

13. A quem você precisa agradar? Quais as opiniões que contam a seu respeito? Você deseja a aprovação e teme a rejeição de quem? Qual o sistema de valores pelo qual você se mede? Aos olhos de quem você está vivendo?¹⁴

Quando você perde Deus de vista, você entra em uma floresta de distorções. Você tende a viver diante dos próprios olhos ou diante dos olhos de outros ou de ambos. Os “ídolos sociais” assumem diversas formas específicas: aceitação ou rejeição, pertencer ou ficar excluído do grupo, aprovação ou crítica, afeição ou hostilidade, adoração ou desprezo, intimidade ou alienação, ser entendido ou ridicularizado.

14. Quais os modelos que você segue? Que tipo de pessoa você deseja ou quer ser?¹⁵

O seu “ídolo” ou “herói” revela quem você é. Esta pessoa encarna a imagem a que você aspira.

15. Em seu leito de morte, o que a sua vida resumiria como de valor? O que dá sentido à sua vida?¹⁶

Esta é a pergunta de Eclesiastes, o livro que examina um grande número de opções e descobre que todas, menos uma, são vaidade. Traduza Eclesiastes 2 em seus equivalentes atuais!

16. Como você define sucesso ou fracasso em determinada situação?¹⁷

Os padrões que você segue ou usa podem estar amplamente distorcidos. Deus quer renovar a sua “consciência”, o padrão pelo qual você avalia a si mesmo e aos outros.

¹⁴ Pv 1.7, 9.10, 29.25; Jo 12.43; 1 Co 4.3-5; 2 Co 10.18.

¹⁵ Rm 8.29; Ef 4.24; Cl 3.10.

¹⁶ Eclesiastes.

¹⁷ 1 Co 10.24-27.

Se você conduzir a vida de acordo com o seu próprio entendimento ou “seus próprios olhos”, você viverá como louco.

17. O que faz com que você se sinta rico, seguro, próspero? O que o faria feliz?¹⁸

A Bíblia usa com frequência a metáfora do tesouro para falar em motivações.

18. O que daria a você o maior prazer, felicidade, deleite? O que daria a maior dor e tristeza?¹⁹

Bênção e maldição são a maneira bíblica de tratar da felicidade e da dor. Que expectativas você tem sobre onde e como encontrar bênçãos? Estas expectativas revelam o que governa a sua vida.

19. Que político poderia melhorar a situação se assumisse o poder?²⁰

Cada vez mais as pessoas depositam esperança em uma mudança política.

20. Você ficaria feliz com a vitória ou o sucesso de quem? Como você define vitória ou sucesso?²¹

Que interesse pessoal a sua resposta revela? Algumas pessoas chegam a “viver ou morrer” com base no desempenho de um time esportivo, o sucesso financeiro de uma empresa, os resultados acadêmicos obtidos ou a aparência física.

21. O que você vê como seus direitos? O que você sente que tem direito de fazer?²²

Esta pergunta com frequência lança luz sobre os padrões motivacionais das pessoas iradas, aflitas, tomadas de justiça própria e

¹⁸ Pv 3.13-18, 8.10ss, 8.17-21; Mt 6.19-21, Mt 13.45-46.

¹⁹ Mt 5.3-11, Sl 1, Sl 35, Jr 17.7-8; Lc 6.27-42.

²⁰ Mt 6.10

²¹ Rm 8.37-39; Ap 2.7; Sl 96-99.

²² 1 Co 9; Rm 5.6-10.

autopiedade. Nossa cultura reforça os instintos e hábitos da carne. “Eu tenho direito a _____”.

22. Em que situações você se sente pressionado e tenso ou confiante e descansado? Quando você está pressionado, para onde se volta? O que você pensa a respeito? Quais são os seus meios de escape? Do que você quer escapar?²³

Esta pergunta chega ao assunto por uma direção levemente diferente. Muitas vezes, certos padrões de pecado dependem de situações. Insistir em olhar para diferentes aspectos da situação pode colocar um espelho diante dos motivos do coração. Quando falar em público “faz você ficar” tenso, é possível que o seu coração esteja governado pelo seu desempenho aos olhos de outros (temor ao homem e orgulho). Quando o pagamento das contas gera ansiedade, talvez haja um forte amor ao dinheiro operando em você.

23. O que você quer alcançar na vida? Que recompensa você quer extrair daquilo que faz? O que você consegue com isso?²⁴

Esta é uma maneira bem concreta de reformular as perguntas 3 e 8, escavando para desenterrar os seus alvos funcionais. Os ídolos, as mentiras e os anseios do coração prometem benefícios. Sirva a Baal, e ele garantirá fertilidade. Consiga fazer com que aquele rapaz goste de você, e você se sentirá bem a seu respeito. Consiga um salário alto, e você estará realizado diante dos outros.

24. Pelo que você ora?²⁵

Suas orações podem revelar um padrão de falta de equilíbrio ou egocentrismo. Das

muitas coisas pelas quais você pode orar, em que você se concentra? A oração está relacionada aos desejos; pedimos aquilo que queremos. As suas orações refletem os desejos da carne ou os desejos de Deus?

25. O que ocupa o seu pensamento com maior frequência? O que o preocupa ou que tipo de pensamento obsessivo você tem? Pela manhã, para o que a sua mente se volta instintivamente? Qual a sua maneira habitual de pensar?²⁶

Olhe no espelho as suas intenções e acerte a direção!

26. Sobre o que você costuma falar? O que é importante para você?²⁷

Esta pergunta presume uma ligação estreita entre motivações e comportamento. Preste atenção ao que você e outros escolhem como assunto de conversa e como se expressam. As nossas palavras proclamam aquilo que o nosso coração adora.

27. Como você usa o seu tempo? Quais são as suas prioridades?²⁷

Preste atenção ao que você e outros escolhem para fazer, pois revela as inclinações do coração.

28. Quais são as suas fantasias preferidas (sejam elas agradáveis ou amedrontadoras)? Com o que você sonha acordado? Qual o tema dos seus sonhos?²⁹

Somos seres humanos responsáveis mesmo nestes momentos. As suas preocupações habituais e os desejos são revelados nos devaneios.

²³ Veja os vários salmos de refúgio.

²⁴ Pv 3.13-18; Mt 6.1-5, 16-18.

²⁵ Tg 4.3; Mt 6.5-15; Lc. 18.9-14.

²⁶ Cl 3.1-5; Fp 3.19; Rm 8.5-16.

²⁷ Lc 6.45; Pv 10.19

²⁸ Pv 1.16, 10.4, 23.19-21, 24.33.

²⁹ Ec 5.3-7; veja notas de rodapé 1 e 4.

29. Que crenças você sustenta a respeito da vida, de Deus, de si mesmo e de outros? Qual a sua cosmovisão, sua “mitologia” pessoal que estrutura a sua maneira de olhar para o mundo e interpretá-lo? Quais as suas crenças específicas a respeito da situação? O que você aprecia?³⁰

Hebreus 4.12 fala de “pensamentos e intenções” do coração. Talvez possamos traduzir por “crenças e desejos”. Tanto as mentiras em que você acredita como as suas paixões estão por trás dos pecados visíveis. Nossas crenças controlam as nossas respostas. A sua maneira de entender a pessoa de Deus, você mesmo, os outros, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o presente, o passado e o futuro tem efeitos disseminados.

30. Quais são os seus ídolos ou falsos deuses? Em que você deposita a sua confiança ou coloca a sua esperança? Para o que você se volta ou o que você busca? Onde você se refugia? Quem é o salvador, juiz, controlador do seu mundo? A quem você serve? Que “voz” está no controle de sua vida?³¹

Esta lista de perguntas investiga aquilo que usurpa o lugar de Deus. Cada uma delas pode ser identificada com a metáfora de um “ídolo a quem você é fiel”. As vozes que você ouve imitam certas características específicas de Deus: elas prometem bênçãos, ameaçam com maldições, ditam ordens. Comece a reparar cuidadosamente nestes aspectos.

31. De que maneira você vive para si mesmo?³²

Esta é uma forma geral para fazer qualquer uma das perguntas acima.

32. De que maneira você vive escravizado pelo mal?³³

A motivação humana não é puramente “psicológica”, “psicossocial” ou “psicossomática”. Quando você serve às mentiras, serve a um inimigo que deseja enganar, escravizar e matar. Você serve a Deus ou a outro senhor, mas você está sempre servindo a alguém.

33. Como você implicitamente diz “Se apenas...” (alcançar o que você quer, evitar o que você não quer, segurar o que você já possui)?³⁴

Os “Se apenas...” são meios comuns de expressão que podem revelar vários tipos de motivação com o propósito de promover auto-entendimento bíblico e arrependimento.

34. O que instintivamente lhe parece certo? Quais são as suas opiniões, quais as coisas que você sente que são verdadeiras?³⁵

Você não apenas “sente vontade” de fazer algumas coisas (pergunta 6), mas você também “sente” que certas coisas são verdadeiras. A sabedoria não é um sentimento a ser seguido. Muito pelo contrário, ela é

³⁰ Identifique ao longo de toda a Bíblia o propósito de renovar a mente obscurecida pela falsidade.

³¹ Identifique ao longo de toda a Bíblia o propósito de livrar o homem de ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro; Ez 14.1-8; Cl 3.5; Ef 5.5; 1 Jo 5.21; Jr 17.5; Tg 4.11-12.

³² Lc 9.23-25

³³ Jo 8.44; Ef 2.2-3; 2 Tm 2.26; Tg 3.14-16.

³⁴ 1 Rs 21.1-7; Hb 11.25; Fp 3.4-11.

³⁵ Jz 21.25; Pv 3.5, 3.7, 12.15, 14.12, 18.2; Is. 53.6; Fp 3.19; Rm 16.18.

corrigível à medida que se mantém sensível a ouvir e aprender.

35. Onde você encontra a sua identidade? Como você define quem você é?

A Bíblia fala de modo radical sobre auto-conhecimento, identidade e auto-avaliação (“consciência”). As pessoas costumam buscar identidade em poços secos.

Esta lista de perguntas pode provocar um pensar frutífero sobre como a vida relaciona-se exaustivamente com Deus. Antes de concluir, quero reforçar três pontos que descobri serem particularmente úteis para manter minha bússola no rumo certo, tanto no aconselhamento como na busca de arrepender-me de meus próprios pecados.

Primeiro, minha norma prática é uma pergunta dupla: “Quais mentiras e paixões são expressas por meio desse padrão pecaminoso de vida?”. Investigue por detrás das expressões de irritabilidade, egoísmo, falta de esperança, escapismo, justiça própria, autopiedade, medo que incapacita, murmurações – seja o que for – e você vai encontrar um mosaico de mentiras específicas e de anseios. As Escrituras o equipam para trazer à luz esta questão e lidar com ela.

Segundo, os verbos que expressam o relacionamento com Deus precisam se tornar uma parte ativa do seu pensar. Estamos sempre fazendo algo com respeito a Deus. Os seres humanos não têm escape: eles amam a Deus ou amam alguma outra coisa. Refugiamo-nos em Deus, ou em alguma outra coisa. Colocamos nossa esperança em Deus, ou em outra coisa. Tememos a Deus, ou outra coisa. A aplicação das Escrituras à vida ganhará uma nova luz à medida que você aprender a estar alerta aos verbos que retratam o homem diante de Deus. Esta perspectiva permite um entendimento eficaz tanto no aconselhamento evangelístico como

no ministério voltado para o crescimento dos santos.

Terceiro, ao identificar como cada motivação está relacionada a Deus, você percebe que aquilo que há de errado conosco requer uma solução também relacionada a Deus: a graça, a paz, o poder e a presença de Jesus Cristo. A motivação humana diz respeito a uma dimensão vertical. As boas novas de Cristo não são apenas uma maneira “cristã” de satisfazer desejos e necessidades já existentes em nós. A fé viva em Jesus Cristo é a única motivação aceitável, a alternativa radical para substituir as motivações pervertidas.

A santificação tem o propósito de purificar tanto o coração como os membros do corpo, tanto as motivações como o comportamento. Ambos têm importância. Imagine-se sentado na encosta de uma montanha, de onde pode-se ver um lago. Um barco a motor corta as águas com rapidez. Você vê e ouve o seu “comportamento”: ele acelera saindo do ancoradouro, faz uma ampla volta, abre um sulco na água em alta velocidade. De repente o motor desliga, o barco aproxima-se de uma ilha, solta a âncora. Por que ele agiu desta maneira? Se você pudesse vê-lo com uma câmara de aproximação, descobriria os “motivos”. Você descobriria o que dava força e direção ao barco: um motor V-8 de 200 cavalos, um timão e uma roda de leme, e a vontade do piloto. Mas por que o barco parou junto à ilha? Para procurar tesouros escondidos? Escapar da polícia? Fazer um pic-nic em família? Testar o barco para decidir sobre a compra? Sinalizar a falta de combustível? Para entender e “ajudar” o barco, você precisa considerar o visível e o invisível, tanto o comportamento como a motivação. A Bíblia também alcança ambos: os resultados e as causas. Para avaliar e “aconselhar” o barco, você precisa buscar tudo quanto pode ser conhecido.

O Conhecedor de corações recompensará cada pessoa de acordo com suas ações (Jr 17.10). As Escrituras nunca fazem divisão entre motivação e comportamento. O espelho das Escrituras revela ambos. A lâmpada das Escrituras orienta ambos. A graça e o poder de Jesus Cristo muda tanto as raízes com os frutos. O “primeiro grande mandamento” dirige-se sem rodeios às motivações: você ama a Deus de todo o coração, alma, entendimento e força? Ou algo mais divide e rouba as suas afeições? O “segundo grande mandamento” dirige-se sem rodeios ao comportamento: você ama ao próximo como a si mesmo? Ou você usa, domina, teme, evita, odeia, ignora o seu próximo? O evangelho de Jesus Cristo transpõe a escuridão e traz a luz. A graça transforma o nosso coração de pedra; a graça transforma as mãos e a língua que operam para o mal e nos ensina a viver de modo belo.

Qualquer uma destas 35 perguntas poderia ser feita diretamente a uma pessoa na forma em que se encontra aqui ou adaptada. Mas nem sempre são perguntas que podemos apresentar de forma direta a alguém. Às vezes, é melhor simplesmente ouvir e observar, e articular o estilo de vida da pessoa com base nos frutos que revelam aquilo com que o seu coração está comprometido. Lembro-me de ter percebido como um homem que eu estava aconselhando desculpava-se excessivamente, com agitação e angústia evidentes, cada vez que chegava alguns minutos atrasado. Esses pequenos detalhes “encaixavam-se” com outras peças do quebra-cabeça que ainda não estavam perfeitamente montadas no aconselhamento. Quando o quadro ficou claro, percebi que ele se atrasava porque não conseguia se livrar de telefonemas ou visitantes, por medo de que as pessoas não fossem mais gostar dele. Ele se desculpava

exageradamente porque tinha medo de que eu também não fosse mais gostar dele. Esses pequenos fragmentos de fruto – atraso, agitação momentânea, pedidos de desculpa excessivos – conduziram-nos a identificar o padrão que governava a sua vida: as pessoas eram grandes e Deus era pequeno demais (Pv. 29:25). Também nos conduziram a Jesus Cristo. As explicações apontaram para as soluções. Este homem encontrou o perdão e o poder para confiar em um novo Senhor. Ele aprendeu a progredir em mudanças práticas. Em lugar de esconder-se ou elevar-se demais, ele começou a amar aos outros com realismo e ternura crescentes à medida que cresceu na habilidade de vê-los semelhantes a si mesmo.

Para concluir, vou ilustrar com um estudo de caso. Certa vez, aconselhei um homem que escapava habitualmente das pressões da vida por meio de televisão, comida, videogame, álcool, pornografia, coleção de peças antigas, romances de ficção científica, esportes. Ele negligenciava no amor para com sua esposa e os filhos, era relaxado no trabalho, evasivo e enganoso na comunicação com os outros, fingido na igreja. Por onde começar? Havia tantos problemas, tantos pecados por comissão e omissão. Como trabalhar biblicamente com seus problemas? Eu não estava certo quanto ao que escolher. Então me ocorreu: tente os Salmos – como um todo! Quase todos os Salmos, de um modo ou de outro, retratam o Senhor como refúgio nas dificuldades, como o centro das nossas esperanças. Os Salmos, implícita e explicitamente, repreendem o refugiar-se em qualquer outra coisa além de Deus; os Salmos oferecem amor e misericórdia duradouros; os Salmos nos incitam a conhecer e obedecer a Deus nos caminhos da vida. Este homem sentia-se vagamente culpado por alguns dos

seus maus hábitos. Mas ele não percebia o padrão de comportamento nem a seriedade da questão. Ele ansiava por comodidade, controle, conforto – e expressava seus anseios em dezenas de maneiras diferentes. Seus esforços de mudança paravam pela metade e não eram bem-sucedidos. A convicção do pecado específico em seu coração – afastar-se do Deus vivo para procurar refúgio em ídolos – despertou-o, e fez com que ele visse seus comportamentos pecaminosos de uma maneira nova. Sua necessidade daquilo que Deus oferecia – graça sobre graça, para uma vida de fé operando pelo amor – começou a arder dentro dele.

À medida que os seus padrões habituais ficaram evidentes, ele até mesmo começou a identificar pequenas manobras de escape que antes não percebia nem havia relacionado a pecados mais evidentes – maneiras de usar (mal) o humor, arranjar desculpas sutis ou sentir pena de si mesmo. Deus “parecia distante” no começo do processo, quando ele estava confuso. Deus pareceu muito próximo, relevante e desejável à medida que o processo desenrolou-se. A graça de Cristo tornou-se muito real e necessária. Ele ficou motivado a uma mudança prática – encarar as pressões e responsabilidades e aprender a amar aos outros para a glória de Deus.

Exaltar a Dor? Ignorar a Dor?

O que fazer com o sofrimento?



Edward T. Welch¹

“A igreja consiste de pessoas sentadas na piscina das próprias lágrimas”. Isso é o que acredita um número crescente de pastores, conselheiros e cristãos em geral. Não existem pesquisas nem estatísticas rigorosas para provar esta afirmação, mas muitos cristãos não hesitariam em concordar. Mais importante ainda é o fato de que a Palavra de Deus concorda, e dá um passo à frente afirmando que “toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22). A vida humana implica tristeza e mágoa. Relacionamentos quebrados, doenças terminais, a perspectiva da própria morte, depressão, injustiça e atrocidade, o medo silencioso que paralisa, memórias de abuso sexual, a morte de um filho, e muitos outros problemas dolorosos não poupam ninguém. Seria impossível minimizar a amplitude e a profundidade do sofrimento tanto na igreja como no mundo.

¹Tradução e adaptação de *Exalting pain? Ignoring pain? What do we do with suffering?*

Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. Glenside, Pa., v. 12 n. 3, Spring 1994. p. 4-19.

Nossa proposta insere-se em um contexto em que os cristãos vêm-se atraídos para uma de duas direções: alguns exaltam a dor, outros negam a dor. Alguns estão com o coração sangrando, outros são estóicos. Alguns são “conselheiros da dor”, outros são “conselheiros do pecado”. Os conselheiros da dor são peritos em fazer com que as pessoas sintam-se compreendidas; os conselheiros do pecado são peritos no entendimento do chamado à obediência, mesmo diante da dor. Os conselheiros da dor correm o risco de enfatizar em demasia a dor, a tal ponto que o alívio do sofrimento passa a ser o assunto de primeira importância. Os conselheiros do pecado correm o risco de dar à dor pouca ou nenhuma importância. Os conselheiros da dor podem ser lentos em levar os sofredores a responder ao evangelho de Cristo em fé e obediência. Os conselheiros do pecado podem correr o risco de alimentar estóicos cuja resposta de obediência ignora a grande compaixão de Deus. Os conselheiros da dor podem prover um contexto que enfatiza a transferência de culpa e a idéia da vítima inocente. Os conselheiros do pecado po-

dem estar tão preocupados em evitar que a culpa seja lançada sobre outros que não desenvolvem adequadamente a teologia do sofrimento. Há falhas em ambos os lados

Exaltar a dor

Aqueles que são propensos a exaltar a dor têm dito ou ouvido: “A Bíblia não fala significativamente ao meu sofrimento”. A teologia bíblica do sofrimento parece não “funcionar”. Eles já tentaram, mas a Bíblia não lhes ofereceu respostas profundas. Foram encorajados por conselheiros e amigos a ter fé. Podem ter ouvido excelentes pregadores e ensino bíblico a respeito do sofrimento, mas nada falou verdadeiramente à sua dor profunda.

Afirmar que a Bíblia não se dirige de modo significativo ao sofredor parece algo estranho se considerarmos que ela está repleta de ensinamentos profundos sobre o sofrimento. Por que a Palavra de Deus parece superficial a alguns cristãos sofredores? Por que eles procuram conselheiros que podem entender e penetrar sua dor, mas que não conduzem ao evangelho de Cristo e aos propósitos de Deus em meio ao sofrimento? Sem dúvida, uma razão é que muitos sofredores, à semelhança de Jó, foram feridos por aqueles que lhe ofereceram conforto. Todos nós já encontramos membros do corpo de Cristo que lidam com o sofrimento de modo acadêmico, distante, e cujo conselho pode ser resumido em “siga em frente”. Esses conselheiros e amigos não conhecem de verdade o que Deus diz àqueles que enfrentam a dor, de forma que são embaixadores incompetentes. Mas esta não é a única razão.

A igreja está se *psicologizando*, à medida que a cura da dor é identificada como a necessidade mais profunda do homem! Considere este prefácio de um livro evangélico popular: “Temos nos comportado de modo

compulsivo [tradução: pecaminosamente] porque esta é uma maneira de fazer cessar a dor”. Em seguida, o autor descreve três diferentes casos: um homem obcecado por sexo e pornografia, outro pelo trabalho, e outro ainda pelo álcool. “Em cada um desses casos, o comportamento em si não era o problema real. O comportamento era apenas um sintoma do problema. Todos eles estavam se escondendo da dor. Aquilo que faziam tinha o propósito de curar a mágoa resultante de algum sofrimento profundo em sua vida.”²

Esta é a consequência de exaltar a dor além dos limites bíblicos: o problema da dor torna-se mais profundo do que o problema do pecado. Fazemos uma revisão da nossa teologia para dizer que dor é na verdade a causa do pecado. Mas é isso o que Deus diz? É verdade que a dor precede o pecado? Algumas vezes parece ser verdade. Muitas pessoas que estão agindo com ira em seus desentendimentos conjugais diriam que a ferida e o desapontamento antecederam o seu pecado. Mas há problemas significativos quando atribuímos o lugar de destaque ao sofrimento. Biblicamente, o pecado nunca pode ser reduzido a dor, nem explicado pela dor. Pecado é exatamente pecado. Não podemos encontrar o culpado em outro lugar a não ser em nossa própria transgressão. A causa do pecado não está na ação de outras pessoas ou no desejo de autoproteção de uma dor maior. Outras pessoas certamente nos infligem dor, mas essa dor nunca pode nos levar a pecar nem mesmo nos impedir de amar ao próximo.

Acreditar que a dor causa o nosso pecado e que o alívio da dor é a nossa maior necessidade tem implicações dramáticas.

²GALLEGHER, Vicent. *Three compulsions that defeat most men*. Minneapolis: Bethany House, 1992. p. 29.

Em primeiro lugar, o pecado é reduzido à autoproteção, ou seja, nosso maior pecado é buscar proteção de uma dor ainda maior. Isso desconsidera a natureza específica do pecado como transgressão contra Deus. Em segundo lugar, quando percebemos que não temos na verdade proteção contra o sofrimento, e quando descobrimos que a “cura” nunca nos livra completamente das garras do sofrimento, passamos a crer que Deus falhou em Suas promessas, e sentimo-nos justificados em nossa ira para com Ele. Também acreditamos que a Palavra de Deus não tem respostas significativas para os problemas mais profundos da vida. No entanto, Deus nunca prometeu liberdade temporal do sofrimento. Ele nos adverte quase que em todas as páginas das Escrituras para que estejamos preparados para o sofrimento. Embora possa parecer difícil, o evangelho não elimina o sofrimento presente. O evangelho vai além. Ele cura nosso problema moral. Ele nos revela realidades mais belas que a dureza do nosso sofrimento, de modo que possamos nos alegrar mesmo em meio ao sofrimento. Ele nos dá poder para uma nova obediência que resiste sob sofrimento. A Bíblia não fornece uma tecnologia para remover o sofrimento, mas nos ensina a viver em meio a ele. Ensinar qualquer coisa diferente seria comprometer o evangelho.

Ignorar a dor

Aqueles que tendem na direção de minimizar a dor, ou chamar a uma aceitação estoica da dor, são freqüentemente mais precisos em suas formulações teológicas. Mas eles podem ser culpados de ignorar temas bíblicos importantes, e assim deixar de oferecer o inteiro conselho de Deus àqueles que sofrem. Por exemplo, se o sofrimento é resultado do pecado de outros contra nós, aqueles que minimizam o sofrimento podem

imediatamente pensar em nos admoestar a perdoar o ofensor. Esse tema é crucial, e certamente não há erro em incluir a questão do perdão no aconselhamento. No entanto, estamos diante de um problema quando perdão é o *único* tema no aconselhamento. Com freqüência, neste caso, o primeiro e o último conselho dado a uma mulher que foi vítima de um abuso é que ela perdoe o agressor.

Para completar o problema, alguns conselheiros podem juntar uma cláusula adicional ao perdão, ou seja, que ele deve ser acompanhado de esquecimento. É um bom conselho se o esquecimento for entendido como não permitir que a visão que cultivamos do ofensor seja controlada pelo pecado. No entanto, geralmente, os aconselhados ouvem este conselho entendendo que eles cometerão pecado se pensarem a respeito do sofrimento que lhes foi imposto. O resultado é que a vítima assume o papel de ofensor, e se sente culpada quando menciona o fato de terem cometido contra ela um pecado que ainda causa dor.

Aqueles que minimizam o sofrimento pessoal podem errar também ao tentar recuperar rapidamente o sofrido. Os homens parecem estar mais inclinados para esta direção. A intenção pode ser digna de louvor, pois a maioria de nós deseja que os sofredores recebam alívio. Mas a maneira como isso é feito pode causar danos. Os conselheiros podem ouvir apenas um prefácio do sofrimento e logo se precipitar em respostas. Os aconselhados, com freqüência, reagem sentindo como se o conselheiro não quisesse ouvir a respeito de sua dor e como se ela fosse, de alguma maneira, errada.

Outras vezes, a intenção de “consertar” o aconselhado pode não ser tão louvável. Algumas pessoas simplesmente não querem ouvir sobre o sofrimento alheio. Lágrimas

podem trazer muito desconforto em sua vida confortável. “Agüente firme” é seu conselho. Um breve estudo da atitude compassiva de Jesus é uma repreensão profunda para esse tipo de egoísmo. A encarnação por si mesma foi um exemplo dramático de Deus entrando na vida de Seu povo. Jesus era movido por compaixão para com os oprimidos, desorientados, enlutados. Assim como Jesus nos aconselhou a chorar com os que choram, Ele chamou nossa atenção para a Sua própria vida como exemplo. Os estóicos evitam ou ignoram esses temas evidentes nas Escrituras.

Pergunte às pessoas que passaram por sofrimento severo o que mais as ajudou. Muitos responderão algo semelhante a “Ele estava aqui ao meu lado”. Um amigo ou conselheiro esteve fisicamente presente durante os momentos de dor. Talvez o amigo não tenha oferecido grande quantidade de conselhos, mas estava disponível para que a pessoa aflita não se sentisse tão sozinha e se deixasse consumir pelo sofrimento. Talvez isso signifique ter a sua casa aberta ou fazer um convite para uma refeição, para que a pessoa que está sofrendo tenha um lugar para conviver com outras pessoas que se preocupam com ela e a compreendem. Talvez isso signifique sentar ao lado da pessoa na igreja. Se o seu alvo principal é “consertar” o sofrimento, fazer com que a dor vá embora, provavelmente você intensificará o sofrimento.

Outro perigo comum aos estóicos é quando o conselheiro tem um despertador interno que dispara anunciando que já é tempo para o sofrimento acabar. Há diferentes razões para isso. Pode ser que o conselheiro seja compassivo e queira aliviar o sofrimento. Mas talvez o sofrimento seja incômodo ao conselheiro. Ou ele pense que há um limite bíblico de um mês ou um ano para a dor, sendo depois tempo

para prosseguir com a vida. Biblicamente, porém, não existe este limite; não existem estágios predeterminados de sofrimento e pesar. Há tristezas que não serão eliminadas até o último dia (Ap 21.4). Os conselheiros devem ser pacientes com todos, chorar com os que choram, e manter o alvo de auxiliar as pessoas a amarem aos outros e a Deus em meio ao sofrimento.

Dois perigos em potencial podem nos levar para longe de uma abordagem bíblica do sofrimento. Se exaltamos o sofrimento, ele passa a ser a causa do pecado, a autoproteção passa a ser o problema, e o alívio do sofrimento é a questão principal a ser tratada. Se ignoramos o sofrimento, então a dor torna-se um problema de pouca importância a ser “consertado” e a compaixão torna-se um passo temporário que tem por intenção preparar terreno para coisas mais importantes. Mesmo diante de um número considerável de bons livros a respeito do sofrimento, há problemas que uma teologia atual do sofrimento precisa considerar. A teologia prática é falar com compaixão àqueles que enfrentam a dor, apontando para realidades mais profundas que a dor. A seguir, trabalharemos o assunto por meio de duas perguntas básicas: De onde vem o sofrimento? Como posso ajudar aqueles que sofrem?

DE ONDE VEM A DOR?

De onde vem o sofrimento? Quando a dor me atinge, de qual direção ela vem? É minha culpa? É iniciativa de Satanás? Ou é Deus o autor da dor? Estas perguntas são diferentes de perguntas que costumamos fazer como: “Por que Deus não fez (ou não faz) cessar a dor?” ou “Por que eu?”. Francamente, as perguntas “de onde vem” são as menos inquietantes para a maioria das pessoas. Mas elas merecem ser consideradas porque resultam em respostas bíblicas im-

portantes e ricas de possíveis aplicações no aconselhamento.

Outros. Uma das respostas para “De onde vem a dor?” é: “Ela vem de outras pessoas”. Um rei governa pela força, um marido abandona a esposa pela secretária, uma esposa atinge seu marido verbalmente, uma criança é morta por um motorista bêbado e uma mulher é estuprada por alguém em quem ela confiava. Pessoas pecam contra nós, e isso dói profundamente.

Desta forma, quando uma mulher vitimada pergunta “por quê?”, você pode dar à pergunta um tom de “de onde” e responder “devido à maldade de seu pai”. Talvez a pergunta daquela mulher seja: “Por que Deus permite isso?”, mas a resposta ainda é “Foi seu pai quem fez isso, devido ao pecado dele”.

Com certeza, esta resposta bastante óbvia não lida com todos os mistérios que circundam o problema da dor, mas é uma resposta importante. Muitos sofredores levantam-se contra Deus ou contra si mesmos, e ignoram o óbvio. Esta resposta, então, oferece encorajamento porque diz claramente à vítima que a causa de seu sofrimento é outra pessoa, e não ela mesma. Embora isto esteja evidente, aqueles que foram vítimas parecem ter um instinto que diz: “Eu sou o responsável”. Deus responde lembrando-nos de que nós não causamos o pecado de outra pessoa. Cada um é responsável pelo próprio pecado.

Essa resposta também pode nos encorajar porque ela aponta para o ponto central do amor: perdão de pecados. Como cristãos, não ficamos imobilizados quando outros pecam contra nós. Pelo contrário, temos a oportunidade de crescer mediante uma atitude de perdão que esperamos conduza ao perdão verbalizado, à reconciliação e à restauração do relacionamento.

Certamente há cuidados que devemos tomar acerca do sofrimento que nos é imposto por outrem. Deus nos adverte contra a justiça própria. Ele nos diz que o pecado de outras pessoas não pode ser desculpa para nossa desobediência ou falta de amor. E Deus reitera que Ele, somente Ele, é o juiz; nós devemos confiar em Seu julgamento. Portanto, não pagamos mal por mal.

Outro cuidado que devemos ter é que “outros” não são a única causa de sofrimento. Ocasionalmente, as crianças reduzem sua dor a esta causa. Se elas erram e um dos pais está por perto, dizem instintivamente “Papai”, como se seu pai fosse o responsável. Adultos também fazem isso: transferem sua culpa. Mas há outros lugares para onde precisamos olhar.

Eu. Outra resposta óbvia é *Eu Mesmo*. Eu sofro porque pequei. Estou grávida fora do casamento porque saí de debaixo da segurança dos mandamentos de Deus. Meus filhos me deixaram porque eu constantemente os provoquei e fui duro com eles. Estou fisicamente doente pela inveja que me consume. Meu noivo rompeu o relacionamento devido a meus acessos de ira. Estou com enfisema pulmonar porque fumei dois maços de cigarro ao dia durante quarenta anos. Perdi meu emprego porque fui surpreendido roubando de meu empregador. Fui demitido porque tenho sido preguiçoso.

O encorajamento contido nesta resposta é que existe esperança de mudança. Deus nos oferece não apenas completo perdão dos pecados em Cristo, mas também poder para nos despojarmos do pecado. Podemos mudar! Não precisamos ser atormentados por ira pecaminosa, luxúria, mentiras, hábitos dominadores ou preguiça. Foi-nos concedido o Espírito de poder que dá graça para o crescimento contínuo em Cristo.

Os cuidados com o sofrimento causado por “eu mesmo” são evidentes. Da mesma maneira que outras pessoas não são a única causa do meu sofrimento, eu também não sou a única causa do meu sofrimento. Não há uma ligação óbvia entre o pecado pessoal e o sofrimento, e precisamos ser cuidadosos para não presumir esta relação. Devemos nos lembrar de que algumas pessoas - especialmente aquelas que foram gravemente feridas por suas famílias - assumem a pressuposição do “eu mesma” em lugar de evitá-la. Elas preferem culpar a si mesmas, pois se sentem incomodadas com a idéia de que pessoas que deveriam ter sido amorosas foram até mesmo muito maldosas. Com este tipo de pensamento, a vítima é capaz de guardar a ilusão de que o ofensor a amava. Novamente, as Escrituras mostram que nós não causamos o pecado de outra pessoa. Cada um é responsável pelo próprio pecado.

Adão. Uma terceira causa do sofrimento é *Adão e a queda do homem*. Embora participemos do pecado de Adão (Rm 5), foi Adão quem pecou e trouxe tristeza e morte a toda a sua descendência. Devido ao seu pecado, experimentamos a maldição sobre toda a criação. Como resultado, passamos por acidentes que ferem, doenças e fraqueza física, perda de pessoas amadas e trabalho árduo.

Esta pode ser a causa mais frustrante do sofrimento. É como se ninguém tivesse cometido uma falta. Não há ninguém com quem se reconciliar, ninguém a perdoar e nenhuma certeza de mudança. Na verdade, remédios podem reduzir temporariamente alguns efeitos do pecado de Adão, mas os benefícios parecem superficiais. E nisto está a advertência principal para nós: a maldição resultante do pecado de Adão deve fazer com que não amemos demasiadamente o mundo. Devemos prever algo melhor. O encorajamento para aqueles que sentem o peso da

maldição é antecipar a volta de Jesus, quando a maldição será removida. Estas três causas representam as razões mais óbvias para nosso sofrimento; mas conforme revela o livro de Jó, há ainda outras duas.

Satanás. O sofrimento vem também de *Satanás*. Ele é “como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Deleita-se em enviar sofrimento sobre o povo de Deus. O livro de Jó aponta para Satanás como um inimigo que usa o sofrimento para levar avante os planos de seu reino. Ele é um homicida (Jo 8.44) que inflige sofrimento pela dor física e pela perda. O tormento do apóstolo Paulo por meio do “mensageiro de Satanás” (2 Co 12.7) ilustra como Satanás está claramente em cena no sofrimento físico. Mas Satanás pode infligir sofrimento que vai além do tormento físico. Usando mentiras e acusações, e promovendo divisão no corpo de Cristo, Satanás esforça-se para nos levar ao desânimo e ao questionamento da bondade de Deus.

Você fica furioso diante do sofrimento? Satanás pode ser um alvo apropriado para sua ira. Ele é enganador. Seu dedo no sofrimento está com frequência encoberto. Aqueles que sofrem precisam ser advertidos sobre os propósitos de Satanás para que possam estar alertas às suas mentiras e iniciar logo o combate. Sim, este inimigo pode ser combatido. A resistência mais forte consiste em confiar em Deus e seguir a Cristo em obediência, mesmo em meio ao sofrimento.

Aqui também devemos ter cautela. Satanás não é a única causa de sofrimento. Por exemplo, mesmo que ele esteja ativo em todo sofrimento, sua presença não diminui a responsabilidade de outras pessoas ou a nossa. Satanás nunca pode ser usado como meio para dividir a responsabilidade pela maldade do pecado. Ninguém pode dizer: “Satanás me fez fazer isso”. Não podemos

usar Satanás como uma desculpa para o pecado pessoal, como também não podemos usá-lo para minimizar o pecado de outros. Os assaltantes que saquearam os bens de Jó foram plenamente responsáveis por seu pecado bárbaro e infame. Judas, e não Satanás no corpo de Judas, foi quem traiu Jesus. Satanás pode causar grande sofrimento, mas Ele não pode nos fazer pecar.

Deus. Curiosamente, é raro Satanás ser o alvo da frustração ou até mesmo ira do sofredor. Mas *Deus* é. Parece que agnósticos e até mesmo ateus tornam-se teístas quando passam pelo sofrimento e perguntam: “Por que Deus está fazendo isso comigo?”, “O que eu fiz a Ele?”.

É verdade que Deus causa o sofrimento? Noemi certamente cria nisso. Voltando para sua terra natal, depois de perder o marido e os filhos, ela disse: “Grande amargura me tem dado o Todo Poderoso” (Rt 1.20). E ela estava certa. Ela estava cega para o plano completo de Deus, mas estava certa. A mulher de Jó também cria na ação de Deus no sofrimento quando aconselhou seu marido: “Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9). Seu conselho era pecaminoso, mas seu entendimento de que Deus estava acima do sofrimento de Jó era verdadeiro. Lamentações e Habacuque são verdadeiros tratados a respeito de como a fé aceita e ao mesmo tempo luta com a mão de Deus no sofrimento.

Estudiosos da Palavra tentam distinguir entre aquilo que Deus ordena e o que Ele permite, mas a distinção é algumas vezes uma clara tentativa de encontrar uma desculpa para justificar a Deus. Uma afirmação menos técnica poderia ser: quando o sofrimento nos atinge, é a vontade de Deus. “Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem” (1 Pe 4.19).

É possível dizer que algum sofrimento não esteja dentro da vontade de Deus? Deus proíbe afirmarmos que algo está acima dEle. O mundo não é um cabo de força entre Deus e Satanás. Deus é soberano sobre tudo. Deus não é o autor do sofrimento e do pecado, mas Ele está acima de todas as coisas, mesmo do sofrimento. Ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11).

Desde toda a eternidade e pelo mui sábio e santo conselho de sua própria vontade, Deus ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.³

O encorajamento resultante é evidente. Nosso Deus fiel reina. O mundo não está em caos. Nem Satanás nem os criminosos perversos venceram. Mas os conselheiros precisam saber onde estão os limites teológicos. Conforme destacado pela Confissão de Westminster, a soberania de Deus não rouba das criaturas a sua vontade própria. Isso é certamente um enigma. É um mistério afirmar que Deus governa sobre todas as coisas, significando que Ele as ordenou e não apenas previu, e ao mesmo tempo afirmar que “a estultícia do homem perverte o seu caminho” (Pv 19.3). Mas a grandeza de Deus é tal que Ele estabeleceu um mundo ordenado, e que não é um robô.

Aqui está mais uma advertência. Nunca devemos pensar que Deus esteja de alguma forma indiferente ao nosso sofrimento, visto Ele ter ordenado todas as coisas. O evangelho deixa claro que Deus é movido a

³A Confissão de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 1994. p.17

grande compaixão diante do sofrimento de Seu povo. Jesus Cristo compartilhou o nosso sofrimento (Hb 2.14-18). Talvez possamos dizer que a resposta emocional de Deus à Sua criação é complexa e variada, mas nunca podemos dizer que Ele não se compadece de nós diante do sofrimento.



Figura 1. As causas do sofrimento

As cinco categorias (Figura 1) respondem à pergunta: “De onde vem o sofrimento?”. Elas são importantes pelo seu efeito esclarecedor para aqueles que sofrem, bem como pelas precauções que elas indicam. Identificar esta variedade de causas pode ser de imensa ajuda para aqueles que enfrentam a dor, pois proporciona clareza bíblica que, por sua vez, promove respostas bíblicas. Quando aqueles que estavam culpando a si mesmos percebem que seu sofrimento foi consequência do pecado de outras pessoas, encontram alívio de um peso que não era seu. Eles também podem responder aprendendo a perdoar; e ainda podem considerar a possibilidade de confrontar o ofensor em amor. Quando uma família perde a colheita devido a uma seca ou enchente, seus membros não devem culpar a si mesmos ou a outrem. Eles podem

perceber que o sofrimento é um intruso que será um dia banido. Desta forma, podem prosseguir como servos de Deus sofredores, que trabalham diligentemente e estão aptos a tomar decisões sábias com respeito à sua próxima sementeira. Uma revisão cuidadosa das cinco causas do sofrimento ajuda-nos a ouvir a Palavra de Deus com mais sentido e a encontrar uma resposta bíblica apropriada.

Mas essas respostas não aparecem sempre ordenadas. O sofrimento raramente recai apenas em uma dessas categorias. Com frequência, recai em todas elas. Muitos Salmos movimentam-se entre uma causa e outra do sofrimento. Em alguns casos, pode haver maior ênfase em uma das partes visíveis da tríade formada por “eu mesmo”, “outros” ou “Adão”, mas ainda assim a ênfase pode ser relativa. Por exemplo, no caso de vítimas de abuso sexual, a ênfase está certamente em ter sido alvo do pecado de outros. Mas isso não exclui o fato de que a vitimização não teria acontecido se não tivesse sido pelo pecado de Adão, e também não exclui que somos pecadores que podem tirar proveito da disciplina de Deus na própria vida. Além de Jesus, não há sequer um sofredor inocente.

Considere o caso da doença. A ênfase mais óbvia na tríade “eu mesmo”, “outros” ou “Adão” seria a maldição associada ao pecado de Adão. Todavia, a doença pode estar relacionada a um pecado pessoal, e também pode ser resultado do pecado de outros (p. ex. a AIDS contraída por uma transfusão de sangue).

Recomende às pessoas que evitem reduzir a questão do sofrimento a uma única causa. Se o sofrimento é reduzido a “outros”, transferimos a culpa para eles. Se o sofrimento é reduzido a “eu mesmo”, como fizeram os conselheiros de Jó, então a culpa e a condenação estão sempre presentes. Se é apenas devido ao pecado de Adão, tornamo-

nos fatalistas. Se é apenas devido a Satanás, tornamo-nos guerreiros espirituais que vêem somente este lado da questão e ignoram os propósitos de Deus e os aspectos interpersonais do sofrimento. O único “diagnóstico” seguro é que quando somos atingidos pelo sofrimento, esta é a vontade decretada de Deus para a nossa vida. Ainda assim, não podemos reduzir a causa do sofrimento unicamente a Deus. Ele está acima do pecado e do sofrimento, mas não é seu autor. A pessoa que faz de Deus a causa única do sofrimento blasfema e se ira contra Ele. A Bíblia enfatiza que o sofrimento, independentemente de sua causa, é um momento de lágrimas e lutas, tempo para arrependimento, para depositar a fé em Deus em meio à angústia, para seguir-**LO** em obediência. Com este pano de fundo teológico básico, estamos prontos para ajudar os sofredores.

COMO AJUDAR OS SOFREDORES?

A estratégia bíblica é contrabalançar o sofrimento. A princípio, todo o peso parece estar do lado do sofrimento. É como se os sofredores fossem incapazes de ver alguma coisa além de sua dor. Gradualmente, fixando os olhos em Jesus, eles descobrem *pesos de glória* cuja carga equilibra a do seu sofrimento. Estes pesos de glória incluem os sofrimentos de Cristo, a alegria de ter os pecados perdoados, o contentamento de obedecer a Cristo em pequenas coisas em meio a uma grande provação, a presença de Deus em nossa vida, a esperança da eternidade. Para cumprir essa estratégia, os sofredores precisam ser surpreendidos tanto pelo amor pessoal de Deus como pela glória transcendente de Deus; eles precisam ser ajudados para que conheçam a Deus de forma que a obediência, a confiança e a adoração a Deus tornem-se irresistíveis.

Os personagens bíblicos que enfrentaram o sofrimento podem nos orientar. Quando os descobrimos nas Escrituras, é como se eles viessem ao nosso encontro, tomassem-nos pela mão e nos conduzissem às verdades que são mais profundas que o sofrimento. Em primeiro lugar, considere Jó, um companheiro para muitos sofredores. Em Jó 1.21, ele diz: “o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!”. Após terríveis perdas, esta é a primeira resposta de Jó. Ele adorou a Deus. O peso da glória de Deus foi maior que o peso do seu sofrimento. Semelhantemente, Sadraque, Mesaque e Abdnego disseram diante da morte na fornalha: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3.17,18). Deparando-se com o sofrimento, ou a ameaça de sofrimento e de morte, sabiam que eram chamados a depender exclusivamente de Deus.

O apóstolo Paulo retomou o mesmo tema em 2 Coríntios 4.17. Seus sofrimentos foram ultrapassados apenas pelos sofrimentos de Jesus. Após narrar mais uma vez seus sofrimentos no primeiro capítulo, e antes de lembrar maiores sofrimentos nos capítulos onze e doze, Paulo disse: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação”.

Como você imagina que uma pessoa em meio à dor responderia a esta declaração do apóstolo Paulo? Se não tivesse lido o contexto, ela poderia dizer algo assim: “Leve e momentâneo? Caía na real, Paulo. Você não conhece o meu sofrimento”. Mas quando reconhecemos a extensão do sofrimento de Paulo, ele começa a ganhar a nossa atenção.

Paulo é um sofredor credenciado, a quem precisamos ouvir. Ele não está oferecendo encorajamento fútil. Ele está falando de verdades que pesam mais que o sofrimento. Chegar ao ponto em que podemos fazer eco a estas palavras pode parecer uma jornada longa e impossível, mas Paulo aponta para um alvo que pode orientar nossas orações e meditações. Ele nos lembra que devemos olhar para os pesos de glória bíblicos que contrabalançam e aliviam o sofrimento.

A estratégia de aconselhamento que oferecemos a seguir consiste de cinco afirmações para orientar o apoio e o conselho dirigidos àqueles que sofrem. Todas elas são introduzidas pela expressão “Deus diz” como meio de enfatizar que Deus fala claramente ao sofredor por meio de Sua Palavra. Cada uma delas é um peso de glória que contrabalança a dor pessoal. As cinco frases são:

- ♦ Deus diz: “Expresse seu sofrimento em palavras”;
- ♦ Em casos de vitimação evidente, Deus diz: “Pecaram contra você”;
- ♦ Deus diz: “Eu estou ao seu lado e amo você”;
- ♦ Deus diz: “Saiba que Eu sou Deus”;
- ♦ Deus diz: “Há um propósito no sofrimento”;

Há uma lógica nesta ordem, mas estas cinco afirmações não constituem um processo passo por passo. Elas se sobrepõem umas às outras. Sofredores não “completam” um passo para só então se moverem em direção ao seguinte. Desta forma, enquanto você estiver enfatizando um dos temas, os demais continuam presentes.

1. Deus diz: “Expresse seu sofrimento em palavras”.

Uma surpresa inicial para muitas pessoas, e também um peso de glória, é descobrir que Deus encoraja os sofredores a

falarem honestamente com Ele. Por que isso seria uma surpresa para muitos deles? Eles tendem a se sentir solitários e isolados. Com frequência, pensam que Deus está muito distante. Mas Deus penetra neste isolamento e nos impulsiona a colocar em palavras nossas experiências dolorosas. Não se trata, com certeza, de qualquer tipo de expressão. Não é amargura. Não são lamentos pagãos lançados em um mundo onde não há sentido. Deus nos encoraja a dirigir nossas palavras a Ele.

Esse é o padrão dos Salmos, e também é o modelo traçado ao longo das Escrituras em livros como Jó e Lamentações. Deus nos encoraja a colocar os lamentos do nosso coração em palavras, e “toda conversa deve ser dirigida a Deus, que é o ponto de referência final de toda a existência”.⁴ Embora seja um desafio para o nosso entendimento, Deus deseja ouvir as profundezas do coração. Na verdade, quando somos incapazes de nos pronunciar perante Ele, Deus nos dá palavras para expressar estes silêncios. Deus “dá nome” aos silêncios do nosso coração; os lamentos inarticulados tomam a forma de palavras.

Talvez a igreja esteja perdendo algo precioso por não cantar sistematicamente os Salmos. Se o fizéssemos, saberíamos que Deus coloca nosso sofrimento em palavras.

Os meus ossos estão abalados.

Também a minha alma está profundamente perturbada; mas tu, SENHOR, até quando? (Sl 6.2,3)

Por que, SENHOR, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação? (Sl 10.1)

⁴HAUERWAS, S. *Naming the silences: God, medicine, and the problem of evil*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 82.

Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o rosto? Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma, com tristeza no coração cada dia? (Sl 13.1,2)

Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido? (Sl 22.1)

Pois a minha alma está farta de males.... Puseste me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos (Sl 88.3,6).

O aconselhamento que você oferece começa, portanto, com estar presente ao lado dos sofredores e encorajá-los a falar sobre seu sofrimento, com você e com Deus.

Mas o que fazer se os aconselhados estão queixosos ou irados? Deveríamos encorajá-los a “dar nome” ao silêncio nesse caso? Na leitura dos Salmos, você provavelmente descobrirá que Deus dá mais espaço à nossa expressão do que a maioria das pessoas pensa. Ele nos dá espaço para dizer coisas que alguns considerariam quase blasfêmia. Mas há uma queixa boa e uma queixa má. A queixa má é o choro daquele que não reconhece quem Deus é. É o choro do coração egocêntrico que diz: “O Senhor deve preencher as minhas necessidades”. A maior preocupação é o alívio do sofrimento, e não a glória de Deus. A queixa má não acredita nas promessas de Deus; ela resmunga e se enfurece *contra* Deus.

As boas queixas clamam “Por que o Senhor esqueceu de mim?” *com base* no conhecimento de Deus. Elas vêm de um coração que conhece o seu Deus e as Suas promessas, e está perplexo porque Deus parece tão distante. “Como pode isso acontecer, quando meu Deus é o Deus fiel de Abraão, Isaque, Jacó, e Moisés?”, grita a pessoa em meio à dor. Boas queixas são choros de fé

que estão conectados ao desejo de conhecer a Deus. São queixas que se dirigem a Deus, e não *contra* Deus.

O que você faz quando as queixas dos sofredores assemelham-se mais às más queixas de um ateu que às boas queixas que provêm da fé? Você permite que os Salmos estabeleçam o padrão. Você molda as queixas de maneira que elas se conformem mais e mais com como Deus nos ensina a “dar nome” aos silêncios do nosso coração.

Diante deste encorajamento à expressão, o que você esperaria ouvir quando alguém “dá nome” aos silêncios angustiantes? O provável é que você ouça uma mistura complexa de emoções. Não será uma progressão linear de emoções que vão de negação, para ira, negociação, depressão, até aceitação da dor. Será mais semelhante a fragmentos ou “cacos” de uma vidraça estilhaçada. Pode haver dúzias de experiências, algumas delas contraditórias, expressas simultaneamente.

Por exemplo, considere uma mulher que sofreu um abuso sexual. Ela pode estar temerosa, cheia de vergonha, sentindo-se impura e entorpecida. E esse é só o começo. A culpa está quase sempre presente. Ela pode se sentir responsável pelo que aconteceu, assim como diz o antigo mito: “Coisas ruins acontecem a pessoas ruins”. A vida de Jó deveria ter mudado há muito tempo nossa maneira de pensar a este respeito, mas muitos ainda acreditam que se algo ruim acontece em sua vida, deve ser resultado de seu próprio comportamento. Trata-se de uma culpa particularmente incômoda porque, em certo sentido, ela está além do perdão. Em outras palavras, estas vítimas têm um forte senso de que são responsáveis, mas não têm idéia do que confessar (pelo menos com respeito ao abuso sexual). E ainda que encontrem algo a confessar, a culpa permanece. Se abandonadas à própria sorte, algumas chegam a

odiar e desprezar a si mesmas. Elas se sentem culpadas e objeto de desdém.

O que mais você deve esperar encontrar no silêncio? Dor, raiva contra o ofensor, um senso de traição e de estar indefesa como uma criança, mas também certo amor e o desejo de proteger o ofensor. Algumas vezes, são pessoas determinadas a não ter esperança. Esta é vista como um inimigo que, se despertado, resultará apenas em uma dor ainda maior. Os sentimentos e pensamentos que dizem respeito ao relacionamento com Deus estão mais escondidos. É quase inevitável que surjam perguntas sobre a soberania de Deus: “Por que Ele não impediu?”, “Por que Ele me abandonou?”. Estas perguntas aparecem unidas a uma ira contra Deus, que assusta a própria pessoa. Tanto você como a vítima ficarão provavelmente submersos em um número enorme de “cacos” emocionais.

Expressar a sua empatia é com frequência a melhor resposta inicial. Os sofredores sentem-se isolados, como se ninguém entendesse a sua dor. Portanto, os conselheiros devem ser tudo menos passivos durante este tempo. Eles devem se mover ativamente para dentro do mundo do sofredor, procurando compreender a vida pelos olhos do sofredor. “Como esta pessoa está vendo a situação?” é a pergunta do momento. Mais adiante, é crucial que os conselheiros expressem sua resposta ao sofredor. Você está esmagado pela complexidade do sofrimento? Diga isso ao aconselhado. Está triste pelo que ouviu? Conte isso a ele. Você está irado com a maldade da pessoa que causou o sofrimento? Expresse isso. Você está comovido? Chore com a pessoa que está sofrendo.

Você fará isso durante uma hora? Um mês? Anos? Por quanto tempo você terá compaixão da pessoa que sofre? Por quando

tempo você encorajará os sofredores a “dar nome” aos silêncios em sua alma? A resposta é óbvia. Você terá compaixão durante o tempo em que elas estiverem sofrendo. Você encorajará as pessoas a falar enquanto elas guardarem partes de sua vida que não foram expressas diante de Deus. Isso não quer dizer que elas nunca ouvirão. A expressão de seu coração é o começo do diálogo que consiste em falar com Deus e ouvir a Deus.

Diante da fragmentação da experiência de dor, você poderia pensar em um processo sem fim para tratar cada “caco” biblicamente. Mas guardando a perspectiva da centralidade da cruz de Cristo, você descobrirá que pode falar a todas estas experiências simultaneamente. Por exemplo, a cruz proclama poder para o fraco, exaltação para os humildes, vestimentas para o que está nu, amor para aqueles que têm sido odiados, redenção para os que são escravos, graça para os que estão tentando pagar por seus pecados, perdão para os pecadores e julgamento sobre os inimigos de Deus. Deus nos surpreende com a imensa amplitude de Sua obra de redenção bem como com Seu amor para com o oprimido e a vítima. Mesmo assim, muitos sofredores acreditam que Deus os abandonou e que a cruz é algo distante, tão distante que os benefícios da redenção não se estendem a eles.

A tarefa do aconselhamento é surpreender os sofredores com quem Deus é e o que Ele diz. Inicialmente, isso significa relembrar ao sofredor que Deus não apenas permite que falemos honestamente com Ele, mas nos encoraja a tanto. A verdade de Deus nos ensina a sermos honestos, mesmo que precisemos mudar o conteúdo da honestidade para adequá-lo biblicamente.

Idéias para tarefas práticas

a) Leia os Salmos através desta lente: Deus está encorajando o sofredor a falar honestamente com Ele.

b) Coloque a sua dor em palavras, verbalizadas a um amigo ou conselheiro, ou em um diário. Alguns preferem fazer um desenho que reúna a complexidade de suas experiências.

c) Percorra os Salmos destacando palavras, frases ou salmos inteiros que expressem o seu coração.

d) Fale ou escreva suas experiências diante de Deus, lembrando que Deus está presente e ouve.

e) Sofrimento vem pelo pecado de outras pessoas, o pecado de Adão e a maldição que recaiu sobre toda a criação. Sofrimento pode ser o resultado do seu próprio pecado. Satanás também é o inimigo por detrás de todo sofrimento, e Deus está acima do sofrimento e usa o sofrimento para um bom propósito. De onde vem o seu sofrimento?

2. Em casos de vitimação evidente, Deus diz: “Pecaram contra você”.

Quando está obvio que a causa do sofrimento foi o pecado de outras pessoas, Deus fala às vítimas. Enquanto continua a encorajá-las a falar honestamente, Ele as ajuda a identificar o verdadeiro responsável pela “violação”. Embora a vítima seja certamente pecadora, como todos nós, a ênfase inicial de Deus é mostrar que Ele é a favor da vítima e da justiça. O amor consiste em “visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações” (Tg 1.27). Será que as vítimas poderiam ter gritado mais alto, falado antes com um amigo, resistido mais, ou assim por diante? Talvez, mas isso não as faz responsáveis pelo pecado de outras pessoas. Por exemplo, em caso de incesto na infância, a mulher foi

vítima de uma pessoa que tinha autoridade sobre ela. Deus responsabiliza as autoridades, sejam elas líderes de Israel (Jr 23, Ez 34), pastores, parentes ou outros adultos. Ainda mais, Deus diz que Ele é contra o opressor (Ex 22.21-24).

Alguns conselheiros são tímidos no uso da categoria bíblica de “vítima”, pois ela parece muito semelhante a transferir a culpa para outros. Com frequência, as pessoas que foram oprimidas lançam sobre outros a culpa por suas reações, justificando autopiedade, amargura, vingança, abuso de substâncias tóxicas e outras respostas pecaminosas. As vítimas também são conhecidas por culpar os ofensores e tornar o mal por mal: “Meu furor suicida [ou homicida] é culpa daquela tal pessoa”. Muitas psicoterapias atuais reforçam esta justiça própria. Desta forma, os conselheiros têm razão em se preocupar para que pessoas não fiquem sem esperança bíblica, negando sua responsabilidade, alimentando a ira. Mas as categorias de ofensor e vítima são categorias bíblicas, e usá-las corretamente é parte do pensar bíblico. Quando evitamos estas categorias, ignoramos a palavra que Deus tem para pessoas em sofrimento. Lançar a culpa sobre outros é um pecado com que todos estamos familiarizados. Mas a Bíblia é equilibrada. “Não retribua mal por mal” identifica as pessoas como sofredoras do mal ao mesmo tempo que as desafia a se responsabilizarem pelos próprios atos.

Se o sofrimento é em larga escala resultado do pecado de outras pessoas, você vai provavelmente descobrir que identificar as responsabilidades é muito importante. Não é possível montar o cenário para o perdão se a vítima não acredita que ela precisa perdoar; ao mesmo tempo, vítimas ficarão paralisadas em seu crescimento espiritual se guardarem um senso interior de que são responsáveis pelo que aconteceu. Você ficará provavel-

mente surpreso ao descobrir o quanto é de fato difícil identificar as responsabilidades. As vítimas são conhecidas por tentar encontrar culpa em suas próprias ações: “Se eu apenas tivesse _____, aquela pessoa não teria me _____”. Às vezes, podem chegar a ponto de acreditar que são responsáveis por simplesmente existir! É difícil prosseguir para outras verdades bíblicas até que as responsabilidades estejam definidas.

Idéias para tarefas práticas

a) Saiba o que a Bíblia diz a respeito daqueles que praticam o mal contra outrem. Leia Jeremias 23.1-8, Ezequiel 34.1-16, Lucas 17.1-2.

b) Quem você pensa ser o responsável por aquilo que lhe aconteceu? O que Deus diz a esse respeito? Você acredita naquilo que Deus diz?

3. Deus diz: “Eu estou ao seu lado e amo você”.

A dinâmica do aconselhamento bíblico é voltada para fora. Ela dirige nosso coração para o Senhor e nos conduz a amar a Deus e ao próximo. Os temas discutidos até aqui expressam esta dinâmica. Vimos que verbalizar o sofrimento perante Deus procede da fé e é uma expressão de obediência. Não se trata de despejar emoções para aliviar a dor, mas de responder a Deus. Semelhantemente, em casos de vitimização evidente, identificar com precisão o ofensor e a causa, notória do sofrimento pode ser uma parte importante da tarefa de interpretar as circunstâncias biblicamente. Em lugar da vingança com base em justiça própria ou da aceitação de toda a responsabilidade com base em auto-condenação para proteger o ofensor, saber que alguém pecou contra nós pode ser um passo fundamental para dar glória a Deus. Agora é tempo de sair de nós mesmos e nos

achegarmos diante de Deus. Mais especificamente, Deus nos chama agora a ver a Sua bondade e o Seu amor expressos mediante Seu Filho.

Este olhar que se fixa em Cristo não vem naturalmente. Satanás o grande enganador - constantemente sopra aos nossos ouvidos que Deus não é bom. O desejo de Satanás é que nos tornemos para com Deus “amigos dos tempos prósperos”, que apreciam as bênçãos manifestas de Deus durante os bons tempos e questionam a Sua bondade nos maus tempos. Desta forma, à medida que o aconselhamento se volta para identificar o amor de Deus em Cristo, os conselheiros precisam estar cientes de que o aconselhado, com frequência, estará relutante ou até mesmo irado. O primeiro passo será expor a batalha espiritual que impede que o aconselhado ouça a Deus.

Considere a leitura de Gênesis 3.1-7. Perceba como Satanás contradiz diretamente a palavra de Deus a Adão. A serpente essencialmente chama Deus de mentiroso e sua implicação é que Deus está privando Seu povo de coisas boas. Satanás diz que Deus não é bom, mas o evangelho de Cristo é a afirmação definitiva de que Deus causa impacto em pessoas com o Seu amor. Essa é a batalha dominante que muitos sofredores enfrentam, visto que Satanás usa com persistência o sofrimento para desafiar a nossa fé.

Em conjunto com Satanás, outra dificuldade que nos desafia é a famosa pergunta: “Por que eu?”. Há várias maneiras de lidar com esta pergunta. Uma possibilidade é sugerir que o sofredor temporariamente a evite. Não estamos dizendo que se trata de uma pergunta sem importância. É que há uma prioridade lógica nas perguntas que fazemos a respeito de Deus. Antes de “Por quê?”, devemos perguntar “Quem?”. Quem

é o Rei dos Reis que diz ser o Deus que nos ama? O sofredor pergunta: “Como posso saber que Ele me ama quando tudo quanto vejo é tristeza”? “Confie em mim”, diz o Deus de amor e poder, e para confiar nEle precisamos conhecê-lo.

Talvez você possa começar por perguntar ao sofredor se ele gostaria de conhecer um amigo sofredor. Você já percebeu que sofredores parecem mudar na presença de alguém que os entenda? E você já observou que o sofrimento é mais leve quando você está perto de alguém cujo sofrimento é maior que o seu? Você já conheceu pessoas atingidas pela dor que foram visitar uma ala de oncologia pediátrica, e o sofrimento que viram fez com que o próprio sofrimento se tornasse suportável ou mesmo insignificante? Isso é o que acontece quando somos apresentados ao Cordeiro de Deus. Todo o nosso sofrimento, embora grave, é menos monstruoso que aquele que atingiu o Filho de Deus. Jesus começa a transformar sofredores a partir do Seu próprio sofrimento.

Aqui estão alguns textos bíblicos que podem ser úteis:

- ♦ Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo o sofrer (Is 53.10);
- ♦ Então, [Jesus] começou ele a ensinar lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse (Mc 8.31);
- ♦ Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles (Hb 2.10).

Outros textos mais longos para meditação são Isaías 40-53 e João 10-20. Alguns Salmos podem ser usados com esse propósito, como o Cântico do Messias: o sofrimento doloroso revelado nos Salmos encontra sua expressão plena em Jesus fazendo-se pecado por nós.

Estas passagens bíblicas apontam para a existência de algo mais profundo que o nosso sofrimento. De modo específico, o sofrimento de Cristo é mais profundo que o nosso sofrimento. Deus não promete remover o sofrimento, mas à medida que Ele aponta para o Seu sofrimento relembramos que não vivemos diante de um Deus estóico que se mantém distante de Suas criaturas. Vivemos diante do Deus que sofreu. Suas palavras devem ter credibilidade para sofredores porque elas vêm de Sua própria familiaridade com a dor, e Seu entendimento e amor são inegáveis. Diante disso, os aconselhados antes hesitantes podem agora estar mais abertos a ouvir o que Deus diz.

Em seguida, Deus surpreende o sofredor dizendo: “Você me pertence, Eu sou o seu Deus”. Essa é uma promessa preciosa para todos quantos colocaram sua fé em Jesus, mas pode ser especialmente significativa para alguém que está enfrentando a dor. O sofrimento isola. Os aflitos, com frequência, sentem-se como se tivessem sido banidos da sociedade por terem experimentado um tratamento ofensivo. Eles se sentem envergonhados e rejeitados. É como se não fossem nem filhos nem servos, mas uma espécie de filhos adotivos, como Cinderela. Com frequência, as vítimas sentem como se estivessem presas atrás de muros largos e impenetráveis que as separam do resto do mundo. Jesus penetra esses muros e assegura aos sofredores que eles Lhe pertencem (1 Jo 3, Lc 15). Eles são parte de Sua família.

Jesus ouve e compreende aqueles que Lhe pertencem. Ele se compadece (Hb 4.15). Ele é o Pastor dos feridos e fracos, e os carrega em Seus braços (Sl 23, Jr 23; Ez 34, Jo 10). Ele promete nunca os deixar nem abandonar (Hb 13.5), e Ele nos assegura que nada pode nos separar de Seu amor (Rm 8.38,39). A promessa de Deus de que um dia estaremos ao lado dEle é a solução final para o sofrimento (Ap 21.3,4).

Deus também cobre a vergonha daqueles que sofreram com o pecado e a violação cometidos por outrem. A Bíblia está repleta de passagens que falam sobre vergonha (e também violação, nudez, ou desonra). Vergonha é uma consequência de nosso próprio pecado, mas também há uma vergonha que é consequência do pecado de outros contra nós. Por exemplo, em Gênesis 34, Diná foi envergonhada ou “violada” por Siquém. No Salmo 79, o templo é envergonhado ou violado pelo contato com pessoas e objetos impuros. Jesus mesmo experimentou este tipo de vergonha na cruz (Hb 12.2). De fato, a Bíblia pode ser vista legitimamente como a história de Deus cobrindo a vergonha de Seu povo (cf. Is 61.10, Zc 3.1-5). A premissa é que todos nós precisamos ser cobertos diante de Deus. Seremos cobertos por montanhas que destroem (Lc 23.28-30) ou seremos cobertos em Cristo (Rm.13.14). Deus, por meio de sua graça, transforma o que está nu em uma noiva ricamente trajada (Ap 21).

Uma outra característica do amor dAquele que nos adota como filhos é que Ele não esquece nossos sofrimentos, e fará justiça. Sofredores sentem-se esquecidos, sem que haja ninguém disposto a resgatá-los da opressão. Suas queixas parecem não ir além de seus lábios (p. ex. Sl 10) e, se foram vítimas, com frequência expressam ira para com o ofensor e as testemunhas. É uma ira que diz: “Vou fazer justiça”. O Pai,

contudo, ouve. Além do mais, “ouvir”, no sentido bíblico, significa ouvir e responder. Ouvir é acompanhado de ação. O amor de Deus é expresso na promessa infalível de que Sua ira é suscitada pela injustiça e opressão e que Ele governará com justiça (Is 1). Deus age a favor de Seu povo, e Ele promete que haverá justiça final contra Seus inimigos (Rm 12.19).

As perguntas “Por que eu?” e “Por que Ele não faz cessar o sofrimento?” podem ainda estar vivas. E o pensamento “Se existe um relacionamento de Pai e filho, Deus tem um jeito estranho de se expressar” é corriqueiro. Mas quando você surpreende os sofredores apontando para o sofrimento e a graça de Deus, muitos começam a ouvir a voz de Deus acima do som dissonante das próprias perguntas. O peso do sofrimento pode ainda não estar completamente contrabalançado a esta altura; mas, como conselheiro, você está começando a apontar o caminho para a resposta final ao problema do sofrimento: “confia em mim” é o apelo mais forte de Deus. O sofredor está agora começando a ver que pode confiar em Deus.

Idéias para tarefas práticas

a) Lembra-se de seu inimigo? Satanás anda à espreita e quer enganá-lo levando-o a pensar que Deus não é bom. Leia Gênesis 3. Qual a estratégia de Satanás? Onde você pode identificá-la em sua vida? Como você pode combatê-la?

b) Leia os Salmos. Leia-os pela perspectiva de Jesus. Afinal, Ele é o Salmista por excelência. As palavras são as Suas palavras. Dê particular atenção aos salmos em que Ele fala sobre o Seu sofrimento. Volte aos salmos que captaram a sua experiência pessoal. Agora leia estes mesmos salmos como sendo as palavras de Jesus.

c) Se sofrimento é uma característica da vida de Jesus, o Filho unigênito, não devemos nos surpreender se Deus não nos proteger do sofrimento. Onde em sua vida você percebe a crença “Eu tenho direito a menos dor ou sofrimento”?

d) Leia o primeiro capítulo de Isaías. Perceba a preocupação evidente de Deus com a justiça, e Sua ira contra a injustiça.

4. Deus diz: “Saiba que Eu sou Deus”.

Para consolidar a ênfase voltada para fora do “eu”, e aumentar o peso para contrabalançar o sofrimento, Deus nos conforta com o fato de que o mundo não é caótico. Ele é o Deus soberano que reina. Nem o sofrimento nem Satanás estão acima dele.

É nesse ponto que muitas teologias do sofrimento fracassam. Elas abraçam a Deus como um Deus de amor compassivo, mas não conseguem unir isso a um Deus que é Todopoderoso. Elas dizem que é impossível juntar ambos os aspectos. Desta forma, o pensamento atual eleva os arranjos da nossa mente acima das verdades da Palavra de Deus. Quando encontramos uma dificuldade conceitual, nós a revisamos para que se torne mais agradável. Talvez o exemplo mais conhecido seja o livro *When Bad Things Happen to Good People* (Quando Coisas Ruins Acontecem a Pessoas Boas), de autoria do Rabino Harold Kushner.⁵ Em seu comentário sobre o livro de Jó, ele diz: “forçados a escolher entre um Deus bom e que não é totalmente poderoso ou um Deus poderoso e que não é totalmente bom, o autor do livro de Jó escolheu acreditar na bondade de Deus”. E o livro foi um *best-seller*!

⁵KUSHNER, Harold. *When bad things happen to good people*. New York: Avon, 1983. Eerdmans, 1990, p. 82.

A resposta bíblica, com certeza, é que Deus reúne ambas as coisas: Ele é amor, e Ele é o Deus soberano sobre toda a criação. Isso não faz de Deus o autor do pecado nem do sofrimento, mas revela que Ele está acima de tudo, operando todas as coisas para o propósito da Sua glória. Aparentemente, esta questão não era obstáculo para os personagens bíblicos. José sugeriu que os planos de Deus pesavam mais que a maldade de seus irmãos (Gn 50.20). Falando com exatidão, embora sem o pleno entendimento da graça de Deus, Noemi disse: “o SENHOR se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido” (Rt 1.21). Jeremias, um perfeito sofredor, disse: “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o SENHOR o não mande? Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem?” (Lm 3.37,38). Em meio à perseguição, o Salmista encontrou descanso somente em Deus, e disse confiante: “O poder pertence a Deus, e a ti, SENHOR, pertence a graça, pois a cada um retribuís segundo as suas obras” (Sl 62.11,12).

Finalmente, Jó teve todas as suas perguntas respondidas, ou pelo menos elas se tornaram insignificantes, em uma conversa em que apenas Deus teve a palavra, e disse: “Saiba que eu sou Deus” (Jó 38-41). Não há uma reflexão acadêmica, banhada em ceticismo: “Se Deus é Deus Ele não é bom; se Deus é bom, Ele não é Deus”. Em lugar disso, o peso esmagador da glória de Deus fez o sofrimento de Jó parecer menor. Quando Jó estava definhando, imerso na pergunta “Por que eu?” e estabelecendo um verdadeiro tribunal terreno para questionar o Todo-Poderoso, Deus o surpreendeu com um tribunal onde Ele mesmo foi o promotor. “Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argúi a Deus que responda” (Jó 40.1). Deus revelou

a Jó a Sua glória; e depois de ter visto a glória de Deus, Jó percebeu que havia realidades espirituais mais profundas que o seu sofrimento. Na verdade, este peso de glória era tão profundo que Jó ficou completamente humilhado e calado. Ele se arrependeu de justificar a si mesmo e acusar a Deus. Seus problemas eram certamente “leves e momentâneos” à luz do poder revelado por Deus.

Isso coloca um fim à questão? Para muitas pessoas não. Com frequência, mais uma pergunta levanta-se furtivamente na sombra: “Se Deus está sobre todas as coisas, por que Ele permitiu que eu fosse acometido pelo mal?”. Surpreendentemente, Deus incentiva esta luta com Ele. Sua resposta, todavia, continua a mesma: “Eu sou Aquele que lhe dá livramento, Eu sou o seu Salvador, Amigo e Deus. Confie em mim. Em última instância, a própria existência do mal proverá uma demonstração da minha glória, do meu amor e poder, porque eu salvarei meus filhos e destruirei meus inimigos.”⁶ Deus descortina o panorama mostrando como nosso sofrimento precede a glória futura.

Idéias para tarefas práticas

a) Os pensamentos de Deus são mais altos que os nossos. Em meio ao sofrimento, Deus não fornece respostas profundas às perguntas “por quê?”, mas Ele nos conforta com o fato de que Ele é maior que o sofrimento. Deus está no sofrimento, mas sem ser o autor do sofrimento. Leia Jó 38 a 41 até que você possa ser confortado pelo fato do mundo não estar em caos.

b) Leia os julgamentos relatados em Ezequiel 1, Isaías 6 e Apocalipse 4. Quais são as respostas das testemunhas? Por quê?

c) Pratique - talvez durante dez minutos ao dia - a disciplina espiritual de aquietar as perguntas em sua mente e ouvir o que Deus diz.

5. Deus diz: “Há um propósito no sofrimento”.

Em seu livro *How to Handle Trouble* (Como Lidar com as Dificuldades)⁷, Jay Adams resume sua abordagem bíblica ao sofrimento da seguinte maneira: Deus está no sofrimento, Deus está operando algo, e Deus está operando algo para o bem. Visto que Deus é o Deus do evangelho da graça, bem como o Rei acima de toda a criação, Ele tem propósitos soberanos no sofrimento e Seus propósitos são para o bem. “Os leõesinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará.” (Sl 34.10)

O problema para muitos de nós é que o “bem” pode não incluir um cessar imediato do sofrimento. Mas o “bem” de que a Bíblia fala é que aquele sofrimento será usado por Deus para nos conformar à imagem de Jesus e, como resultado, dar glória ao Pai. Parafraseando C. S. Lewis, costumamos nos conformar com muito pouco. Não queremos mais que o alívio imediato do sofrimento, quando Deus quer nos dar muito mais. Ele quer nos dar coisas que durarão para a eternidade. Ele quer nos dar uma nova disposição de obediência à Sua Palavra (Sl 119.67,71), santidade que conduzirá a justiça e paz (Hb 12.10,11), perseverança, caráter e esperança (Rm 5.3-5), e um conhecimento de Sua presença em nossa vida pelo Seu Espírito (Jo 14-16). Em resumo, ele quer nos dar o Reino.

⁶Para um tratamento mais completo do assunto, veja o livro de Jay Adams *The grand demonstration*. Santa Barbara, Calif.: EastGate, 1991.

⁷ADAMS, Jay. *How to handle trouble: God's Way*. Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 1982.

A esta altura, costumo apresentar ao aconselhado um trecho bíblico familiar, Romanos 8.28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. O versículo 29, menos familiar, nos diz o que é esse “bem”: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”. Esta é a maneira mais significativa como Deus pode nos mostrar o Seu amor.

À medida que se caminha com um aconselhado em direção a um melhor entendimento dos propósitos de Deus, é sábio não perder de vista os adversários: o mundo, a carne e o diabo. O mundo está comunicando constantemente que a terra é a única morada que temos, e que merecemos liberdade da dor enquanto estivermos aqui. A carne encontra prazer na autonomia para com Deus e resiste a se submeter à Sua vontade. E o diabo aproveita-se constantemente das nossas circunstâncias de vida para sugerir que elas são a evidência de que Deus não é realmente bom, que Ele está contra nós e não nos ama. Com estes adversários, torna-se óbvio que a batalha não pode ser travada sem as orações do povo de Deus.

O sofrimento revela o coração.

Deus usa o sofrimento para expor nosso coração. Sofrimento é uma pressão que pode nos “espremer”, revelando nossa fé ou os fragmentos de falta de fé e pecado que estavam até então escondidos. As provações testam a nossa fé (Tg 1.2,3). Como disse Lutero, “onde a batalha é furiosa, ali a lealdade do soldado é provada”. Deus usou o sofrimento do povo de Israel “para humilhar, para provar, para saber o que estava no coração, se guardariam ou não os Seus man-

damentos” (Dt 8.2). Isso não quer dizer que algum pecado pessoal é sempre a causa do sofrimento. Os conselheiros de Jó estavam errados. Mas isso quer dizer que Deus usa o sofrimento para provar e purificar aqueles a quem Ele ama. Jó se arrependeu de sua justiça própria.

Talvez você tenha ouvido cristãos falarem a respeito do sofrimento: “Isso é exatamente aquilo de que eu precisava”. Eles estão se referindo a ter o seu pecado exposto, o que com frequência acontece durante o sofrimento. Foi preciso aquele exato sofrimento para ensinar a depender de Deus em lugar de depender de si mesmo. Ninguém é naturalmente grato por uma doença grave, por um cônjuge que se mantém a distância no relacionamento ou por uma tragédia, mas muitos aprenderam a ser gratos, e até a estarem alegres, pelo treinamento espiritual que circunstâncias semelhantes produziram. Se a nossa carne pecaminosa e resistente não for constantemente exposta, ficamos sossegados com a idéia de que está tudo bem conosco - somos pessoas boas que ocasionalmente fazem coisas que não são tão boas. Desta forma, o problema do mal torna-se algo que está “fora daqui” e não “aqui dentro”. O perigo assustador desse tipo de pensamento é que o evangelho de Cristo torna-se pouco mais que um presente amável de Deus para pessoas que já estavam caminhando razoavelmente bem. Ele não é mais visto por aquilo que é: o evangelho da graça oferecido a mendigos desesperados.

Esquadrinhando essa idéia no livro de Jó, diríamos que o sofrimento coloca-nos diante de um cruzamento espiritual. Quando todos os acontecimentos agradáveis da vida forem removidos, adoraremos ainda a Deus? Nos bons tempos, a resposta parece fácil: “Claro que confiarei em Deus!”. Mas o sofrimento revela em nosso coração a falta

de fé e a adoração voltada para nós mesmos. Ele pode revelar que nossa fé é mais na base de “você coça as minhas costas e eu coço as suas”. Ele pode revelar que nossa obediência aparente pode ser na verdade uma boa coincidência, acontecendo quando os nossos desejos incidentalmente coincidem com a lei de Deus. Com isso em mente, o propósito gracioso de Deus torna-se mais óbvio. Deus usa o sofrimento para que saibamos quando estamos adorando a Deus por amor a Ele ou a nós mesmos.

O apóstolo Paulo mostrou que o sofrimento nos força a responder à pergunta “Em quem eu vou confiar?”. Sua resposta pessoal foi: “Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Co 1.9). Paulo estava mais empolgado com conformar-se com Cristo pela fé que com um alívio imediato do próprio sofrimento.

Um dos propósitos do sofrimento é produzir arrependimento, fé e obediência. Este é o tipo de resposta que dura eternamente, agrada a Deus e traz a bênção da paz. Ela também revela maiores pesos de glória que desequilibram a balança contra o sofrimento. O peso de glória do perdão dos pecados é maior que o peso de nossa aflição, e o peso de glória de ganhar sabedoria e compartilhar a santidade de Deus passa a ser uma bonita dádiva que altera ainda mais a escala da balança.

Com certeza, o sofrimento não revela apenas o pecado, mas pode também expor corações que estão cheios de fé. Muitos cristãos que foram surpreendidos pelo sofrimento surpreenderam-se também recorrendo imediatamente à Palavra de Deus em busca de conforto, e expressaram orações de lamento e louvor que competiram com as do Salmista. Em tais casos, ainda choramos

com aqueles que enfrentam a dor, embora possamos também nos alegrar com sofredores que dão testemunho visível diante de si mesmos, da igreja e do mundo de que são filhos de Deus.

O sofrimento revela a eternidade.

Enquanto o sofrimento pode acender os holofotes e expor o coração, ele pode também emprestar clareza para identificarmos realidades mais amplas do reino de Deus. Ele nos ajuda a ver a eternidade. Ele incentiva a esperança. É como se o nosso sofrimento nos incitasse mais para perto da eternidade de modo que pudéssemos ver nossas aflições presentes a partir da perspectiva eterna. É aqui que 2 Coríntios 4.16-18 ganha maior brilho.

Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.

O peso de glória eterno contrabalança de longe nossa dor momentânea. Ou como disse Madre Teresa, “do céu, a vida mais triste na terra parecerá como uma noite mal dormida em um hotel desconfortável”. E assim prossegue o processo de contrabalançar o sofrimento, resultado de uma teologia bíblica do sofrimento.

O encorajamento a ter esperança no sofrimento é um tema marcante ao longo das Escrituras. É óbvio que se o apóstolo Paulo tinha um segredo, aqui está ele. A esperança na eternidade era mais profunda que a sua dor: “gloriamo nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2). O problema, todavia, é

que somos uma geração presa ao presente. Preocupações com coisas temporais, como as contas mensais, bem como com bênçãos temporais, como paz e liberdade, fazem com que seja cada vez menos natural para os cristãos olhar para além. No entanto, é aqui que o sofrimento pode melhor trabalhar. Sofrimento lembra-nos de que o mundo não mantém suas promessas. Lembra-nos de que não há nada neste mundo que não tenha sido manchado pelo pecado e pela maldição da queda. Desta forma, a esperança pode se tornar mais espontânea e tranquilizadora, pela graça de Deus.

Esperança é o *gran finale* do sofrimento. O sofrimento ajuda-nos a focalizar na esperança, portanto não devemos nos surpreender ao descobrir que algumas das passagens bíblicas mais conhecidas sobre o sofrimento acabam em tom de esperança segura (Rm 5.3-5, 8.18-19, 1 Pe 4.12-14). Por exemplo, Romanos 5.3-5 fala sobre os propósitos cumulativos do sofrimento. Para aqueles que foram treinados pelo sofrimento, tribulação produz perseverança, perseverança produz experiência, e experiência produz esperança. E logo a seguir o apóstolo passa a argumentar a garantia presente da nossa esperança. De acordo com Paulo, a esperança está selada no testemunho da cruz de Cristo e de Sua ressurreição. Testemunhamos Seu amor por nós. Portanto, nossa esperança é garantida. Paulo leva-nos de volta ao início da nossa teologia do sofrimento e nos lembra de que sofredores nunca devem tirar seus olhos da cruz e do amor nela revelado. Não há esperança sem convicção do amor de Deus.

Como podemos ganhar esperança em meio à dor? Podemos começar pela leitura de passagens bíblicas sobre esperança. Maravilhe-se diante de como Paulo (Rm 5.3) e Tiago (Tg 1.2) alegraram-se em seu sofrimento enquanto esperavam em Deus.

Depois repare na distância que há entre a esperança atual do sofredor e a esperança de Paulo ou Tiago. Perceba como esta distância não pode ser superada a não ser pela oração, meditação e prática da “disciplina da esperança”. Lembre aos aconselhados que a esperança não virá em uma semana, mas ela se tornará mais e mais uma realidade mediante encorajamento persistente e prática.

Na leitura dos Salmos, pode parecer que a esperança surja instantaneamente. Em vários salmos, parece haver apenas um leve convite a esperar no Senhor, e logo em seguida o salmista irrompe em louvor. Os Salmos, todavia, oferecem esboços condensados de um processo educativo. Além disso, eles foram escritos por pessoas que eram treinadas em esperança. Sim, esperança é uma habilidade. Não é uma experiência instantânea. É uma disciplina que requer força e encorajamento constante das Escrituras e do povo de Deus para que possa florescer (Rm 15.4).

Este é o centro do propósito de Deus no sofrimento: revelar nosso coração, contemplar o Salvador ressurreto e depositar confiança nEle, antecipando Sua volta e aprendendo a obediência. No entanto, há mais um propósito que pode realmente entusiasmar algumas pessoas. Na situação de Jó, um dos propósitos do sofrimento era silenciar Satanás. Satanás, o inimigo e a causa proeminente do sofrimento e do mal, ainda vive para nos acusar e persuadir a desobedecer ao Deus Altíssimo. O privilégio do povo de Deus é combater Satanás, confiando em Deus e obedecendo mesmo em meio ao sofrimento.

Enquanto estivermos aqui na terra, não saberemos identificar plenamente quem são os inimigos de Deus. O único inimigo que conhecemos com certeza é o próprio Satanás.

Como um dos puritanos disse, nossa tarefa é “causar tanto dano a ele quanto possível”.

O sofrimento certamente coloca em evidência esta batalha da vida cristã; mas o poder de Deus, Sua vitória sobre Satanás e Sua iniciativa de nos persuadir com promessas preciosas, são mais que suficientes para conduzir a batalha com sucesso. Temos também o exemplo de Cristo, bem como o de homens e mulheres de fé no Antigo e Novo Testamentos que nos dão alento. E ainda mais, há vidas de muitas pessoas ao nosso redor que são merecedoras de imitação.

Um exemplo bem conhecido de sofredor que pode ser modelo para nós é Horatio Spafford, o escritor do hino “Sou feliz com Jesus”. Em 1873 ele acenou adeus a sua esposa, Anna, e a seus quatro filhos que partiam para a França a bordo do transatlântico Ville de Havre. Ele tinha negócios a completar nos Estados Unidos antes de poder se juntar à família na Europa. A viagem procedeu tranqüila até que no meio da noite de 22 de novembro o navio colidiu com outra embarcação.

As águas impetuosas separaram a senhora Spafford de seus três filhos mais velhos. Ela ainda conseguiu agarrar a mais nova, Tannetta, enquanto elas eram arrastadas para dentro do Atlântico gelado. Repentinamente, a criança lhe foi arrancada. Anna foi mais tarde tirada das águas por marinheiros da outra embarcação, enquanto que os quatro filhos morreram afogados.

Poucos dias depois, Horatio recebeu um telegrama dizendo que apenas a esposa sobrevivera. Embora ele tenha experimentado o que pareceu ser uma depressão implacável, logo partiu a bordo de um navio para encontrar sua esposa na Europa. A certa altura da viagem, o capitão comunicou a passagem pelo lugar onde estavam os destroços do naufrágio. Horatio foi para sua cabine e

escreveu o poema que transcrevemos abaixo. Perceba como, mesmo em sua maior tristeza e depressão, ele descobriu que a esperança em Cristo é profunda. Ele encontrou pesos de glória que lhe deram paz.

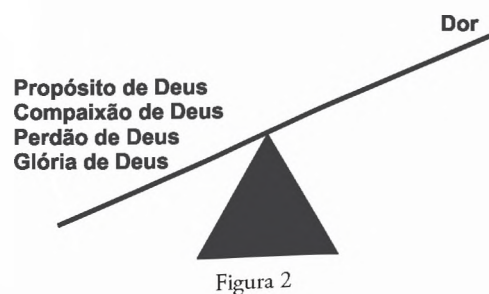
Se paz a mais doce eu puder desfrutar,
se dor a mais forte sofrer,
oh, seja o que for, tu me fazes saber
que feliz com Jesus sempre sou!

Embora me assalte o cruel Satanás,
e ataque com vis tentações;
oh, certo eu estou, apesar de aflições
que feliz eu serei com Jesus!

Meu triste pecado por meu Salvador
foi pago de um modo total.
Valeu-me o Senhor, oh que amor sem
igual!
Sou feliz, graças dou a Jesus.

A vinda eu anseio do meu Salvador.
Ao céu Ele vai me levar;
em breve eu irei para sempre morar
com os salvos por Cristo Jesus.⁸

A balança pende cada vez mais para um dos lados. O sofrimento ainda existe, e a dor pode ser grande, mas os pesos de glória ocupam em nosso coração lugar mais profundo que a dor (figura 2).



⁸*Hinário para o Culto Cristão*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991. n. 329.

Idéias para tarefas práticas

a) Considere a vida de José. Como você identifica o propósito amoroso de Deus? Preste atenção especialmente em Gênesis 50.20.

b) Considere a vida de Noemi no livro de Rute. Como você identifica o propósito amoroso de Deus?

c) A caminhada da vida cristã costuma ser resumida de várias maneiras:

“O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozar de comunhão com Ele para sempre”,

“Sede santos como Deus é santo”,

“Sede imitadores de Cristo”.

De que maneira estas frases sugerem que há um propósito maior para a sua dor?

d) Reúna uma coleção de cânticos de adoração.

e) Leia um livro bibliográfico sobre sofrimento⁹.

f) De que maneiras você pode silenciar Satanás?

g) Dê início ao hábito de orar de acordo com versículos das Escrituras. Se Deus diz algo que você não entende ou acredita, ore que Ele faça a Sua Palavra viva para você. Considere a possibilidade de começar com passagens a respeito de esperança.

h) Leia Hebreus 10.37 a 12.12. Como estas breves biografias podem encorajá-lo? Que perguntas esta passagem bíblica suscita em sua mente?

Nem vítimas com coração partido, nem estóicos, mas servos de Deus sofredores que respondem à Sua graça.

Então, quem somos? Qual é a nossa identidade? Pessoas da dor? Pessoas que estão

sendo curadas da dor? Pessoas que foram feridas e vitimadas? Ou somos pessoas que precisam esquecer a dor e seguir em frente? Precisamos ser uma espécie de cristãos mais fortes que ignoram a dor e permanecem na batalha?

Deus claramente nos aponta outro caminho. A encarnação fala contra a superficialidade dos estóicos. A presença de Jesus na terra mostra Sua solidariedade para com os sofredores. Seu ministério foi cheio de compaixão e entendimento. Seu ministério também revelou a superficialidade dos corações sangrentos. Ele demonstrou que dor, sofrimento, condição de vítima e morte não são os aspectos mais relevantes da vida. Jesus nos dirige a realidades mais profundas, necessidades espirituais mais profundas.

Somos pessoas que foram alvo de misericórdia. Isso certamente não é algo novo para nós. É uma identidade que até mesmo crianças podem perceber nas Escrituras, mas banalizá-la prejudica nossa habilidade para revolucionar a perspectiva do sofredor. Por exemplo, pessoas que sofreram nas mãos de outras podem achar que a vida de vítima seja inevitável. Isso é o que elas são, e o máximo que elas podem fazer é tentar proteger a si mesmas da dor. Mas Deus reorienta sofredores. Ele revela que a graça recebida não se compara à dor atual. A graça é algo de peso na balança; o sofrimento é leve.

Considere também aquelas pessoas que estão iradas porque acham que não merecem a dor. Como recipientes de misericórdia e graça, elas podem ficar repentinamente humilhadas quando descobrem o custo estardalheco da iniciativa do amor divino em seu favor. Elas passam de vítimas que reagem a pessoas que respondem em amor. O fundamento para a vida do cristão é a graça de Deus, e não liberdade do sofrimento. Éramos inimigos de Deus que estavam nus e cegos, e

⁹O autor sugere *A Step Further* de Joni Eareckson Tada e *Through Gates of Splendor* de Elizabeth Elliot.

Ele tomou a iniciativa para conosco: “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8).

Talvez a expressão “pessoas que respondem” capte bem nossa nova identidade. Deus é o iniciador implacável da graça libertadora. Nós respondemos à Sua graça pela fé. Como pessoas que respondem a Ele, somos definidos por Aquele que nos liberta e nos tornamos Seus servos. Isso não remove o sofrimento, visto que ele está ligado à vida aqui na terra, mas não somos mais definidos nem controlados pelo sofrimento. Somos servos sofredores que respondem a Deus.

Aqui está um conselho curioso para os sofredores: caminhar olhando para fora, em direção ao Deus trino, “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12.2). Isso certamente não significa que devamos ignorar o sofrimento, mas que nossas perguntas começam a mudar diante do peso de glória de Deus. A pergunta “Por que Deus não fez isso cessar?” torna-se menos urgente. Começamos a perguntar “Como posso amar a Deus e aos outros em resposta ao que Deus fez por mim?” e “Como posso tratar outros da maneira como Cristo me tratou?”. A pergunta dos sofredores passa a ser a mesma pergunta dos demais cristãos: “Como posso cumprir os dois grandes mandamentos - amar a Deus e ao meu próximo como a mim mesmo?”.

Pessoas responsivas que amam outras.

Para aqueles que foram vítimas, este é o momento de falar a respeito de perdoar o ofensor. “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12.21). O

aconselhamento bíblico incentiva um movimento em direção ao próximo e a Deus, tornando inevitável o passo do perdão. Perdoamos assim como fomos perdoados. Na mesma medida como Deus lidou conosco de modo “injusto”, ou seja, Ele nos amou quando não o merecíamos, também amamos aos nossos inimigos.

Como será este amor? Há dezenas de possibilidades. Às vezes assumirá a forma de confrontar a pessoa, por carta ou pessoalmente. Poderá também assumir a forma de orar pelo ofensor e não perder a esperança de uma plena reconciliação. Ou então assumirá a forma de telefonar para o pastor e também para 192 em busca de ajuda em meio à crise. Outras vezes assumirá a forma de ministrar verdade e graça a outras pessoas que sofrem mágoas semelhantes. O amor de Deus pode inspirar muitas iniciativas criativas.

Pessoas responsivas que amam a Deus.

Na última ceia, Jesus contou aos discípulos que eles estavam prestes a experimentar grande aflição, mas logo depois da dor haveria uma alegria que nunca lhes seria roubada, mesmo durante as tremendas perseguições que todos iriam enfrentar.

Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem. Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar. (Jo 16.20-22)

Como poderiam entender: alegria constante, mas sobrecarregada de aflição e

dor? Certamente é uma experiência difícil de descrever; no entanto é verdadeira. Ela tem base na adoração do Cristo ressuscitado. Jesus está vivo. Independentemente do que nos acontece, nosso grande Deus reina. Dificuldades pessoais e aflições não podem mudar a verdade da ressurreição. A maior alegria do cristão é o próprio Deus e o fato de que nada pode nos separar dEle.

A evidência desta alegria em meio ao sofrimento pode ser vista nos funerais de muitos cristãos. Pode ser vista nas palavras da família de uma criança que morreu de câncer:

Empreste sua canção celeste para que se junte às nossas que vêm da terra, querido filho, e adore Àquele cujo amor O constrangeu a morrer por pessoas como nós, de forma que você pudesse entrar no paraíso que agora desfruta e onde vive para sempre com Ele. Nós sentimos sua falta, mas seremos fortes e seguiremos em frente, até o dia em que o veremos, aí no céu.

Há uma grande tristeza pela perda de um amigo ou parente querido. Pode haver até ira, pois a morte é uma intrusa que não pertence à criação de Deus. Mas também há alegria. Alegria por saber que aquele que morreu está em casa. Alegria por saber que na ressurreição de Jesus o maior inimigo, a mais profunda causa de sofrimento, a própria morte, “tragada foi pela vitória” (1 Co 15.54).

Existem realidades mais profundas que a nossa dor. O amor de Jesus que se fez homem, o perdão de nossos pecados, o conhecimento de que Deus tem um propósito, são pesos de glória que mudam o nosso sofrimento. Mas o maior de todos os pesos de glória é o próprio Deus. Conhecê-lo como o Deus verdadeiro que deve ser louvado e adorado é o maior

peso de glória para qualquer sofredor. Isso não coloca um fim ao nosso sofrimento ou dor momentânea, mas significa que não vamos exaltar nem ignorar a dor. Vamos exaltar a Deus em meio à dor.

“Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”. (Rm 8.18)

Declarações sobre o problema do sofrimento

A igreja necessita de uma declaração de fé para o aconselhamento que defina o que cristãos devem ou não crer a respeito do problema do sofrimento. Damos aqui algumas declarações preliminares, que esperamos sejam refinadas em um processo de discussão.

1. Dor e sofrimento entraram no mundo após o pecado de Adão.

Afirmamos que:

- ♦ embora não tenhamos participado voluntariamente do pecado de Adão, compartilhamos a culpa e a depravação de Adão. Portanto, nunca somos sofredores inocentes;
- ♦ a dor é agora uma parte permanente de nossa existência na terra devido à maldição de Deus sobre o pecado;
- ♦ a dor atinge crentes e descrentes;
- ♦ a dor é uma intrusa na criação de Deus, e um dia será banida por Cristo;
- ♦ a dor, à semelhança do pecado, é uma presença misteriosa em nosso mundo, que não pode ser plenamente entendida.

Negamos que:

- ♦ Deus é o autor do pecado (considerando o pecado como causa da dor);
- ♦ a dor é sempre a causa do pecado.

2. Dor e sofrimento podem ser atribuídos a Satanás, ao pecado de Adão, ao nosso pecado pessoal, a outros que pecam contra nós, e ao próprio Deus.

Afirmamos que:

- ♦ as Escrituras enfatizam como viver obedientemente em meio ao sofrimento, em lugar de como discernir a causa precisa do sofrimento.

Negamos que:

- ♦ o sofrimento é sempre um resultado direto do pecado pessoal.

3. Independentemente da causa, dor e sofrimento devem mover o povo de Deus à compaixão.

Afirmamos que:

- ♦ Jesus estava cheio de compaixão por aqueles que sofriam; como imitadores de Cristo, aqueles que compõem a Sua igreja também devem responder ao sofrimento com compaixão; compaixão expressa-se em palavras e ações;
- ♦ compaixão inclui encorajar sofredores a falar honestamente com Deus.

Negamos que:

- ♦ compaixão é um “estágio” no aconselhamento. Ela é do começo ao fim a nossa atitude para com aqueles que sofrem.

4. Deus está acima de todas as coisas, inclusive da dor e do sofrimento.

Afirmamos que:

- ♦ Deus está acima de Satanás, do pecado, das “casualidades”. Quando o sofrimento nos atinge, é a vontade de Deus para a nossa vida;
- ♦ sofrimento levamos a uma dependência humilde de Deus.

Negamos que:

- ♦ a soberania de Deus no sofrimento de algum modo reduz o Seu grande amor por Seu povo.

5. O evangelho de Cristo transforma todas as coisas em nosso mundo, inclusive o sofrimento.

Afirmamos que:

- ♦ nos sofrimentos de Jesus encontramos um sofrimento que é maior que o nosso;
- ♦ no evangelho, Jesus vem a nós como um sacerdote que entende amplamente nossa dor;
- ♦ redenção é a necessidade mais profunda do homem. Nosso problema com o pecado ultrapassa em muito o peso do nosso sofrimento. Como tal, as bênçãos da redenção são mais profundas que o nosso sofrimento;
- ♦ o sofrimento tem um propósito. Ele testa e revela o coração humano, e ele coopera para o “bem” na medida em que pode fortalecer os crentes e moldá-los à imagem de Cristo;
- ♦ os cristãos podem sofrer mais que os descrentes. Eles sofrerão mais porque sua compaixão se estenderá além dos limites de si mesmos e suas famílias. Eles sofrerão por amor à justiça;
- ♦ o sofrimento conduz à esperança. À medida que crescemos por meio do sofrimento, aprendemos a não nos contentar com o mundo presente e a antecipar a eternidade. Olhamos menos para a razão do sofrimento e mais para nosso Redentor ressurreto.

Como Você se Sente?



David A. Powlison¹

Sentir, sentir, sentir. Vivemos em uma sociedade onde a expressão “eu sinto” tornou-se a moeda circulante na comunicação. Sentimentos são hoje base para tomadas de decisão e muito conselho popular.

- “Perdi qualquer sentimento de amor por meu marido”... portanto, não há mais esperança para o casamento.

- “Eu não sinto vontade de ler a Bíblia” ... por isso não leio.

- “Sinto que Deus é um bicho-papão, assim como meu pai” ... diga então a Deus que você está irado com Ele.

- “Diga-me o que você sente”... assim vamos conhecer de verdade um ao outro.

- “Esteja ciente de seus sentimentos” ... pois sentimentos são a chave mágica para a integridade pessoal.

- “Siga os seus sentimentos”... pois seus sentimentos são um guia seguro para que você alcance satisfação pessoal.

Como *you* se sente neste pântano de sentimentos? As palavras “eu sinto” passaram a ser uma expressão de mil utilidades, usada para tudo quanto uma pessoa pode experimentar, pensar ou querer. Neste artigo, em primeiro lugar, vamos atravessar a cortina de fumaça da linguagem para descobrir o que as pessoas querem dizer quando usam a linguagem dos sentimentos. Em seguida, veremos o que a Bíblia diz sobre este assunto e seu efeito redentor naquilo que chamamos de sentimento. Por último, consideraremos como o processo de aconselhamento é enriquecido por informações que ganhamos ao prestar atenção àquilo que as pessoas sentem.

1. Como entender a linguagem dos sentimentos

Alguns usos da linguagem dos sentimentos são simples. Se corto meu dedo enquanto estou picando um tomate, eu *sinto* dor. A expressão é clara. Mas vários outros usos de “eu sinto” são vagos e até enganosos. Considere esse parágrafo ligeiramente exagerado: “Quando eu me *sinto* ferida porque eu *sinto*

¹Tradução e adaptação de *What do you feel?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa, v. 10 n. 3, Spring 1992. p. 50-61.

que meu marido errou para comigo, então eu não *sinto* vontade de conversar com ele. Em vez disso, eu *sinto* vontade de sair de perto dele porque eu *sinto* que ele não irá mesmo me ouvir. Eu *sinto* que é justificável a ira que *sinto*. Eu não *sinto* que a Bíblia tenha algo específico a dizer sobre o nosso conflito”.

Você já ouviu alguém falar assim? Você costuma falar assim? “Eu sinto” cria uma nuvem vaga e poderosa de legitimidade ao redor de uma dúzia de afirmações duvidosas. É difícil argumentar com sentimentos. Mas arraste todos estes sentimentos para a luz do dia. Olhe de perto para eles. O que você encontra quando desembrulha estes sentimentos e verifica o significado contido internamente? No parágrafo acima, podemos identificar quatro usos diferentes de “eu sinto”.

Em primeiro lugar, “eu sinto” é usado para a descrição de percepções sensoriais.

Se você fizer um corte no dedo, sentirá dor — você experimentou um evento externo, físico. Mas há também outros tipos de experiências. Você experimenta fenômenos internos — por exemplo, “sinto-me tenso” quando meus músculos se contraem e meu estômago vira. Você experimenta fenômenos interpessoais — por exemplo, palavras podem ser como pontas de espada (Pv 12.18). Quando este tipo de palavras o atinge, você sente dor ou tristeza. Sentimento, em seu uso simples, é um sinônimo para sensação, para aquilo que percebemos que nos acontece.

Mas mesmo este uso da palavra “sentimento” tem suas complicações. Considere a frase “sinto-me ferida porque sinto que meu marido agiu mal comigo”. Se ele de fato errou com a esposa, a dor é justificada? Ou será que ele teve dificuldade em atender às expectativas dela, e ela interpretou as

ações dele como uma espada penetrante? Ou houve um pouco de cada coisa? Ela se “sentirá ferida” em qualquer dos dois casos. Os conselheiros bíblicos sábios não podem considerar nem mesmo as percepções sensoriais pelo valor nominal.

Em segundo lugar, “eu sinto” é usado como expressão de emoções

Esta é uma extensão do primeiro uso da palavra sentimento. Nós experimentamos nossas emoções: “Eu me sinto irado... ou ansioso, deprimido, feliz, apaixonado, temeroso, culpado, grato, entusiasmado”. Mas aqui a palavra torna-se ainda mais vaga. Por exemplo, dizer que “eu me sinto irado” traz à luz uma parte importante do que está acontecendo. Mas esconde outra parte significativa da questão da ira. Na verdade, a pessoa **ESTÁ** irada. Ira, como as demais emoções, é algo que envolve a pessoa por inteiro. Ira envolve componentes ativos como pensamentos, atitude, expectativas, palavras e ações, ao lado dos “sentimentos” mais passivos de estar irado.

A psicologia popular atual diz: “A ira é apenas uma realidade, é um sentimento válido. Ela não é nem certa nem errada. Não há razão para evitá-la. Portanto, vamos falar sobre a sua ira”. Isso talvez pareça ajudar à primeira vista. Esta explicação de ira é frequentemente usada para atingir pessoas que negam que estão iradas e ajudá-las a encarar com honestidade suas experiências emocionais. Mas ela engana as pessoas, levando-as a crer na ilusão de que estão bem.

Uma abordagem bíblica cultiva a honestidade pessoal por meio da verdade, e não da ilusão: “A ira é uma resposta humana comum diante de erros que percebemos. Ela também é parte de termos sido criados à imagem de um Deus moral. A ira pode ser certa ou errada. Você deve encará-la. Vamos conversar

a respeito da sua ira”. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. A ira, na verdade, é complexa. Biblicamente, ela pode ser justificável ou não. Pode ser expressa corretamente ou não. É muito mais que uma emoção. A ira humana é potencialmente correta, mas está comumente ligada ao pecado.

A necessidade de uma avaliação objetiva e moral fica ofuscada quando a ira é vista apenas como um sentimento. Se a ira é uma inclinação, um sentimento que ocorre em mim, então ela é intrinsecamente legítima. “Assim como eu sinto dor quando corto meu dedo, eu fico irado quando você me ofende. Eu preciso apenas admitir minha ira e expressá-la de modo apropriado.” Mas quando a ira é avaliada pela Palavra de Deus (p. ex. Tg 1.19ss e 3.2-4.12), esta equação simples vai por água abaixo. Devo reconhecer a ira com o propósito de examiná-la à luz da Palavra de Deus e neste processo, com toda probabilidade, aprenderei a respeito de minha justiça própria, do controle que quero exercer e de minhas exigências. Serei levado a perceber a necessidade que tenho da graça de Deus em Jesus Cristo. Mudarei a maneira como expresso a ira. Poderei discernir as causas da luta que há em meu coração. Aprenderei a ser um pacificador.

Em terceiro lugar, “Eu sinto” é comumente usado para a comunicação de pensamentos, crenças e atitudes.

“Eu sinto que meu marido errou comigo. Eu sinto que ele não quer me ouvir. Eu me sinto justificada. Eu não sinto que a Bíblia tenha algo a dizer com relação ao meu caso.” Esse uso de “eu sinto” é bastante problemático. Com ele, aprendemos muito sobre a pessoa que está falando, mas pouco a respeito da verdade ou a respeito do que ela deveria fazer. Falar de opiniões e crenças

como sentimentos confunde mais do que esclarece. Opiniões estabelecem a verdade! Os pensamentos são tidos como intrinsecamente válidos se forem “sentidos”, ou seja, experimentados com um senso de convicção interior. Muitas pessoas vivem como se os “sinto que” estabelecessem convicções carregadas de autoridade. Este uso (“eu sinto que”) deve ser reformulado para trazer à luz o conteúdo implícito ou explícito.

Opiniões e crenças precisam ser avaliadas à luz da verdade. O que aconteceu? O que você pensa e acredita? Como você julga as pessoas ou as situações? Quais são as suas opiniões, convicções e atitudes? Finalmente, o que você pensa é verdadeiro e correto, ou falso e pecaminoso? Em lugar de levantar estas perguntas, “Eu sinto que...” anula a avaliação consciente de minhas idéias e julgamentos. Eu sinto isso. A minha verdade substitui a verdade.

A Bíblia contém declarações arrasadoras a respeito de apoiar-se no próprio entendimento, ser sábio aos próprios olhos, andar pelo caminho que parece certo ao homem, ser alguém que se deleita em ventilar as próprias opiniões (veja Pv 3.5; 3.7; 14.12; 18.2). O “sentir” que o dedo foi cortado por uma faca tem autoridade. Mas o “sentimento de que algo é assim” é altamente discutível.

Em quarto lugar, “eu sinto” é usado para a comunicação de desejos.

“Eu não sinto vontade de ir falar com ele. Eu sinto vontade de me afastar”. Este uso de “eu sinto” é também vago e problemático. Ele acrescenta autoridade implícita a impulsos, inclinações, vontades, desejos, anseios, intenções, planos, escolhas, expectativas e medos. Longe de ser uma inclinação a que vamos obedecer, este “sentir vontade” é algo a ser examinado biblicamente. As palavras

“eu sinto vontade” com frequência turvam a nossa responsabilidade pelos desejos. As pessoas agem como se “ter vontade” fosse um impulso carregado de autoridade! Desejos enganosos determinam escolhas.

O que queremos alcançar pode ser perfeitamente válido: “Sinto vontade de comer pizza com Pepsi-Cola, e não couve-flor com Coca-Cola”. Estes desejos são frequentemente inocentes e nada problemáticos. (Embora nem sempre! Relacionamentos têm sido destruídos quando até mesmo estas pequenas preferências passam a ser exigências que governam a vida). O que queremos fazer pode ser perfeitamente válido: “Eu sinto vontade de ir conversar com meu marido e resolver a questão”. Pessoas que estão convencidas do certo, querem fazer o certo.

Mas a Bíblia nos ensina que nossos “sinto vontade” são com frequência desejos da carne. A maioria dos nossos “sinto vontade” são desejos idólatras. Eles devem ser mortificados pelo Espírito, e não alimentados com indulgência. Este é o caminho da vida, liberdade, sabedoria e alegria em Cristo!

Os dois últimos usos de “sentir”, com referência a crenças e desejos, alcançam o centro da motivação humana desorientada pelo pecado. A inclinação da carne, com suas crenças falsas e desejos dominadores, cria os conceitos falsos e o pântano emocional que complica os primeiros dois usos mais precisos da palavra sentimento.

Os conselheiros bíblicos e os sentimentos

“Sentimentos”. Que palavra difícil de definir! A mesma palavra é usada com frequência para comunicar quatro coisas diferentes: experiências, emoções, pensamentos e desejos! Como você usa a expressão “eu sinto”? Como o seu aconselhado a usa? Você pode encontrar uma saída em meio às

armadilhas da linguagem dos sentimentos? Sentimentos costumam revelar percepções, emoções, opiniões e impulsos que têm autoridade e podem ser considerados como inclinações a seguir? Ou eles revelam facetas da vida humana a serem avaliadas biblicamente? Eles revelam o eu real, que deve ser atualizado? Ou eles revelam a tendência do homem a afastar-se de Deus e voltar-se para si mesmo, a carne, a autonomia e a subjetividade?

Ao longo de mais de duas décadas, o aconselhamento bíblico tem enfatizado que ser “orientado por sentimentos” é o problema principal do homem no que diz respeito à motivação. E tem sido frequentemente mal compreendido e criticado por pretensos conselheiros bíblicos que, por sua vez, têm fracassado na compreensão da complexidade e profundidade da visão bíblica do homem.

Quando Jay Adams inicialmente disse que ser orientado por sentimentos é o problema central do homem no que diz respeito à motivação, ele queria dizer que pecadores são guiados por mentiras e cobiça. Sua afirmação tem sido, com frequência, caricaturada como se os conselheiros bíblicos fossem necessariamente hostis ou negligentes para com as emoções e experiências humanas.

Mas fazer uma análise bíblica da motivação humana não significa posicionar-se contra as emoções. Não significa ignorar as experiências. Os conselheiros sábios têm o cuidado de conhecer aquilo que a pessoa está vivendo em suas experiências e emoções. Eles se preocupam em saber se o que a pessoa sente é verdadeiro ou não. Pensar claramente a respeito de coisas vagas significa ser contrário a elas? Espero que não. Uma análise cuidadosa implica que sentimentos honestos devem ser varridos para debaixo do tapete? Espero que não. Nem implica que pessoas devam

engolir o que elas “sentem” honestamente. Como você pode lidar com aquilo que não conhece? Deus opera em realidades, não em ilusões ou coisas encobertas. Como você pode ser ouvido e ajudado se não reconhecer honestamente o que está acontecendo? A verdade bíblica penetra em suas experiências, emoções, crenças e desejos. Deus vai ao seu encontro, onde você está.

A idéia de que as pessoas são orientadas por sentimentos não é uma idéia simplista, pois explica aspectos complexos em vidas embaraçadas. Um entendimento bíblico dos “sentimentos” permite que olhemos além da linguagem freqüentemente enganosa do cotidiano. Em sua concordância bíblica, você não encontrará muitas referências a “sentir” ou “sentimento”. Mas a carga que estas palavras carregam atualmente na linguagem diária está presente em sua Bíblia. Podemos tentar resolver a confusão, e convidar pessoas a uma mudança inteligente à luz da verdade bíblica e do poder do Espírito Santo.

A Bíblia vai direto à raiz do problema dos “sentimentos”. A Palavra dAquele que conhece os corações “é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12). Na linguagem moderna dos sentimentos podemos dizer que a Bíblia expõe e julga os “sinto que” e “sinto vontade de” que determinam como as pessoas vivem na escuridão. Cada homem faz o que é certo aos próprios olhos, o que sente. É que maravilhosa alternativa recebemos: a verdade do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo alcançanos em misericórdia e nos concede poder para mudar!

2. Como redimir a experiência humana

Conforme vimos, as palavras ambíguas “eu sinto” são comumente usadas de quatro maneiras distintas nas situações de conse-

lhamento. Elas falam de experiências, emoções, pensamentos ou desejos. Problemas sérios surgem por elas virem comumente carregadas de autoridade: “Se eu sinto, então é inerentemente verdadeiro, certo e válido”. O pensamento bíblico claro penetra na neblina de ambigüidade e autoridade que envolve os “sentimentos”. À medida que nossas mentes e corações são renovados pelo Espírito da verdade, tudo quanto nos diz respeito é atingido.

O que pode ser dito de positivo sobre o espaço conquistado pela linguagem contemporânea dos “sentimentos”? Como se dá uma renovação à imagem de Deus? Experiência, emoção, crença e desejo estão na esfera de transformação interior que ocorre pelo poder e verdade do Espírito Santo. “Sentimento” não é, em geral, a melhor palavra a usar para esta rica diversidade de aspectos. Há várias outras palavras mais vívidas e precisas.

Suas experiências

Você foi criado por Deus para experimentar prazer e dor. Leia o Salmo 107. Perceba como as experiências de bênçãos e sofrimento são vividamente narradas. Por um lado, você ouve falar de pessoas que enfrentam circunstâncias duras e que experimentam fome, sede, fadiga, tristeza, aflições, desespero, abatimento. Sofrimento conduz para perto de Deus em busca de ajuda e refúgio. Por outro lado, você ouve falar de pessoas que estão em circunstâncias abençoadas e que experimentam gratidão, alegria, satisfação, sede saciada, segurança e paz. Bênçãos nos fazem voltar para Deus em alegria.

Com certeza, as experiências de vida são registradas tanto em nosso corpo como em nossa alma. Nós sentimos. Seríamos pedras se não fosse assim! A experiência do cristão nunca implica liberdade da dor ou ausência

de prazer. Mais que um chamado a experimentar bênçãos, que promessa temos por parte de Deus? “Bem-aventurado o homem ...cujo prazer está na lei do SENHOR...Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sl 1). Mais que um chamado a experimentar tristeza, que advertência recebemos? Aqueles que odeiam a Deus “o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne” (Is 66.24).

Todos nós já lemos a respeito e fomos lembrados de que o sofrimento é uma experiência válida na vida cristã. Traição, pobreza, doença, acusações, luto e isolamento são duros de enfrentar. Tentações são difíceis de enfrentar. A luta com nosso próprio eu natural é difícil. Experimentamos todas essas coisas como aflições.

Mas vamos pensar um pouco sobre os prazeres válidos como, por exemplo, o casamento e o sexo. Em uma cultura em que crescem a imoralidade, a hostilidade interpessoal, o abuso e o divórcio, é compreensível que o casamento e o sexo adquiram conotações assustadoras ou sórdidas. Mas a Bíblia, a voz do Redentor, compara a “voz de júbilo e de alegria” à “voz de noivo e a de noiva” (leia Jr 33.11). Os prazeres sensuais plenos, fruto da obediência e narrados em Provérbios 5.15-19 e Cantares de Salomão, quase não podem ser registrados em um diário de vida familiar! Leia Provérbios 5.19 em uma versão sem censura. A lei santa de Deus ordena que o amor erótico seja cheio de deleites encantadores. Chega da idéia de que guardar os mandamentos de Deus é algo enfadonho e legalista!

Considere também os prazeres das comidas e bebidas. O Espírito Santo renova as

pessoas para desfrutarem os alimentos com gratidão, comendo e bebendo em sabedoria e sentindo prazer. Mas a nossa cultura contamina profundamente as pessoas. Ela cria consumidores de alimentos obcecados, culpados, ansiosos ou triviais, em lugar de alegres participantes de um banquete. Nossa cultura produz maníacos, glutões ou ascéticos. O alimento tem recebido várias tonalidades sinistras: salvador, causa de gordura, fonte de vários venenos, combustível para a máquina humana. Você vai se deleitar em comer e beber no banquete de casamento do Cordeiro? Você pode, desde já, passar por uma transformação que lhe permita sentir prazer com gratidão no alimento, no casamento e em várias outras coisas boas? A Bíblia responde a ambas as perguntas com um sonoro SIM (1 Tm 4.3-6).

Suas emoções

A gama de emoções é ampla. Deus é o Ser mais irado e também o mais carinhoso da Bíblia. O Messias é o mais triste e também o mais exultante. Você está sendo renovado à imagem de Deus e de Cristo? Pois então, há bastante lamento, mesmo na vida do homem redimido porque nosso Senhor foi um homem de dores, familiarizado com o sofrimento. Esta vida é um vale de lágrimas à sombra da morte. Mas há também alegria inexprimível e plenitude de glória, características da verdadeira intimidade com Deus e com outras pessoas.

Nesta vida temos grandes alegrias e amostras daquilo que será a vida de verdade. E também há ódio do mal naqueles que amam a luz. Quando Moisés irado despedaçou as tábuas de pedra, ele espelhou a ira que o Deus Santo havia expressado apenas minutos ou horas antes. Há culpa a ser sentida e reformatada de acordo com

padrões de sensibilidade verdadeiros. Há gratidão a ser sentida, pois nosso Senhor é misericordioso.

Há uma ternura genuína que deve ser sentida pelos portadores da imagem de Deus. Nosso Deus, cujo amor excede o de uma mãe e é como o de um pai misericordioso, é um Deus ativamente terno (Is 49.15; Sl 103.13). O homem cujo amor é manso e intenso, como o amor de uma mãe e de um pai, é um homem ativamente terno (1 Ts 2.7-12). Podemos ir adiante. Os Salmos têm sido os favoritos do povo de Deus porque expressam experiência humana honesta e emoção em um contexto de fé. O choro do necessitado e a canção de alegria são ambos apropriados para possuidores da imagem da glória de Deus.

Suas crenças

Coração, alma, mente e poder—o homem pecador “sente” que suas mentiras são verdade. Crenças e opiniões cruciais estão profundamente enraizadas. O que “acreditamos de verdade” não é casualmente descartado ou mudado. Mentiras e distorções são teimosas, plausíveis, enganosas e arraigadas. Estamos comumente persuadidos de que nossos “sinto que” são verdadeiros.

O mesmo é verdadeiro do outro lado da questão. Pessoas em Cristo aprendem a crer de todo coração que a verdade que “sentem” (!) é verdadeira. De fato, ocasionalmente a linguagem dos sentimentos pode ser apropriada para expressar um pensamento renovado em Cristo. Uma das obras principais do Espírito é criar a convicção *sentida* no coração de que as promessas de Deus são verdadeiras. Mas em geral, “eu sinto” é um substituto fraco para muitas palavras melhores. “Eu sinto” destaca o subjetivo em um campo onde verdade, mentiras e opiniões precisam ser examinadas objetivamente.

Pode-se acreditar no que é verdadeiro com paixão subjetiva. A objetividade bíblica não é árida e abstrata. Conhecimento da verdade contém vida, compromisso e força. Fé bíblica é bem mais que conhecimento árido, falar consigo mesmo, pensamento positivo ou concordância doutrinária intelectual. O cristão que conhece com clareza, ama com força, crê com vigor, pensa com paixão. Não apenas pensamos que Jesus é a videira. Nós pensamos *de verdade*, e habitamos nEle com alegria e esperança (Jo 15).

Seus desejos

Coração, alma, mente e poder—o homem pecador “sente” que cobiça é uma coisa boa. A Bíblia nos diz que pecadores anseiam por dinheiro, prazer, segurança, significado, saúde, alimento, justiça própria, valor, poder, conhecimento, felicidade... toda sorte de bênçãos desperdiçadas com a queda. Pessoas que nasceram de novo em Cristo também têm desejos intensos. Mas os objetos de seus desejos foram todos transformados. Deus não é o *office-boy* do nosso desejo delirante de possuir coisas boas.

A Bíblia diz que os filhos de Deus devem buscar a Deus, ansiar por Ele e ter sede do próprio Deus (Sl 42; Lc 11.9-13). Devemos querer andar em retidão e obediência perante nosso Rei (Mt 5.6; 6.33). Devemos ansiar pela vida ressuscitada que Jesus revelará (Rm 8.18-25; Ap 22.20). As teologias populares nomeiam os anseios do coração pecaminoso: saúde e riqueza, significado e segurança, auto-estima, poder para conseguir o que se quer. Mas o Espírito Santo está operando para mudar aquilo que você quer. Você *deveria querer* aquilo que você pede na oração do Pai Nosso? Sim e amém!

Há riquezas a serem extraídas do solo em que o jargão atual dos “sentimentos” está pisando e se atolando. Entre e garim-

pe! A Bíblia ensina que à medida que você desenvolve uma devoção simples e pura por Cristo, descobre suas experiências, emoções, crenças e desejos entrelaçados em um único conjunto piedoso. Você pode dar frutos por meio de boas obras preparadas de antemão por Aquele que está recriando você à Sua imagem.

3. Que papel a linguagem dos sentimentos deve desempenhar no aconselhamento sábio?

Exploramos as realidades existentes por trás da linguagem popular dos “sentimentos”. Para aprimorar o pensamento crítico, vimos especificamente como as pessoas usam e abusam da expressão ambígua “eu sinto”. Exploramos como a Bíblia ilumina e redime aquilo que os “sentimentos” descrevem. Dando-nos a mente de Cristo, a Bíblia descortina diante de nós um mundo de alegrias e sofrimentos. Vimos que desafiar nossa cultura e o coração do homem com relação à autoridade dos sentimentos não implica negar, ignorar ou menosprezar o que as pessoas sentem. Nosso alvo é trazer luz e vida a uma área vaga e escura da existência do homem. Quais seriam algumas implicações práticas de como falamos uns com os outros, como falamos com os aconselhados e como falamos de nós mesmos?

Seja como indivíduo ou coletividade, os seres humanos oscilam instintivamente entre dois extremos pecaminosos. No “modo objetivo”, tipicamente negamos os sentimentos e evitamos as realidades da vida interior. Durante a maior parte do tempo as pessoas são pragmáticas, não-reflexivas, guiadas por pressões externas e por exigências, medos e alvos não expressos. No “modo subjetivo”, por outro lado, somos comumente indulgentes para com os sentimentos e deixamos que ocupem o lugar principal.

O Espírito Santo e a Palavra de Deus nos libertam para viver de uma terceira maneira, “modo verdade bíblica”, que não nega a honestidade pessoal nem iguala esta honestidade à verdade. Você deve prestar atenção aos sentimentos (em todos os quatro significados)! Mas também não deve viver ou aconselhar como se os seus sentimentos ou os sentimentos dos outros fossem uma realidade suprema.

O que isso significa na prática? Para exemplificar, usarei duas perguntas-chaves. A primeira é “Como podemos conhecer a fundo uma pessoa?”. A segunda é “Como falar sabiamente às pessoas?”.

Como conhecer uma pessoa?

O que significa conhecer uma pessoa? Como você conhece a si mesmo e aos outros? Em parte, procure conhecer o que as pessoas sentem (sem negligenciar o que as pessoas fazem e pensam). Aprenda a prestar atenção às experiências e emoções. Elas são componentes cruciais do ser humano. São sinais que registram o que está acontecendo em seu interior.

Por exemplo, o “sentimento” de estar sendo demasiadamente solicitado, oprimido ou pressionado, é importante. Sugere que você faça perguntas importantes. Há cuidados para serem depositados em Deus? Há prioridades erradas? Você está esquecendo do Deus que está no controle, dá descanso, e o chama apenas para tarefas possíveis de realizar? Você está fazendo demais ou alimentando expectativas muito altas? Ou você está simplesmente enfrentando tentações, sofrimento ou aflições? Você procrastinou? Precisa pedir ajuda? Quais das alternativas anteriores ou todas?! A experiência de estresse chama a sua atenção.

O sentimento de estar sendo atropelado pela vida frequentemente impulsiona pessoas

a Deus, à auto-avaliação, à procura de ajuda. Este sentimento também dispõe as pessoas a reagirem com excesso de trabalho, suicídio, ira, depressão, droga ou outros meios de fuga. O sentimento é normativo? Não. Ele tem uma causa que você precisa descobrir, e existe um “meio de escape” para não ceder a ele, pois “Deus é fiel”. O sentimento é importante? Certo que sim. Ele é a porta pela qual palavras de verdade e obras de amor podem entrar em contato com a pessoa.

As experiências e as emoções costumam registrar o que está acontecendo de bom ou de ruim em nosso relacionamento com Deus e o próximo. Vou dar dois exemplos breves. A ansiedade, que pode deixar uma pessoa em pânico, pode também ser uma amiga, um sinal de que você está vivendo como se não existisse um Deus soberano no universo. A ira, que pode destruir relacionamentos, pode motivá-lo a atacar os problemas de modo construtivo e encontrar paz. Ira e ansiedade são inclinações que devem apenas ser reconhecidas e expressas? Não, elas têm uma causa. Elas podem ser transformadas de modo a que honremos a Deus. Elas são importantes? Sim. São a matéria prima a partir da qual podemos produzir piedade.

Um viver sábio envolve estar alerta para experiências e emoções. O alvo desta autopercepção não é uma autopreocupação introspectiva. Conscientização é uma questão de integridade e honestidade. Ela deve conduzir você a duas “extrospecções”: fé e amor.

Duas das perguntas mais úteis para fazer a si mesmo ou aos outros são:

1. Que alegrias, pontos altos, deleites, propósitos ou antecipações prazerosas tomam conta de você quando pensa no passado, presente ou futuro?

2. Que tristezas, pesares, culpas, frustrações, aflições, lutas, preocupações ou medos

caem sobre você quando pensa no passado, presente ou futuro?

Estas são perguntas em “tom de sentimentos” que convidam as pessoas a serem honestas. Até mesmo a pergunta de que mais abusamos (e, por outro lado, mais difamamos) “Como você se sente?” tem seu lugar como meio de abrir uma porta para entrar na vida de outra pessoa. Os conselheiros sábios não tratam as respostas recebidas como sagradas e inquestionáveis. Mas reconhecem que perguntas como estas permitem ganhar conhecimento valioso e expressar preocupação amorosa. Elas indagam: “Quem é você e qual é o seu mundo?”.

Estas perguntas também preparam o palco para amor, conselho, encorajamento, confrontação e intercessão ou louvor a Deus. Elas são pontos de partida, e não pontos de parada. Elas podem abrir a porta para penetrar no comportamento de uma pessoa, seu sistema de crenças, sistema de valores e ainda mais. Em boa parte, as tarefas de casa para coleta de dados que os conselheiros bíblicos tradicionalmente têm pedido aos aconselhados encontram seu ponto de partida nas emoções e experiências. Por exemplo, é lógico que um aconselhado em meio a lutas faça um registro de incidentes produtores de ansiedade, estresse, ira, tristeza, cobiça ou qualquer outro foco que deva ser considerado no aconselhamento. Emoções e experiências são com frequência o proverbial “sinal vermelho no painel de controle” que desperta o conselheiro e o aconselhado para questões significativas.

Como falar com as pessoas?

Como dar um retorno sábio às pessoas? O conselho bíblico sábio atinge com seu ensino cada campo que as pessoas costumam distorcer pelo uso da linguagem dos sentimentos.

Por exemplo, o aconselhamento bíblico encoraja uma forma piedosa de emoção em várias ocasiões. Muitas pessoas não sabem que é válido experimentar aflições, dor e tentações quando alguém as ataca. Muitas pessoas pensam que o cristão ideal é um estóico que não tem sentimentos ou alguém com um sorriso contínuo para Jesus. Mas olhe para o próprio Jesus no jardim do Getsêmani. Escolha alguns Salmos. Conte quantas vezes José chorou. Ouça o que Paulo diz aos Filipenses. Ele escreveu a respeito da fonte de alegria que Epafrodito representava, e no mesmo trecho disse que se seu amigo tivesse morrido ele teria tido “tristeza sobre tristeza”. Há alguns frutos surpreendentes da árvore da justiça que o aconselhamento bíblico procura produzir pelo Espírito Santo. Os “gemidos” de Romanos 8 são um alvo legítimo de sabedoria e piedade? Certamente!

Por outro ângulo, embora ciente dos perigos, um conselheiro pode querer usar a expressão “eu sinto” em determinadas ocasiões. Por exemplo, ao ilustrar como experiências e emoções diferem de crenças e desejos (e freqüentemente derivam deles!), uma história na primeira pessoa do singular poderia ajudar um aconselhado “orientado por sentimentos” a colocar em ordem a sua confusão. “Quando eu sou difamado, eu sinto dor. Em geral, sinto ira, sinto-me desencorajado e amedrontado, e reajo. Se eu creio que devo ser respeitado, e que todos devem gostar de mim e concordar comigo, então a minha reação - e mesmo a minha experiência - é intensificada e prolongada. Quando me arrependo das mentiras e da cobiça que controlam a minha reação diante da difamação, então fico livre para perdoar e para confrontar a situação de maneira construtiva”. A história traz a verdade a respeito

dos “sentimentos” e ajuda o aconselhado a ser mais preciso.

Em outra situação, as palavras “eu sinto” podem ser uma boa maneira para comunicar uma tentativa de compreensão. No campo físico, a frase “Eu sinto como se minhas pernas estivessem quebradas” comunica uma combinação de experiência e conjectura. No aconselhamento, pode ser apropriado dizer: “Eu sinto (eu imagino, minha intuição diz, suspeito, algo me diz) que há mais alguma coisa acontecendo aqui”. Talvez esta seja uma maneira útil para mencionar os dados que estamos colhendo pela linguagem corporal ou tom de voz. Talvez seja uma maneira de lidar com a intuição de que “algo não está perfeitamente certo aqui, mas não consigo apontar o que é de fato”. “Eu sinto” expressa melhor uma combinação de pensamentos, experiências e emoções, e comunica uma incerteza em aberto, que precisa ser esclarecida. Não é uma palavra para coisas certas, mas para uma suposição que precisa ser verificada.

Mas o uso popular da palavra “sentimento”, indicando crenças e desejos, requer uma rápida tradução para que o aconselhamento proceda à luz da Bíblia e não na confusão da carne e da psicologia popular. Certamente parte do processo de conduzir gentilmente o aconselhado envolve incorporar parte de sua linguagem. Seria perfeitamente apropriado dizer “Você sente vontade de fazer...?” ou “Você sente que...?” para esclarecer que estou compreendendo a pessoa. Mas isto seria o prelúdio para uma reinterpretação bíblica dos desejos e crenças do aconselhado.

Conclusão

Quando você está fazendo perguntas, e oferecendo ajuda tangível ou conselho bíblico, há espaço, tempo, maneira e propósito

para comunicar a respeito de sentimentos. Você continuará a andar em linha reta, mesmo em um mundo pronto a fazê-lo se voltar à esquerda ou à direita? Você será sábio, mesmo em um mundo pronto a fazer de você um estulto? Os conselheiros sábios devem

trabalhar cuidadosamente o cruzamento da linguagem da verdade com a linguagem da confusão.

“A revelação das Tuas palavras esclarece e dá entendimento.” (Sl 119.130).

Quem Somos?

Necessidades, anseios e a imagem de Deus no homem.



Edward Welch¹

Quais são as suas necessidades? A resposta depende de quem está fazendo a pergunta e do momento em que ela é feita. Se você estivesse perdido no deserto e morrendo de sede, responderia: “Água”. Se o seu pastor fizesse esta pergunta durante um sermão, e especialmente se ele dissesse: “Qual é a sua necessidade *real*?”, você provavelmente responderia: “Jesus”. Mas se você fizer essa pergunta no seu escritório, durante um aconselhamento, as respostas podem variar: respeito, amor, compreensão, alguém que me escute, auto-estima, crianças obedientes, segurança, controle, excitação... A lista é limitada apenas pela imaginação humana.

Bem-vindo à palavra *necessidade*, um dos termos mais confusos da nossa língua e mais usado por todos nós. É uma das primeiras palavras do vocabulário infantil, como descendente direta de “eu quero”. E tem um campo semântico amplo e ambíguo, podendo expressar idéias em nada

relacionadas entre si. Por exemplo, “eu necessito de férias” é uma forma cultural para dizer que estamos cansados da rotina diária do trabalho. “Eu necessito do respeito da minha esposa” revela a crença de que você estará psicologicamente deficitário se essa necessidade não for suprida. “Eu necessito de água” expressa uma necessidade biológica real que, quando negada, resulta de modo concreto em saúde precária ou morte. “Eu necessito de sexo” geralmente expressa um coração lascivo, mas que engana a si mesmo pensando estar pedindo apenas o suprimento de uma necessidade biológica. Alguns significados são quase neutros: uma esposa diz a seu marido: “necessitamos de um litro de leite e um pão de forma”. Outros, trazem maiores implicações—o marido retruca: “eu necessito de que você largue do meu pé”. O que queremos dizer com “necessitar”?

Nosso primeiro passo é esclarecer o uso desta palavra tão popular. Em seguida, um exame mais profundo e uma reflexão bíblica nos conduzirão a um dos temas mais críticos do aconselhamento: a imagem de Deus no homem. Como disse Emil Brunner, “A

¹Tradução e adaptação de *Who are we? Needs, longings, and the image of God in man*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. Glenside, Pa., v. 13 n. 1, Fall 1994. p. 25-38.

doutrina da imagem de Deus determina o destino de toda teologia”. Podemos acrescentar que as diferenças entre vários modelos de aconselhamento supostamente bíblicos, sejam elas profundas ou superficiais, também encontram aqui a sua origem. “De que as pessoas necessitam?” A compreensão plena só pode ser alcançada se pudermos responder a uma outra pergunta: “O que significa ser uma pessoa?”. Em primeiro lugar, examinaremos a “linguagem da necessidade” como recurso introdutório ao estudo da doutrina da imagem de Deus no homem.

O uso popular da palavra necessidade

Vamos começar com algumas definições. O uso da palavra *necessidade* como forma exagerada para falar em *desejos* é bastante comum. *Necessidade* expressa o fato de você realmente querer alguma coisa, embora saiba que pode viver sem ela. Dentro dessa categoria, você ouvirá comentários como “eu necessito de uma barra de chocolate”, “eu necessito de férias” ou “eu necessito de sexo”. É interessante perceber que o pré-requisito para essas necessidades é um conhecimento prévio do objeto ou atividade desejados. Por exemplo, uma pessoa só dirá “eu necessito de uma barra de chocolate” se já tiver experimentado chocolate alguma vez. Se você falar a respeito da necessidade de chocolate com pessoas que nunca comeram chocolate, elas não reconhecerão como “necessidade”. Semelhantemente, pessoas expressarão a necessidade de sexo se conhecerem pela experiência uma relação sexual ou a excitação sexual por meio de pornografia. Aqueles que não mantiveram relações sexuais nem foram expostos a uma cultura altamente sexualizada não definirão a sua expectativa na área sexual como uma “necessidade”. Estas pessoas podem almejar por relações sexuais no casa-

mento, mas é menos provável que falem da experiência sexual como necessidade.

Necessidade como hipóbole para desejo é provavelmente a definição mais comum do termo, mas há uma amplitude de significados mesmo aqui. Por um lado, necessidade é às vezes uma maneira caprichosa para expressar um desejo. Por outro lado, a idéia se sobrepõe à de necessidades biológicas, um segundo sentido para a palavra. Necessidades biológicas, cuja satisfação é necessária para a continuidade da vida física, representam o uso mais direto da palavra *necessidade*. Necessitamos de água e comida. Na maioria dos climas, precisamos também de abrigo e roupas. Se essas necessidades não são supridas, morremos. Necessidades biológicas passa a ser uma categoria confusa somente quando empurramos para dentro dela a categoria de *necessidade como desejo*². Por exemplo, “eu necessito de uma cerveja” tem passado da categoria de *necessidade como hipóbole para desejo* para a categoria de necessidade biológica. Isto é, álcool não é mais um agente de satisfação para um desejo que resulta de experiência, prática e lascívia; a *necessidade* de álcool é vista como um impulso biológico quase irresistível. Considere também a expressão popular “eu necessito de sexo”. Quando ela se movimenta da categoria de desejo para a categoria de necessidade biológica, presumimos que sexo seja uma necessidade biológica quase idêntica à de água e comida. A racionalização consiste no fato de considerar o autocontrole sexual como contrário à natureza, por se tratar de uma necessidade biológica. Neste caso, a única

²Ou quando necessidades biológicas tornam-se absolutas e ocupam o lugar do nosso relacionamento com Deus (veja Mateus 6.32-33, 10.28). Deveríamos chamar esta categoria de necessidades como *hipóbole para subsistência*.

opção é praticar sexo *seguro*. Abstinência não é apenas antiquada, mas biologicamente insustentável diante de nossa *necessidade*.

Desejos exagerados e necessidades biológicas não esgotam as definições de *necessidade*. Necessidades psicológicas, uma terceira definição, são uma inovação relativamente recente na linguagem das necessidades. A idéia de necessidades intra-psíquicas e psicossociais vem da psicologia do século XX e tem recebido, pelo menos no mundo ocidental, uma acolhida entusiasta. Afirma-se que assim como temos certas necessidades biológicas que precisam ser supridas para não morrermos fisicamente, temos também necessidades psicológicas que precisam ser satisfeitas para não nos tornarmos psicologicamente famintos e debilitados, e começarmos a agir mal. Em outras palavras, felicidade, estabilidade psicológica e comportamento social construtivo dependem da satisfação dessas necessidades. A lista das supostas necessidades psicológicas pode ser longa, mas geralmente contém desejos vinculados a como avaliamos a nós mesmos ou ao que obtemos por meio do relacionamento com outros: significado, aceitação, respeito, admiração, amor, pertencer, auto-estima, e assim por diante. Essas necessidades, provavelmente, encaixam-se melhor em algum lugar entre a *necessidade como hipóbole para desejo* e a *necessidade como hipóbole para subsistência*. Mas no uso popular, elas estão certamente em expansão como categoria própria: *necessidade como hipóbole para um sentido de bem-estar psicológico e social*.

Há pelo menos mais um campo semântico para a palavra *necessidade*. Esta quarta categoria tem uma longa história: necessidades espirituais. Necessitamos de justiça e santidade. Necessitamos de perdão e poder para mudar. Necessitamos de Jesus. Necessitamos de Sua graça redentora

e sustentadora para podermos viver. Somos pessoas desesperadas e necessitadas - quer o saibamos ou não. Somos completamente incapazes de pagar a Deus o preço dos nossos pecados e, por nós mesmos, somos incapazes de seguir os Seus mandamentos. De fato, a essência da fé é a consciência de que temos necessidade de Deus e dependemos dEle: “Bem-aventurados os humildes de espírito” (Mt 5.3).

Essa categoria bíblica distinta, *necessidade de bênçãos objetivas por parte de Deus*, é suprema — ela faz com que todas as demais sejam relativas. Mas à semelhança das necessidades biológicas, a categoria de necessidades espirituais tem sido muito esticada em uso contemporâneo. De um lado, está a necessidade objetiva e contínua de perdão dos pecados e de outras bênçãos da redenção. Mas de outro lado, a categoria de necessidades espirituais tem se sobreposto à categoria de necessidades psicológicas, agora redefinidas como necessidades espirituais. Os psicólogos seculares definem as necessidades psicológicas como aquelas a serem satisfeitas por meio de relacionamentos, reestruturação cognitiva, realizações apropriadas, experiências de auto-atualização. E

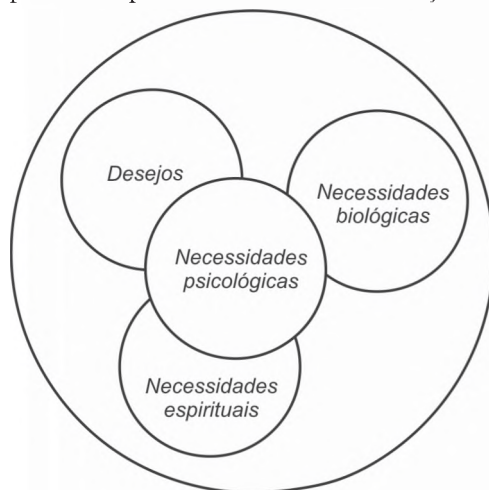


Figura 1. O uso popular da palavra *necessidade*

atualmente, muitos cristãos crêem que essas necessidades intra-psíquicas e psicossociais devem ser satisfeitas no relacionamento com Cristo. As necessidades espirituais mais tradicionais, relacionadas à redenção, têm sido esticadas para incluir a necessidade de auto-estima, amor e significado.

Uma breve história das necessidades

Dentro do campo semântico amplo que reúne os significados populares da palavra *necessidade*, quero limitar a minha discussão às necessidades psicológicas e à sua intersecção com necessidades espirituais. Com certeza, a discussão das fronteiras cada vez mais indefinidas entre necessidades como desejo e necessidades biológicas é um tema crítico para a igreja. Mas ele tem sido tratado em abordagens bíblicas do alcoolismo e da homossexualidade³ enquanto o estudo das necessidades psicológicas tem sido negligenciado.

Parece que esta categoria de necessidades entrou no pensamento cristão contemporâneo sem qualquer consulta bíblica prévia. É uma intrusão compreensível, considerando que *necessidades psicológicas* é uma experiência quase universal. Afinal, como você se sente quando é decepcionado por um amigo, criticado injustamente ou manipulado por alguém? As reações que estas experiências provocam em você são consideradas manifestações de necessidades psicológicas. Mas a questão é que independentemente do quanto estas experiências possam ser comuns, as supostas necessidades que elas revelam são difíceis de localizar na Bíblia.

³BAHNSEN, Greg. *Homosexuality: a biblical view*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1987.

WELCH, Edward. *Addictive behavior*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995.

Folheie o índice de qualquer texto teológico tradicional, e você não encontrará as necessidades psicológicas. O único lugar em que elas podem ser encontradas é na história da psicologia secular, com empréstimos ocasionais da biologia e medicina.

A medicina tem uma longa história a esse respeito. Por exemplo, desenvolvemos doenças quando determinadas necessidades do nosso corpo não são satisfeitas. O corpo necessita de alimento. Mais especificamente, necessita de determinados *tipos* de alimento. Insuficiência de vitamina C causou escorbuto em muitos marinheiros. Insuficiência de cálcio faz com que os ossos fiquem fracos e frágeis. A boa saúde depende de atender às necessidades do corpo. A Bíblia reconhece este tipo de necessidades especialmente em Mateus 6.25-34. No que concerne à alimentação e vestuário, “vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas estas coisas” (Mt 6.32). O modelo de necessidades deficitárias, que funcionou tão bem para a medicina, foi mais tarde aplicado à psicologia. Entre os que tomaram esta metáfora por empréstimo, Freud é o mais conhecido. Seu treinamento na medicina lhe deu conhecimento das necessidades ligadas ao funcionamento do corpo, e foi preciso apenas um leve incentivo para que ele aplicasse a mesma teoria ao processo psicológico. Embora Freud não tenha usado estes mesmos termos, ele tem sido considerado o pai da “necessidade de expressão sexual” e da “necessidade de pais permissivos”. As linhas básicas de seu modelo refletem essencialmente uma visão deficitária do ser humano necessitado.

Os primeiros behavioristas, como Dollard e Miller, tomaram por empréstimo as idéias de Freud. Eles ampliaram o modelo behaviorista de resposta a estímulos com a noção de que temos impulsos básicos que nos motivam, especialmente associados à

comida e ao sexo. Estes *impulsos primários* podem estar associados a uma variedade de experiências interiores, resultando em uma série complexa de necessidades psicológicas que gritam por satisfação.

Mas quem de fato deu popularidade às necessidades psicológicas foi Abraham Maslow. Sua teoria de autoatualização diz que temos, desde o nascimento, uma hierarquia de necessidades. De acordo com Maslow, as necessidades mais básicas são as biológicas e de segurança. Quando essas necessidades são satisfeitas, podemos passar para a satisfação das necessidades psicológicas básicas: necessidade de pertencer e amar, necessidade de ser estimado por outros e necessidade de auto-estima.

O que faz com que as pessoas fiquem neuróticas? Minha resposta... era, resumidamente, que neurose parecia ser em seu âmago, a princípio, uma doença resultante de uma deficiência: ela surgia a partir da privação de certas satisfações que eu denominei necessidades, no mesmo sentido que água, aminoácidos e cálcio são necessidades - isto é, sua ausência provoca doenças. A maioria das neuroses envolviam... desejos insatisfeitos de segurança, pertencer, identificação, relacionamentos íntimos e amorosos, respeito e prestígio.⁴

Estas três principais escolas de pensamento da psicologia secular focalizam a experiência da necessidade. Embora cada uma delas tenha estabelecido um conceito diferente para necessidades (ou estímulos), elas concordam em três pontos básicos: (1) necessidades psicológicas existem, (2) elas

são uma parte essencial do ser humano, e (3) quando não são supridas, resultam em algum tipo de patologia. A esses pontos essenciais podemos somar mais uma característica da teoria das necessidades psicológicas deficitárias: elas são distintamente ocidentais. As teorias das necessidades podem prosperar apenas em um contexto em que a ênfase está no indivíduo e não na comunidade, e onde o consumismo é um meio de vida. Se você perguntar a um asiático ou africano a respeito de suas necessidades psicológicas, ele não vai nem mesmo entender a pergunta!

À medida que a noção de necessidades psicológicas adentrou a cultura ocidental, muitos cristãos foram imediatamente atraídos a ela. De fato, ela parece rastrear o caminho para as experiências da vida e, especialmente com Freud e Maslow, oferecer uma explicação para as experiências do homem mais profunda que aquela até então extraída da Bíblia. Por exemplo, uma esposa sofredora e carente de amor pode ter seu senso de necessidade legitimado e explicado pela adaptação de teorias psicológicas - a necessidade de amor é uma das necessidades mais profundas com que Deus a criou. É possível, finalmente, compreender que fomos criados com necessidade de amor e que se esta não for satisfeita por meio de pessoas significativas, estaremos em déficit e precisaremos procurar amor em algum outro lugar. Todo tipo de pecado e dor pode resultar de necessidades psicológicas não satisfeitas.

Escritores famosos no movimento cristão de recuperação emocional têm admitido as necessidades psicológicas e ajudado a firmá-las como um guia interpretativo para as experiências da vida. Por exemplo, Sandra Wilson em seu livro, *Released from shame*

⁴MASLOW, Abraham. *Toward a psychology of being*. 2nd ed. New York: Van Nostrand, 1968. p. 21.

(*Liberta da vergonha*), afirma em poucas palavras aquilo que muitas pessoas sentem: feridas do passado colocam em evidência as nossas necessidades psicológicas.

Quando criança, Sara foi emocionalmente abandonada pelos pais, e ela aprendeu a abrir mão de sua necessidade legítima de companheirismo, encorajamento e conforto....O problema é que temer e negar necessidades e sentimentos naturais do ser humano nos impede de sermos tudo quanto Deus tentacionou que fôssemos. Mas como podemos ser mais verdadeiros, mais plenamente humanos? Começemos por nos apropriar daquelas necessidades dolorosas não supridas e a experimentar as emoções que as acompanham.⁵

Em termos mais bíblicos, essa ilustração mostra que a família de Sara pecou contra ela, e que as feridas não saram com rapidez. Mas será que Deus a criou com certas necessidades psicológicas de companheirismo, encorajamento e conforto? *Parece* que Deus nos criou desta maneira. Parece haver tamanha evidência a favor das necessidades psicológicas, que talvez nem questionemos se elas foram *descobertas* por psicólogos que não conheciam nada da Palavra de Deus. Por que cremos que as Escrituras se mantêm relativamente caladas a respeito destes aspectos supostamente centrais da condição humana?

O livro evangélico *Love Gone Wrong* (*Amor Desviado*) também reconhece tais necessidades.

As catástrofes que levam à vulnerabilidade emocional geralmente

abalam nosso senso de segurança e significado. O psicólogo Larry Crabb propõe que estas são nossas duas necessidades emocionais principais. Elas podem ser tão fortes quanto nossas necessidades biológicas de alimento e sono.⁶

As influentes Clínicas Minirth e Meier concordam na existência de necessidades psicológicas ou de relacionamentos que têm base bíblica e raiz biológica. *Love is a Choice* (*O Amor é uma Escolha*) declara de modo claro:

... temos necessidade de receber amor. É uma necessidade dada por Deus e que nasce com cada criança. Ela é legítima e precisa ser satisfeita do berço até o túmulo. Se crianças são privadas de amor - se esta necessidade básica de amor não for satisfeita - elas carregam as cicatrizes para o resto da vida.⁷

Em seguida, os autores oferecem uma metáfora para o ser humano. No mais profundo do homem há um tanque que necessita ser enchido de amor. Somos tanques que se sentem vazios.

A igreja evangélica anda lado a lado com os teóricos seculares até este ponto, e depois acrescenta à teoria de Maslow uma mudança significativa. O ponto de vista evangélico popular, à semelhança do secular, é que os problemas surgem devido a necessidades de relacionamento não satisfeitas. Todavia, a forma como estas necessidades são satisfeitas é distintamente evangélica. Em lugar de procurar outro relacionamento ou algum

⁶WHITEMAN, Tom, PETERSEN, Randy. *Love gone wrong*. Nashville: Thomas Nelson, 1994. p. 90.

⁷HEMFELT, Robert, MINIRTH, Frank, MEIER, Paul. *Love is a choice*. Nashville: Thomas Nelson, 1989. p. 34.

⁵WILSON, Sandra. *Released from shame*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1990. p. 110.

tipo de amor próprio para satisfazer estas necessidades, os teóricos cristãos mostram que Cristo pode satisfazê-las. Cristo oferece amor incondicional e um senso de significado; Cristo satisfaz nossa necessidade de companheirismo, apoio e conforto.

A princípio, isto parece plausível biblicamente. Cristo é um amigo; Deus é um Pai amoroso; crentes *experimentam* um senso de significado e confiança por conhecer o amor de Deus. Isto faz com que Cristo seja a resposta para nossos problemas. Mas desde que estas necessidades continuam sem base bíblica, devemos parar para considerar a possível existência de uma outra explicação bíblica para a sensação de vazio. A experiência é verdadeira, mas encaixá-la em necessidades constitucionais e psicológicas pode estar errado

Avalie, por exemplo, alguns frutos deste modelo psicológico evangélico. Essencialmente, ele cria dois evangelhos diferentes: um para necessidades espirituais e outro para necessidades psicológicas. As boas novas para necessidades espirituais são que nossos pecados estão perdoados, somos adotados como filhos de Deus mediante a fé e recebemos vida eterna. As boas novas para necessidades psicológicas são que Cristo nos confere identidade, significado, respeito e valor pessoal. Ele nos faz sentir bem a nosso respeito. Mas isto é de fato o evangelho? Será que o evangelho, em seu sentido real, não nos alivia da preocupação com nossa própria pessoa, equipando-nos para que nos preocupemos com amar a Deus e ao próximo? É possível que a busca de valor pessoal ou significado seja um alvo mal orientado em sua essência? Deveríamos fazer outras perguntas como, por exemplo, “Porque estou tão interessado em mim mesmo?”.

Antes de desenvolver a fundo esta questão, precisamos identificar mais uma

etapa da história das teorias das necessidades relevante para o presente. Atualmente, as necessidades psicológicas são seriamente questionadas no meio *secular*. A adoção da noção de necessidades e vazio interior não é *vista* como *saudável* nem para o indivíduo nem para a cultura. Por exemplo, a mídia critica as teorias que falam em necessidades identificando-as como justificativas teóricas para o egoísmo implacável de nossa cultura e a vitimização crônica. Muitos observaram que se é verdade que temos a forma de um tanque, então somos recipientes passivos em vez de intérpretes ativos e atores responsáveis em nosso mundo. A culpa nunca é nossa porque toda patologia é resultado de relacionamentos passados deficitários. No mínimo, diz a mídia, isto cria um caos no sistema judiciário. “Não vai demorar muito até que a sentença compulsória para um crime violento seja um abraço.”⁸ A imprensa acadêmica também está desafiando a adoção do tanque vazio como definição atual para o homem. Em um artigo significativo no *American Psychologist* (*Psicólogo Americano*), Philip Cushman argumenta que o self vazio é um produto perigoso de uma cultura que quer ser satisfeita física e materialmente.⁹ Os culpados, aponta Cushman, são os psicólogos e a indústria publicitária. Ambos procuram criar um sentido de necessidade para vender seus produtos. Além do mais, a venda das necessidades psicológicas resultou em uma geração de indivíduos vazios, frágeis e deprimidos.

Este breve panorama histórico do desenvolvimento das teorias das necessidades mostra que elas surgiram mais de uma cultura afável que de uma predisposição dada por

⁸*The Economist*, February 26, 199, p. 15

⁹CUSHMAN, Philip. Why the self is empty. *American Psychologist*, May, 1990, p. 599.

Deus. Elas podem existir confortavelmente apenas em uma cultura orientada para o indivíduo mais que para o grupo, para vitimização mais que responsabilidade, e para consumir mais que produzir. Se isto for verdade, nossa tarefa ainda consiste em explicar biblicamente a experiência da necessidade, mas não há premência em localizá-las no ato criativo de Deus, visto não serem necessariamente inerentes ao ser humano.

A teologia das necessidades: uma experiência em busca da categoria bíblica.

Conquanto existam críticas no meio evangélico à categoria “necessidades psicológicas”,¹⁰ a noção tem persistido. Uma razão é que a maioria das pessoas sentem este senso de necessidade, e é difícil argumentar com o que as pessoas sentem. Outra razão é que muitos cristãos acreditam que a teoria das necessidades já foi provada biblicamente. Sabem que não é possível encontrar “necessidades psicológicas” na concordância bíblica, ou em textos teológicos, mas acreditam que essas necessidades podem ser inferidas de categorias bíblicas de destaque: a pessoas como corpo, alma e espírito e a pessoa criada à imagem de Deus.

A pessoa como três substâncias

Uma visão tricotômica do homem foi a primeira categoria aparentemente bíblica escolhida para carregar o peso das necessidades psicológicas. Basicamente, essa visão diz que a pessoa consiste de três partes ou

substâncias: o corpo, a alma e o espírito. A idéia comum é que o corpo físico tem necessidades físicas, a alma tem necessidades psicológicas e o espírito tem necessidades espirituais, de modo que a pessoa que tem necessidades físicas vai ao médico, aquela que tem necessidades psicológicas vai ao psicólogo, e a que tem necessidades espirituais vai ao pastor. Essas três categorias oferecem um encaixe perfeito para a definição popular de necessidades.

No entanto, embora a fórmula básica pareça simples e bíblica, ela está cheia de implicações problemáticas. Ela tem dado permissão à psicologia secular para formatar um terço do ser humano. *Alma* passa a ser uma categoria em branco a ser preenchida com constructos da psicologia. Assim como a medicina tem contribuído com muitos detalhes para a categoria corpo, também a psicologia secular pode agora contribuir para o entendimento da categoria *alma*. A pergunta, porém, é: será que temos uma alma distinta do espírito?

A imagem de Deus no homem

Uma segunda categoria bíblica usada como pano de fundo para as necessidades psicológicas é a imagem de Deus no homem. Esta é a doutrina central para a compreensão da pessoa. Se as necessidades psicológicas não puderem ser identificadas aqui, então não são necessidades dadas por Deus na criação.

Larry Crabb é o teórico cristão que estabeleceu a ligação mais clara e explícita entre o nosso sentido de necessidades psicológicas e o fato de sermos criados à imagem de Deus. Ele está plenamente ciente de que se vamos considerar a experiência da necessidade como parte da essência humana, ela deve estar fundamentada na compreensão bíblica da imagem de Deus no homem. Enunciando

¹⁰Por exemplo, Tony Walters apresentou uma primeira crítica a ser seriamente considerada em *Need: the New Religion* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986). Uma crítica secular desafiadora foi apresentada por Wallach & Wallach em *Psychology's Sanction for Selfishness* (San Francisco: W. H. Freeman, 1983).

a questão com muita clareza em seu livros *De Dentro para Fora* e *Como Compreender as Pessoas*,¹¹ Crabb afirma que a imagem de Deus no homem tem a ver com o que é semelhante entre Deus e o homem. E o que é semelhante, segundo Crabb, é que Deus é uma pessoa e nós também somos pessoas. Ser uma pessoa significa ter anseios profundos por relacionamento: “Todos temos um anseio que Deus colocou em nós quando nos criou: gozar relacionamentos livres de tensões, caracterizados por uma terna aceitação mútua e por oportunidades de sermos importantes para outrem”¹².

Anseios profundos, no modelo de Crabb, são a essência que define tanto Deus como o homem. Por sua vez, esses anseios são definidos como uma experiência subjetiva que é mais profunda que a emoção. É uma paixão por relacionamento. Quanto a Deus, significa que Ele existe em relacionamento harmonioso consigo mesmo - Pai, Filho e Espírito Santo. Também significa que Ele “anseia pela restauração do relacionamento com Seu povo”¹³. Quanto a nós, esse anseio é mais passivo. Ele significa que “cada um de nós deseja fervorosamente que alguém nos veja da forma exata como somos, com todos os nossos defeitos, e ainda nos aceite”¹⁴.

A esse anseio por amor e aceitação, Crabb adiciona uma segunda necessidade básica. Nós também ansiamos por fazer uma diferença no mundo. Temos, de acordo com Crabb, uma “sede por impacto”. Isso é definido como “um desejo de ser adequado

para uma tarefa significativa, um desejo de saber que somos capazes de dominar o nosso mundo e fazer algo valioso, e fazê-lo bem”¹⁵. Crabb não esclarece como esta sede de impacto encontra semelhança em Deus nem procura oferecer uma base bíblica. Na falta de apoio exegético, este aspecto da imagem de Deus no homem ganhou menor evidência nos trabalhos teóricos posteriores de Crabb. No final, anseio por relacionamento foi o único sobrevivente, de modo que a imagem de Deus no homem resumiu-se ao fato de que as pessoas são criadas para estabelecer relacionamento e anseiam por relacionamento. Se este anseio não for satisfeito, seremos tanques vazios.

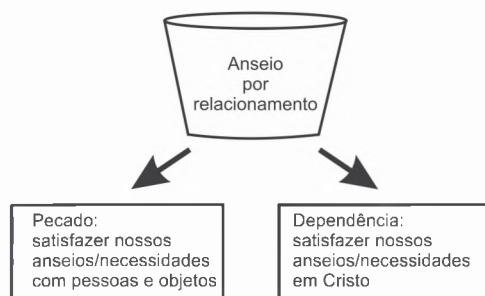


Figura 2. O modelo da imagem como relacionamento

Os anseios básicos são a explicação principal para os sentimentos e o comportamento do homem. Como lidar com os anseios é a pergunta fundamental da existência humana. De acordo com Crabb, respondemos a esta pergunta de duas maneiras. As pessoas agem independentemente de Deus e buscam satisfação por conta própria em outros objetos ou pessoas, ou olham para Cristo em atitude dependente e encontram nEle satisfação para seus anseios de relacionamento (veja figura 2). Este é o modelo básico da imagem de Deus no homem que *Como Compreender*

¹¹CRABB, Lawrence J. Jr. *Como compreender as pessoas*. São Paulo: Vida, 1998.

¹²CRABB, Lawrence J. Jr. *De dentro para fora*. Venda Nova, MG: Betânia, 1992p 60.

¹³CRABB, Lawrence J. Jr. *Como compreender as pessoas*. São Paulo: Vida, 1998. p. 106.

¹⁴Idem, p. 127

¹⁵Idem, p. 129

as Pessoas ensina, e provê a estrutura teórica para o modelo de aconselhamento de Crabb. É também a teologia que está no alicerce de muito do que acontece no aconselhamento cristão contemporâneo.

Quando esse modelo é avaliado à luz da nossa experiência de vida, ele parece fazer pleno sentido. À semelhança de outros modelos influentes no aconselhamento, ele parece “funcionar”. Todavia, ele tem numerosas implicações que não estão óbvias à primeira vista. Por exemplo, esse modelo faz uma declaração forte a respeito de nosso problema mais profundo: ele consiste de anseios e não de pecado. Mais adiante, o modelo afirma que a intenção mais profunda do evangelho é satisfazer necessidades psicológicas. O “âmago oco” de anseios passa a ser nosso problema básico, e não o pecado. A conclusão lógica é que Cristo, em primeiro lugar, é um supridor de necessidades (para nossas necessidades mais profundas) e depois, secundariamente, um redentor (para as formas erradas como reagimos à nossas necessidades mais profundas).

Os relacionamentos humanos também são afetados por esse fundamento teórico. Por exemplo, o casamento e outros relacionamentos passam a ser uma forma de satisfação mútua para necessidades psicológicas. Com certeza, Crabb mostra que as pessoas não são capazes por si mesmas de satisfazerem aquilo que somente Deus pode satisfazer, de forma que não temos a responsabilidade plena de satisfazer os anseios de outrem. Ainda assim, a estrutura básica do casamento consiste de duas pessoas psicologicamente necessitadas que se satisfazem mutuamente como expressão da satisfação mais perfeita oferecida por Deus. Isso parece calhar bem na experiência do casamento, e também parece se ajustar à perspectiva bíblica de amor. Pessoas devem amar porque outros precisam de amor.

No entanto, é possível que sejamos chamados a amar não tanto porque outras pessoas estão vazias e necessitam de amor, mas porque amor é uma das maneiras de imitarmos a Cristo, revelar a Sua Pessoa pelo nosso viver e glorificar a Deus? É também possível que o centro de gravidade de um relacionamento baseado em necessidades seja eu mesmo, e não Deus, como deveria ser se fôssemos levar a sério nossa identidade como possuidores da imagem de Deus? Abaixo do compromisso de amar aos outros, e da gratidão a Deus por Ele satisfazer nossas necessidades em Cristo, está um âmago de anseios desesperados que focalizam essencialmente o *eu*. O foco enfatizado é *minha necessidade*, e não a perfeição de Deus, cuja imagem eu fui criado para refletir. A diferença pode parecer sutil, mas estas teorias apontam para pessoas mais que para Deus. Isso certamente não quer dizer que Crabb e outros teóricos cristãos não estejam interessados na glória de Deus. Mas significa que suas teorias, devido ao entendimento deficiente da imagem de Deus no homem, não esclarecem que o cristão deve fixar os olhos em Deus por Quem Ele é, e não simplesmente em busca de alguém que esteja à sua disposição para satisfazer *minhas necessidades*.

A teoria da imagem como relacionamento encontra pouco apoio exegético. Nem *Como Compreender as Pessoas* nem outra qualquer discussão evangélica desta versão da imagem de Deus no homem conseguiu estabelecer um fundamento bíblico claro. Pelo contrário, como o próprio Crabb admite, essa categoria teológica tão crucial é desenvolvida a partir de inferências nas Escrituras. Falando sobre os anseios com que fomos criados, Crabb diz: “As Escrituras, contudo, parecem não dizer nada a respeito”¹⁶. É

¹⁶Idem, p. 125

devido a esta falta de apoio exegetico que é essencial reexaminarmos o tema bíblico da imagem de Deus no homem.

Um exame bíblico das necessidades

Em contraste com a perspectiva tricotômica do homem¹⁷ e um entendimento da imagem de Deus no homem baseado em necessidades, há alternativas que se apoiam em um fundamento exegetico sólido.

A pessoa como dualidade

A visão tricotômica tem origem na existência de diferentes nuances de significado para os termos espírito e alma. Como muitas outras palavras, estas duas têm limites vagos. Elas não são palavras técnicas como *elétron*, mas são mais semelhantes à palavra *necessidade*, derivando muito de seu significado do contexto. A questão, todavia, é se estas nuances de significado são suficientes para indicar que há duas substâncias distintas criadas por Deus. Ou será que espírito e alma (como coração, mente, consciência) não são perspectivas ligeiramente diferentes do homem interior imaterial (2 Co 4.16)?

Um número considerável de passagens bíblicas indicam que o homem é melhor entendido como duas substâncias - material e imaterial - “que formam uma unidade embora possuam a capacidade de se separar”¹⁸. De acordo com esta posição, espírito e alma têm ênfases diferentes, mas são essencialmente duas perspectivas intercambiáveis para a parte imaterial do homem. Por exemplo, Mateus 10.28 diz que o homem

é composto de duas substâncias, corpo material e alma imaterial: “Não temais os que matam o corpo [substância material] e não podem matar a alma [substância imaterial]. 1 Coríntios 7.34 também diz que somos formados de duas substâncias - material e imaterial - mas elas são identificadas como corpo e espírito, e não como corpo e alma. Tiago 2.26 é consistente com esta dualidade e usa os termos corpo e espírito: “o corpo sem espírito é morto”.

As duas passagens citadas com maior frequência para a visão tricotômica são Hebreus 4.12 e 1 Tessalonicenses 5.23. Hebreus 4.12 afirma: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”. Alguns acreditam que o texto esteja se referindo a dissecar o homem em partes. Ou seja, se a Palavra de Deus pode separar a alma do espírito, então estamos diante de duas substâncias distintas. Mas se a intenção da passagem é falar tecnicamente sobre as partes que constituem o homem, então ela cita pelo menos quatro substâncias que fazem parte do todo: alma, espírito, corpo e coração; e o coração ainda poderia ser dividido em pensamentos e propósitos. Parece mais correto dizer que esta passagem afirma que Palavra de Deus penetra nos aspectos indivisíveis do homem. Ela alcança o mais profundo do ser humano. Ela penetra no *interior* da substância do homem, não *entre* substâncias, fatiando em pedaços distintos. O fato de se fazer referência ao homem interior como alma, espírito e coração é um recurso poético comum para enfatizar que o homem é considerado como um todo. Por exemplo, Marcos 12.30 indica que devemos amar a Deus “de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a

¹⁷Nem todos os teólogos que sustentam a visão tricotômica forçam uma distinção técnica e precisa entre alma e espírito.

¹⁸GUNDRY, Robert. *Soma in biblical theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

força”. O acúmulo de termos é usado para expressar inteireza. É uma maneira forte de enfatizar que amar a Deus é uma resposta do homem por inteiro.

Talvez o máximo que a Bíblia pode dizer sobre a distinção entre alma e espírito é que *alma* enfatiza a pessoa em sua existência fraca, terrena, e *espírito* destaca nossa vida como derivada de Deus. Nenhum dos termos afirma que temos necessidades psicológicas e moralmente neutras. Em vez disso, elas são palavras que se sobrepõem referindo-se ao homem interior, o aspecto imaterial do ser humano ou da pessoa que vive diante do Deus Santo.

A imagem de Deus no homem

Um entendimento bíblico da doutrina da imagem de Deus no homem igualmente se distancia do entendimento baseado em necessidades. A compreensão apropriada da imagem de Deus nos ensina a ver o homem, em sua verdadeira essência, como um ser que vive *diante* de Deus e *para* Deus. Os seres humanos não são definidos essencialmente como pessoas que anseiam por relacionamento.

Para estabelecer uma base exegética sólida, consideraremos duas perguntas cruciais feita por Crabb: “Quem é Deus” e “Como o homem se assemelha a Deus?”. Imagem tem a ver com semelhança, produto, ou analogia (p. ex., Gn 5.3), de modo que qualquer doutrina da imagem de Deus precisa considerar o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. Somente após adquirir um correto entendimento de Deus é que podemos começar a perguntar “Quem é o homem?”. Como João Calvino disse, “homem algum pode fazer um exame de si mesmo sem ter que imediatamente se voltar para a contemplação do Deus em quem ele vive e se move”. Olharemos primeiro para

quem Deus é, e depois para como o homem se assemelha a Ele.

Quem é Deus e qual a Sua paixão?

Deus e Seu reino, em resumo, dizem respeito a Deus. O Pai se compraz no Filho. O Filho está absorto no Pai e não quer nada a não ser a vontade do Pai. O prazer maior de Deus está em Si mesmo.¹⁹ Isso pode parecer estranho a princípio, mas como poderíamos esperar que Deus fosse consumido com qualquer coisa que não Sua própria perfeição e santidade? O alvo de Deus é a própria glória, e a glória de Deus é o próprio Deus. Ele quer magnificar o Seu grande nome. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.36).

Perceba a diferença entre o que acabamos de dizer e aquilo que ouvimos e lemos sobre a imagem de Deus definida em termos de anseios. Na psicologia das necessidades, a expressão de louvor a Deus tem base naquilo que Ele fez por *mim*. Mas a Bíblia diz que, embora Deus mereça agradecimento humilde por aquilo que Ele fez por mim, Ele é digno de louvor *simplesmente porque Ele é Deus*. Nossos pensamentos devem descansar naturalmente no grande “Deus da glória” (At 7.2), e não em nossos anseios pessoais. Vista e entendida de maneira correta, esta glória é consumidora. Os israelitas não irromperam em cânticos porque seus anseios foram satisfeitos; eles exaltaram a Deus simplesmente porque Ele é exaltado: “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em

¹⁹Uma abordagem útil a respeito deste tema encontra-se no livro de John Piper *The Pleasures of God* (Multnomah: Multnomah Press, 1991).

feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Ex 15.11).

Olhe por um momento para esta glória. Ela é arrasadora. Veja-a em sua grandeza acima de todos os maiores e mais poderosos reis da terra, em Seus sinais extraordinários diante de Faraó e Seu controle até mesmo sobre a sanidade de Nabucodonozor. O trono de Deus está acima de todos os demais. Isaías ficou assombrado diante da grande glória de Deus (Is 6). E a visão da Sua glória registrada por Ezequiel (Ez 1) e o apóstolo João (Ap 4) é espantosa, quase impossível de ser descrita. Sempre que Deus apareceu a Seu povo, foi em glória. Sua glória enche toda a terra (Nm 14.21). Até mesmo a criação faz eco ao clamor celeste de “glória” (Sl 8, 148, 150). Quando Deus apareceu aos israelitas murmuradores, “eis que a glória do SENHOR apareceu na nuvem” (Êx 16.10)—um brilho que era intenso como o fogo e vital como o sol. Quando o tabernáculo foi levantado, “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do SENHOR enchia o tabernáculo” (Ex 40.35). Agora que esse tabernáculo tomou forma humana na pessoa de Cristo, e à medida que nós refletimos Sua glória, o maior desejo de Deus é que esta glória seja conhecida por toda a terra.

Vários termos são usados quase que de modo permutável com glória: santidade, honra, brilho, Seu grande nome, beleza, esplendor, e majestade. O principal entre estes é santidade. A santidade gloriosa de Deus resume Sua Pessoa. O Santo dos Santos é o lugar de Sua presença. O livro de Levítico é um livro de santidade, e resume a tarefa do homem dentro da aliança como “sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11.44). Um olhar de relance na sala do trono é acompanhado inevitavelmente pelo ressoar do coro: “Santo, santo, santo é o SENHOR

dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6.3).

Essa gloriosa santidade imponente certamente expressa a natureza transcendente de Deus, deixando óbvio que Ele é único e sem par, e enfatizando que Ele é intocável e distinto de Suas criaturas. Todavia, Sua *alteridade* transcendente não capta completamente Sua santidade gloriosa. Embora seja verdade que Deus é incomparável e deve ser temido, Sua santidade gloriosa é manifestada em atos poderosos de envolvimento íntimo com Seu povo. De modo bem concreto, as duas expressões principais desse envolvimento íntimo e diário de Deus com Seu povo são Seu amor e Sua justiça.²⁰ Deus é gracioso e compassivo, lento para se irar e abundante em amor, mas Ele também não deixa o culpado sem punição (Ex 34.7). O Novo Testamento é a história do amor encarnado, mas Jesus também reivindicou para Si um ministério de justiça e julgamento. Diante disso, Paulo pede que consideremos “a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11.22).

Seria possível considerar *anseio por relacionamento* como um dos atributos centrais de Deus, como se Deus tivesse um déficit a ser preenchido nesta área? Esta idéia distancia-se do retrato bíblico do Deus da glória, e motiva a ortodoxia a se preocupar em defender a verdade da auto-existência de Deus. Em lugar de ansiar por relacionamento, na busca de conseguir algo que O possa satisfazer, Deus opera ativamente nos relacionamentos arruinados pelo pecado humano. A atividade do Deus de amor reconcilia e restaura estes relacionamentos, ensinando pessoas egoístas a amar a Ele e a outrem.

Olhe mais uma vez para a santidade gloriosa de Deus. Ela é expressa não apenas

²⁰Richard Loverace, em seu livro *Renewal* (Downer Grove, Ill.: InterVarsity, 1985), usa amor e justiça como resumo dos atributos de Deus.

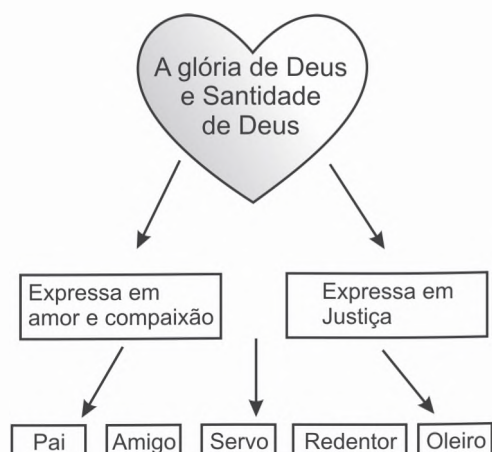


Figura 3. Um resumo dos atributos de Deus

por cenas imponentes que retratam Seu trono, mas também é comunicada por figuras mais familiares. Por exemplo, Ele é o noivo amoroso que espera a noiva imaculada. Ele é o anfitrião que convida a todos para o banquete, mas espera que os participantes vistam as roupas que lhes foram dadas. Ele é o redentor que redime Sião com justiça (Is 1.27). Ele é o juiz sobre toda a terra, e Seu próprio Filho fez-se advogado de Seu povo inglório. Ele é o pai, a mãe, o filho submisso, o servo sofredor, amigo, pastor, oleiro, e assim por diante. Certamente, imagens e retratos de Deus estão por toda parte na Bíblia, e cada retrato é uma expressão de Sua santidade gloriosa.

Essas *fotos instantâneas* que Deus nos dá de Si mesmo são muito mais que uma acomodação da Sua Pessoa à linguagem humana. Deus não está usando o nosso entendimento da palavra *servo* para dizer que Ele é semelhante a um servo. Não, Deus é o servo, o marido, o pai, o irmão e o amigo. Qualquer semelhança com o mundo criado deve-se simplesmente à glória de Deus derramada na criação e nas criaturas. Toda vez que você reconhecer essas imagens em outras pessoas, embora distorcidas, elas são um tênue reflexo

do original. Eu sou um pai porque Deus é um pai. Eu sou um trabalhador porque Deus é o trabalhador original (figura 3).

Todos estes retratos se juntam em um único quando presenciamos a santidade gloriosa em Jesus Cristo, a imagem da glória de Deus (Hb 1.3). “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.” (Jo 1.14) Ele é chamado “o Santo de Deus” (Mc 1.24; Jo 6.69). Sua paixão, como era de se esperar, foi a glória do Pai, e não um *anseio por relacionamento* abstrato. Por exemplo, antes da crucificação, Sua oração foi: “Pai, glorifica o Teu nome” (Jo 12.28). Em Sua oração, pouco antes de ser preso, Jesus pediu a Seu “Pai justo” (Jo 17.25) que glorificasse o Filho para que este, por sua vez, pudesse glorificar o Pai. O desejo mais profundo do coração de Jesus era a glória de Seu Santo Pai, e esse desejo foi expresso em amor e justiça. Este é Aquele em quem devemos fixar os olhos em busca de sermos possuidores da imagem do Deus Altíssimo.

Quem é o homem?

Munido de um entendimento de Deus, a pergunta “Quem é o homem?” passa a ser perfeitamente viável. Como o homem se assemelha ao Deus Criador? O objeto da maior afeição de Deus é Ele mesmo: o Pai, o Filho e o Espírito. Como resultado deste grande amor pela Sua glória, Deus quer que a Sua glória encha toda a terra. O homem é semelhante a Deus no sentido de que o objeto de suas afeições deve ser Deus, assim como o próprio Deus se agrada nEle mesmo. Isso é expresso mediante uma paixão por proclamar a glória de Deus. Devemos fazer o Seu nome famoso, ou seja, santificá-LO ao redor do mundo; devemos declarar a vinda do Seu reino glorioso. Como diz o

Catecismo de Westminster, o fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre.

Em lugar de um tanque de amor ou um âmagoco, a imagem mais precisa é aquela de Moisés literalmente refletindo a glória de Deus (Ex 34.29-32). Moisés estava radiante porque fora convidado à presença de Deus e presenciara a santidade gloriosa de Deus bem como fora protegido dela. Conquanto isso possa parecer maravilhoso, Deus fez os possuidores renovados da Sua imagem ainda mais gloriosos que Moisés. O povo de Deus certamente ainda depende de Sua presença para ser possuidor da Sua glória, mas a Sua presença não é mais dada por meio de teofanias ocasionais nem é dependente do tabernáculo. O povo de Deus entra hoje em Sua presença pela fé. O Espírito Santo vem habitar em nós pela fé e, como resultado, podemos nos tornar cada vez mais radiantes, tomados de um brilho que não desvanece. “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18).

Isso significa que a essência da imagem de Deus no homem está em nos alegrarmos na presença de Deus, amarmos a Ele acima de tudo mais, e vivermos para a glória de Deus, não para a nossa. À medida que aprendemos a amar a Deus e ao próximo pela graça, expressamos a imagem gloriosa de Deus. O centro de gravidade no universo de Deus é Sua santidade gloriosa - não os nossos anseios. E a pergunta mais básica da existência humana passa a ser “Como posso glorificar a Deus?”, em lugar de “Como meus anseios serão satisfeitos?”. Essas diferenças produzem uma luta no nosso coração: um lado atrai-nos constantemente para Deus como servos

da Sua vontade; o outro, para longe de Deus como servos de nossos anseios.

Uma diferença óbvia entre a *imagem como necessidade de relacionamento* e a *imagem como reflexo de glória* está em onde situamos a própria imagem. A teoria das necessidades diz que a imagem de Deus no homem é um lugar dentro do próprio homem. É um ponto - um âmagoco - passivo e facilmente prejudicável. Mas a imagem como promotora ativa de glória define o homem como um ser ativo, que glorifica a Deus ou a si mesmo. Neste sentido, a imagem de Deus no homem é um verbo. Fé, o meio pelo qual refletimos a imagem, é expressa pela nossa maneira de viver, em vários sinônimos: imitar a Deus (Ef 5.1), representar a Deus (2 Co 5.20), espelhar ou refletir a glória de Deus (Ex 34.29-35), amar a Deus, e viver de acordo com a Sua vontade. Sempre que estas expressões de ação aparecem nas Escrituras, atrás delas está a doutrina da imagem de Deus no homem.

Será que *anseio por relacionamento* é de fato um dos atributos centrais do homem, como se tivéssemos um déficit a ser preenchido no que diz respeito a necessidades? Assim como vimos que isso não é verdadeiro com relação a Deus, também não é verdadeiro para o homem criado à imagem de Deus. A verdade bíblica é que todas as pessoas já existem em relacionamento com Deus e o próximo: maus relacionamentos. Estes relacionamentos são maus por uma razão específica: o pecado e a distorção da imagem de Deus. A Bíblia conduz nossa atenção para a causa, e não para o resultado ou para nosso desejo de que o resultado fosse diferente. Podemos ansiar por gozar de relacionamentos livres de tensão e cheios de profunda aceitação amorosa. Mas a preocupação com este anseio afasta-nos da questão principal: será

que nós mesmos amamos, aceitamos a ou-
trem e somos pacificadores? Jesus resumiu a
questão central da vida humana não em uma
declaração sobre nossos anseios, mas nos
dois Grandes Mandamentos. Estes mostram
exatamente como fracassamos em refletir a
imagem de Deus. Mas Jesus, o possuidor
perfeito da imagem de Deus, encarnou o
amor a Deus e ao próximo quando suportou
relacionamentos desgastantes, traição e atro-
cidades nas mãos de homens, e finalmente
o cálice da ira de Deus. Jesus exemplificou
a imagem renovada de Deus, mas não o fez
buscando em Deus a satisfação de anseios

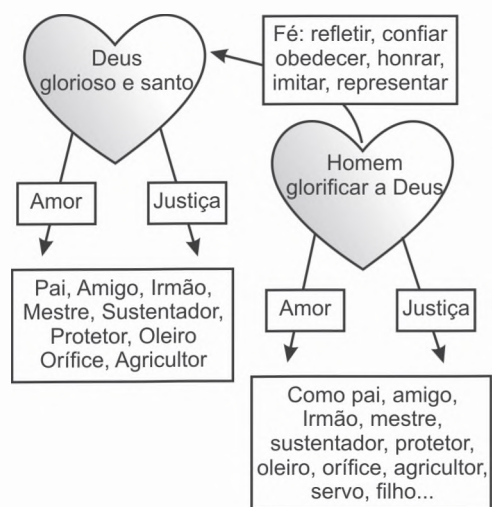


Figura 4. Relacionamento e semelhanças entre Deus e o homem

instintivos por relacionamento e aceitação. Pelo contrário, Ele o fez mediante a fé, preenchendo as condições para ser aceito. Hoje somos aceitos pela graça, porque Ele foi aceito, e somos transformados progressivamente pela graça para sermos semelhantes a Ele na fé e obediência.

Quando o fato de sermos possuidores da imagem de Deus determina nossa maneira de viver, em lugar de determinar aquilo que queremos receber, chegamos diretamente ao

coração das Escrituras: “a fé atua pelo amor” (Gl 5.6). Os possuidores da imagem de Deus expressam-se em atos sinceros de obediência, aparentemente pequenos, mas que têm implicações eternas. Os possuidores da imagem de Deus amam a Deus e ao próximo. Esta é a idéia básica: a glória de Deus é manifestada por meio de atos concretos de amor e justiça, e como possuidores da Sua imagem devemos imitar a Deus em amor e justiça.

Como podemos expressar amor e justiça? Imitando, em nome de Cristo, os vários retratos de Deus fornecidos nas Escrituras. Um pai que, por Cristo, joga futebol com seus filhos está refletindo a imagem de Deus que investe tempo em Seu povo. Um filho que arruma a mesa ou lava a louça do jantar em obediência a Cristo está refletindo a imagem do Deus servo, e glorificando a Deus. Um trabalhador que cumpre sua tarefa no mundo com o desejo de servir a Cristo está refletindo a imagem do Filho que trabalhou por nós (figura 4).

Munidos de um entendimento bíblico do que significa refletir a imagem de Deus, podemos identificá-la agora em *toda* a Escritura. A Bíblia passa a ser a história da imagem de Deus desfigurada e mais tarde renovada. Em Gênesis 1, o homem é chamado a glorificar a Deus ou representá-LO, refletindo a Sua imagem ao administrar o reino e se reproduzir. A necessidade central de Adão era ter prazer na presença de Deus, amar e glorificar a Deus. Esse amor era expresso no cuidado para com a criação, na reprodução e na obediência à ordem de não comer da árvore proibida. Mas refletir a imagem de Deus é algo que não podemos fazer sozinhos, é algo que compartilhamos com outros. Apenas Deus a possui por completo. Em um sentido prático, a ordem de Deus para reproduzir, como meio de Lhe dar glória, não podia ser cumprida por um único indivíduo.

Por isso Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem.

Necessitamos uns dos outros, mas não para satisfazer necessidades psicológicas deficitárias. Precisamos uns dos outros porque a ordem para se reproduzir e exercer mordomia sobre a criação, bem como sua companheira neotestamentária - a Grande Comissão - não pode ser cumprida por uma pessoa sozinha. Necessitamos de outros para nos ajudarmos "uns aos outros" a crescer à imagem de Deus. A glória de Deus é manifestada em sua plenitude pelo corpo e não apenas pelo indivíduo. Necessitamos de missionários, mães, pais, pastores, professores de escola dominical e zeladores para que a igreja funcione de acordo com o propósito de Deus (1 Co 12.12-27). Os possuidores da imagem de Deus não são solitários.

A história das Escrituras fala de imagem caída. Embora o homem continue a ser possuidor da imagem de Deus, a desobediência de Adão resultou em mudanças fundamentais. A direção do coração humano se voltou de Deus para si mesmo. No jardim, o homem começou a repetir um refrão que persistirá até a volta de Cristo: "EU QUERO". "Eu quero glória para mim, em lugar de dar toda a glória a Deus." "Amarei meus desejos pessoais, em lugar de amar a Deus." Essa disposição é conhecida como idolatria, e definida como insensatez: renunciamos a nosso status de possuidores da imagem de Deus e trocamos a glória de Deus pela imagem de criaturas (Jr 2.11; Os 4.7, Rm 1.21-25).

Até aqui, a Bíblia parece se manter calada sobre as necessidades psicológicas. Ela diz que dependemos de Deus para todas as coisas, mas mantém silêncio quanto aos anseios por amor e significado. Será que o "EU QUERO" de Adão teria sido a primeira expressão de necessidades psicológicas?

Será que a origem dos anseios psicológicos está na recusa de amar a Deus e receber o Seu amor? Será que, a partir de Adão, o ímpeto da vida humana não começou a se mover para dentro, em direção aos desejos do eu, em lugar de para fora, em direção a desejar conhecer e fazer a vontade de Deus? Não queremos dizer com isso que o pecado original consistiu em gostar de ser amado. Certamente não foi. E também não queremos dizer que a ferida profunda que resulta de uma experiência de rejeição é algo errado. Não é. Encontrar prazer em receber amor e ter satisfação quando da execução de um trabalho são dádivas boas, e ficar ferido quando outros pecam contra nós é como *deveríamos* reagir. Mas como toda idolatria, a questão não é tanto o que desejamos, mas o quanto o desejamos e porque.

Anseios têm muito a ver com cobiça. Elevar nosso desejo de amor, impacto ou outros prazeres a ponto de serem necessidades é gritar: "EU QUERO. Eu preciso ter. Meus desejos são o alicerce do meu mundo". Estes anseios não existiriam se estivéssemos dispostos a amar a Deus e não a nós mesmos. Uma resposta bíblica a estas paixões é arrependimento, e não a busca de satisfação, mesmo que um senso temporário de satisfação possa ser aparentemente encontrado em Cristo. Digo "temporário" porque as paixões nunca podem ser completamente satisfeitas, e porque o Cristo verdadeiro está trabalhando para destruir os anseios ardentes, em lugar de satisfazê-los. O tanque de necessidades psicológicas deve ser quebrado, em lugar de enchido.

Quando certo filme cristão sugeriu que um adolescente pode ser atraído a Cristo pela isca de notas melhores após a conversão, não estaria fazendo um apelo às paixões em lugar de apontar para o perdão de Cristo para aquelas paixões? O evangelismo dos

israelitas nunca chamou os vizinhos idólatras à adoração do Deus verdadeiro porque Yahweh proporcionaria melhores colheitas que seus ídolos. Na Palavra de Deus, as pessoas eram chamadas, e são chamadas, a se voltarem de seus ídolos porque a idolatria é contrária a Deus.

Muito embora desde Adão o homem procure satisfazer os próprios desejos em lugar de obedecer a Deus, Deus ainda tenciona glorificar a Si mesmo, e isso é exatamente o que Ele fez no Antigo Testamento. O fato do homem ter perdido o status de possuidor da imagem de Deus resultou, na verdade, em maior glória para Deus. Deus recolheu os destroços, escolheu para Si homens que foram chamados pelo Seu nome - como Sete, Noé e Abraão - e destes fez surgir uma nação chamada a ser representante dEle como possuidora da Sua imagem: "Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo" (Lv 19.2).

Como prévia daquilo que haveria de vir, Deus escolheu sacerdotes de entre o povo para que O representassem servindo exclusivamente diante dEle no tabernáculo. No entanto, à semelhança de Adão e Eva, os sacerdotes estavam nus e envergonhados diante de Deus. Eles necessitavam da cobertura de Deus para ministrar em Sua presença. Deus fez então vestes que em nada deviam a trajes reais. Estas vestes conferiram-lhes "glória e ornamento" (Ex 28.2) e incluíam, entre outros itens que refletiam a imagem de Deus, "uma lâmina de ouro puro gravada à maneira de gravuras de sinetes: Santidade ao SENHOR" (Êx 28.36).

No Novo Testamento, em Cristo, estas vestes estão disponíveis a todos. Elas são dadas livremente, mas precisam ser usadas. Elas são essenciais para glorificar a Deus. Elas também instituem o povo de Deus como

"raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus (1Pe 2.9), além de que desempenham o papel de bonitas vestes nupciais que o povo de Deus vestirá na consumação dos tempos, quando Ele tiver completado o processo de renovação da imagem.

No Novo Testamento, os livros que tratam com maior profundidade da doutrina da imagem de Deus no homem são Romanos e Efésios. Romanos 1.18-23 é o texto clássico do Novo Testamento que resume a imagem desfigurada. Ele mostra que todos nós - crentes e descrentes - conhecemos a Deus (1.21). Conhecemos a natureza divina de Deus e seus decretos justos, mas seguimos a ídolos em lugar de viver para a glória de Deus. A consequência é que todos os possuidores da imagem ficam aquém da glória que teriam se confiassem apenas em Deus (3.23). O apóstolo Paulo contrapõe a este cenário a graça de Deus, que dá vida. O resultado é que somos feitos Sua descendência.

O livro de Efésios também se detém nesta doutrina. Ele mostra que fomos adotados "para louvor da glória de sua graça" (1.6) e "somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras" (2.10). Espelhamos a Cristo com maior clareza quando há unidade entre o povo de Deus (2.19-22). Somos descendência de Deus (3.15). Podemos andar na escuridão, vivendo por nós mesmos, ou podemos andar na luz (4.17ss). Deus está criando em nós um "novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (4.24). Como isso acontece? Deus nos deu vida em Cristo, e agora nós O imitamos (5.1) com passos fiéis de obediência diária, tais como falar a verdade, trabalhar diligentemente, falar palavras que edificam, amar a esposa, submeter-se ao marido e obedecer aos pais.

Necessidades revisadas

Então, qual é a nossa necessidade real? As Escrituras dizem, em *algum lugar*, que necessitamos de relacionamento para satisfazer anseios? Elas dizem que temos um anseio por significado e valor *dado por Deus*? Não. As Escrituras mostram que necessitamos de Deus, mas necessitamos dEle como imagem que devemos refletir, necessitamos dEle porque temos necessidades espirituais, e necessitamos dEle para o próprio fôlego de vida. As Escrituras também mostram que necessitamos uns dos outros, mas não para preencher um vazio de criação. Necessitamos uns dos outros para refletir a glória de Deus, visto que a comissão que Ele deu a Seu povo deve ser cumprida corporativamente.

E então, por que muitas pessoas se sentem vazias? De onde vêm estas necessidades? Existem algumas possibilidades bíblicas. A maneira bíblica mais óbvia de reestruturar a noção popular de necessidades é que os anseios ou necessidades, especialmente necessidades psicológicas, podem ser um eufemismo para paixões e idolatria. Anseios podem revelar uma preocupação excessiva com o eu e seus desejos.

Também é possível que o vazio e o senso de necessidade psicológica sejam um ressoar distante do conhecimento universal de Deus e de Sua santidade de acordo com Romanos 1. Ou seja, nós de fato estamos vazios diante de Deus, mas visto se tratar de uma verdade tão assustadora, preferimos que ela seja reprimida e experimentada como uma necessidade de relacionamento com pessoas (necessidades psicológica) e não com Deus (necessidade espiritual). De acordo com esta perspectiva, a preocupação com a baixa autoestima é mais precisamente um eco distante da lei de Deus que diz que, por nós mesmos, não estamos à altura da lei de Deus.

Outras explicações para este vazio têm origem no fato de vivermos em um mundo pecaminoso que está debaixo de maldição, e onde outros pecam contra nós. Por exemplo, quando um cônjuge morre, o vazio é uma reação bíblica apropriada. Algo belo foi removido da vida (necessidade como desejo). Há um grande senso de perda. Esse vazio, todavia, é consequência da maldição estampando-se em nossa psique, e não o resultado de termos sido criados com anseios psicológicos.

E quanto à crença comum de que temos um coração com a forma exata de Deus, que pode ser saciado apenas por Deus? É certamente uma verdade. Mas o vazio, neste caso, é uma expressão de que necessitamos da justiça de Deus para substituir nossa condição espiritual deficitária. Ainda mais, o senso de vazio lembra-nos de que não temos nenhuma capacidade para reparar nossos próprios pecados. Não encontramos nada em nós mesmos que alcance a retidão de Deus. Todavia, quando nos voltamos do pecado para Cristo, há um senso de satisfação divina que nos faz transbordantes - mais que cheios - do amor de Cristo. Qual é a nossa verdadeira necessidade? Necessitamos ser atingidos pela glória de Deus, ser cativados por Seu amor, e ser fiéis à medida que andamos em obediência a Ele, mesmo no sofrimento.

Aconselhando possuidores da imagem de Deus

Que diferença prática faz a idéia de que a imagem de Deus no homem expressa-se por glorificarmos ativamente a Ele? Na criação de filhos, significa dirigir-se à consciência da criança (o conhecimento inato de Deus e do certo e errado) mais que a um senso de anseios insatisfeitos. Quando você chama seus

filhos à obediência, você quer atingir o mais profundo do seu coração e lembrar que eles estão servindo a Cristo, e não a si mesmos. Aos adolescentes apontamos a grandeza de Deus e as necessidades espirituais, em lugar de apontar a maneira como Jesus pode satisfazer a cobiça por significado. No aconselhamento, levamos as pessoas a necessitar menos e amar mais. Em lugar de identificar os anseios e esperar que Cristo os satisfaça, alguns desses anseios são mortificados.

Nancy é uma esposa de 25 anos, mãe de duas crianças. Ela conviveu com um pai que costumava estar bêbado e uma mãe que ignorava suas súplicas quando o pai a tratava com crueldade. Nancy cresceu sentindo-se sem valor e vazia. Ela procurou aconselhamento por achar que seu marido não estava satisfazendo as suas necessidades; em consequência, ela se expressava alternadamente com ira ou depressão.

Sem dúvida, é triste presenciar uma história de crueldade e negligência na própria família, e Nancy precisava entender o que Deus diz àqueles que foram prejudicados por outrem. Mas se o senso de falta de valor e vazio levou Nancy a crer na idéia de que interiormente ela tinha o formato de um tanque vazio de amor, então ela precisava também ser reformatada em outro tipo de recipiente - uma abordagem fiel às Escrituras e também capaz de aliviar seu sofrimento.

Uma razão que leva os cristãos a responderem positivamente à psicologia das necessidades é porque ela leva a sério a dor. Mas trata-se de uma perspectiva que, na verdade, agrava a dor. Ela intensifica a complexidade da questão, afirmando que os pecados de outrem não apenas ferem profundamente, mas também nos privam da satisfação de uma necessidade - um direito necessário à vida. Ser ferido profundamente já é duro o suficiente, mas quando acreditamos que o

pecado cometido contra nós é quase que um tiro mortal que danifica o âmago do nosso ser, a dor é intensificada. Por exemplo, se alguém nos rouba uma jóia preciosa, é muito triste; mas se aquela jóia era o único recurso financeiro para a aposentaria, então a perda sentida é muito maior. Uma das primeiras tarefas do aconselhamento é fazer distinção entre a dor real e a dor ampliada por nossas paixões e anseios. O resultado será uma tristeza natural, piedosa.²¹

Considerando com Nancy aquilo que Deus diz aos que sofrem, a pergunta pode ser “De que você necessita?”. No contexto de Nancy, a resposta mais provável seria: “Necessito de que meu marido me escute e satisfaça minhas necessidades emocionais”. Uma outra pergunta pode vir a seguir: “Nancy, você já percebeu que tendemos a ser controlados pelas coisas de que necessitamos? Talvez fosse melhor perguntar ‘De que você necessita?’ de uma maneira diferente: ‘O que controla a sua vida?’ ou ‘Em quem ou no que você deposita a sua confiança?’”.

Gradualmente, à medida que Nancy começa a perceber que o problema principal está em decidir em quem ela irá confiar, sua *necessidade de marido* pode ser identificada com o termo bíblico *temor ao homem*. À semelhança de muitos outros crentes, Nancy deixou que pessoas controlassem a sua vida. Ela passou a temer as pessoas, colocando nelas a sua esperança. Além do mais, como em todo temor ao homem, havia em Nancy uma forte preocupação consigo mesma. Ela confiava em outros porque entendia que tinham poder para lhe dar aquilo que ela queria. Mais uma vez, vemos aqui a sutileza da psicologia das necessidades, levando as pessoas a se voltarem para si mesmas.

²¹Veja o artigo do mesmo autor *Exaltar a dor? Ignorar a dor? O que fazer com o sofrimento?*

Necessitamos de pessoas devido àquilo que queremos. Tememos ao homem porque esperamos que outros nos satisfaçam.

O temor ao homem não tem origem em uma necessidade com a qual fomos criados. O temor ao homem vem de nosso próprio pecado. Consiste em adorar a outros para nosso benefício pessoal. Uma vez estabelecida esta questão, a resposta é mais do que simplesmente voltar-se para Cristo para a satisfação de necessidades. Isso seria fazer de Jesus um ídolo pessoal a serviço de nossos propósitos. A resposta é, em primeiro lugar, permitir que Deus quebre nossos desejos egoístas e nos ensine o que significa temer somente a Ele. A pergunta não é mais “Onde posso encontrar valor pessoal?”, mas “Por que estou tão preocupado comigo mesmo?” A pergunta não é “Como Deus pode satisfazer minhas necessidades?”, mas “Como posso ocupar-me com a glória de Cristo a ponto de esquecer as necessidades que sinto?”.

A esta altura, uma passagem bíblica como Jeremias 17.5-10 pode resumir a experiência de Nancy. Ela mostra que temor ao homem é uma maldição que nos faz sentir necessitados ou vazios. A alternativa, a confiança em Deus, é uma bênção que conduz à vida e à plenitude. A causa desse vazio, todavia, é que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas” (17.9) e não “o coração é necessitado e precisa ser satisfeito”.

Nossa tarefa consiste em aprender a temer a Deus. É preciso mostrar a Nancy que seu marido, embora possa ter errado para com ela, é também um de seus deuses. Ela o escolheu para satisfazer os seus desejos. A resposta de Nancy a Deus deve ser voltar as costas a estes desejos egoístas e saber que Ele é muito maior que qualquer outro deus forjado pelo homem. A resposta é olhar para os retratos de Deus na Bíblia até estar

completamente dominada por Sua majestade. Nancy precisa também aprender a amar seu marido, refletindo a Pessoa de Deus, à medida que responde à Sua graça.

Você tem um versículo favorito que fale a respeito de Deus? Considere passagens como Isaías 6, Ezequiel 1 ou o livro de Apocalipse. Você pode pedir a Nancy para começar a ler as Escrituras com esta pergunta em mente: “Como posso ver a glória de Deus na Bíblia?”. Bons livros devocionais podem ajudar. Livros como a coleção de *Crônicas de Nárnia* de C. S. Lewis também podem contribuir para um conhecimento mais nítido de Deus. Às vezes, descobrir nossas necessidades mais profundas por meio do estudo e uso das orações das Escrituras também pode exaltar a Cristo e acabar com o senso de necessidades psicológicas. Por exemplo, a oração do Senhor começa pedindo que o nome de Deus seja glorificado e santificado. Ela mostra que nossa necessidade mais profunda é ter um coração ardente pelo reino de Deus. Talvez Nancy possa criar o hábito de orar sinceramente o Pai Nosso e outras orações das Escrituras.

Nancy também precisa entender a sua verdadeira forma. A figura do tanque vazio deve ser eliminada, embora os anseios por amor provavelmente ainda venham à tona muitas vezes, e precisa ser substituída por figuras bíblicas de possuidores da imagem de Deus. Há muitos destes retratos nas Escrituras, incluindo as figuras de amigo, sábio, profeta, sacerdote, rei, cônjuge. Algumas podem calhar melhor que outras, dependendo da pessoa, mas há uma grande quantidade de figuras repetidas ao longo das Escrituras que nos contam algo sobre nós mesmos, nossa tarefa ou nosso Deus. A principal é “cristão” - um símbolo para “filho de Deus”. O cristão abriu mão de seu nome e assumiu o nome de Cristo. Sua identidade

está intimamente ligada à de Jesus, e Seu propósito é fazer o nome de Cristo afamado. Este era o propósito da adoção entre os romanos. À medida que Deus adota Seus filhos e eles passam a levar Seu nome, não há razão para se orgulhar de si mesmo, mas há plena razão para se orgulhar e encontrar grande prazer no amor dAquele que deu a nós o Seu nome.

Um retrato menos popular, mas igualmente freqüente nas Escrituras, é o de “servo” ou “escravo”. Embora livres em Cristo, os filhos de Deus são Seus servos. Nossa liberdade consiste em não estarmos mais sob o domínio de Satanás e de nossos desejos descontrolados. Agora somos livres para servir a Deus. A característica desta figura é que ela pode simplificar a vida que foi complicada quando os impulsos assumiram o comando. A pergunta é: “Qual o meu dever para com o Deus que me amou?” No caso de Nancy, seu dever inclui várias coisas. Como fruto de amor, ela pode fazer o bem a seu marido, falar com seu marido se ele errar para com ela, identificar as traves em seu próprio olho antes de apontar ao marido os argueiros no olho dele, obedecer de coração a Deus gozando do companheirismo de seu marido. Seja qual for a expressão que o serviço amoroso possa assumir, Nancy deve manter os olhos postos nAquele que a serviu (Jo 13.1-7).

Finalmente, um dos maiores privilégios de aconselhar Nancy é abençoá-la em nome de Cristo dizendo-lhe que “o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5). Isso pode parecer estranho se considerarmos que estamos rejeitando a noção de tanque de amor sustentada pela psicologia das necessidades. Será que as Escrituras estão dizendo que, afinal de contas, somos tanques de amor? Não é certo impormos a noção de necessidades psicológicas ao texto de Romanos 5.5. Embora o autor tenha em vista a metáfora de um recipiente, estamos diante de um recipiente com necessidades espirituais e não psicológicas. O contexto esclarece a natureza específica desse amor: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). Quando reconhecemos que as pessoas chegam a Deus na forma de pecadores desesperadamente necessitados de graça, como conselheiros vamos procurar “inundar” o aconselhado com o amor de Cristo. Esta deve ser nossa maior alegria: derramar o amor de Deus sobre aqueles que estão espiritualmente sedentos. Afinal, daremos grande glória ao nome de Cristo. “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

E se Você Não Foi Amado por seu Pai?



David Powlison¹

Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (1Jo 4.10).

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? (Rm 8.31,32).

O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado (Rm 5.5).

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no

qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.15,16).

Como chegamos a conhecer o amor de Deus Pai? Os versículos das Escrituras citados acima mencionam dois aspectos. Primeiro, há um fato histórico claro de que não podemos escapar: Jesus Cristo veio ao mundo para sofrer morte angustiante por amor aos pecadores. Segundo, há uma dinâmica interior poderosa: o Espírito Santo derrama em nosso coração o amor de Deus para gerar a confiança de que somos Seus filhos. Deus *nos amou*? Deus *nos ama*? Sim, e amém. O amor de Cristo - que transforma inimigos em filhos agradecidos - inclui tanto angústia como glória. Aquele que usou a coroa brutal de espinhos usa agora uma coroa radiante de glória. O amor de Deus é eficiente ontem e hoje.

Mas o que dizer de pessoas que parecem desconhecer tanto o fato como a dinâmica interior do amor de Deus? Você conhece pessoas assim. Eu as conheço. Ficam indiferentes diante da coroa de espinhos. Encolhem

¹Tradução e adaptação de *What if your father didn't love you?*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa., v. 12 n. 1, Fall 1993, p. 33-42.

os ombros aos gritos da cruz. Consideram o Espírito Santo uma teoria. Em seu coração há pouco ou nenhum lugar para “Aba, Pai”. Como atingi-las? Como Deus atinge tais pessoas?

Ouçã o que eu tenho ouvido repetidas vezes de conselheiros e de cristãos com lutas interiores: “Você não pode compreender verdadeiramente a paternidade de Deus se não teve um bom relacionamento com seu pai”. Esta afirmação relaciona-se a outra sobre métodos de aconselhamento e crescimento cristão: “Se a sua história de vida inclui problemas com seu pai, você precisa ter uma nova experiência paternal ou uma experiência emocional correlata. Você precisa do amor de um *pai-substituto*, terapeuta, mentor ou grupo de apoio para ser capaz de conhecer a Deus como um Pai amoroso”.

Essas afirmações são verdadeiras? Se o seu pai abusou de você, foi exigente, crítico, negligente ou egoísta, você está impossibilitado de conhecer a Deus como um Pai amoroso? Você precisa antes experimentar um relacionamento paternal humano que corrija o anterior para que então “Deus é meu Pai” venha a ser uma realidade que traz alento?

Quando devidamente examinadas, ambas as afirmações mostram-se falsas. Elas distorcem a natureza do coração humano e a razão pela qual as pessoas acreditam em mentiras a respeito de Deus, negam completamente o poder e a verdade da Palavra de Deus e do Espírito Santo e substituem o Deus Todo-poderoso por um terapeuta, cuja tolerância e afirmação reformatam o coração.

Não queremos, com isso, dizer que pessoas cujos pais falharam não projetam com frequência as imagens humanas no Deus verdadeiro. É comum que imaginem um deus semelhante a Satanás, e (naturalmente!)

afirmem que tal deus não é digno de confiança nem amoroso. A afirmação nº1 coincide de modo razoável com um fato comum: “Eu tive um pai detestável. Eu penso que Deus é detestável”. Mas a ligação plausível entre estes fatos é real? Você precisa indagar mais a fundo. Pessoas distorcem sua perspectiva de Deus *porque* tiveram pais que pecaram ou por alguma outra razão? Há pessoas cujos pais foram maus e que ainda assim têm um bom relacionamento com Deus? Há pessoas que não têm um bom relacionamento com Deus, embora seus pais tenham sido bons?

A afirmação nº2 também coincide plausivelmente com um fato comum: “Fez realmente diferença encontrar uma pessoa em quem posso confiar e, como resultado, meu relacionamento com Deus cresceu”. Sem dúvida, bons amigos, cuidadosos e sábios, são um auxílio tremendo para mudança. Um conselheiro piedoso é de muitas maneiras semelhante a um pai piedoso. Mas será que a explicação plausível para a mudança é a certa? Mais uma vez, há necessidade de indagação. Relacionamentos humanos encorajadores corrigem o problema de uma visão errada de Deus, ou há uma solução diferente? Há pessoas que conhecem alguém em quem podem confiar, e ainda assim continuam a não crer em Deus? O relacionamento com alguém em quem confiamos poderia nos enganar ainda mais a respeito de Deus?

Deus é meu Rei, Pastor, Mestre, Salvador e Deus

Comece a pensar na seguinte questão: no curso normal da vida, *nenhuma* das palavras que Deus usa para descrever a Si mesmo costuma ter experiências maravilhosas correspondentes. Pais pecadores não são os únicos a representar mal a Deus. Por exemplo, pense na expressão “*Deus é Rei*”. Os governantes humanos são com frequência

corruptos, tiranos, distantes ou incapazes. Para quem olhamos para exemplificar Deus Rei: a rainha Elizabeth? Bill Clinton? Sadam Hussein? os juízes do Supremo Tribunal Federal? Os governantes que refletem a imagem de Deus sempre foram notoriamente raros. A sua experiência com políticos e governantes incapacita-o para conhecer a Deus como Rei e Juiz? Não necessariamente. Deus fala em Sua Palavra a respeito de reis maus, medíocres e bons, de modo que possamos distinguir entre eles. Ele fala sobre o justo e o injusto, o honesto e o desonesto, o consistente e o instável. A Bíblia mostra o tipo de rei que é Deus, e fala a Seu respeito. Você permite à Palavra ou à experiência ditar a sua percepção de Deus? Se você costuma projetar a experiência humana em Deus, corre sério risco. Mas para os que ouvem o Espírito Santo, Ele argumenta pela Palavra e reinterpreta a experiência de vida. A verdade progressivamente instrui a vivência.

Considere outro exemplo: “*O Senhor é o meu pastor*”. Os pastores podem fornecer um modelo duvidoso. Poucos são como Phillip Keller, que retratou de modo cativante o cuidado e a sabedoria do ofício de pastor². O que aconteceria se os pastores que você conheceu na vida real fossem subalternos ignorantes ou beberrões indolentes? Ou se tudo quanto você conhece são ilustrações de livros que retratam cenas de jovens formosos cuidando de cordeiros em pastos verdejantes? Será que estas figuras descrevem a Deus? O Salmo 23 não tem poder para fortalecê-lo até que você conheça um pastor de ovelhas como Phillip Keller? Claro que não.

Considere também os pastores do rebanho de Deus que você conheceu. Algumas

pessoas podem apontar com alegria para um “pastor piedoso que teve um grande impacto em minha vida”. Mas outras pessoas cresceram sob falsos mestres, cobiçosos, arrogantes e descuidados, como Ezequiel 34 descreve. Isso quer dizer que você não pode ser confortado por Deus como Pastor até que você tenha a experiência de conhecer um pastor piedoso? Ezequiel 34 e João 10 afirmam o contrário. Deus presume que podemos ouvir palavras de conforto vindas diretamente dEle, mesmo que tenhamos sido traídos: “Eis que eu estou contra os pastores... Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar, diz o SENHOR Deus” (Ez 34.10,11,15). A existência da perversidade não nos faz cegos à pureza. Você continuará a crer na experiência com homens ímpios, ou a verdade de Deus mudará a sua vida? Segure primeiro o que vem antes. O Espírito Santo, com frequência, *usa* pastores piedosos, mas não *necessita* deles. Ele é poderoso o suficiente para revelar o Supremo Pastor mesmo que não haja modelos humanos correspondentes.

Considere agora que “*O Senhor é o meu mestre, e eu sou escravo sob seu jugo*”. Qual a nossa experiência comum com figuras de autoridade - professores, chefes, supervisores, administradores? Com frequência, há distanciamento, rivalidade, manipulação e suspeita entre autoridades e seus subordinados. A escravidão, literalmente, está repleta de degradação e ressentimento. Ainda assim, Deus escolheu esta palavra carregada de experiências negativas para representar Seu relacionamento conosco, e espera que nós a experimentemos com satisfação. Ele retrata a Si mesmo como senhor bondoso, e nós como Seus escravos voluntários. Que choque a linguagem de escravidão usada por Paulo deve ter causado a escravos ressentidos

²KELLER, Phillip. *Nada me faltará*: o Salmo 23 à luz das experiências de um pastor de ovelhas. Venda Nova, MG: Betânia, 1984.

e desesperados! Mas traz profunda libertação quando corretamente entendida. Mais uma vez, determinados tipos de experiência podem produzir verdades bilaterais. Há bons e maus relacionamentos entre senhor e escravo. Você vai acreditar em Deus ou no mundo que conhece? O Espírito Santo é poderoso para renovar mentes.

Considere a seguinte figura bíblica: “*Deus é meu Salvador, Resgatador e Ajudador*”. Quem são os seres humanos que representam o papel de salvador, resgatando ou recuperando outros? Talvez tenham um “complexo de messias”. Podem ser orgulhosos, intrometidos, cheios de justiça própria, controladores. Não é nada engraçado ser ajudado por ajudadores de *faz de conta*! Ou talvez eles sejam *capacitadores* que, na verdade, alimentam o problema com auto-confiança, um alto nível de responsabilidade, temores e sentimentalismo. São salvadores que ficam deprimidos ou amargurados com facilidade. Mas será que o fato de você ter conhecido apenas pseudo-salvadores em sua vida o impossibilita conhecer ricamente a Cristo como seu Salvador? Surpreendentemente, de alguma forma Deus parece ser capaz de revelar a Si mesmo como um Deus piedoso em sua plenitude sem que seres humanos tenham necessariamente exemplificado a piedade.

Considere um último exemplo, o principal: “*O Senhor é Deus*”. Qual é a experiência comum do homem com “Deus”? Dependendo da pessoa a que você ouve, Deus pode ser uma abstração filosófica, um poder mais elevado, um ídolo, uma experiência resultante de meditação, um tirano distante, um bom companheiro, uma energia criativa, um vovô bondoso, ou até você mesmo. Todos esses retratos de “Deus” deformam grosseiramente a Deus. É impossível conhecer o Deus vivo

e verdadeiro se gastei minha vida ouvindo e adorando estas imagens falsas? A Bíblia inteira repudia essa idéia e se dispõe a abrir os olhos do homem para convertê-lo das trevas para a luz (At 26.18). Deus está empenhado em mudar a mente das pessoas, e não é impedido por distorções. Ele pode revelar a Si mesmo, “resplandecendo em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6). Ele não precisa de pessoas que preparem o prato principal, para que Ele chegue mais tarde com a sobremesa. Deus é poderoso. A experiência de vida não tem poder supremo, e as pessoas podem se arrepender de ter crido em mentiras.

Em cada um dos exemplos acima, é absurdo dizer que a experiência de vida dita a maneira como a pessoa conhece a Deus. Na verdade, a própria experiência de desapontamento e distorção de imagem pode fazer com que se aspire a conhecer o *verdadeiro* Rei, Pastor, Senhor, Salvador e Deus. “Meu pastor nunca foi modelo de Deus para mim. Como me alegro em saber que Hebreus 13.20-21 é verdade, que o grande Pastor de todas as ovelhas derramou Seu sangue por mim e me ensinou a fazer a Sua vontade. Meu chefe é manipulador e enganador. Como me alegro em saber que Efésios 6.5-8 é verdade para mim e que eu posso servir a Cristo com integridade em lugar de me remoer em amargura e medo. O Deus de quem ouvi falar durante meus anos de crescimento assemelhava-se a um desmancha-prazeres distante. Louvo a Deus porque o Salmo 36 é verdade, e Ele é refúgio bem presente e fonte de amor, luz e alegria.”

O Espírito Santo pesa mais que as experiências frustradas. Então por que para tantas pessoas “*Deus é Pai*” parece ser uma exceção? Será que seu próprio pai é quem

precisa ditar o significado desta frase até que um *pai-substituto* lhe confira um novo colorido?

Mas Deus é meu pai?

Os conceitos de nossa cultura psicologizada saturam a maneira como as pessoas - mesmo aquelas que são crentes em Cristo - pensam a respeito de si mesmas e de outros. A fonte intelectual da idéia de que a experiência com seu pai determina a perspectiva que você tem do Pai celestial é a psicologia psicodinâmica e não a Bíblia. A idéia foi desenvolvida por homens como Sigmund Freud e Erik Erikson, que observaram pessoas fabricarem seus próprios deuses. A teoria psicodinâmica fez do “*de baixo para cima*” a explicação normativa para a noção de Deus. Ela nega que o Deus verdadeiro revelou a Si mesmo “*de cima para baixo*”, combatendo com a verdade as idéias vãs. O deus psicodinâmico nada mais é que uma projeção da psichê humana, e várias versões populares e variações dessa maneira de pensar inspiram nossa cultura.

“Se meu pai não me amou, eu não posso conhecer a Deus como um Pai amoroso.” Certamente esta idéia soa bem ao coração humano. Como pecadores, tendemos a produzir imagens falsas de Deus, e nossos pais são os primeiros candidatos para o retrato. Como pecadores, somos rápidos em omitir nossa responsabilidade pela própria falta de fé, gostando do papel de vítimas. Quando projetamos em Deus mentiras e imagens falsas, preferimos apontar para nossos pais como sendo a causa em lugar de olhar para o nosso próprio coração. O *insight* psicológico favorece a expressão da tendência pecaminosa. Gostamos de encontrar desculpas para a nossa falta de fé.

Em gerações anteriores, uma das desculpas humanas disponíveis para a falta de

fé era: “A igreja está cheia de hipócritas, por isso eu não quero saber de Deus”. A variação atual volta-se mais para a auto-piedade: “Parece que eu não consigo confiar em Deus”. Mas o efeito final é o mesmo. Nenhum clamor “Aba, Pai” brota do coração. Nenhuma dinâmica de pacificação característica dos “filhos de Deus” (Mt 5.9) ocorre nos conflitos da vida. “Meu pai não me amou, portanto, o egocentrismo, a auto-piedade e a descrença que me caracterizam têm uma razão básica. Alguém causou meu problema; alguém precisa remediá-lo”.

As técnicas terapêuticas seguem logicamente a premissa. “Seu pai foi distante e desinteressado. Você pensa que Deus é distante e desinteressado. Eu, o seu terapeuta, mostrarei interesse e darei atenção a você. Conhecer o meu amor permitirá que você pense em Deus como semelhante a mim, interessado e atencioso. Que afirmação chocante! (Ê por esta razão que ela é geralmente apenas insinuada, de modo que atinja as pessoas de mansinho, sem assustar). Perceba com cuidado o que eu quero dizer. Esta idéia de *pai-substituto* não apenas despreza a Palavra e o Espírito, mas substitui uma imagem falsa de Deus por outra igualmente falsa. A imagem de um deus insatisfatório criada pela alma humana, supostamente devido à impiedade dos pais, pode agora ser recriada à imagem de um terapeuta satisfatório.

É fácil perceber que o Deus vivo e verdadeiro não é semelhante a um pai abusivo, temperamental, que rejeita. O Deus verdadeiro enviou Jesus Cristo em uma missão de amor para salvar pessoas que não eram aceitáveis. No entanto, Deus também não se assemelha ao terapeuta benigno que a todos aceita. O Deus verdadeiro se ira e tem padrões imutáveis, e as pessoas a quem Ele ama são “fracas, ímpias, pecadoras, inimigas” (Rm 5). O Deus verdadeiro não é diabó-

lico. Mas Ele também não é Carl Rogers. A metodologia da *paternidade substitutiva* tem uma idéia errada de quem é o Pai e de como um pai deve ser. Ela sabe que tirania e negligência são erradas. Mas substitui estes pecados por outros, com extrema confiança no poder do terapeuta e (geralmente, com algumas exceções) nos afagos ao *eu*.

É uma versão do amor em que não há uma verdade absoluta, a morte para o eu nem o Salvador crucificado. Certamente não estamos querendo dizer que os conselheiros atenciosos e preocupados são irrelevantes para a mudança. Não precisamos fazer uma escolha eliminatória entre verdade e amor: pessoas crescem de acordo com a descrição de Efésios 4.15. A questão aqui é simplesmente colocar as coisas na ordem certa para que a nossa visão do amor humano esteja em sintonia com o amor de Deus, em lugar de competir com ele.

Mudança acontece quando o Espírito Santo derrama abundantemente o amor de Deus no coração por meio do evangelho. Todo aquele que recebe o Espírito de adoção como filho de Deus aprende a clamar "Aba, Pai". Pessoas mudam quando assumem responsabilidade por aquilo que crêem a respeito de Deus. As experiências da vida não são desculpa para crer em mentiras; o mundo e o diabo não desculpam a carne. Pessoas mudam quando a verdade bíblica é vista em cores e com som Dolby, mais viva e em tom mais alto que as experiências da vida. As pessoas mudam quando elas têm ouvidos para ouvir e olhos para ver o que Deus nos diz a respeito de Si mesmo.

O SENHOR consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece. Mas Sião diz: O SENHOR me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim. Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu

ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei. (Is 49.13-16)

Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. (Sl 103.10-13)

Estas palavras são verdadeiras - tanto em promessas como cumprimento. Deus fala aos temores e ansiedades de sofredores e pecadores.

Será que as pessoas chegam a conhecer este Deus porque conselheiros habilidosos tornam-se para elas *pais-substitutos*? Não, e a própria tentativa de fazer disso um paradigma de aconselhamento é idolatria. Mas será que os bons conselheiros não são como pais (e mães)? Sim, certamente.

Tornamo-nos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós. Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus. Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros, que credes. E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a

cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória (1Ts 2.7-12).

Por que um conselheiro deve ser assim? Porque Deus é assim. A diferença entre Paulo e a terapia da *paternidade substitutiva* é evidente. Será que Paulo foi um *pai-substituto* para os tessalonicenses para que, conhecendo o amor do apóstolo e transformados por este conhecimento, eles pudessem ser capazes de imaginar a Deus como Pai amoroso? De forma alguma. Esta idéia chega a ser uma blasfêmia.

Paulo foi enérgico, cuidadoso e exerceu autoridade como um pai-conselheiro levando a mensagem do Pai. O amor do Pai transforma pessoas; transformou Paulo. Conhecendo o amor divino, Paulo ofereceu amor, um amor que era tanto fruto como veículo da mensagem que ele transmitia a seus ouvintes. Deus está em primeiro lugar; o agente humano é significativo, mas secundário. O terapeuta atual reverte esta ordem. O conselheiro está em primeiro lugar; Deus é significativo (talvez, dependendo do enfoque pessoal), mas secundário. A questão que está em jogo não é se o conselheiro deve ou não ser paciente, bondoso e assim por diante. 1 Coríntios 13 já estabeleceu isso. A questão é determinar quem é o ator principal e quem o coadjuvante no drama divino da redenção. Se precisamos da aceitação humana para conhecer o amor de Deus, o psicoterapeuta passa a ser o ator principal.

Se você não recebeu o amor de seus pais, você *pode* conhecer o amor do Pai. Um conselheiro piedoso (assim como um pai ou um amigo) pode ser um instrumento. Mas a chave para mudança está entre você e Deus, não entre você e outra pessoa.

Olhando para alguns casos

Vamos descrever brevemente dois casos. Sandra é uma mulher de 28 anos que cresceu em um lar abusivo. Quando adolescente, ela foi abusada sexualmente pelo pai. Isso acrescentou um glacê amargo em um relacionamento que já era azedo. Sandra converteu-se durante o segundo grau. “Mas durante anos eu senti que nunca poderia conhecer a Deus como Pai porque tive um relacionamento péssimo com meu pai. Eu pensava em Deus como sendo semelhante a meu pai: uma pessoa em quem eu não podia confiar, exigente, sem misericórdia e imprevisível. Então percebi que meu maior problema era *eu*, e não Deus nem meu pai. Meu sistema de crenças estava de ponta cabeça. Eu estava projetando mentiras na Pessoa de Deus e deixando de acreditar na verdade a respeito dEle!”

Sandra alimentou a sua fé com a verdade. Deus Pai é digno de confiança, misericordioso, consistente. Ele pacientemente trabalhou em sua vida, ensinando-lhe a verdade a respeito do Pai. Sandra pôde ver que a sua noção de Deus não era *causada* pelas suas experiências de vida, mas por aquilo que o seu coração havia feito a partir da experiência que a prejudicou. À medida que Sandra se arrependeu e sua mente foi renovada, ela se libertou progressivamente dos antigos desapontamentos, amarguras, temores e exigências. Ela se tornou capaz de dizer de todo coração: “Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre”.

Guilherme é um homem de 36 anos cuja família foi abandonada pelo pai quando ele tinha apenas três anos. Ele é um cristão comprometido, maduro em vários aspectos, e que faz uso de seus dons. Mas ele procurou aconselhamento, queixando-se de uma sen-

sação antiga de que “Deus é distante, como meu pai era”. Em poucas palavras, havia três componentes significativos a trabalhar. Em primeiro lugar, Guilherme percebeu que, assim como a maioria de nós, ele deixou que a sua experiência de vida operasse como uma novela emocionante, a cores e com som Dolby. Em comparação, a Bíblia parecia um filme mudo, em branco e preto, sem graça. A carne produz este efeito, interpretando a vida pela lente de suas mentiras e desejos. Guilherme começou por acreditar em duas verdades centrais a respeito de Deus Pai. A primeira, que Deus **É** abundantemente misericordioso (Sl 103, 2Co 1.2 ss.). A segunda, que Deus **ESTÁ** comprometido diretamente com Seus filhos para ensinar, abençoar e transformar (Jo 15.2; Hb 12.1-14). Guilherme meditou nestas verdades e orou pela aplicação delas em sua vida. À medida que ele aprendeu a se arrepender das mentiras em que havia acreditado, ele descobriu que a imagem do Pai tornava-se viva.

Em segundo lugar, Guilherme passou pelo processo de encarar os pecados que ele estava evitando ver. A carne é enganosa. Ele descobriu que sua frase “Deus é distante, como meu pai era” em parte veio como resultado da influência da psicologia: um diagnóstico conveniente. É verdade, Deus parecia mesmo distante. E o pai de Guilherme tinha estado ausente. Mas quando examinadas, as duas coisas provam estar minimamente relacionadas, quase o mesmo que dizer “Estou irada porque sou do signo de Áries”. Na verdade, no início da vida cristã de Guilherme, Deus não lhe parecia nem um pouco distante. Mas alguns padrões específicos de pecado - fantasias sexuais, manipulação e distanciamento de pessoas, preguiça, amor ao dinheiro - estavam na raiz da distância persistente que Guilherme sentia com relação a Deus. A teoria psicodinâ-

mica havia transformado o relacionamento passado com os pais numa varinha de condão para explicar todas as facetas da vida. A Bíblia ofereceu a Guilherme uma explicação mais concreta e capaz de gerar mudança.

Em terceiro lugar, Guilherme encontrou alguns bons amigos e modelos (Pv 13.20; 1 Ts 2.7-13). Ele estivera isolado, mas encontrou pessoas para conhecer e ser conhecido, para amar e ser amado. Essas pessoas não substituíram a Deus nem mesmo substituíram o pai que Guilherme não havia tido. Assim como Guilherme, eram filhos de Deus que procuravam crescer à imagem do Pai. Com isso, Guilherme começou a ver a Pessoa de Deus em sua experiência de vida - confiar em Deus e obedecê-LO, em lugar de continuar vê-LO a partir de suas experiências. Não é de surpreender que seu relacionamento com Deus tenha passado por uma transformação tanto objetiva como experimental.

É possível você (e seu aconselhado) conhecer a Deus como Pai mesmo que seu pai tenha sido violento, enganador, frio... ou mesmo que ele o tenha desapontado ocasionalmente? A Bíblia responde SIM! Ouça, acredite, e junte-se a outros filhos do Pai!

Damos aqui um esboço simples de como crescer no conhecimento de Deus Pai mesmo que seu pai tenha pecado contra você.

1. Identifique mentiras específicas, crenças falsas, desejos, expectativas e temores que o governam e envenenam o seu relacionamento com Deus. Assuma sua responsabilidade.

2. Procure na Bíblia verdades específicas que se opõem às suas mentiras e falsas expectativas. Deixe estas verdades competirem com suas mentiras e anseios. Deve haver uma batalha interior diá-ria à medida que a luz e o amor de Deus combatem a escuridão.

3. Volte-se para Deus para alcançar misericórdia e ajuda, de modo que o Es-

pírito da verdade o renove, derramando livremente seu amor.

4. Identifique os pecados específicos que você tem cometido contra seu pai e, como hábito generalizado, contra outras pessoas: guardar amargura, ser obstinado, distanciar-se, transferir a culpa, remoer o erro, temer ou agradar pessoas, difamar, mentir, alimentar autopiedade etc. Assuma sua responsabilidade.

5. Volte-se para Deus para alcançar misericórdia e ajuda, de modo que o Espírito de amor o capacite a produzir Seu fruto com gratidão.

6. Identifique pecados específicos que foram cometidos contra você. Um pai egoísta ou hostil, mentiroso ou traidor, que não assumiu sua responsabilidade, agiu mal. O amor de Deus dá coragem para você olhar o erro de frente. Identificar o pecado ajuda você a saber o que deve perdoar. Pode também esclarecer os aspectos que Deus quer que você trabalhe construtivamente. Além disso, você precisa ser humilde para reconhecer que alguns erros são percebidos em função de suas expectativas - sem que sejam de fato erros. Arrepende-se de seus pecados clareia a sua mente para distinguir entre

o mal cometido contra você e o mal supostamente percebido por você.

7. Medite nas boas coisas que seu pai fez para você. Com frequência, a amargura e o desapontamento embaçam a visão e não permitem perceber o que há de bom. Há alguns pais que parecem encarnar o mal. Mas a maioria apresenta uma mistura de amor e egocentrismo.

8. O Pai o capacita para retribuir mal com bem, e não mal com mal. Ele conforma seus filhos à semelhança de Seu Filho Jesus. Planeje então as mudanças específicas que você pode colocar em prática para lidar com seu pai e os erros que ele cometeu: perdoar, amar, pedir perdão, confrontar construtivamente, focalizar corretamente a sua atenção, investir suas energias naquilo a que Ele o chama etc.

9. Procure crentes sábios que possam orar com você, encorajá-lo, aconselhá-lo, e a quem você possa prestar contas. A fé em Deus nosso Pai é contagiosa. A sabedoria para viver como um pacificador, filho de Deus, também é contagiosa. "Quem anda com os sábios será sábio".

O Pai está procurando adoradores e produzindo filhos que O conheçam. Peça, procure, bata à porta.

Crítica aos Integracionistas Atuais



David Powlison¹

O aconselhamento bíblico alicerça-se na confiança de que Deus falou de modo abrangente sobre o homem e ao homem. Sua Palavra ensina a verdade. O Espírito Santo capacita para o ministério efetivo e amoroso. Nossa vocação, em sentido positivo, constitui-se em buscar e promover a verdade e os métodos bíblicos no aconselhamento. Como aplicação desta vocação, em dimensão secundária, os conselheiros bíblicos têm feito uma oposição consistente ao movimento “integracionista”.

Os integracionistas tentam casar a psicologia secular com o cristianismo conservador porque acreditam que as Escrituras não são abrangentes o suficiente. Elas

são consideradas como substancialmente deficientes para promover entendimento a respeito dos problemas do homem e possibilitar sua mudança. A igreja, portanto, necessita absorver de forma sistemática elementos fundamentais das ciências sociais para conhecer a verdade e estar capacitada para um ministério efetivo e amoroso na área de aconselhamento. Integracionistas pretendem trazer para a igreja o conteúdo intelectual e as práticas psicoterapêuticas da psicologia, guardando uma consistência com a fé bíblica.

Por outro lado, os conselheiros bíblicos têm reivindicado que o produto importado da psicologia prejudica consistentemente a fé

¹Tradução e adaptação de *Critiquing Modern Integrationists*. Publicado originalmente em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa., v. 11, n. 3, Spring 1993, p. 24-34.

Sobre o relacionamento com a psicologia, veja Jay Adams em *What About Nontheological Counseling?* Grand Rapids, Mich.: Backer, 1976, p. 31. À pergunta: “Você não acha que podemos aprender alguma coisa com os psicólogos?”, ele responde: “Sim, podemos aprender

muito; certamente devemos aprender. A resposta o surpreende, não é? Se for assim, você tem sido levado a acreditar, sem dúvida, que os conselheiros bíblicos são obscurantistas que nada vêem de bom na psicologia.” Adams prossegue esclarecendo aquilo a que ele se opõe, o que aceita, e o porquê. Veja também as páginas finais do artigo de Adams *Counseling and the Sovereignty of God* em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 11, n. 2, Winter 1993, p. 4-9.

bíblica e o ministério². Não queremos dizer com isso que se deve ignorar ou descartar as várias psicologias seculares. Mas quando olhamos para a psicologia, não podemos deixar de considerar seriamente a capacidade de infiltração das pressuposições seculares e a nocividade de seus conceitos. Por esta razão, a possível utilidade da psicologia secular deve ser avaliada com cuidado. Integracionistas, no entanto, não são suficientemente cuidadosos, e importam da psicologia enganos fundamentais, cooperando para tornar ainda mais intensa a “psicologização” da vida humana, em lugar de curá-la.

A intenção deste artigo é criticar o estado atual do pensamento e da prática integracionistas. Antes porém, daremos um breve pano de fundo histórico. O movimento integracionista desenvolveu-se em três fases³.

1. Fase preliminar

O surgimento do movimento “integracionista” entre os cristãos que declaram sua fé na Bíblia data da década de 50 com destaque para Clyde Narramore e a fundação

²Esta parte do artigo é um resumo do capítulo *Integração ou Inundação*, publicado no livro de Michael Horton (ed.) *Religião de Poder* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999). Para ampliar o conhecimento a respeito do relacionamento entre o aconselhamento bíblico e os psicólogos cristãos integracionistas, veja o artigo de Jay Adams *Reflections on the History of Biblical Counseling* em *Practical Theology and the Ministry of the Church, 1952-1984: Essays in Honor of Edmund P. Clowney*, editado por Harvie Conn (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1990). Como leitura complementar veja E. Brook Holifield. *A History of Pastoral Care in America: from Salvation to Self-Realization* (Nashville: Abington, 1983). O subtítulo de Holifield já fala por si. Ele termina sua narrativa por volta de 1960; o movimento integracionista nas igrejas conservadoras de lá para cá é uma ilustração adicional da tese de Holifield. O aconselhamento bíblico é um movimento que rema contra a maré.

da Christian Association for Psychological Studies (CAPS). A fundação da Fuller Graduate School of Psychology, na metade da década de 60, foi o ponto culminante desta fase inicial.

2. Fase profissional

Durante os 25 anos seguintes, em parte como reação à crítica de Jay Adams, o movimento integracionista consolidou-se intelectual e institucionalmente. Seus líderes alcançaram posições de influência por meio de textos publicados e de afiliações institucionais.

As instituições de destaque que desenvolveram e divulgaram o pensamento e as práticas integracionistas foram: Fuller Graduate School of Psychology; Rosemead School of Professional Psychology e *The Journal of Psychology and Theology*; CAPS e *The Journal of Christianity and Psychology*; American Association of Christian Counselors e *The Christian Journal of Psychology and Counseling*; departamentos integracionistas em seminários e faculdades cristãs como Wheaton College, Dallas Seminary, Trinity Evangelical Divinity School e Liberty University; instituições como Minirth Meier Clinics, Rapha e Focus on the Family.

Destacaram-se como líderes do movimento integracionista: Clyde Narramore, H. Newton Maloney, Paul Tournier, Bruce Narramore, John Carter, Harold Hellens, Gary Collins, Larry Crabb, Frank Minirth e Paul Meier, James Dobson, Vernon Grounds, David Seamands, Robert Schuller e Robert McGee.

3. Fase popular

Em meados da década de 80, o pensamento integracionista ultrapassou os limites das instituições educacionais e da psicoterapia profissional. A psicologia popular entrou

nas igrejas evangélicas por meio dos movimentos de cura interior (“co-dependentes, famílias disfuncionais, 12 passos de recuperação de Alcoólatras Anônimos, grupos de apoio”) e cura de memórias, bem como pela contribuição de vários autores populares. Com frequência crescente, o púlpito e os membros das igrejas, bem como as editoras evangélicas, começaram a falar uma mesma linguagem psicológica para explicar a experiência humana e solucionar os problemas da vida. A intenção declarada dos integracionistas assumidos é tomar emprestado da psicologia teorias e práticas para serem entretidas com a fé cristã. Os integracionistas disfarçados ou despercebidos não declaram esta intenção, simplesmente efetuam o empréstimo. O resultado é que o erro secular anula a verdade bíblica, gerando sistemas de aconselhamento controlados por conceitos falsos sobre a natureza humana, a obra de Cristo e o processo de mudança.

INTEGRACIONISTAS ATUAIS

Qual o estado atual do integracionismo? O movimento integracionista não está estático nem monolítico. Embora haja temas recorrentes, temos visto com frequência ênfases e correntes divergentes e conflitantes. É possível identificar três correntes principais. Dentro de cada uma delas, podem-se destacar duas questões cruciais ao redor das quais os temas gravitam. Em primeiro lugar está a pergunta: o que está no centro do coração do homem? ou qual a natureza do homem (antropologia)? E em segundo lugar, como sabemos o que de fato é verdadeiro? ou qual o conceito de conhecimento (epistemologia), especialmente no que diz respeito à psicologia secular?

1. “O Mercado das Pulgas”: o integracionismo caótico

Esse é o integracionismo vendido nas ruas, que salta das prateleiras das livrarias para as mãos e o coração de crentes que estão à procura de algo que possa ajudá-los a solucionar os problemas da vida. Entre os muitos que poderiam ser citados, damos alguns exemplos:

- ♦ Frank Minirth, Paul Meier e Robert Hemfelt - *Love is a Choice: Recovery for Codependent Relationships* (Amor É uma Escolha: Recuperação para Co-dependentes)
- ♦ David Seamands - *Cura para os Traumas Emocionais*
- ♦ Robert Schuller - *Self-Esteem: The New Reformation* (Auto-estima: a Nova Reforma)
- ♦ William Backus e Marie Chapien - *Fale a Verdade Consigo Mesmo*.³

O que está no centro do coração do homem?

Aqui está uma amostra das respostas oferecidas no Mercado das Pulgas:

- ♦ Minirth, Meier e Hemfelt: necessidade legítima de ser amado, fome de amor, e

³MINIRTH, Frank, MEIER, Paul, HEMFELT, Robert. *Love is a choice: recovery for codependent relationships*. Nashville: Thomas Nelson, 1989.

SEAMANDS, Davi A. *Cura para os traumas emocionais*. Venda Nova, MG: Betânia, 1984.

SCHULLER, Robert. *Self-esteem: the new reformation*. Waco, Tex.: Word, 1982.

BACKUS, William, CHAPIAN, Marie. *Fale a verdade consigo mesmo*. Venda Nova, MG: Betânia, 1989.

um recipiente vazio de amor, resultante do fracasso de outros em nos amar (p. ex. p. 33-40);

- ♦ Seamands: a necessidade de sentir-se bem consigo mesmo, o coração como um depósito de feridas reprimidas e privações (p. ex. p. 48-54, 60, 138).
- ♦ Schuller: uma necessidade não preenchida de auto-estima é base para todo o comportamento humano; amor próprio, dignidade, valor pessoal e auto-estima constituem a mais profunda necessidade do ser humano; o pecado principal é a falta de auto-estima; em seu nível mais profundo, pecado é a rejeição de si mesmo e o abuso psicológico auto-imposto, que resulta em pecados exteriorizados (p. ex. p. 15, 33ss, 98ss.).
- ♦ Backus e Chapian: a necessidade de sentir-se bem consigo mesmo, de ser feliz, de sentir-se amado e importante (p. ex. p. 9ss, 40, 51, 109, 111).

Em cada um dos casos, alguma variante do “coração necessitado e/ou ferido” é base para a teoria. A necessidade de amor e de auto-estima predomina na literatura do Mercado das Pulgas. Pecado e tristeza são conseqüências secundárias de necessidades profundas não satisfeitas.

Como conhecemos a verdade?

Cada um dos livros acima mencionados constitui-se em uma mistura eclética de experiências pessoais, elementos colhidos em várias psicologias, e versículos bíblicos tomados ao acaso (quase que invariavelmente usados de forma não correta). O

critério para estabelecer a verdade é uma versão descuidada de “cada um faz o que parece certo aos próprios olhos”. Não há uma tentativa de pensar sistematicamente a respeito do ser humano, com uma exegese cuidadosa, de modo a extrair a verdade das Escrituras (*exegese*), em lugar de acrescentar às Escrituras (*eisegeze*).

2. O “Grande Guarda-Chuva”: o integracionismo sofisticado

Esse é o integracionismo altamente refinado, que articula a perspicácia intelectual da filosofia integracionista. Vamos descrevê-lo, portanto, em maiores detalhes. É o integracionismo das faculdades cristãs de psicologia. Ele busca apropriar-se das teorias da psicologia secular e avaliá-las de maneira eclética sob a orientação de “crenças reguladoras” cristãs. O Grande Guarda-Chuva integra tudo - de Freud a Skinner, do exorcismo à cura de memórias, de Carl Rogers a Jay Adams, da criança interior ao arrependimento do pecado.

O integracionismo sofisticado tende a ser um crítico da psicologia popular do Mercado das Pulgas. Por exemplo, Stanton Jones e Richard Butman escrevem: “Muito do que se passa por integração nos dias de hoje é anêmico bíblica ou teologicamente e tende a ser pouco mais que uma versão espiritualizada do pensamento típico da área da saúde mental” e “o integracionismo cristão tem merecido muito da crítica recebida por parte daqueles que apedrejam a psicologia”.⁴

Um desdobramento impressionante dentro do integracionismo moderno e sofisticado é que ele procura abraçar Jay Adams debaixo do Grande Guarda-Chuva.

⁴JONES, Stanton, BUTMAN, Richard. *Modern psychotherapies: a comprehensive Christian appraisal*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1991. p. 411 e 29ss.

O integracionismo acadêmico não tem para com Adams a hostilidade que caracterizou o integracionismo da década de 70. Ele acredita ter domesticado a mensagem “radicalmente bíblica”, assimilando Adams como uma contribuição a mais em sua mistura eclética. Por exemplo, o sistema de aconselhamento para leigos de Siang-Yang Tan é um sincretismo de Jay Adams, Larry Crabb e Gary Collins. Dois exemplos de literatura recente do Grande Guarda-Chuva são:

- ♦ Stanton Jones & Richard Butman - *Modern Psychoterapies: A Comprehensive Christian Appraisal* (Psicoterapias Atuais: uma Avaliação Cristã Abrangente).
- ♦ Siang-Yang Tan - *Lay Counseling: Equipping Christian for a Helping Ministry*. (Aconselhamento Leigo: Equipando os Crentes para um Ministério de Ajuda)⁵

O que está no centro do coração do homem?

Esta é a maneira como os autores acima citados apresentam as questões essenciais da natureza humana:

- ♦ Jones & Butman: “a Bíblia não diz muito a respeito da motivação humana”, mas podemos ver em Gênesis 2 que o homem tem necessidades fundamentais de exercer uma atividade com propósito e de relacionar-se de modo amoroso com outros (p. 47-49). “Biblicamente, *coração* é o que os

psicólogos e filósofos com frequência chamam de *self*” (p. 46).

- ♦ Tan: anseios psicológicos e espirituais ou necessidade de significado, amor e esperança (p. 34-37, 50ss).

Uma variedade de teorias da necessidade está na base de seu entendimento sobre a motivação humana, embora o egocentrismo não seja proclamado de modo descarado como no Mercado das Pulgas.

Há diferenças entre Tan e Jones & Butman. Tan tem uma afinidade declarada com a visão de coração desenvolvida por Larry Crabb. Quanto a Jones & Butman, destacamos aqui dois aspectos esclarecedores de seu conceito de motivação humana.

Em primeiro lugar, o comentário “A Bíblia não fala muito a respeito da motivação humana” surpreende. Como alguém pode dizer isso? A Bíblia que temos em mãos trata da motivação humana de modo fundamental e amplo. Como é possível Jones & Butman não verem nas Escrituras nada que diga respeito à questão da motivação humana? O que eles procuram - e não encontram na Bíblia - é a espécie de definição de motivação que a psicologia secular adota, definindo listas de impulsos, necessidades ou desejos centrais motivadores *sem levar em conta o relacionamento do homem com Deus*. O que se procura é definir a natureza humana com relação ao próprio homem e não a Deus; analisar o coração em si mesmo e não com relação a Deus. Exemplos de abordagens a respeito da motivação humana que poderiam preencher os critérios de Jones & Butman quanto a “falar mais” seriam a hierarquia de necessidades de Maslow, a distinção comportamental entre estímulos primários e secundários, as definições freudianas de Eros e Tanatos e os conflitos entre ego e superego. A Bíblia não fala muito sobre motivação hu-

⁵JONES, Stanton, BUTMAN, Richard. *Modern psychoterapies: a comprehensive Christian appraisal*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1991.

TAN, Siang-Yang. *Lay counseling: equipping Christian for a helping ministry*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1991.

mana conforme Jones & Butman imaginam, pois Deus define as questões do coração à luz do relacionamento do homem com Ele.

Jones & Butman definem “a ação” da motivação humana como uma necessidade de exercer atividade que confira propósito e de manter relacionamento amoroso com outros. Cremos que estas coisas são melhor entendidas quando consideradas como esferas auto-evidentes da atividade humana. Certamente os seres humanos operam dentro de relacionamentos interpessoais e realizações produtivas. Isso é um truísmo, não uma verdade significativa para dar direção a um sistema. Jones & Butman não percebem a questão de motivação, ou de relacionamento com Deus, envolvida nesta e em todas as demais esferas do funcionamento humano. Se esferas de atividade são tão importantes, por que limitar a lista àquelas que dizem respeito ao homem como ser social (que deseja ser amado) e ser produtivo (que deseja realizar alguma coisa)? Poderíamos facilmente adicionar outras esferas de atividade humana, todas significativas e instintivas. O homem é obviamente um ser somático, continuamente voltado a experimentar a sensação de conforto ou desconforto, dor ou prazer. O homem é um ser que produz algo com sentido, que está sempre ordenando e interpretando a vida. O homem é um ser econômico, orientado para dinheiro e bens materiais. O homem é um ser político, que se envolve instintivamente com questões de poder, autoridade e submissão. O homem é um ser moral, que sempre avalia de acordo com critérios de certo ou errado, bom ou mau. O homem é um ser preocupado com glória, alerta para questões de status e sucesso. O homem é um ser estético, criativo e sensível à beleza, metáforas, ritmo e ordem. O homem é... São muitas as facetas.

Cada uma destas esferas da atividade humana encontra ilustrações abundantes na Bíblia. Todavia, listá-las ou priorizá-las torna-se relativamente incoerente para o entendimento da motivação humana. As Escrituras subordinam tudo a uma categoria principal de motivação: o homem é uma *criatura religiosa* que adora, serve, ama, espera em, busca, confia em, teme... alguma coisa - seja Deus ou um substituto para Deus. Desta forma, há um divisor no que diz respeito à natureza social do homem: as pessoas estão comprometidas com serem amadas ou com amar. Há um divisor no que diz respeito à natureza econômica do homem: as pessoas estão comprometidas com tirar vantagem financeira ou com praticar gratidão, contentamento e generosidade. Há um divisor básico, um divisor *religioso*, em cada esfera. Jones & Butman, à semelhança dos psicólogos seculares que modelam para eles a idéia de como deve ser uma teoria da motivação, dão muita atenção ao mosquito e ignoram o camelo. Para eles, as Escrituras são deficientes no que concerne à motivação humana porque Deus não se preocupou em providenciar um catálogo sistemático de mosquitos!

Em segundo lugar, como deveríamos entender o comentário de Jones & Butman sobre a equivalência do *coração* mencionado na Bíblia com o conceito secular de *self*? Este ponto ilustra bem a fraqueza essencial da antropologia e da epistemologia integracionistas. Integracionistas vêem sinônimos onde um olhar mais cuidadoso revela antônimos. Na antropologia bíblica, o *coração* tem a ver como o relacionamento do homem com Deus ou com falsos deuses do mundo, a carne e Satanás. A questão essencial do coração é a pergunta: “Quem ou o que me governa? A que vozes eu dou

ouvido?” Contrariamente ao que Jones & Butman afirmam, nem mesmo um só dos psicólogos ou filósofos aos quais eles se reportam entendem “o homem com respeito a Deus” quando falam do *self* como o centro da identidade do homem. Eles entendem o homem com relação a si mesmo - uma idéia absolutamente estranha à Bíblia, a não ser quando se leva em consideração a descrição que pecadores *gostariam* de poder dar a seu respeito. Devido à própria natureza secular de seu pensamento, os pensadores seculares preferem interpretar o homem como *self* e não como um *coração* perante Deus.

O conceito de *self* na filosofia e psicologia seculares não é equivalente ao conceito bíblico de *coração*. É um equivalente *funcional*, ou seja, uma falsificação e um substituto. Dizer “O *coração* de que a Bíblia fala é o que psicólogos e filósofos frequentemente chamam de *self*” equivale a dizer “Quimicamente, *açúcar* é o que as pessoas em dieta chamam de *sacarina*”. Não faz sentido. Trata-se de coisas diferentes. O segundo funciona como substituto e falsificador do primeiro. Por outro lado, faz perfeito sentido que nenhum pensador secular veja o arrependimento em Cristo, o novo coração e o poder do Espírito Santo como central para uma mudança significativa, visto que sua antropologia proíbe tais respostas e prescreve outras. Jones & Butman subestimam seriamente o efeito noético do pecado nos sistemas seculares elaborados para descrever, explicar e mudar os seres humanos.

Como conhecemos a verdade?

Jones & Butman (capítulo 15) ensinam um ecletismo franco, mas declaradamente “responsável”, que Tan exemplifica (capítulos 3 e 4). “Faz pleno sentido selecionar e combinar de maneira ordeira características compatíveis providas de diferentes fontes,

às vezes de teorias e sistemas que seriam caso contrário incompatíveis, bem como esforçar-se para encontrar elementos válidos em todas as doutrinas e teorias e combiná-los em um todo harmonioso.”⁶ A integridade daquele que executa a integração é a principal garantia da verdade; a mente e a prática daquele que executa a integração é o principal centro onde a verdade é forjada. Procedendo desta forma, o Grande Guarda-Chuva nega que as Escrituras fornecem o “todo harmonioso” sobre os seres humanos do ponto de vista de Deus - a Verdade.

Para Jones & Butman, a exegese não desempenha papel algum nas trincheiras da teoria e da prática do aconselhamento. Aquilo que identificam como crenças cristãs reguladoras são generalidades teológicas superficiais e abertas a uma aplicação especulativa e idiossincrática. Após afirmar o fato óbvio de que a Bíblia não é uma enciclopédia exhaustiva (ela não contém todos os fatos), eles concluem que a Bíblia é útil apenas de modo geral:

Embora a Bíblia nos forneça as respostas principais e mais importantes, bem como o ponto de partida para conhecer a condição do ser humano, ela não é um guia suficiente para a disciplina do aconselhamento. A Bíblia é inspirada e preciosa, mas é também uma revelação com propósito limitado, cuja principal preocupação é religiosa no que diz respeito à apresentação do plano redentor de Deus para seu povo e às grandes doutrinas da fé.⁷

Palavras bonitas para dizer que a Bíblia é deficiente. Eles entendem mal a natureza

⁶JONES, Stanton, BUTMAN, Richard. *Op. Cit.* p. 382.

⁷*Idem*, p. 27

da Palavra de Deus. Enquanto a teologia de Jones & Butman está cheia de amplas generalizações, a teologia bíblica prendenos ao exame do detalhes das lutas que caracterizam a vida real dos seres humanos. Jones & Butman ignoram aquilo para que a Bíblia é verdadeiramente útil quando tratam do suposto ensino de 2 Timóteo 3.16 ss e afirmam que a Bíblia é apenas um recurso “útil” entre vários recursos.⁸

Certamente os conselheiros bíblicos concordam que a Bíblia não é uma enciclopédia exaustiva. Usamos e buscamos informações extra-bíblicas continuamente. Colhemos dados de um casal em conflito, por exemplo, buscando ansiosamente aqueles detalhes extra-bíblicos que podem acionar o uso da verdade bíblica! Podemos comentar: “Guilherme, quando você disse aquelas coisas para Susana em tom irado...”. Não precisamos pedir desculpas por estar enfileirando quatro dados não bíblicos (Guilherme, as coisas ditas, Susana e o tom irado). Mas nosso entendimento é diametralmente oposto ao de Jones & Butman quando dizemos que as Escrituras não são um catálogo exaustivo de fatos sobre todas as pessoas, em todo tempo e em todo lugar.

Nós sabemos - e eles não acreditam - que a Bíblia é suficiente em seu conteúdo como guia para a disciplina do aconselhamento. As Escrituras orientam as perguntas feitas na coleta de dados; elas explicam e expõem os motivos da ira de Guilherme; elas dão o mapa detalhado para o caminho da pacificação. Por exemplo, Tiago 3 e 4, Efésios 4, Mateus 7 e 18, e Gálatas 5 e 6 falam do que está acontecendo no relacionamento de Guilherme e Susana, e no relacionamento de cada um deles com Deus. Na verdade,

o que nos impressiona é exatamente a amplitude de propósito das Escrituras e a relevância dos seus detalhes. A vida humana é essencialmente religiosa nos detalhes de comportamento, pensamento, emoção e motivação, e as Escrituras são perfeitamente aplicáveis a cada um destes aspectos. As grandes doutrinas da fé - e a multidão de pequenos detalhes também - incluem todas as categorias para o entendimento dos seres humanos e todas as práticas pastorais que Deus usa para transformar pessoas. Em última análise, o “ecletismo responsável” de Jones & Butman é simplesmente uma versão sofisticada de “cada um faz o que lhe parece reto aos próprios olhos”.

O integracionismo sofisticado procura distanciar-se das mercadorias grotescas mascateadas no Mercado das Pulgas. Mas com frequência, um forasteiro “ingênuo” percebe com maior clareza as roupas do imperador. É o caso do sociólogo James Hunter, que analisa em *American Evangelicalism* a acomodação do evangelicalismo contemporâneo à cultura moderna.⁹ Ele compara em seu livro as diferenças entre a psicologização grosseira da fé evangélica e a psicologização sofisticada:

Eles diferem no grau de sofisticação. Em certo nível está a psicologização grosseira da linguagem e das ilustrações bíblicas... Num nível mais elevado, está a síntese do biblicismo com o secularismo ou a psicologia freudiana... Ainda assim, a diferença substancial é superficial, pois o que eles todos compartilham é um *Cristocentrismo psicológico*...”¹⁰

⁹HUNTER, James Davison. *American evangelicalism. conservative religion and the quandary of modernity*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University, 1983. Em especial o capítulo *Accommodation: The Domestication of Belief*, em particular, às p. 91-99.

¹⁰*Idem*, p. 95.

⁸*Idem*, p. 26

Ele descreve esta fé psicologizada como subjetiva, preocupada com o *self* e a “saúde mental”, hedonista, narcisista e voltada para as “necessidades” e os sentimentos do homem moderno¹¹. A fé psicologizada ensina um tipo de auto-exame que se afasta de como os protestantes tradicionalmente sondavam suas vidas motivados por uma preocupação primordial com “o domínio do pecado na vida do homem e o processo de mortificação e santificação”¹². Apesar de todas as diferenças declaradas entre o integracionismo caótico e o sofisticado, eles possuem em comum alguns pontos essenciais: (1) uma visão antropocêntrica daquilo que constitui o âmago do ser humano, e (2) um abraçar sistemático das “riquezas” da psicologia secular devido à inadequação das Escrituras para promover auto-entendimento e mudança significativos. Logicamente, eles também compartilham um terceiro ponto básico: uma versão revisada do evangelho que faz de Cristo um servo das necessidades emocionais e psicológicas do ser humano.

3. “Boas intenções, apesar de tudo”: o integracionismo encoberto

Este é um integracionismo aparentemente involuntário - ele reivindica opor-se à psicologia e trabalhar em categorias bíblicas. Mas as categorias da psicologia acabam escorregando para os fundamentos do modelo de aconselhamento bíblico. O exemplo principal é:

- ♦ Larry Crabb - *Como Compreender as Pessoas: Fundamentos Bíblicos e Psicoló-*

gicos Para Desenvolver Relacionamentos Saudáveis.¹³

O que está no centro do coração do homem?

Crabb tem a seu favor o fato de ser muito crítico para com o integracionismo descuidado do Mercado das Pulgas e também o integracionismo cuidadoso do Grande Guarda-Chuva. Mas é difícil ignorar a existência de um paralelo entre Crabb e os demais integracionistas.

A explicação que Crabb oferece para a motivação humana pressupõe necessidades ou anseios por amor e por realizações significativas. Exigências idólatras e estratégias de vida pecaminosas são reações secundárias e compensações, maneiras erradas de buscar o suprimento destas necessidades.

A teoria de Crabb sobre necessidades não é portadora do egocentrismo declarado do Mercado das Pulgas. Mas seu sistema ainda gira ao redor da experiência humana de anseios ou sofrimento. O coração necessitado, ferido, cheio de anseios do “círculo pessoal” de Crabb tem prioridade sobre o pecado. A perspectiva bíblica a respeito do coração caminha em direção oposta: a vida gira em torno do nosso relacionamento com Deus ou com falsos deuses, não ao redor de necessidades idólatras sentidas por pecadores.

Como conhecemos a verdade?

Para Crabb, a exegese das Escrituras é reconhecidamente o ponto de partida.¹⁴

As categorias bíblicas são suficientes para responder às perguntas do conselheiro...

¹¹Idem, p. 99.

¹²Idem, p. 94

¹³CRABB, Lawrence Jr. *Como compreender as pessoas: fundamentos bíblicos e psicológicos para desenvolver relacionamentos saudáveis*. São Paulo: Vida, 1998.

¹⁴Idem, p. 65ss.

[Nossa tarefa] é pensar sobre a vida dentro das categorias que as Escrituras fornecem. A autoridade para nosso pensamento depende de em que grau ele *brota das categorias bíblicas claramente ensinadas*.¹⁵ Essas afirmações podem ser assinadas por qualquer conselheiro bíblico.

Na verdade, de onde Crabb extrai as categorias que moldam o seu sistema? As Escrituras não trazem o conceito de Crabb sobre “anseios profundos/necessidade de relacionamento e impacto”, nem o Jesus que Crabb apresenta como vindo ao nosso encontro em primeiro lugar como um supridor de necessidades, nem sua análise reducionista da psique em quatro círculos - emocional, volitivo, racional e pessoal, nem mesmo sua distinção entre anseios casuais, críticos e cruciais, ou ainda sua definição de feminilidade e masculinidade ontológicas. Essas idéias são o carro-chefe e a característica distintiva do sistema de Crabb. Ao mesmo tempo são uma negação explícita dos alvos estabelecidos por Crabb. Elas são exegética e teologicamente insustentáveis. “Cada um fazia o que achava mais reto”. Boas intenções não são cercas de proteção contra os efeitos noéticos do pecado nos sistemas de pensamento.

A CRÍTICA FUNDAMENTAL: o que une estas formas aparentemente diferentes de integracionismo?

Tanto o Grande Guarda-Chuva como Boas Intenções Apesar de Tudo odeiam os excessos do Mercado das Pulgas e procuram manter distância tanto de uma teologia visivelmente ruim como do uso descuidado da psicologia. Mas em última análise, todo integracionismo revela uma visão defeituosa

da natureza humana e uma epistemologia funcional defeituosa. Para os integracionistas, o pecado nunca é *a* questão específica que está na base dos problemas da vida. E as categorias que emergem da exegese cuidadosa das Escrituras nunca são *as* categorias significativas para entender e ajudar as pessoas.

1. “O que está no centro do coração do homem?": a questão da antropologia

Biblicamente, o coração do homem é o cadinho onde o Primeiro Grande Mandamento é testado: você ama, teme, serve, ouve e confia em Deus? Ou você ama, teme, serve, ouve e confia em ídolos, em si mesmo, em outras pessoas, no desempenho, nas riquezas, em Satanás e em desejos descontrolados (de amor, importância, auto-estima, controle, entre uma multidão de outras coisas)? Em outras palavras, a lei de Deus atinge as questões mais profundas da vida do homem, e não com teorias que voam nas alturas, mas com os pés no chão do cotidiano: comportamento, pensamento, emoções, prioridades, relacionamentos, atitudes, consciência, desejos e tudo mais.

J. C. Ryle comenta com perspicácia: Há muito poucos erros e doutrinas falsas cujo início não se reporta a uma visão incorreta da corrupção da natureza humana. Perspectivas erradas quanto a uma doença sempre trazem consigo perspectivas erradas quanto ao remédio. Perspectivas erradas quanto à corrupção da natureza humana sempre trazem consigo perspectivas erradas quanto ao antidoto e cura de tal corrupção.

É impressionante como as três formas de integracionismo - caótico, sofisticado e encoberto - unem-se no definir sua visão do

¹⁵*Idem*, p. 78. Ênfase do autor.

âmago do homem. Apesar de suas diferenças, todas elas estão centradas no homem. Os integracionistas sistematicamente fazem das necessidades e desejos do homem algo fundamental. Eles nomeiam certas formas de cobiça da carne como “necessidades”. Desta forma, apresentam teorias sobre necessidades em lugar de teorias sobre o pecado, e focalizam a atenção em supostas necessidades básicas de receber amor, sentir-se bem consigo mesmo ou realizar algo de valor. Segundo a lógica de cada uma dessas teorias, o coração humano é fundamentalmente bom, mas devido ao caminho árduo no mundo caído, os corações tornam-se vazios, necessitados, cheios de anseios e feridos.

Em sua profissão de fé cristã, todos os integracionistas concordam que o pecado é um fato. Todos professam acreditar na responsabilidade humana. Ao longo do caminho, acidentalmente, alguns fazem comentários que são sábios e perceptivos. (Naturalmente, estas “felizes inconsistências” são mais freqüentes em alguns do que em outros).

Todos professam crer em Marcos 7.21-23: “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem...”, mas a lógica de um sistema psicologizado define esse coração de tal modo que “de dentro de um coração ferido, necessitado, legitimamente cheio de anseios é que procedem...”. A RAZÃO FINAL de nossos problemas está *logicamente* naquelas pessoas que nos prejudicaram, que não suprimiram nossas necessidades, que deixaram nossos anseios insatisfeitos.

Nossa ênfase aqui está na lógica do ensino integracionista. As “felizes inconsistências” que encontramos nos trabalhos dos escritores integracionistas são questões pela quais Deus pode ser louvado. Mas é difícil aplaudir autores que tentam com tanta persistência construir seus sistemas sobre funda-

mentos errados. Os conselheiros bíblicos têm muitas falhas. Mas creio que pela graça de Deus costumamos estar fundamentalmente certos e ocasionalmente errados, loucos ou cegos. Que Deus possa dispor nosso coração para avaliar o que temos feito, e para ir adiante, arrependendo-nos de nosso pecado e crescendo em sabedoria. Por outro lado, os integracionistas costumam estar fundamentalmente errados e, pela graça de Deus, ocasionalmente certos, sábios e perceptivos. Esta diferença é tremenda. Que Deus possa lhes conceder um coração disposto a deixar-se dissuadir de um erro fundamental e destrutivo.

2. “Como conhecermos a verdade?": a questão da epistemologia

As Escrituras são amplamente suficientes para entender os aspectos da natureza humana e os processos de mudança que são essenciais para um aconselhamento sábio e efetivo.

É impressionante como as três formas de integracionismo - caótico, sofisticado e encoberto - unem-se também na maneira como constroem suas idéias básicas. Apesar de suas diferenças, cada um dos modelos integracionistas é fundamentalmente eclético e obstinado no erro, em lugar de ser exegética e sistematicamente submisso à Palavra de Deus. Todos são receptivos à má interpretação do ser humano oferecida pela psicologia secular. Todos falham em construir um sistema consistentemente bíblico, e firme exegética e teologicamente. As grandes doutrinas da fé são ignoradas de modo variável, transigidas, amalgamadas com idéias estranhas a elas. A tendência eclética da mente integracionista não anseia por alimento sólido para o corpo de Cristo. Os integracionistas não trabalham na exegese da Palavra; eles impõem suas idéias à Palavra

e buscam textos para prová-las, algumas vezes temerariamente.

COMO OS CONSELHEIROS BÍBLICOS DEVEM ENCARAR A PSICOLOGIA E USÁ-LA?

Depois de criticar o uso da psicologia pelos integracionistas, o que pode ser dito a respeito de como os cristãos fiéis à Palavra devem encarar a psicologia? Esta é uma questão crucial, pois a crítica ao integracionismo emerge de um entendimento positivo de como a Bíblia nos chama a interagir com o erro. Também é uma questão ampla, e desenvolveremos aqui apenas os contornos gerais de uma resposta.

As assim chamadas “verdades” da psicologia são análogas à “verdade” que uma esposa descrente irada pode dizer ao amaldiçoar seu marido crente pecador: “Você se casou com seu trabalho, não comigo, você é um *%*#! Cada palavra que sai da sua boca é cortante e mesquinha. Eu queria que você fosse apenas um pouco amável e compreensivo comigo e com as crianças.” Será que ela disse a “verdade”? Como conselheiros bíblicos, respondemos “sim” e “não”, e vamos cuidadosamente explicar o que queremos dizer.

Essa mulher pode estar tremendamente certa a respeito de seu marido em determinados aspectos. Ela vê o cisco que está no olho (análogo à precisão descritiva de muitas observações feitas pela psicologia). Mas ela ignora muitos outros elementos relevantes a respeito da situação (assim como fazem os psicólogos). E suas conclusões são atiradas com erro mortal e necessitam de uma reinterpretação drástica feita por um conselheiro sábio. Ela nem imagina que aquilo que descreveu de modo perceptivo é em primeiro lugar o pecado de seu marido contra Deus. Muito menos ela sabe que sua explicação

(“Você está sobretudo ofendendo a MIM”) e as implicações estabelecidas (“Eu tenho o direito de estar irada com você”) refletem o pecado dela mesma contra Deus. Ela não tem idéia de como o evangelho pode mudar a ambos. Ela não tem idéia de como ganhar ou confrontar o marido de modo piedoso. Seu esquema de interpretação não inclui Deus - ou melhor, coloca o intérprete no lugar de Deus. As implicações de “aconselhamento” que ela estabelece servem aos interesses de sua autonomia com respeito a Deus. Os conselheiros bíblicos viram pelo avesso suas observações e preocupações, e as devolvem de ponta-cabeça. A partir daquilo que ela disse, aprendemos várias coisas úteis e provocativas a respeito dela e possivelmente de seu marido (pois precisamos verificar). Mas não aceitamos o seu esquema interpretativo nem mesmo por um minuto, porque as Escrituras nos dão um conjunto diferente de lentes.

À medida que fazem observações, formulam teorias e as aplicam na prática, os psicólogos assemelham-se a esta aconselhada irada. Eles percebem muitas coisas, mas as torcem para evitar relacionar com Deus aquilo que vêem. A pedra angular da interação bíblica com a psicologia é o reconhecimento da antítese entre a verdade bíblica e a psicologia. E contrário ao que se pensa, não foram os conselheiros bíblicos que deram início a esta hostilidade! Os psicólogos opõem-se à verdade de Deus à medida que expressaram de maneira sistemática o efeito noético de seu pecado. *A priori*, a pressuposição de que eles podem dar explicações corretas a respeito das pessoas, sem fazer referência a Deus, prende-os ao erro.

Qual o papel - se é que há algum - que a psicologia deve ter em nosso modelo de aconselhamento? Ela *não* deve ter papel em nosso *modelo* de aconselhamento. Mas as observações seculares podem ter um papel

ilustrativo, quando radicalmente reinterpretadas, fornecendo exemplos e detalhes que ilustram o modelo bíblico e completam nosso conhecimento. Elas podem também ter um papel provocativo, desafiando-nos a desenvolver nosso modelo em áreas sobre as quais não temos pensado ou que estamos negligenciando. Jay Adams faz esta consideração de modo sucinto em seu livro *Conselheiro Capaz*. A psicologia pode ser um “acessório útil” de duas maneiras: (1) “para ilustração, para preencher com dados específicos as generalizações”; e (2) “para desafiar as interpretações errôneas das Escrituras, forçando assim o estudioso a reestudar a Bíblia”.¹⁶

Fazendo uma retrospectiva dos últimos quinze anos de *The Journal of Pastoral Practice*, ficamos admirados em ver como os escritores foram consistentes em destacar a antítese fundamental entre as pressuposições bíblicas e seculares, e em utilizar a psicologia e outras fontes seculares atribuindo-lhes papel ilustrativo e provocativo.¹⁸

Os papéis ilustrativo e provocativo da psicologia não são diferentes dos papéis que os conselheiros bíblicos sábios atribuem a qualquer outra fonte de conhecimento extra-bíblico. Damos aqui alguns exemplos de conhecimento extra-bíblico distorcido

que as lentes das Escrituras nos equipam para utilizar reinterpretando construtivamente:

- ♦ as observações daquela aconselhada irada ou qualquer outro aconselhado que não esteja pensando biblicamente. Os conselheiros bíblicos reinterpretam continuamente os dados que ouvem, classificando em categorias bíblicas os detalhes colhidos. Esse trabalho reinterpretativo está no centro tanto da tarefa de aconselhar como do processo de crescimento e amadurecimento ministerial do conselheiro;
- ♦ romances em que cobiça, orgulho, medo luxúria e muitos outros temas são retratados em ação. A ficção de qualquer tipo não deve ser lida como se tivesse autoridade epistemológica. Mas se as categorias bíblicas estão no controle, esse material amplia o sortimento de nossas aplicações bíblicas e nos força a pensar sobre coisas em que talvez não havíamos pensado antes ou a perceber coisas que talvez não havíamos percebido;
- ♦ o jornal diário, impregnado de adoração à riqueza, poder político e mentiras sobre o pecado. Os pregadores bíblicos podem citar o jornal não porque ele

¹⁶ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. 4. ed. São Paulo: Fiel, 1984. P.18.

Compare com outros escritos de Adams: *O Manual do conselheiro cristão*. São Paulo: Fiel, 1982. p. 76-101; *Counseling and the sovereignty of God*, e *Integration em The Journal of Pastoral Practice*, v. 1, n.1, 1983, p. 3-7, inseridos em *How to help people change*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1986. p. 33-40.

¹⁸Adams e outros conselheiros bíblicos também usaram a psicologia de uma terceira maneira: como aliada na batalha. A crítica que um psicólogo faz ao outro, dentro do próprio campo profissional—p. ex.

as críticas de Szasz e Mowrer à psiquiatria—serve como adjunto à crítica normativa das pressuposições seculares a partir das Escrituras. O fato de que algumas pessoas no mundo secular percebem que certas teorias seculares não são verdadeiras e que certas práticas seculares não são de ajuda ilustra e fortalece nossa crítica. Entre os críticos da psicologia, Martin e Deidre Bobgans são aqueles que com maior frequência usam as críticas da própria psicologia como aliadas ilustrativas. Eles frequentemente coletam dados de pesquisa feita por psicólogos seculares e os usam como prova para desmascarar as psicologias que os cristãos estão bebendo.

tenha autoridade, mas porque ilustra a verdade bíblica e pode nos fazer parar para pensar em coisas que nunca havíamos considerado antes;

- ♦ a pesquisa médica a respeito das doenças psicossomáticas e sua ocorrência. Não compramos suas categorias, mas podemos considerar - e reinterpretar - suas observações como ilustrações do relacionamento “fisiológico-espiritual”;
- ♦ sociologia, história, arqueologia, antropologia comparada etc. Assim como faz com a psicologia, o cristão bíblico não aceita que estas disciplinas estabeleçam normas. Esses estudos sobre a vida do ser humano - quando explicitamente baseados em pressuposições bíblicas ou quando consistentemente reinterpretados pelas lentes de pressuposições bíblicas - podem ser usados para descrever determinadas pessoas em determinada época.¹⁸
- ♦ auto-conhecimento de meus pecados e tentações. Minha aplicação pessoal de 1 Coríntios 10.12,13 não cria uma verdade, mas ilustra, explica em pormenores, e personaliza a verdade.

Nenhuma dessas fontes acrescenta algo ao modelo bíblico da natureza humana e ao aconselhamento. Cada uma delas ilustra em detalhes exuberantes, intencionalmente ou não, o modelo bíblico do ser humano:

¹⁸Para uma discussão da utilidade descritiva da sociologia quando subordinada às pressuposições bíblicas, consulte os livros de Jay Adams *More than redemption: a theology of Christian counseling*. Phillipsburg, NJ Presbyterian & Reformed, 1979. p. 101; *Communicating with 20th century man*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1979. p. 33.

“Aqui está um aspecto da ira que eu nunca havia visto antes.” Cada uma delas pode nos provocar a pensar bíblicamente a respeito de algo que não havíamos considerado com atenção: “Como encarar este problema ou ajudar esta pessoa?”. Uma vez desmascarados em suas pretensões de conhecimento especializado ou “ciência”, os psicólogos têm a mesma percepção distorcida e irreal de qualquer outro grupo de pecadores. Eles podem talvez fazer um trabalho empírico de observação que não precisamos repetir, mas que devemos reinterpretar radicalmente de acordo com a verdade bíblica. Esse trabalho reinterpretaivo - seja ele feito no escritório de aconselhamento, a sós ou durante a leitura - é uma extensão lógica do ato de perceber as antíteses entre a verdade bíblica e as teorias seculares. O que psicólogos - e aconselhados, romancistas, médicos e outros - estão realmente enxergando?¹⁹

Vamos dar um último exemplo. A utilidade das observações da psicologia não é diferente da possível “utilidade” da leitura de um romance como *Fogueira das Vaidades* de Thomas Wolfe. Wolfe retrata em ação alguns pecados e idolatrias próprios do ser humano (coisas que conheço pela Bíblia), dando-lhes uma cor e detalhes típicos de “Nova Iorque dos anos 80” (coisas que eu não conhecia previamente, por não viver em

¹⁹Para um retrato mais completo de como as pressuposições bíblicas nos constroem a ver as antíteses e capacitam para um trabalho de reinterpretação, consulte Jay E. Adams em *O manual do conselheiro cristão*. São Paulo: Fiel, 1982. P. 76-101. Para exemplos específicos de reinterpretação de observações seculares, veja os seguintes artigos de David Powlison: *Human defensiveness: the third way* em *The Journal of Pastoral Practice*, v. 8, n.1, 1985, p. 40-55; Consulte também o livro de David Powlison *Idolos do coração e Feira das Vaidades*. Brasília: Refúgio, 1996, e o artigo nesta coletânea *Como você se sente?*.

Nova Iorque). Será que *Fogueira das Vaidades* “ajuda-me” a aconselhar alguém da sociedade nova-iorquina? Pessoalmente, já me ajudou. Não porque aceitei o esquema interpretativo de Thomas Wolfe ou saboreei aquilo que ele descreveu, mas porque o modelo bíblico prontamente explicou as observações que ele fez a respeito das pessoas.

Os conselheiros bíblicos enfrentam um desafio duplo: reter fielmente as categorias da verdade bíblica e crescer na perspicácia aplicativa aos diferentes seres humanos. Jay Adams fala disso da seguinte maneira:

Por conseguinte, o pecado, em todas as suas dimensões, é evidentemente o problema com que o conselheiro cristão se vê a braços. As dimensões secundárias - as variações do tema comum - é que tornam o aconselhamento algo tão difícil. Apesar de todos os homens terem nascido pecadores e se ocuparem das mesmas práticas pecaminosas evasivas, cada qual desenvolve o seu próprio estilo de pecado. Os estilos (combinações de pecados e evasões) são peculiaridades de indivíduo para indivíduo; porém, abaixo desses estilos ficam os temas comuns. O trabalho do conselheiro consiste em descobrir esses temas abaixo das individualidades.²⁰

Só a Bíblia nos torna sistematicamente sábios nos temas comuns da vida humana. Esta sabedoria amadurece e se expressa na aplicação prática à nossa própria vida, à vida dos aconselhados e àquilo que lemos. Cada conselheiro bíblico sábio está engajado de modo informal, quando não formal, em uma pesquisa empírica ao longo de sua vida. Nesse processo, psicólogos, sociólogos, historiadores, aconselhados, os vizinhos descrentes, o jornal e Agatha Christie podem contribuir para que percebamos os diferentes

estilos de vida e como eles se desenvolvem. Com frequência, no aconselhamento ou durante a leitura - e até no aconselhar a nós mesmos! - precisamos dar passos *reinterpretativos* que viram todos os dados pelo avesso e os devolvem de ponta-cabeça²¹

Os conselheiros bíblicos que falham na compreensão cuidadosa da natureza da epistemologia bíblica correm o risco de atuar como se as Escrituras fossem exaustivas, e não abrangentes; como se as Escrituras fossem um catálogo enciclopédico de todos os fatos significativos, e não a revelação divina de fatos cruciais, ricamente ilustrados, que produzem uma cosmovisão suficiente para interpretar quaisquer outros fatos que encontramos; como se as Escrituras fossem um conjunto de elementos isolados, e não a lente pela qual interpretamos todos os elementos. Os integracionistas vêem as Escrituras como um pequeno conjunto de elementos e a psicologia como um grande conjunto de elementos.

A lógica da epistemologia integracionista é essa: una os dois conjuntos, elimine os elementos obviamente ruins da psicologia, e você terá um conjunto maior. E esta é a lógica também de pretensos conselheiros bíblicos, que acabam vendo as Escrituras como um simples conjunto de dados. Na verdade, sua epistemologia difere da epistemologia integracionista apenas em quantidade, não em qualidade, e ela conduz a formas absurdas de uso de textos bíblicos para provar idéias próprias (“Deve haver aqui um versículo sobre anorexia em algum lugar”), à substituição da sabedoria pastoral por respostas

²⁰ADAMS, Jay E. *O manual do conselheiro cristão*. São Paulo: Fiel, 1982, p. 123.

²¹Se considerarmos desde o início as categorias bíblicas, não precisaremos usar sempre esse passo reinterpretativo. O ideal é colhermos dados a respeito das pessoas operando desde o início dentro de categorias bíblicas.

que oferecem encorajamento superficial (“O texto de 1 Timóteo 4.3-5 diz para comer com ação de graças; arrependa-se, portanto, por ter deixado de comer, e siga este plano de alimentação”), ou ainda a uma rendição ao integracionismo diante do fracasso do aconselhamento (“Talvez a Bíblia não contenha mesmo todos os elementos; ela é apenas um recurso útil, entre muitos outros, para adquirir alguns elementos”).²²

As Escrituras nos dão tanto as lentes (categorias interpretativas verdadeiras) como um amplo número de exemplos concretos. Mas a Bíblia em nenhum momento pretende fornecer todos os exemplos. Deus quer que nos apropriemos de nossas lentes e nos dediquemos ao trabalho de pensar correta e biblicamente a respeito das pessoas. Por exemplo, pondere as implicações de Gálatas 5.19-21. Paulo lista 15 exemplos representativos das obras que a carne quer produzir. Ele insere esta lista entre dois comentários que nos lembram que devemos usar nossas lentes bíblicas, olhar ao redor e reparar em outros 115 (ou 1015!) exemplos: “Ora, as obras da carne são conhecidas e são... e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro”. Considere 1 Timóteo 6.10: quais as *formas específicas* e incontáveis de pecado que o amor ao dinheiro produz? Considere Tiago 3.16: quais são as *variações* incontáveis de caos e pecado que surgem quando as pessoas estão absorvidas em si, mergulhadas em orgulho e exigências pessoais? A suficiência das Escrituras nos desafia a pensar a fundo e a observar de perto tanto os indivíduos como a cultura.

²²Para uma abordagem que investiga o problema da anorexia usando as lentes bíblicas, veja o artigo de Elyse Fitzpatrick *Como ajudar mulheres com bulimia em Coletâneas de Aconselhamento Bíblico*, v.2.

A suficiência não nos permite descansar na mentalidade de “enciclopédia” ou “concordância”. Tenho encontrado conselheiros bíblicos que agem como se um problema não mencionado na Bíblia não fosse de fato um problema. Eles falham no apreciar o âmbito da suficiência bíblica. Eles falham em perceber que tais problemas *estão* listados implicitamente - dentro de “coisas semelhantes a estas” e “toda obra do mal”. Eles falham no trabalho de pensar arduamente para demonstrar *como* os temas comuns da verdade bíblica estão na raiz da complexidade idiossincrática do pecado humano, da tristeza, do caos e da confusão.

Também tenho encontrado várias pessoas que no passado foram “conselheiros bíblicos”, mas ficaram desiludidas e se voltaram para o integracionismo e para as “riquezas” da psicologia secular. São pessoas cuja epistemologia contém erros graves. A sua epistemologia de “conjunto de fatos” faz a Bíblia prometer mais do que promete (ser uma enciclopédia exaustiva) e também prometer menos do que promete (ser *apenas* uma enciclopédia exaustiva!). Quando seu entendimento da Bíblia se mostra insuficiente diante do pecado e do sofrimento humano, a psicologia penetra na brecha, e a abundância de fatos que ela oferece faz com que teorias e técnicas seculares - semelhantes a lentes distorcidas ou a uma “casa dos espelhos” - pareçam maravilhosamente persuasivas.

Devemos lembrar que a maioria dos integracionistas eram anteriormente cristãos bíblicos conservadores. Durante os anos de estudo superior, diante de problemas pessoais ou deparando-se com os problemas dos aconselhados, a Bíblia tornou-se repentinamente insuficiente, e rendeu-se diante de uma “sabedoria” secular aparentemente melhor. Essa mesma dinâmica continuará

a acontecer entre conselheiros bíblicos a menos que definamos precisamente o significado da suficiência das Escrituras. A Bíblia é um conjunto de fatos ou é a lente da verdade - incluindo inúmeros fatos ilustrativos - pela qual Deus corrige nossa visão tingida pelo pecado? A habilidade dos conselheiros bíblicos para lidar sabiamente com seu pecado, aconselhar sabiamente e defender sua posição com firmeza depende desta resposta.

Ministrando a pessoas psicologizadas

Como você pode convencer um integracionista de que há uma maneira melhor de entender as pessoas e ajudá-las? Normalmente você vai encontrar dois tipos de integracionistas em sua igreja ou escola: cristãos com problemas e cristãos que querem ajudar pessoas com problemas. Em geral, trata-se mais de integracionistas ingênuos (do tipo caótico ou “boas intenções, apesar de tudo”), que de integracionistas filosoficamente comprometidos. São cristãos que não pararam para pensar sistematicamente a respeito do que acreditam, e então acumularam um misto eclética de idéias contraditórias sobre a vida, os problemas e as soluções. Muitos se mostrarão abertos à verdade bíblica.

Como você pode ministrar a Palavra a essas pessoas? Vamos dar um exemplo. Uma pessoa em sua igreja vem ao seu encontro e diz: “Sou co-dependente, tenho baixa auto-estima e preciso aprender a amar a mim mesmo de verdade devido às profundas feridas que minha família disfuncional provocou em minha criança interior.” Ou então um suposto conselheiro em sua igreja expressasse a respeito de outra pessoa: “Ele ou ela é co-dependente...”. Convicções bíblicas e alguns fatos históricos lançam um fundamento importante sobre o qual você pode

construir uma estratégia apropriada para lidar com seu ouvinte:²³

1. A Bíblia nunca ensina que “baixa auto-estima” é a questão crucial. Ganhar um autoconhecimento e um conhecimento de Deus bíblicamente precisos é crucial.

2. A Bíblia nunca ensina que precisamos amar a nós mesmos. Ela presume que amamos a nós mesmos desmedidamente e estamos absorvidos em nós mesmos (mesmo quando “odiamos” a nós mesmos). Nossa *necessidade* é aprender a amar a Deus e ao próximo.²⁴

3. As categorias usadas por pessoas psicologizadas são uma miscelânea eclética absorvida de fontes que ignoram a Deus: Alcoólatras Anônimos, movimento de recuperação, psicologia psicodinâmica e humanista²⁵.

Como usar estas três convicções fundamentais? Poucas pessoas psicologizadas ficam convencidas ao receber estas verdades servidas cruas. Como você pode cozinhá-las, ornamentar e servir, para *aplicar a verdade* em um ministério efetivo?

²³Consulte o artigo de Jay E. Adams *Adaptation through audience analysis* em *The Journal of Biblical Counseling* v. 11, n. 3, Spring 1993, p. 35-37. Este artigo, juntamente com o livro de Adams *Studies in Preaching: Audience adaptation in the sermons and speeches of Paul*, apresenta ao ministro da Palavra o desafio de trabalhar e adaptar a verdade sem acomodá-la.

²⁴A respeito desses dois primeiros pontos, veja o livro de Jay E. Adams *The biblical view of self-esteem, self-love, self-image*. Eugene, Ore: Harvest, 1986. Veja também os artigos de John Bettler *Gaining an accurate self-image*, partes 1 a 6 em *The Journal of Pastoral Practice*,

²⁵Veja o artigo de Edward Welch *Codependency and the cult of self* no livro de Michael Horton (ed.) *Power religion*. Chicago: Moody, 1992. p. 219-243. Consulte também os livros de William Playfair *The useful lie*. Wheaton, Ill. Crossway, 1991, e Martin e Deidre Bobgan *12 Steps for Destruction*. Santa Barbara, Calif.: East Gate: 1991.

Em primeiro lugar, orientado pela verdade que você conhece, colha fatos. Você não está participando de um debate onde as idéias são lançadas de modo abstrato. Você está conversando com uma pessoa comprometida, pelo menos temporariamente, com idéias falsas. Você precisa alcançá-la. Por exemplo, “Diga-me o que você entende por estas palavras com que você acaba de descrever a si mesma. Que experiências específicas, emoções e pensamentos você tem em mente? Quando você se sente “deprimida”? Em que circunstâncias você “odeia a si mesma?” O que você diz a si mesma? O que você faz ou deixa de fazer porque você se sente tão “insegura”? Como você se envolve em “relacionamentos prejudiciais”? Quando, onde e com quem esses relacionamentos acontecem? Como é sua família, quais são seus erros, suas crenças e valores, quais os modelos?” À medida que você, conselheiro, mergulhar em meio aos rótulos distorcidos, encontrará realidades concretas que podem ser reinterpretadas biblicamente.

Você encontrará, com freqüência, uma pessoa que não sabe que está vivendo pecaminosamente, que está buscando a aprovação humana, seguindo os próprios padrões de realização como forma de justiça própria, tentando controlar as circunstâncias da vida para tirar o máximo de vantagem pessoal e conforto (uma implicação da convicção 1 mencionada acima). Terá início, então, um autoconhecimento preciso. A ignorância dominante - no sentido bíblico - pode ceder ao verdadeiro conhecimento.

Você encontrará uma pessoa que ama estas coisas que acabamos de descrever, que as ama “de todo coração, alma e entendimento”, ou seja, mais que a Deus, além de amar a si mesma mais que ao próximo (uma implicação da convicção 2). Estas atitudes e desejos dão origem a vários pe-

cados específicos (Tiago 1.14ss, 3.16): ira, murmuração, medo, ansiedade, autopiedade, culpar outros, escapismo, manipulação, bajulação, comportamento tipo “camaleão”, imoralidade... Somente quando o “temor do Senhor” penetrar é que a sabedoria começará a se manifestar.

O arrependimento inteligente e a humilhação diante de Deus serão possíveis, e a luz penetrará na escuridão. Você encontrará uma pessoa que tem absorvido explicações falsas da cultura que a tem enganado e mantida presa (implicação da convicção 3). A verdade virá como luz e meio de libertação: “Agora vejo uma maneira muito melhor de entender a mim mesma. Essa realidade faz sentido, lá onde aqueles outros rótulos apenas me faziam sentir presa e sem esperança”.

O conselheiro que trabalha sabiamente está capacitado para ajudar uma pessoa confusa e indecisa a renovar sua mente, arrepender-se, e encontrar a luz da verdade, o amor e a vida. À medida que ele passa a conhecer melhor a pessoa, ganha a habilidade de afiar as setas da verdade e alvejá-las com precisão naquela vida, atingindo seus pensamentos e abrindo a porta para que o evangelho de Cristo possa penetrar. As verdades básicas gerais são trabalhadas e aplicadas para expor à luz convicções falsas específicas, manifestações de cobiça e pecados cometidos.

O alvo de uma reinterpretação bíblica da experiência humana é o ministério da Palavra que converte o coração. Podemos dizer algo além de “a psicologia e a psicoterapia estão sistematicamente erradas”. Podemos mostrar exatamente em que elas estão erradas, e mostrar em detalhes a alternativa bíblica que desafia e converte.

Por um lado, os integracionistas não enxergam que a recompensa de uma interação bíblica válida com a psicologia deve

ser a conversão do psicologizado. De outro lado, os conselheiros bíblicos que não se dão ao trabalho árduo de reinterpretar o erro, atingindo-o em cheio, perdem uma oportunidade de ministério efetivo. A psicologia é para a nossa sociedade o que o islamismo é para a sociedade de Marrocos. Devemos empunhar a espada evangelística com eficácia.

Uma palavra final

Os integracionistas atuais dão continuidade ao integracionismo que os precedeu. Algumas formas são mais grotescas—o *Mercado das Pulgas* da

psicologia popular cristianizada. Algumas formas são mais polidas, acadêmicas e mesmo dizem algumas coisas agradáveis sobre seus críticos—o *Grande Guarda-Chuva* do integracionismo teórico. Algumas formas parecem harmonizar com a autoridade e suficiência bíblica—aqueles que com *Boas Intenções, Apesar De Tudo*, ainda constroem sistemas com molde secular. Mas em cada uma de suas formas, o paradigma integracionista é um paradigma não-bíblico, tanto para a prática do aconselhamento como para a interação com o mundo da psicologia secular. Os conselheiros bíblicos devem viver a alternativa bíblica e ensiná-la à igreja.

Déficit de Atenção/Hiperatividade:

O que você precisa saber



Edward T. Welch¹

Pais preocupados têm contribuído para que o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade esteja entre os diagnósticos psiquiátricos mais investigados dos últimos tempos. Livros sobre o assunto não param muito nas prateleiras. No esforço de entender melhor seus filhos e ajudá-los, os pais saem à procura de seminários sobre o assunto e das últimas novidades divulgadas pelos meios de comunicação. A Internet tem aberto espaço considerável para o assunto. Muitos adultos estão descobrindo que o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade aplica-se a eles também, o que aumenta o interesse geral. Os adultos que são intelectualmente capazes, mas “nunca atuam à altura de seu potencial”, encontram no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade uma categoria que parece conseguir

juntar as peças aparentemente soltas em sua vida. A literatura sobre o assunto é campeã em promover a idéia de que “Então, *esse* é o meu problema!”.

Os cristãos devem assimilar essa informação com discernimento bíblico, à semelhança do que fazem com as demais informações que lêem e ouvem. O material sobre Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é geralmente interessante e útil, mas pode estar propenso a pressuposições não bíblicas e erros. Por exemplo, alguns livros sobre Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade excluem as palavras “mal” ou “pecaminoso”. Outros livros estão menos voltados para uma interpretação objetiva da pesquisa, e mais interessados em fazer todo o possível para elevar a autoestima da criança. Outros ainda usam uma abordagem biológica, reivindicando que o funcionamento cerebral explica todo tipo de comportamento. Daremos a seguir um panorama do assunto e algumas diretrizes bíblicas para o entendimento do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.

¹Tradução e adaptação de *What you should know about attention deficit disorder (ADD)*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa., v. 14, n. 2, Winter 1996. p. 26-31.

Definições do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade

A definição técnica do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade evoluiu ao longo das últimas décadas. Sua forma atual destaca dois sintomas: desatenção e hiperatividade-impulsividade².

A. Ou (1) ou (2)

(1) seis (ou mais) dos seguintes sintomas de desatenção persistiram por pelo menos 6 meses, em grau mal-adaptativo e inconsistente com o nível de desenvolvimento:

Desatenção

- (a) freqüentemente deixa de prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras;
- (b) com freqüência tem dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- (c) com freqüência parece não escutar quando lhe dirigem a palavra;
- (d) com freqüência não segue instruções e não termina seus deveres escolares, tarefas domésticas e/ou deveres profissionais (não devido a comportamento de oposição ou incapacidade de compreender instruções);
- (e) com freqüência tem dificuldade para organizar tarefas e atividades;
- (f) com freqüência evita, antipatiza ou reluta a envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante (como tarefas escolares ou deveres de casa);

(g) com freqüência perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (por ex., brinquedos, tarefas escolares, lápis, livros ou outros materiais);

(h) é facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa;

(i) com freqüência apresenta esquecimento em atividades diárias;

(2) seis (ou mais) dos seguintes sintomas de hiperatividade persistiram por pelo menos 6 meses, em grau mal-adaptativo e inconsistente com o nível de desenvolvimento:

Hiperatividade

(a) freqüentemente agita as mãos e os pés ou se remexe na cadeira;

(b) freqüentemente abandona sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentado;

(c) freqüentemente corre ou escala em demasia, nas situações em que isso é inapropriado (em adolescentes e adultos, pode estar limitado a sensações subjetivas de inquietação);

(d) com freqüência tem dificuldade para brincar ou se envolver silenciosamente em atividades de lazer;

(e) está freqüentemente “a mil” ou muitas vezes age como se estivesse “a todo vapor”;

(f) freqüentemente fala em demasia;

Impulsividade

(g) freqüentemente dá respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas;

(h) com freqüência tem dificuldade para aguardar a sua vez;

(i) freqüentemente interrompe ou se mete em assuntos de outros (por ex., interrompe-se em conversas ou brincadeiras).

²A definição da American Psychiatric Association, amplamente adotada no Brasil, é encontrada no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM-IV. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 77-84.

B. Alguns sintomas de hiperatividade/impulsividade ou desatenção que causaram prejuízo estavam presentes antes dos 7 anos de idade.

C. Algum prejuízo causado pelos sintomas está presente em dois ou mais contextos (por ex., na escola [ou trabalho] e em casa)

D. Deve haver claras evidências de prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional.

Estas crianças (e adultos) parecem ter bocas (e braços, mãos e pernas!) que correm à frente de seu pensamento. Ou seu pensamento distrai-se e corre de um lugar para outro, e seu corpo tenta acompanhar. Cuidar de meninos que se encaixam nesta descrição faz com que você se sinta como se estivesse equilibrando uma dúzia de pratos no ar. Os pais, frequentemente, administram o problema afastando seus filhos de situações que os poderiam colocar em apuros ou provocar acidentes com outras crianças. No caso das meninas, os sintomas tendem a ser menos perceptíveis, pois embora elas possam se distrair com muita facilidade, têm menor probabilidade de serem hiperativas. Consequentemente, elas fixam o olhar nas janelas da sala de aula, não atrapalham os colegas, e passam despercebidas por anos.

Crianças mais velhas podem deixar os adultos exasperados, pois conseguem ficar diante da TV durante horas a fio, mas não conseguem se concentrar na lição de casa nem mesmo por dez segundos (TV e Nintendo oferecem a elas movimento rápido e excitação; lições de casa não). Em outros termos, sua atenção é melhor qualificada como *inconsistente* que como taxativamente deficiente. Para estas crianças, tédio é morte.

Elas podem provocar a mãe ou se envolver em alguma atividade perigosa apenas para tornar a vida mais interessante. Quando adultos, esses indivíduos são muitas vezes caracterizados como pessoas que têm dificuldade crônica para cumprir prazos, mudam de emprego com frequência (ficam entediados ou são demitidos), tomam decisões impulsivas, não têm uma percepção clara de seus pontos fortes e fracos, e de como as outras pessoas reagem a eles.

Com esta descrição, é mais fácil entender porque há tanto interesse no Transtorno e Déficit de Atenção/Hiperatividade. Pais, bem como adultos que se enquadram nesse perfil, estão em busca de algo que os possa ajudar.

Cautelas com o Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade

Antes de esboçar um plano bíblico de ação, queremos destacar duas cautelas que devemos ter em mente com o Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade. Em primeiro lugar, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade não é um conjunto de sintomas definido com precisão. O termo “frequentemente” está sempre presente nos critérios de diagnóstico e revela a amplitude dos contornos do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, além de explicar a razão deste diagnóstico ser tão usado³. Quase

³As fronteiras amplas de diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade são apenas um dos motivos por que ele é tão popular nos Estados Unidos. Outra razão é a cultura em si. Embora haja crianças ao redor do mundo que demonstram altos níveis de atividade, dificuldade para concentrar a atenção e impulsividade, nem todas as culturas consideram estas coisas problema. Em algumas sociedades, este comportamento pode ser um ponto positivo. Nos Estados Unidos e em outras culturas ocidentais, o sistema educacional é mais condizente com o ouvinte quieto que com o indivíduo ativo, espontâneo, criativo.

qualquer pessoa poderia ser enquadrada nestes parâmetros - pelo menos em determinados dias. Devido à falta de precisão, seria mais cuidadoso ver os comportamentos associados ao Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como parte de um *continuum*, que fazer uma declaração de tudo ou nada: “Sim, ele tem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade” ou “Não, ele não tem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade”. Cada um pode se encontrar em algum ponto do *continuum*, embora não tenhamos como negar que algumas pessoas estão de modo mais consistente em uma extremidade ou outra.

Em segundo lugar, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é uma *descrição* de um comportamento, e não uma *explicação*. A medicina, por meio do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV*, tenta descrever sintomas e não explicar a causa desses sintomas. Tenta responder à pergunta: “O que esta criança está fazendo?”, mas não “Por que esta criança está fazendo isso?”. Estas duas perguntas são diferentes. Por exemplo, se você fosse um novato no mundo do automobilismo e perguntasse a respeito de um carro que acabara de passar em alta velocidade, uma resposta descritiva seria “Este é um Ford Taurus verde metálico, com motor 2.0”. Uma resposta explicativa incluiria uma revisão dos conceitos de combustão do motor e de mecânica da transmissão automática.

A descrição do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade responde *o que* a criança está fazendo, e não *o porquê*. Essas descrições do *que* podem certamente ser úteis. Por exemplo, se você quer compreender quais são os comportamentos específicos que contribuem para que seu filho tenha um rendimento escolar sofrível, a lista de sintomas associados ao termo Transtorno de

Déficit de Atenção/Hiperatividade pode lhe revelar comportamentos que você não havia considerado antes. Ainda assim, esta categoria descritiva é limitada em sua utilidade. Ela *não* seria útil se alguém perguntasse: “Por que seu filho não pára quieto na cadeira?”. Se você respondesse “É porque ele tem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade”, isso não seria diferente de dizer “Ele não pára quieto na cadeira porque ele se mexe”. Você estaria meramente descrevendo o comportamento com palavras diferentes.

É importante distinguir entre descrição e explicação porque a literatura sobre Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, geralmente, *não* faz esta distinção. Muito do debate sobre Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade presume que a lista descritiva equivale ao estabelecimento de um diagnóstico médico. A pressuposição popular de que há uma causa básica biológica para os comportamentos é infundada. Embora haja dúzias de teorias biológicas para explicar o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, não há até o momento indicadores concretos para comprová-las; não há exames médicos que possam detectar sua presença. Aditivos químicos em alimentos, problemas de parto, problemas na audição, diferenças cerebrais, são algumas das teorias que têm deixado os pesquisadores intrigados, mas não há apoio evidente. Cada uma pode ter algum mérito em casos específicos, mas não há uma teoria biológica que possa explicar consistentemente os sintomas. Até agora, não podemos dizer que alguém tem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade assim como dizemos que alguém tem uma virose.

Por que então as explicações biológicas estão tão entrelaçadas com as descrições? Em primeiro lugar, para algumas pessoas, as explicações biológicas são presumivelmente a

única explicação disponível para o comportamento. Elas desconhecem outras causas.

Em segundo lugar, os pesquisadores estão preocupados com o fato de que um julgamento moral possa prejudicar uma criança, pois têm visto muitas delas agredidas pela punição inconsistente (e não bíblica) aplicada a “crianças más”. Para elevar a “auto-estima” da criança, querem evitar qualquer sugestão de que ela seja responsável pelos comportamentos descritos no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.

Visto que há uma ligação tão íntima entre a classificação Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade e as hipóteses biológicas, devemos estar atentos ao uso que fazemos desta expressão.

Como ajudar

Se alguém diz que seu filho (ou você) apresenta comportamentos condizentes com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, não entre em pânico. Traduza a expressão Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como “É hora de desenvolver um entendimento mais profundo a respeito dessa pessoa”.

Há pelo menos duas áreas que precisavam ser investigadas: a espiritual e a física. Ambas devem ser levadas a sério. Se você ignora o aspecto espiritual, nunca haverá lugar para arrependimento e fé na vida de seu filho. O comportamento pecaminoso será desculpado. O poder do evangelho será ignorado. Se você ignora o aspecto físico ou os pontos fortes e fracos do funcionamento cerebral, você nunca encontrará os métodos criativos de que precisa para ajudar seu filho a aprender. Ele ficará confuso e perderá a esperança.

O aspecto *espiritual* é a arena do coração. É a verdadeira essência de nosso ser, mais profundo até mesmo que aquilo

que consideramos como *personalidade*. O coração deixa evidente que vivemos diante de Deus e adoramos a Deus em fé e obediência ou seguimos nossos próprios desejos. Quando adoramos e obedecemos a Deus, nosso coração expressa-se em amor, alegria, paz, paciência, bondade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.19-23). Quando estamos comprometidos com nossos desejos pessoais e os adoramos, os atos da natureza pecaminosa tornam-se evidentes, incluindo contendas, murmuração, ciúmes, explosões de ira, imoralidade sexual, desobediência aos pais.

Em muitos casos de crianças enquadradas no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, a arena do coração é ignorada. É possível que algo daquilo que identificamos como Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade seja auto-indulgência e indolência pecaminosas? É possível que uma causa significativa dos comportamentos envolvidos seja um coração que exige que as coisas aconteçam a seu modo? Certamente é possível. A verdade é que o Transtorno de Déficit de Atenção /Hiperatividade situa-se no ponto de interseção entre o físico e o espiritual. A causa básica pode ser física *ou* espiritual. Normalmente, ambas estão presentes.

Pode parecer duro afirmar que o pecado seja uma das causas daquilo que é identificado como Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Será que tal explicação prejudicaria as crianças, como alguns pesquisadores seculares dizem? Não acreditamos nisso. Se o pecado é chamado de pecado, há esperança de mudança. E além do mais, muitas crianças têm uma consciência alerta ao certo e ao errado. Dizer que algo está errado, é contar-lhes algo de que já suspeitam. O que *pode* ser prejudicial e gerar confusão é identificar pecado e erro naquilo

que poderia ser chamado com mais precisão de limitação ou fraqueza física.

Uma maneira de evitar a confusão entre pecado e limitação ou fraqueza física é fazer a seguinte pergunta: “Estou certo de que este comportamento transgride a lei de Deus?”. Se a resposta for positiva, então o comportamento tem uma raiz espiritual. Digamos, por exemplo, que seu filho esteja batendo em outra criança porque a outra criança está brincando com o brinquedo dele. Trata-se claramente de um problema espiritual. Seu filho pode *também* lutar com desatenção e hiperatividade/impulsividade, mas estas não são desculpas para tal comportamento. Problemas físicos não forçam uma criança a pecar, mas certamente eles *influenciam* o comportamento. Além do mais, eles podem ser confundidos com problemas espirituais. Portanto, ao mesmo tempo que você procura compreender a orientação do coração do seu filho (orientado para Deus ou para si mesmo), você também tentará entender as forças e fraquezas físicas (determinadas pelo cérebro) próprias de seu filho.

O *físico* é a pessoa material - músculos, ossos, cérebro, genes. Em certo sentido, nosso corpo físico é um instrumento para o nosso coração. Ele dá ao coração um meio de se expressar no mundo físico. O físico diferencia-se do coração no sentido de que o coração é obediente ou pecaminoso, enquanto o físico é forte ou fraco.

Em crianças enquadradas no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, os pontos fortes físicos (talentos, habilidades) podem incluir:

- ♦ um alto nível de energia;
- ♦ criatividade além do habitual;
- ♦ uma disposição para assumir riscos;
- ♦ uma personalidade extrovertida.

A fraqueza física, algumas vezes manifestada na criança enquadrada no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, inclui:

- ♦ memória auditiva e visual fracas (dificuldade para reter palavras lidas ou ouvidas);
- ♦ dificuldade para cumprir uma sequência de comportamentos ou estabelecer passos para cumprir uma tarefa;
- ♦ dificuldade para estabelecer prioridades;
- ♦ dificuldade para manter a atenção quando as atividades não são intrinsecamente interessantes;
- ♦ dificuldade para filtrar estímulos irrelevantes;
- ♦ dificuldade de mudar de uma maneira de pensar para outra.

Um exemplo desta última limitação é a criança que é barulhenta e ativa em casa e transporta o mesmo comportamento para a sala de aula. Essa criança tem dificuldade quando as regras mudam. Ela pode ser espiritualmente sensível ao aprendizado, mas mentalmente inflexível.

Embora as categorias física e espiritual sejam distintas, discernir como cada uma delas contribui para o comportamento inoportuno pode ser um desafio. Por exemplo, digamos que você peça a seu filho para arrumar o quarto. Quando você volta, vinte minutos mais tarde, ele ainda está brincando em meio a um caos. É um problema espiritual? À primeira vista, parece evidentemente que sim. Seu filho transgrediu o mandamento de obedecer aos pais. Ainda assim, seu comportamento pode ter outras explicações. Talvez seu filho não saiba como “arrumar o quarto” - a idéia pode lhe parecer

muito geral e abstrata. Talvez o quarto pareça perfeitamente em ordem aos olhos dele, ou talvez ele começou a arrumar e depois se distraiu com seu brinquedo favorito. Em outras palavras, o que você pode estar vendo é uma fraqueza na habilidade de seu filho para seguir instruções e completar uma tarefa, em lugar de desobediência intencional.

Há uma diferença entre dizer a uma criança para “arrumar o seu quarto” e para “não bater em seu irmão”. A criança possui uma consciência ativa e sabe intuitivamente que não deve bater em outros como expressão de sua ira. Tal ato seria errado até mesmo se os pais não tivessem dito “não bata nele”. Mas a criança não tem uma consciência que lhe diz que é moralmente errado deixar o quarto bagunçado. O quarto desarrumado é, tecnicamente, uma violação do mandamento de obedecer aos pais, mas em alguns casos desobediência não é a categoria bíblica que se aplica em primeiro lugar. Um entendimento do coração da criança pode indicar que o problema são as limitações físicas e a falta de entendimento, e não a rebeldia espiritual. Em outras palavras, a ira pecaminosa e o comportamento não amoroso para com o próximo nunca são desculpáveis, mas há momentos em que *há* desculpas para não arrumar o quarto.

E se uma criança não se comportar bem durante uma refeição? Pode ser que ela seja naturalmente mais ativa, mas que também não esteja disposta a ouvir as instruções dos pais. Em tais casos, os pais devem saber como abordar *tanto* o coração pecaminoso *como* a natureza ativa. Ser pai tornase inesperadamente complicado! Mas a perspectiva bíblica simplifica as coisas. Educar um filho exige tempo, e requer ouvir conselhos de outros, mas não é necessariamente complicado.

Tendo em mente a distinção entre problemas físicos e espirituais, dê passos para

criar seu filho no temor do Senhor. Independentemente dos pontos fortes ou fracos de seu filho, ele tem os mesmos problemas espirituais de qualquer pessoa: seu coração está em guerra entre o ego-centrismo e a obediência a Cristo. Com que armas ele luta? Com o conhecimento de Cristo e a obediência a Cristo. O conhecimento de Cristo consiste em aprender sobre a grandeza da justiça e do amor de Deus revelados na morte e ressurreição de Jesus. A obediência a Cristo é nossa resposta a estas boas novas. Ela consiste em praticar o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, um mandamento exemplificado nos Dez Mandamentos e em outros princípios claros das Escrituras.

Para as crianças que tendem a ser mais impulsivas em suas palavras e ações, há alguns princípios bíblicos que precisam merecer maior ênfase. A tarefa dos pais consiste em estabelecer prioridades entre os vários princípios bíblicos e focalizar, primeiramente, aqueles que são mais importantes para as necessidades espirituais de seu filho. É mais sábio destacar um princípio e trabalhá-lo intensivamente durante alguns meses, do que trabalhar superficialmente dez princípios, deixando-os sem desenvolvimento, sem o devido esclarecimento, e esquecendo de levá-los regularmente a Deus em oração.

Tiago 1.19 é o versículo que está no topo da lista de muitos pais. Ele é perfeito para aqueles que tendem a lutar mais com a desatenção e a impulsividade: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar”. Esta tríade pode levar anos para ser aprendida. No entanto, se Deus requer este tipo de comportamento, Ele dará graça para praticá-lo.

À medida que estas crianças alcançam a adolescência e a idade adulta, outros princípios podem se tornar importantes. Visto que

os adolescentes têm mentes que costumam voar de uma coisa para outra e preferem a espontaneidade ao planejado e ordeiro, é muito importante que eles aprendam o princípio bíblico da perseverança. Outros adolescentes e adultos podem ter extrema dificuldade para priorizar tarefas ou avaliar corretamente sua habilidade para cumpri-las. Estas pessoas precisam aprender o princípio bíblico de ser sensível ao aprendizado e buscar o conselho de outros: “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito” (Pv 15.22).

À medida que você se torna mais capacitado a cuidar da vida espiritual de seu filho e a discipliná-lo, volte sua atenção para os pontos fortes e fracos que lhe são característicos. Comece por reunir a maior quantidade possível de informação a respeito de seu filho. Não sinta constrangimento: converse com os professores da escola que seu filho frequenta, com os professores da escola dominical, com os amigos que convivem com ele. Submeta-o a testes de avaliação educacional. Quanto mais você puder compreender seus pontos fortes e fracos, tanto maior será a criatividade com que você poderá ensinar e aplicar os princípios bíblicos relevantes. Por exemplo, se seu filho trabalha melhor com imagens e objetos, dê preferência a explicações visuais e não a instruções orais. Você pode dramatizar como ser bondoso com o irmão mais novo em lugar de lhe dizer: “seja bondoso”. “Ouça, veja, faça” é o método prático para os pais e os educadores.

Muitas das sugestões práticas para lidar com aqueles que facilmente se distraem ou tendem a mudar de uma atividade para outra podem ser resumidas na palavra *estrutura*. Estrutura diz respeito a fronteiras, orientações, lembretes e limites.

É uma cerca que pode ajudar a conter e a dirigir. Visto que algumas crianças têm um

estilo de pensamento caótico, desorganizado e pouco confiável, a estrutura estabelece uma compensação e oferece controle externo. Sem estrutura, a mudança constante e as expectativas ambíguas agravam as dificuldades.

Estrutura significa ter regras previsíveis, claras, simples, por escrito. Essas regras precisam ser revistas semanalmente com a criança e consistentemente reforçadas. Evite explicações longas e abstratas. Se você precisa de tempo para desenvolver um ensino específico ou explicar uma forma de disciplina, tente dialogar com seu filho de modo a prender a sua atenção. Faça perguntas. Peça-lhe para ler a Bíblia em voz alta. Peça-lhe para explicar em que ele desobedeceu. Quando for dar instruções, assegure-se de que ele está ouvindo; peça-lhe que olhe para você e que repita as instruções. Não se esqueça de revisar com ele o plano de execução.

Estrutura significa que em lugar de reagir constantemente a problemas, o que pode aumentar o senso de caos, você vai antecipar os problemas. Embora seu filho possa ter dificuldade para perceber com antecedência os problemas, você precisa estar alerta aos pontos em que ele habitualmente tropeça. Pela experiência, você sabe onde estão as dificuldades. Se a situação difícil não pode ou não deve ser evitada, prepare seu filho para enfrentá-la em oração e na prática. Depois, quando tudo tiver passado (ex., lições de casa, tarefas domésticas), faça uma avaliação junto com ele para que ele possa ver em que progrediu.

Para o adulto que tende a ter dificuldade para prestar atenção ou fazer planos, estrutura significa estabelecer rotinas tais como fazer três coisas difíceis, mas necessárias, antes de passar ao trabalho agradável. Significa estabelecer prazos razoáveis (sob a orientação de outros) e cumpri-los. Listas de

“o que fazer”, estabelecendo prioridades, são um ótimo recurso.

Tratamento médico

Se você colocou em prática diligentemente estas sugestões, mas ainda está tendo problemas com o grau de severidade da hiperatividade ou desatenção de seu filho, e especialmente se estes comportamentos estão afetando de modo significativo o rendimento escolar, você precisa consultar um médico. Há alguns problemas orgânicos que provocam sintomas semelhantes aos do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Por exemplo, problemas de tireóide podem afetar o nível de energia, e a diminuição da capacidade auditiva ou visual pode prejudicar o nível da atenção. Um bom exame médico pode eliminar estas possibilidades.

A maioria das crianças enquadradas no Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade apresenta resultados normais nos exames clínicos, mas vários médicos indicam mesmo assim o uso de medicamentos. Normalmente são usados medicamentos estimulantes como a Ritalina ou antidepressivos como o Norpramin (Desipramine) ou o Prozac⁴.

O uso de drogas estimulantes parece ser um paradoxo. Seria normal esperar que as crianças ficassem ainda mais excitadas física e mentalmente. No entanto, com as doses normais prescritas, todos tendem a ter um melhor rendimento em certos tipos de tarefas mentais, e as crianças, em particular, parecem ficar menos inquietas.

Como age a Ritalina? Sabemos que ela afeta determinadas áreas do cérebro, mas seu modo de ação é incerto. Uma coisa, porém,

está clara. A Ritalina *não* trata deficiência nenhuma no cérebro da criança. Ninguém precisa de Ritalina. A analogia mais geral seria dizer que os medicamentos do tipo da Ritalina agem como a aspirina; eles eliminam os sintomas em algumas pessoas, mas não curam.

Muitos especialistas concordam que medicamentos do tipo da Ritalina são prescritos em excesso. Eles sustentam que o próprio Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é diagnosticado em demasia, que nossa cultura é rápida em tratar qualquer comportamento com medicamentos e que os médicos são rápidos em prescrever uma droga relativamente segura a crianças cujos pais estão em busca de uma solução rápida. Isso não significa que devemos evitar os medicamentos. Significa, no entanto, que os medicamentos devem ser considerados somente *após* avaliar outros fatores na vida da criança, conforme recomenda a Associação Americana de Pediatras.

Pais crentes devem levar em conta estes medicamentos no tratamento de seus filhos? Se fizermos uma pesquisa de opinião entre um grupo representativo da população evangélica, ouviremos “certamente que sim”, e também “definitivamente não, em quaisquer circunstâncias”, além de muitos outros pareceres intermediários. Tais diferenças de opinião entre crentes comprometidos e sérios indicam, no mínimo, que as Escrituras não dizem claramente “não”. Uma pergunta mais apropriada seria “É sábio usá-los?”, em lugar de “É errado usá-los?”.

Para fazer uma escolha sábia, há informações que você deve considerar. A Ritalina é um dos medicamentos mais seguros. Foi primeiramente usado em crianças hiperativas nos anos 30, tendo, portanto, uma longa história. Hoje em dia, é prescrito a

⁴NT. No Brasil são usados com frequência o Tofranil e o Cylert.

mais de dois milhões de pessoas, de modo que estamos familiarizados com seus efeitos colaterais.

Os efeitos colaterais mais comuns da Ritalina são a supressão do apetite e a perda do sono. Visto que estes efeitos estão relacionados à dose, eles podem ser controlados pela diminuição da quantidade de medicamento. Outro efeito colateral incômodo, mas raro, são as contrações musculares involuntárias. Estas também podem desaparecer com a diminuição da dose. Caso contrário, desaparecerão quando o medicamento for retirado. Na melhor das hipóteses, a Ritalina pode ajudar uma pessoa a ganhar maior concentração, manter-se ocupada com uma tarefa por um período maior de tempo, manter um humor estável e reduzir a desatenção. Na pior das hipóteses, ela pode ter efeitos colaterais e não trazer benefícios.

Primeiramente, presumiu-se que a Ritalina aumentasse o rendimento escolar, mas não há prova disso. Embora a Ritalina seja elogiada por muitos professores, e algumas crianças demonstrem uma mudança de comportamento significativa, há pouca evidência de que ela eleve o desempenho na escola. Depois de dois anos tomando Ritalina, muitas crianças apresentam o mesmo nível de rendimento das que não receberam o medicamento.

É imperativo destacar que os medicamentos não mudam o coração de uma criança. Se ela parece mais obediente quando toma Ritalina, é porque um fator de influência em sua vida sofreu alteração. Ou seja, da mesma maneira como outros fatores podem influenciar o coração, também o corpo pode influenciar. O corpo produz prazer ou dor, clareza ou confusão mental, concentração ou desatenção. Estas mudanças físicas podem atuar como uma tentação à qual algumas

crianças respondem pecaminosamente. Quando a tentação é removida, a criança parece menos propensa a certos tipos de pecado.

Se você decidiu provar o tratamento com medicamentos, o mais importante é manter em mente que esta opção não deve eliminar a sua diligência no cuidado espiritual. Independentemente de uma maior ou menor intensidade, as fraquezas físicas não podem impedir seu filho de crescer no conhecimento de Cristo e na obediência a Ele. Esse fato oferece-lhe esperança e encorajamento no processo de educar seu filho, bem como mantém em perspectiva adequada as suas expectativas quanto àquilo que os medicamentos podem fazer por ele.

Alguns pais adotam outros tipos de tratamento como dietas ou o uso de vitaminas. Sabedoria é novamente o critério. Se você seguir estes tratamentos, não deixe que eles substituam o cuidado espiritual, e seja criterioso com relação ao tempo e dinheiro investidos, lembrando que eles são de ajuda apenas em alguns casos.

Educar filhos com sintomas de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é, afinal de contas, semelhante a educar qualquer outra criança: você precisa adaptar os ensinamentos bíblicos à capacidade de seu filho para recebê-los. Com crianças que não diferem muito de nós, trata-se de um processo relativamente imediato, pois entendemos de modo instintivo quais são os pontos fortes e fracos. As crianças cujos pontos fortes e fracos estão fora do habitual exigem observação mais cuidadosa e ensino criativo. Ao lidar com uma destas crianças, lembre-se de que ela também tem pontos fortes concedidos por Deus, e quaisquer que sejam seus pontos fracos, estes não impedirão o seu crescimento naquilo que é mais importante.

Sua Aparência:

O que os padrões atuais dizem e as imagens retratam



David Powlison¹

Uma das obsessões mais notáveis na nossa cultura é a busca da beleza física. A preocupação com a aparência impregna nosso relacionamento social e nos seduz a todos, homens e mulheres, em intensidade variada. O impacto da cultura costuma ser como o efeito da poluição do ar: o que respiramos tende a produzir mudanças em nós, devagar mas com constância. Nossa cultura nos cerca com vozes que falam sobre nossa aparência, o aspecto que devemos ter, e os louvores e críticas que supostamente acompanham o sucesso ou o fracasso. A mídia massificante sorrateiramente nos ilude com os mesmos padrões visuais. Televisão, revistas, filmes nos ensinam qual “aparência” deve ser valorizada e qual “aparência” deve ser estigmatizada. Somos ensinados a distinguir entre o “bem e o mal” em nossa aparência pelo que ouvimos e vemos.

Identifiquei a questão com bastante clareza há vários anos atrás, quando assisti a

um “infomercial” de meia hora, dirigido a homens que sofriam de calvície. Enquanto pulava de canal, seguindo um jogo de beisebol e as notícias internacionais, fui pego pelo comercial apresentado por um canal intermediário e parei para assistir.

Mentiras carecas

Fui apresentado a um homem de aparência desajeitada, aparentando trinta anos. Suas roupas eram desalinhadas e estavam dez anos atrasadas com relação à moda. Sua face era pastosa. Os olhos furtivos e envergonhados eram escuros, com bolsas nas pálpebras que acentuavam ainda mais sua aparência pouco saudável. Longas e finas tiras de cabelo ao lado de sua cabeça estavam penteadas de maneira a cobrir o topo, na tentativa fracassada de esconder a careca.

Logo percebi que estava deprimido. Ele contava como sua auto-estima havia caído nos últimos anos enquanto perdia seus cabelos e a aparência jovem. Não tinha namorada; seus fins de semana eram solitários. Ele era vendedor, mas os negócios andavam mal. Não vendia nada, e seus dias eram

¹ Tradução e adaptação de *Your looks: what the voices say and the images portray*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. Glenside, Pa., v. 15, n. 2, Winter 1997. p. 39-43.

frustrantes. A causa fundamental dos seus problemas? A calvície progressiva.

Seu argumento era que amava ir à praia, mas não ousava mais ir. Ao sair da água, as tiras de cabelo com as quais tentava esconder sua careca iriam ou emplastar no topo da cabeça ou escorrer sobre suas orelhas e pescoço. O efeito - ilustrado ante meus olhos atônitos - era repugnante.

A câmera então mudou para o vendedor responsável pelo patrocínio do show. Ele tinha a cabeça repleta de cabelos bem alinhados e explicava com detalhes um procedimento novo para restaurar os cabelos, que certamente resolveria o problema da calvície masculina. Um número 0800 aparecia na tela, e operadores estavam de plantão para atender todos que ligassem.

Finalmente, a apresentação voltou ao homem que havia previamente contado sua história do “antes”. A história do “depois” era um testemunho brilhante, retratando um homem novo. Ele agora parecia o “Sr. Cabelo”! O retrato do “antes”, em branco e preto, era mostrado ao lado do vídeo de um homem confiante e bronzeado, cheio de cabelos, que usava roupas da moda, bem talhadas, com ombros ajustados. Parecia alto e olhava os espectadores nos olhos. Disse que nunca havia se sentido tão bem consigo mesmo. Quase fora cortado do setor de vendas, mas agora concorria para vendedor do ano. Sua vida social? Palavras não poderiam descrever. Eu o via correndo pela praia com não uma, mas duas garotas de maiô, uma de cada lado! Uma nova cabeleira havia feito tudo isso por ele. A cena final do testemunho mostrava-o mergulhando nas ondas e retornando com sua gloriosa juba brilhando ao sol. Ele havia deixado os problemas para trás e desfrutava vida e vigor. Enquanto assistia a tudo isso, pensei: “Eles estão brincando, certo? Isso é uma comédia do *Saturday Night Live*, em

pré-estréia”. Mas não havia engano. Alguém estava pagando por aquela meia hora de comercial na TV. Aquele número 0800 devia atrair consumidores em número suficiente para que o negócio fosse rentável. Vozes e imagens entraram nas casas com a seguinte mensagem: “Se você tiver cabelos no alto da cabeça, você será bem sucedido e feliz, terá vida social duradoura e ganhará muito dinheiro”. De certa maneira, a coisa toda parecia boba. Porém, funcionava, comunicava. Atingia esperanças, medos, sonhos e frustrações de pessoas prontas a fazer aquela ligação e pagar.

Fisgando o coração

Esse comercial dá um exemplo não muito sutil de como vozes e imagens ilusórias atuam. Repare que a magia deve atrair alguma coisa já residente no coração humano, seja com abordagem sutil ou grotesca. Um comercial de TV não tem poder para me fazer acreditar em sua mensagem ou ligar para 0800. Sua bagagem de mentiras agita os anseios da carne e auxilia na satisfação daquilo que já reside no coração do homem: neste caso, anseios por popularidade, intimidade, felicidade, dinheiro, liberdade, a fonte da juventude. O apelo do comercial joga com a predisposição do coração caído para acreditar em “mentiras” apresentadas de milhares de maneiras diferentes. Uma análise daquilo que facilmente engana as pessoas sempre conduz ao coração crédulo e desejoso de se agarrar a uma mentira. Se quisermos expor as mentiras para dar lugar à verdade, devemos aprender a compor o mosaico de crenças e necessidades falsas que levam as pessoas à escravidão.

Perceba também como idéias e padrões falsos sempre definem ou ofuscam as noções de bem e mal, sucesso e fracasso, valor e estigma. Se estiver lidando com “pressão da

turma”, com “influência da mídia” ou com “processo de aculturação ou socialização” (para falar mais tecnicamente), a chave para entender o que acontece é trazer à luz a mentira. As mentiras próprias da cultura usurpam o papel da verdade de Deus. Elas prometem bênção e advertem sobre a maldição. Elas definem o “bem” (nesse caso, cabelos) e o “mal” (calvície). Se você conseguir o bem, terá alcançado a bênção. A mentira cria uma visão falsa de vida e de morte, de significado e de futilidade, de felicidade e de infelicidade. Para ajudar as pessoas a corrigirem suas visões distorcidas, mostre-lhes como foram moldadas por imagens e opiniões persuasivas de seu contexto.

Padrão de beleza na aldeia global

Diante da pergunta “Como vai a sua aparência?”, as mulheres geralmente sofrem mais que os homens. As mulheres são bombardeadas com vozes que dizem que a aparência define a pessoa. A cultura massificante da mídia tem grande impacto aqui. A tentação de se preocupar com a aparência física sempre existiu, mas hoje os veículos de tentação são bem mais intensos e propositais. Em 1890, as mulheres podiam se comparar com outras dez de sua idade que moravam na mesma aldeia. Em nossos dias, as mulheres se comparam com as fotos da propaganda da indústria mundial da moda. As imagens estão em *todas* as capas de revista: revistas para homens ensinam o que procurar, revistas para mulheres ensinam qual visual se deve ter. A imagem é a mesma em todas as capas, seja qual for o leitor alvo. Ela define valores e os estigmatiza, e tem um efeito destrutivo selvagem.

Considere os elementos do sistema de valores exposto diante dos seus olhos. Primeiro, os padrões atuais dizem que você

deve ser perfeita, sem falhas, seja o que for que isso queira dizer. Um grande número de mulheres são estigmatizadas imediatamente. Talvez uma tenha sido um bebê vítima da talidomida, que nasceu sem o braço direito. Outra tem uma marca de nascença na face, cor de vinho, ou lábio leporino. Outra ainda tem uma cicatriz no rosto resultante de uma queimadura com água quente aos quatro anos de idade. Malditas! Fracassadas! Este sistema de valores mostra o perfil clássico da tentação: balance a isca e disfarce o anzol. Ele diz: “Se você tiver esse visual, será feliz”. E então a maldição chega e rejeita um grande número de mulheres como defeituosas.

Segundo, o sistema de valores prescreve as dimensões da face e a aparência corporal. O que acontece se suas orelhas sobressaem, seu nariz é pontudo ou você se assemelha mais a uma pera do que à Barbie? Você é um fracasso, mesmo que esta tenha sido a forma como Deus a fez. Você deve se parecer com algo que se encaixe na forma “ideal” - um ideal que promete bênçãos. Imediatamente, outra grande porcentagem de mulheres fracassa.

Terceiro, esse visual, essa imagem, essas vozes que ditam às mulheres a aparência que elas devem ter, fazem algo mais que desvalorizar a maneira como Deus as fez. Também presumem que as mulheres têm tempo livre e dinheiro. É necessário ter dinheiro para ser capaz de seguir as tendências da última moda; é necessário ter horas vagas para poder gastar tempo cultivando a aparência. Não há como uma mãe de crianças em idade pré-escolar, e que possivelmente passou a noite em claro ao lado de um filho doente, combinar com essa imagem-padrão. Cansaço e aparência desgastada não são admitidos. Mãos de quem lava louça, sua para ganhar a vida, trabalha na fábrica ou no campo não são permitidas. A “aparência” implica

riqueza, tempo livre e criados - pessoas para polir suas unhas, aplicar emolientes no rosto e tomar conta das crianças! Mais uma vez, as bênçãos do ideal transformam-se em maldição para aquelas que ficam aquém: a maioria dos seres humanos.

Quarto, o ideal também traz embutido um forte preconceito racial. Há variações culturais, mas cada cultura tende a valorizar o visual de determinado grupo étnico e desprezar outros. A cultura americana revela, em geral, uma propensão caucasiana. Pessoas com antepassados asiáticos, hispânicos ou negros que se destacam na mídia costumam ter traços fisionômicos caucasianos. Por exemplo, Connie Chung é chinesa, mas seu rosto não é classicamente asiático; a estrutura facial é caucasiana. Modelos afro-americanos como Iman, Naomi Campbell e Tyra Banks são variações exóticas de ideais de beleza mais caucasianos que negros. É raro ver na mídia negros com características básicas da raça negra; Oprah Winfrey é uma exceção, mas ela está na televisão mais por sua personalidade que por sua beleza. Preconceitos raciais têm o mesmo efeito que os demais componentes do ideal de beleza: milhões de mulheres são imediatamente estigmatizadas.

Um quinto aspecto desse falso padrão traz uma maldição para toda mulher: a idade em que a mulher é fisicamente atraente vai dos 15 aos 35 ou 40 anos. Não há como evitar os pés-de-galinha que aparecem aos redor dos olhos, as rugas na testa, os inexoráveis efeitos da gravidade: o envelhecimento e a maternidade fazem com que aquilo que antes era firme comece a pender. Elizabeth Taylor pôde se submeter a incontáveis *lifts*, plásticas e alterações cosméticas, mas a garota de 16 anos do *National Velvet* não é mais a mesma nem nunca mais será. O corpo começa a parecer velho e nada pode reverter o processo. Até mesmo a mulher bem-sucedida na luta

para atingir o ideal cultural consegue sustentar o sucesso por um tempo limitado. Chega o dia em que aquelas que vivem o bastante ganham aparência de vovó: velha, enrugada, com cabelos brancos, fraca e corcunda. Você está em uma corrida contra o tempo na qual todos perdem. Se você abraçar o sistema de valores, um dia você cairá na desgraça, não importa como. Esta é a ilustração perfeita de como as imagens e vozes falsas operam: elas nos enganam e deslumbram. Damos crédito a elas, ansiamos pelas bênçãos que prometem e tememos suas ameaças; elas nos controlam e, finalmente, nos matam.

O sonho impossível

Certa vez, eu estava conversando sobre essas coisas com um grupo de pessoas, quando uma mulher disse: “Eu tenho alguma coisa a mais para acrescentar à sua lista. Eu trabalhei na indústria da moda em Nova Iorque. Você sabia que nem mesmo as modelos se parecem com suas fotografias? Quando tiramos uma foto de uma modelo para a capa de uma revista, nós a colocamos no computador para reformatar sua imagem. Alongamos a linha do maxilar, fazemos uma leve depressão nas bochechas, afinamos as coxas e o quadril; criamos alguém que nunca existiu. Se encontrarmos essa modelo na vida real, ela parecerá baixa e gorda em comparação com sua aparência na capa da revista!”.

Na capa da revista, a modelo parece a Barbie. Na vida real, parece uma pessoa de verdade. Pense nesse contra-senso. Milhões de mulheres olham-se no espelho e comparam seu visual com uma face e uma imagem corporal ideais, obcecadas pela aparência que não têm. Mas... nem mesmo as modelos têm aquela aparência! É o engano extremo. Aquela mulher ainda acrescentou: “Está se tornando cada vez mais popular em alguns

segmentos da indústria da moda usar traves-tis como modelos para roupas femininas em desfiles ao vivo. O corpo masculino costuma não ter quadril marcado, enquanto as mu-lheres têm quadris largos. Os homens têm a aparência magra que queremos promover nas mulheres”. No auge da perversão, a mentira estimula as mulheres a formatar o corpo de acordo com um contorno que não é natural ao seu gênero!

Algumas observações a mais podem dar vida ao assunto. Os padrões estéticos variam muito de cultura para cultura. Mui-tas mulheres americanas estão deprimidas e dominadas pela sua aparência, mas em outra cultura seus “defeitos” podem ser o grande trunfo. Em culturas do Terceiro Mundo, por exemplo, o sistema de valores sempre tende para a grandeza como ideal. O grande confere prestígio, o pequeno não, porque grande significa ter alimento e magreza cono-ta pobreza. Seu volume, e não sua magreza, revela que você tem fortuna e tempo livre. Quando fui a Uganda numa viagem missio-nária, havia uma mulher no grupo que era bastante atraente de acordo com os padrões americanos. Ela nos contou que as senhoras ugandenses chegavam até ela, apertavam seus braços e balançavam a cabeça: “Pobre garota, seu marido não tem dinheiro suficiente para alimentá-la? Seu pai é pobre? Seu marido não a ama? Por que você é tão magra?”. Os mesmos valores aparecem mais formalizados em Tonga, onde o ideal de beleza feminino pesa aproximadamente 130 quilos. Gor-dura significa marido rico o suficiente para empanturrar a esposa com fruta-pão, peixe e papaias. Essas observações transculturais revelam mentiras de outras culturas que se equiparam às de nossa cultura. Ajudam-nos a ser imparciais e perceber como é errado ter o coração manipulado pelo conjunto de ima-gens e opiniões que nos assaltam. “Sucesso”

e “fracasso” são freqüentemente reduzidos a acidentes de nascimento.

Finalmente, esses padrões são também variáveis ao longo da história. Mesmo na América do Século XX, houve grandes mudanças no tipo ideal de corpo. Nos anos 20, a mulher “varapau” - alta e magra - era mania coletiva. Por volta dos anos 40, a mu-lher ideal parecia ter saído de um quadro de Rubens, com bastante carne sobre os ossos. Nos anos 90, as mulheres adequadas aos anos 40 são consideradas gordas! Nesse caso, o “sucesso” ou o “fracasso” são definidos por nascimento. A perfeição tem vida curta, e fi-nalmente é substituída por um novo modelo. Nos anos 80 e 90, os americanos começaram a aspirar por uma imagem impossível: a da boneca Barbie. Como pudemos ver, pessoas reais não se parecem com uma boneca - a não ser que haja intervenção de silicone, lipoaspiração e cirurgias.

Escravos de um padrão

Procuramos analisar os falsos padrões de beleza que nos atraem. O que acontece quando um crente adota esses padrões? Ele passa a viver fora da lógica de sua fé, de muitas maneiras. É comum que as mulheres sintam uma leve mas constante ansiedade sobre sua aparência. Isso pode se manifestar de formas sutis como gastar minutos extras em frente ao espelho tentando consertar o que parece inaceitável ... ou remoer in-ternamente lamentos como “se apenas...”. Remendos da aparência, imaginários ou verdadeiros, podem consumir considerável energia e tempo. Ou talvez após o culto, uma mulher atente para a aparência das demais e se compare a elas. Este olhar que se fixa em outras é instruído por uma hierarquia de valores definida pelos padrões de beleza, e vem acompanhado de ciúme, desprezo de si mesma, competitividade, comparações

de inferioridade/superioridade, e assim por diante.

É provável que essa mulher saia em busca de alterações em sua aparência: cor dos cabelos, perda de peso, roupas novas, cosméticos, operações plásticas. Talvez deslize para um transtorno alimentar. Talvez mergulhe no desespero e desista, ganhando muitos quilos, tornando-se desalinhada e feia. “Eu sou um fracasso” registra a manifestação de sua devoção à mentira. Todas essas preocupações roubam-lhe a alegria e liberdade da fé em Cristo, o Senhor, e minam as energias que poderiam ser gastas em amor e consideração pelos outros.

A Palavra de Deus fala amplamente sobre a questão de “aculturação” ou escravidão aos falsos padrões e opiniões do mundo e seus sistemas distorcidos de valores e estigmas. Em vários textos, as Escrituras destacam com clareza a questão da beleza. Provérbios 31.30-31 retrata a beleza verdadeira do temor e amor ao Senhor nosso Deus, e comenta sobre a graça enganosa e a formosura vã. Beleza de caráter verdadeira e duradoura, tranqüilidade, sabedoria e amor exalam desses provérbios. I Pedro 3.1-6 define igualmente a beleza, contrastando o padrão cultural (“os adornos exteriores”) com o padrão verdadeiro e duradouro de Deus (“o coração”). A verdadeira beleza não teme; nunca é devastada pelo tempo ou aflição; não se torna insegura. É o tipo de beleza que pode ser mais radiante aos noventa anos do que aos dezoito, e melhora com o tempo, em lugar de se deteriorar.

Um padrão alternativo

A Palavra de Deus está repleta de passagens maravilhosas direcionadas a renovar mentes e corações, fazendo-nos servir e almejar padrões diferentes. Isaías 44, por exemplo, ilustra como as Escrituras nos aju-

dam a lidar com as mentiras que idolatramos e que pedem nossa lealdade. Isaías critica a adoração falsa, zombando dos ídolos: “Você pode acreditar? O homem corta uma árvore em dois. Com uma metade esculpe um deus e se inclina para adorá-lo. A outra metade ele talha e usa como lenha para fazer o jantar. Que tolice!”. O Salmo 115 diz algo semelhante: “Por que servir a deuses que não são deuses? Eles têm boca, mas não falam; têm mãos, mas não podem fazer nada. Não podem abençoar nem amaldiçoar. Por que servir a mentiras? Por que servir a coisas mortas que não têm nenhum poder? Você pode servir ao Deus Vivo que trabalha, anda, vê e fala. Sirva a Deus!”. Zombar dos ídolos e revelar sua falsidade são maneiras de livrar as pessoas de sua influência e de promover amor e adoração a Deus. A Palavra de Deus sempre mostra o que é falso, libertando-nos para a adoração dAquele que é verdadeiramente belo, glorioso e admirável. Em Isaías 44 e no Salmo 115 gritos de alegria em Deus tomam o lugar da escravidão, superstição e ilusão da adoração falsa.

Uma das minhas intenções com este artigo é ajudar a livrar pessoas de opiniões e padrões enganosos com respeito à aparência. As páginas anteriores expõem características da mentira e revelaram o absurdo e o engano dos padrões de beleza. Fizemos piadas. Zombamos das coisas vãs que laçam a muitos, para que as pessoas que foram feitas à imagem de Deus possam ser libertas para buscar a semelhança e a voz de Deus com alegria e vigor. Por que perder tempo com frivolidades que desapontam e condenam, quando a verdade substancial está cheia de alegria genuína e duradoura?

O despertar da fé

Minha esposa e eu temos tido o privilégio de ver mulheres passarem por uma verdadei-

ra transformação nessa área. Uma de nossas amigas esteve escravizada por sua aparência mais que qualquer outra pessoa que conheci. Ela lutou com transtornos alimentares durante muitos anos; desde a adolescência, nunca havia saído de casa sem maquiagem, sem “colocar seu rosto” como ela dizia. Ela se olhava no espelho dez a quinze vezes antes de sair. Quando estava junto de outras pessoas, era altamente sensível e comparava-se com outras mulheres, preocupando-se com o que os homens pensavam a seu respeito.

Assim que Deus começou a quebrar essa mentira, sua vida começou a florescer e o fruto visível e doce brotou. Sua fé em Cristo prosperou. Sua alegria no Salvador, que lhe havia concedido perdão e a estava livrando da idolatria, era evidente. Ela começou a se interessar por outras pessoas e a alcançá-las em amor, ao invés de ser consumida por ansiedade e preocupação.

Uma noite, ela veio jantar conosco e, antes de sair, fez um comentário: “Vocês não notaram nada? Eu não estou usando maquiagem pela primeira vez em 20 anos!”. Este foi um passo de fé que ela deu, entre outros. Continuou a contar como Deus a convenceu de que deveria olhar no espelho apenas duas vezes: a primeira vez para ver se estava tudo em ordem e a segunda, antes de sair de casa, para ter certeza de que não havia esquecido nada. Falou também de como seus alvos com relação a outras pessoas estavam mudando. Antes de sair para a igreja ou para o trabalho, ela simplesmente pedia a Deus para mostrar a quem amar e como fazê-lo.

Os frutos da justiça ficaram evidentes em cada detalhe: livramento da “necessidade” de maquiagem, menos tempo diante do espelho, mudança de atitude para com

outras pessoas. A vida desta mulher é um retrato maravilhoso da maneira detalhada como a redenção trabalha em todas as áreas de nossa vida. Ela deu bons frutos específicos, feitos sob medida para sua situação e lutas pessoais.

A preocupação com a aparência física expressa-se em vários frutos maus: fantasias, transtornos alimentares, desespero, inveja e comparações, gastos fora de controle, insatisfação consigo mesmo e com outros. Para ajudar as pessoas que lutam com esses problemas, tenha certeza de olhar para quatro direções.

1. Exponha as mentiras que são fonte de engano. Ajude a pessoa a identificar as influências absorvidas regular e imperceptivelmente, à semelhança do ar poluído que respiramos.

2. Exponha o coração que acredita em mentiras e anseia por um falso padrão de beleza. Os enganos do mundo encontram solo fértil e a mudança precisa começar pelo coração.

3. Mostre a beleza e a glória da graça de Cristo. Ele veio para perdoar e livrar os escravos da escuridão. Em nossa cultura atual, onde reinam padrões massificantes, propagandas manipuladoras e a indústria da moda, vemos a armadilha da beleza física como um grande campo onde Seu livramento pode atuar.

4. Indique o caminho para mudanças práticas, redirecionamento de prioridades, e um estilo de vida amoroso ao invés de preocupação consigo mesmo.

As obsessões mais visíveis na nossa cultura são um excelente lugar onde a beleza de Cristo pode brilhar com maior intensidade.

Transtorno Dissociativo de Identidade

Insight bíblico



Edward T. Welch¹

Anteriormente conhecido como Transtorno de Personalidade Múltipla, o Transtorno Dissociativo de Personalidade necessita de *insight* bíblico. Atualmente, é visto como um problema singular, que requer soluções peculiares e complexas que vão muito além da competência da maioria dos conselheiros. Alguns diriam que tratá-lo como leigo ou pastor beira o antiético. Você estaria atuando em um campo em que é ignorante, e sem ter a sofisticação técnica necessária para entender ou ajudar. Além disso, na tentativa de ajudar, você poderia *prejudicar* a pessoa.

Para muitos de nós, esta colocação parece razoável. Se há algo que, com prazer, deixamos aos *especialistas*, é o Transtorno de

Personalidade Múltipla: “Que venham os problemas conjugais ou de criação de filhos; mas se o Transtorno de Personalidade Múltipla bater à porta, não estou em casa”. No entanto, essa disposição para evitar o assunto ou pressa de passar adiante é potencialmente perigosa. Significa que o Transtorno de Personalidade Múltipla precisa encontrar ajuda *fora* da igreja. Significa que cremos na existência de alguns problemas que ultrapassam o propósito das Escrituras. Infere que as Escrituras têm resposta para uma ampla variedade de problemas, mas não pretende lidar com os diagnósticos atuais.

Na verdade, estamos diante de uma oportunidade para *insight* bíblico. *Insight*, como sugere Jay Adams, é ver o velho no novo². *Insight* bíblico é encontrar categorias teológicas consagradas ao longo do tempo que são suficientes para entender o novo, o bizarro ou aquelas observações que não são mencionadas nas Escrituras. Certamente, limitar-se a *insight* não é o alvo. O alvo é o *insight* bíblico *aplicado*, que ajude as pessoas a viverem como servas de Deus.

¹Tradução e adaptação de *Insight into Multiple Personality Disorder*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. Glenside, Pa., v. 14 n. 1, Fall 1995. p. 18-26. Contribuição de Philip More para pesquisas

Embora o diagnóstico atual seja Transtorno Dissociativo de Personalidade (DSM-IV), usaremos ao longo do artigo o termo Transtorno de Personalidade Múltipla, por ser mais conhecido.

O que é o Transtorno Dissociativo de Personalidade ou Transtorno de Personalidade Múltipla?

Insight inclui ouvir o que as pessoas estão dizendo. O que elas estão observando que, à primeira vista, demanda estratégias extra-bíblicas? Esse ouvir *não* significa que o “livro da natureza” possui a mesma autoridade que as Escrituras. Quer dizer apenas que devemos entender o que as pessoas estão dizendo para poder examinar biblicamente. Todas as observações são avaliadas pela lente das Escrituras e ficam *debaixo* das Escrituras, e não a par com elas. Nossa tarefa é trazer de volta à autoridade bíblica esse diagnóstico *apóstata*, que tem ganho popularidade no meio evangélico.

O Transtorno de Personalidade Múltipla atraiu a atenção em nossos dias com o livro e o filme *The Three Faces of Eve* (*As Três Faces de Eva*).

Eva pareceu momentaneamente paralisada. Sua postura começou a mudar de repente. Seu corpo enrijeceu vagarosamente até que ela se sentou rigidamente ereta. Uma expressão estranha, inexplicável, veio então sobre sua face. Repentinamente mudou para uma extrema palidez... Ela descansou em uma atitude de conforto que o médico nunca havia visto antes nesta paciente. Um par de olhos azuis brilhantes se abriram. Houve um sorriso rápido, incansável. Com voz estranha, faiscante, a mulher disse, “Olá doutor.”³

²ADAMS, Jay E. *Insight and creativity in counseling*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1982.

³TIGHPEN, Corbett H., CLEKLEY, Hervey M. *The three faces of Eve*. New York: McGraw-Hill, 1957. p. 23.

Em geral, pessoas diagnosticadas como portadoras do Transtorno de Personalidade Múltipla são de sexo feminino (9 mulheres para cada homem), com idade inferior a 45 anos, casadas, com uma história de abuso sexual ou físico. Costumam estar familiarizadas com o sistema de saúde mental, tendo recebido diagnósticos psiquiátricos anteriores variando de ansiedade a esquizofrenia ou depressão maníaca. Receberam aconselhamento de cinco a sete anos, em média, antes que se tenha pensado e falado em personalidades alternativas.

Os critérios oficiais para o Transtorno Dissociativo de Personalidade são:⁴

- A. Presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos (cada qual com seu próprio padrão relativamente persistente de percepção, relacionamento e pensamento acerca do ambiente e de si mesmo).
- B. Pelo menos duas dessas identidades ou estados de personalidade assumem recorrentemente o controle do comportamento da pessoa.
- C. Incapacidade de recordar informações pessoais importantes, demasiadamente extensas para ser explicada pelo esquecimento comum.
- D. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., *blackouts* ou comportamento caótico durante a Intoxicação com Álcool) ou de uma condição médica geral (por ex., crises parciais complexas).

Nota: Em crianças, os sintomas não são atribuíveis a companheiros

⁴*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM-IV. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 463.

imaginários ou outros jogos de fantasia.

Os terapeutas que frequentemente diagnosticam o Transtorno de Personalidade Múltipla costumam adicionar outros sintomas: uma história de perda no tempo, comportamentos presenciados por outros e que a pessoa não consegue lembrar, tendência de alternar personalidades durante situações estressantes (sem que a personalidade principal esteja aparentemente ciente da mudança), e o uso do coletivo “nós” no falar.

Na história da psiquiatria, os critérios de diagnóstico surgiram muito vagarosamente, ao lado da emergência de uma categoria distinta identificada como Transtorno de Personalidade Múltipla. Antes de 1980, a personalidade múltipla era listada como um sintoma de histeria. Entretanto, a partir do fim da década de 70, houve um aumento rápido do número de diagnósticos de Transtorno de Personalidade Múltipla. Em 1944, os casos publicados totalizavam 76.⁵ Nas duas décadas seguintes, cinquenta novos casos foram publicados.⁶ Mas em 1987, seis mil casos foram registrados ao longo do ano.⁷

Ao lado desse aumento do número de casos registrados, há um crescimento curioso no número de identidades alternativas relatadas em cada caso de Transtorno de Personalidade Múltipla. Nos 76 casos da literatura de 1944, 48 tinham apenas duas identidades alternativas e somente um deles

tinha mais que oito. Mais recentemente, Sí-bila tinha 16 personalidades e Eva, 22. Nos anos 80, foram registrados casos com 200, 300 e até 1.000 personalidades. E enquanto que as identidades alternativas de 1944 eram principalmente opostas às principais (recatadas *versus* promíscuas), as identidades alternativas atuais incluem o sexo oposto, idosos, crianças e até mesmo animais.

O aumento tanto em número de casos como em número de identidades alternativas encontra paralelo no aumento de publicações sobre o Transtorno de Personalidade Múltipla. Em 1983, uma revisão de literatura encontrou 350 artigos.⁸ Em 1991, uma nova revisão de literatura encontrou um total de 847 artigos.⁹ Alguns sugerem que essas mudanças são resultado da histeria médica — médicos e terapeutas vêem um fenômeno onde não há nada para ver ou induzem os sintomas em pacientes vulneráveis mediante sugestão.¹⁰ A recompensa para o terapeuta é a publicação de um trabalho ou, no mínimo, um caso interessante com que lidar; a recompensa para o paciente é que ele pode evitar o problema real e ainda receber intenso interesse e apoio profissional. Críticas seculares também apontam que o Transtorno de Personalidade Múltipla está simplesmente refletindo uma tendência social baseada na política sexual dos anos 80 e 90. Ou seja, é uma consequência natural de premissas e crenças sociais a respeito de opressão e vitimização sexual. “Assim como uma epidemia de bruxaria serviu para provar

⁵TAYLOR W.S., MARTIN M. F. Multiple personality, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 39, 1944, p. 281-300.

⁶NORTH et. al., *Multiple personalities, multiple disorder*. Psychiatric classification and media influence. New York: Oxford, 1993.

⁷RICHEPORT, M. M. The interface between multiple personality, spirit mediumship, and hypnosis. *American Journal of Clinical Hypnosis*, v. 34, n. 3, 1992, p. 171.

⁸BOOR, Coons. Comprehensive bibliography of literature pertaining to multiple personality, *Psychological Reports*, v. 53, 1983, p. 295-310.

⁹NORTH et. al., op. cit. p. 13.

¹⁰E.g., Multiple Personality continues to be controversial among psychiatrists. *Psychiatric News*, Nov. 20, 1992.

a chegada de Satanás a Salém, em nossos dias uma epidemia de Transtorno de Personalidade Múltipla é usada para confirmar que um grande número de adultos foram abusados sexualmente (...) durante a sua infância”, sugere o Dr. Paul McHugh, da Universidade Johns Hopkins.¹¹ Ainda assim, deveríamos resistir ao impulso de rejeitar imediatamente os fenômenos que dão origem a esse diagnóstico. Não levar em conta as inúmeras observações sobre o Transtorno de Personalidade Múltipla seria esquivarmo-nos do nosso chamado a olhar tudo através da lente interpretativa das Escrituras. Mesmo sendo verdade que o Transtorno de Personalidade Múltipla pode ser induzido por alguém que esteja à sua procura, isso não significa que todo Transtorno de Personalidade Múltipla é fruto de sugestão. E conquanto seja verdade que o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla ganhou notoriedade e força em um momento de forte conscientização da opressão e vitimização sexual (ou até mesmo obsessão com o assunto), isso não significa que o Transtorno de Personalidade Múltipla seja tão passageiro como a última moda, ainda que tenha precisado de determinado ambiente social para ser reconhecido.

A única razão pela qual seríamos contrangidos a negar a existência do Transtorno de Personalidade Múltipla é se a Bíblia afirmasse com clareza que sua existência é impossível. Em tal caso, o Transtorno de Personalidade Múltipla seria como a fonte da juventude ou o purgatório: uma idéia forjada por homens, mas impossível à luz da Palavra. À primeira vista, como nada é dito a seu respeito na Bíblia, o Transtorno de Personalidade Múltipla pode até parecer

uma idéia impossível. Mas o fato da Bíblia não o citar não é razão suficiente para descartá-lo. É verdade que a Bíblia não menciona o Transtorno de Personalidade Múltipla, mas também não menciona a anorexia nem a doença de Alzheimer. Só porque a Bíblia não o trata por nome, não significa que o Transtorno de Personalidade Múltipla seja um fenômeno impossível. A Bíblia dá categorias pelas quais podemos entender e ajudar os anoréxicos e os pacientes com Alzheimer. E a não ser que ela nos dê razões para duvidar da existência do Transtorno de Personalidade Múltipla, ela oferecerá respostas claras para este problema também.

Antes de investigar essas respostas com maior atenção, olharemos para um breve resumo das abordagens seculares de tratamento, algo a que também devemos oferecer uma resposta bíblica. Visto que o Transtorno de Personalidade Múltipla costuma ser considerado como uma estratégia para dissociar memórias e emoções indesejáveis de pensamentos presentes, o alvo do tratamento é integrar fragmentos de memória em um todo unificado. Em geral, o tratamento tem início com a identificação ou “mapeamento” do sistema de identidades alternativas do aconselhado. Usando a hipnose, com freqüência, os terapeutas procuram uma identidade alternativa que esteja ciente de todas as demais e conheça a razão de sua existência. Essa identidade alternativa costuma ser chamada de *auto-ajudador interno* ou *observador oculto*.¹²

Com as informações fornecidas pela personalidade ajudadora, e dialogando com as identidades alternativas, os terapeutas

¹¹MCHUGH, Paul. *American scholar*. Citado em *Psychiatric News*, nov. 20, 1992.

¹²ROSIK, C. Conversations with an internal self-helper. *Journal of Psychology and Theology*, v. 20, 1992, p. 217-223.

tentam fazer com que todas as identidades fiquem cientes do inteiro conjunto de informações. Às vezes, o alvo é uma fusão de personalidades em uma personalidade integrada; mas “consciência”, sem integração, já é aceitável para a maioria dos terapeutas. Em seguida, os terapeutas trabalham para dar aos aconselhados novas habilidades de lidar com a vida para que eles não continuem a fragmentar seus pensamentos e sentimentos.¹³

Insight bíblico para o Transtorno de Personalidade Múltipla

Com esta breve visão panorâmica do Transtorno de Personalidade Múltipla, muitas mentes cristãs já devem estar trabalhando. É possível uma pessoa ter duas personalidades? Como saber se as memórias são dignas de confiança, especialmente quando algumas das lembranças dizem respeito a abuso em ritual satânico? Todas as personalidades precisam ser evangelizadas para que a pessoa seja salva? Será que a Bíblia não fala sobre esse fenômeno como possessão demoníaca?

O Transtorno de Personalidade Múltipla existe?

A lista das perguntas possíveis é longa, revelando como é importante alcançar uma compreensão bíblica que simplifique o Transtorno de Personalidade Múltipla. Mas essas perguntas são irrelevantes se a existência do fenômeno não for viável biblicamente. Nossa primeira pergunta, portanto, deve ser: o Transtorno de Personalidade Múltipla realmente existe? Se pudermos demonstrar que

sua existência contradiz as Escrituras, então nossa resposta à literatura sobre o Transtorno de Personalidade Múltipla será que o termo é produto do trabalho de pesquisadores bem intencionados, mas iludidos pela observação de pessoas que perderam o auto-controle.

Para sustentar a inexistência do fenômeno, alguns têm argumentado que Deus criou cada um de nós como uma personalidade única; portanto, qualquer sugestão da existência de mais de uma personalidade no mesmo indivíduo é fantasia ou possessão demoníaca. Personalidade múltipla é uma impossibilidade a não ser em pessoas possesas. No entanto, não há como sustentar este argumento biblicamente. Embora cada um de nós seja de fato uma pessoa única, a Bíblia nunca afirma a existência de um estilo pessoal unificado em todas as situações. Em algumas situações podemos ser sociáveis, em outras, podemos gostar de privacidade. Algumas memórias podem nos deixar tristes, outras indignados. Outras ainda podem provocar ambos os efeitos. A idéia de que podemos ter uma resposta perfeitamente *previsível* para todas as situações não é um conceito bíblico. Devemos ter uma resposta *bíblica* para as situações, mas não temos uma garantia bíblica para exigir que a resposta de uma pessoa se conforme às nossas expectativas de normalidade.

E quanto à reivindicação de que algumas identidades alternativas não estão cientes do que as outras estão fazendo? Como explicar isso? Uma resposta bíblica diria que, apesar dos lapsos de memória alegados serem inusitados e difíceis de entender, eles não são biblicamente proibidos. A Bíblia nunca diz que é essencial para a nossa condição de seres humanos possuir uma memória perfeita daquilo que fizemos ontem ou uma hora atrás. E não diz que sempre saberemos explicar a razão por que agimos de determinada maneira

¹³Um tratamento mais completo de estratégias comuns de aconselhamento pode ser encontrado em BRAUN, B. G. et. al. *Treatment of Multiple Personality*. Washington D.C.: American Psychiatric Press, 1986. Também, FRIESEN, Gary. *Uncovering the mystery of MPD*. San Bernardino, CA: Here's Life, 1991.

ra. É certamente estranho guardar somente uma vaga memória de eventos significativos. Às vezes é útil saber a razão por que fizemos certas coisas, mas memórias vagas ou um entendimento deficiente da nossa motivação não é uma violação das Escrituras.

O que viola as Escrituras é afirmar que não somos responsáveis pelo nosso comportamento pecaminoso. As Escrituras não dão margem a equívocos. Eu sou responsável pelo “bem ou mal que tiver feito por meio do corpo (2 Co 5.10). Se o instrumento foi o meu corpo, eu sou moralmente responsável. Não importa se eu me chamo alternadamente “João”, “Susana”, “Vovó” ou “Aninha”, eu ainda sou a mesma pessoa. Essas personalidades são todas partes de mim. Se uma personalidade mente, a pessoa inteira mentiu e é responsável, mesmo que não tenha uma memória clara da mentira.

Em linhas gerais, muitos observadores do Transtorno de Personalidade Múltipla concordariam com o princípio da responsabilidade pessoal, mas adicionariam uma qualificação significativa. Eles diriam que cada personalidade é responsável pelo seu comportamento. A personalidade 1 é moralmente responsável pela personalidade 1, e a personalidade 2, pela personalidade 2. Portanto, a personalidade 1 não é responsável pela personalidade 2. Afinal de contas, eles dizem, como pode uma identidade alternativa de criança ser responsável pelas ações da identidade alternativa de adulto maldoso que furta todas as vezes que entra em uma loja?

Este ponto de vista faz certo sentido. Parece cruel forçar uma identidade alternativa de criança assustada a que confesse as ações de uma identidade alternativa rebelde. Também parece simplista, pois há algumas identidades alternativas que estão prontas a confessar qualquer coisa, principalmente as

identidades amedrontadas. Uma abordagem bíblica pode evitar a complexidade esclarecendo que o comportamento pecaminoso é uma expressão do coração (p. ex., Mt 12.34; 15.18-20). Na prática, isso significa que um irmão ou irmã pode lembrar à pessoa com capacidade dissociativa que o coração é enganoso (Jr 17.9), e ao mesmo tempo não ignorar o medo e a dor que ela está experimentando, pois as Escrituras exigem compaixão ao encontrarmos uma pessoa contra quem outros pecaram. Mas mesmo quando a pessoa se sente amedrontada e ferida, há em seu coração enganos profundos que incluem rebeldia. Uma abordagem bíblica, portanto, protege o aconselhado de transferir a culpa para outros, mas também orienta os conselheiros para que tenham compaixão.

Como acontece o Transtorno de Personalidade Múltipla?

Se o Transtorno de Personalidade Múltipla é possível, de onde ele vem? Como as pessoas desenvolvem personalidades distintas?

Persistindo no alvo de obter *insight* bíblico, considere esta afirmação importante: as pessoas com diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla são mais semelhantes a nós do que diferentes de nós. Quando procuramos entender comportamentos que parecem bizarros, devemos lembrar que a Bíblia enfatiza nossas semelhanças mais que nossas diferenças: somos pecadores que necessitam constantemente da graça de Deus. Certamente, em níveis mais superficiais, pode haver diferenças significativas entre a nossa pessoa e alguém diagnosticado como portador de Transtorno de Personalidade Múltipla, assim como há diferenças entre todas as pessoas. Mas somos semelhantes em níveis mais básicos. Portanto, os elementos

que nos ajudam a alcançar uma compreensão bíblica a nosso respeito nos ajudam também a compreender o Transtorno de Personalidade Múltipla.

A psiquiatria americana entra em conflito com esse princípio. Diagnósticos psiquiátricos são considerados técnicos e definidos; você se enquadra ou não em determinadas categorias. Em contraste, uma perspectiva bíblica coloca as várias diferenças interpessoais em um *continuum*: pessoas estão em diferentes pontos de uma escala. Isso é relevante para pecados, dons espirituais, fraquezas e qualidades de caráter.

De fato, “esticar” uma categoria para que inclua a pessoa “comum” é uma estratégia bíblica normal para auxiliar na compreensão do coração humano. Por exemplo, a maioria das pessoas não vêem a si mesmas como assassinas ou adúlteras; nós nos consideramos “fora” dessa categoria técnica. Mas no Sermão do Monte (Mt 5-7), Jesus amplia essas categorias até o ponto em que percebemos que estes “diagnósticos” mais severos nos descrevem em meio às circunstâncias normais da vida. No que diz respeito ao coração do homem, a Bíblia enfatiza que há basicamente pouca diferença entre o assassino e o santo. Todos são pecadores, todos vivem neste mundo debaixo da maldição, todos vivem como criaturas responsáveis perante Deus, e todos são incapazes, por si mesmos, de viver de modo que agrade a Deus.

Com isso em mente, considere algumas experiências pessoais que podem esclarecer o Transtorno de Personalidade Múltipla. Relembre uma ocasião em sua vida quando alguém pecou descaradamente contra você ou você testemunhou um crime cometido contra outra pessoa. É provável que suas respostas tenham sido bastante complexas, incluindo ira diante da injustiça, compaixão pela vítima ou pena do agressor. Talvez você

tenha se sentido abandonado por aqueles que poderiam ter ajudado, isolado daqueles cuja vida parecia estar livre de problemas, ou ainda rejeitado por Deus. Essas são somente algumas das experiências possíveis.

No caso do Transtorno de Personalidade Múltipla, geralmente estamos diante de pessoas que vivenciaram ou testemunharam pecados terríveis. À semelhança do que aconteceria com todos nós, suas respostas foram complexas. É como se tivessem sido fraturadas ou fragmentadas, e cada fragmento representasse uma reação diferente ao abuso. Algumas respostas podem ter sido pecaminosas como, por exemplo, ira injusta. Mas muitos desses “fragmentos” são respostas que possuem um precedente nos Salmos e poderiam estar dentro dos limites da fé.

Poderíamos até dizer que o fenômeno da mente fragmentada é parte da nossa existência como seres humanos que habitam na terra. Por exemplo, se você for ao funeral de um cristão, provavelmente experimentará reações opostas e concomitantes. Haverá uma grande alegria, sabendo que Deus está sobre todas as coisas e que a pessoa falecida está com o Senhor. Mas também haverá uma tristeza grande porque você perdeu alguém que amava. Ao mesmo tempo, você poderá sentir esperança, um senso de isolamento, e até ira por lembrar que a morte não era o propósito inicial de Deus para a Sua criação. Repare nas reações aparentemente contraditórias do apóstolo Paulo na segunda carta aos Coríntios. Ele fala extensivamente sobre seus sofrimentos, mas também sobre a glória de servir a Cristo e o prazer que encontra nos sofrimentos.

Nossas experiências comuns estão em um *continuum* em que consta o “patológico” e o bizarro. As reações complexas que temos diante do mal nos ajudam a entender as reações complexas daqueles que são diag-

nosticados como portadores do Transtorno de Personalidade Múltipla. Experiências simultâneas e opostas não são inusitadas, assim como nossas emoções podem mudar rapidamente de acordo com os acontecimentos em que pensamos.

O que vimos até aqui ainda não explica como algumas dessas experiências estão aparentemente tão isoladas umas das outras em pessoas que manifestam o chamado Transtorno de Personalidade Múltipla. Podemos entender que nossa vida inclui um arranjo complexo de “fragmentos” emocionais, mas a idéia de que esses fragmentos são autônomos parece incompreensível. De fato, o processo exato que há por trás desta divisão é misterioso; mas há um número de pistas provenientes de nossa própria experiência que fornecem *insight*.

Uma pista é nossa tendência a pensar concretamente. Com isso quero dizer que nossa linguagem está salpicada de metáforas e analogias ligadas a nossos sentidos. Tentamos compreender coisas obscuras em termos daquilo que podemos ver ou tocar. Relacionamentos são entendidos em termos de energia (faíscas, eletricidade) e loucura (“Eu estou ficando maluco com você!”). O tempo é transformado em algo concreto usando metáforas como dinheiro (investir tempo em) ou objetos (o tempo voa). As idéias se comparam a plantas (precisam ser nutridas, desenvolvidas) e alimento (mastigue-as, fatos crus). No clássico cristão *O Peregrino*, esta tendência é ainda mais elaborada, apresentando a vida cristã e suas lutas como pessoas e lugares. Por exemplo, “Fiel” torna-se uma pessoa, como também “Flexível”, “Gigante Desespero” e “Muito-amedrontado”. De modo semelhante, as crianças personificam ou concretizam as suas experiências.

No Transtorno de Personalidade Múltipla, as reações complexas à vitimização e

ao pecado são às vezes personificadas para se tornarem mais concretas. Para alguns, este parece ser o único caminho para colocar em ordem a cacofonia de vozes em suas cabeças. Por exemplo, a ira contra um dos pais é personificada em “Irado”. Medo torna-se “Medroso”, ou é expresso por identidades alternativas representando crianças de várias idades, cada uma associada ao momento quando algo muito assustador aconteceu. Amor pelo pai torna-se “Papai”. O sentimento de vergonha é personificado como “Estúpido” ou algum outro nome humilhante que talvez tenha sido usado contra a pessoa. Mais adiante, com o uso habitual, esses nomes começam a ganhar vida própria e são utilizados como recurso para manejar mentalmente as experiências que suas personificações representam.

Ainda assim, como essas emoções personificadas tornam-se tão isoladas umas das outras? Mais uma vez, considere um exemplo que está mais perto da experiência da maioria de nós. Conversei certa vez com uma mulher solteira que estava deprimida a ponto de querer se suicidar. Ela estava atormentada porque, há pouco tempo, estivera sexualmente envolvida com um homem. Certamente ela estava descontente por causa do seu pecado; mas ela também não conseguia acreditar que pudesse ter feito tal coisa. Ela imaginava a si mesma espiritualmente perfeita e acima da possibilidade de cometer um pecado semelhante. Usando a analogia do Transtorno de Personalidade Múltipla, “Pecadora” estava presente nela, mas não era reconhecida. Este aspecto de si mesma estava fora de sua auto-compreensão geral. Foi necessária uma queda amarga para fazê-la ciente de sua cobiça na área sexual e de sua auto-justificação.

Podemos nos separar de certas verdades por inúmeras razões. Talvez nossos pais tenham dito que era errado chorar, e assim

nós nos divorciamos da dor. Nossa teologia imprecisa pode ter-nos impedido de recorrer a Deus quando alguém pecou contra nós, e assim negamos qualquer expressão de “Por que me abandonaste?”. Um acontecimento pode ter sido tão doloroso que queremos suprimir a memória para evitar dor futura. Talvez tenhamos que conviver com uma pessoa que odiamos, e escolhemos negar a verdade de que cultivamos uma ira pecaminosa. Para muitos de nós, certas respostas estão simplesmente fora dos limites cristãos, e portanto escolhemos evitá-las ou desconsiderá-las. Para algumas pessoas, especialmente aquelas com poucos recursos bíblicos disponíveis no momento da vitimação, essa separação é mais óbvia.

As memórias são confiáveis?

Podemos confiar nas memórias? Quase sem exceção, as pessoas que apresentam sintomas semelhantes aos do Transtorno de Personalidade Múltipla revelam uma história de vida muito difícil, crivada de narrativas de abuso sexual. Essas histórias geralmente parecem fidedignas e verdadeiras. Algumas delas podem incluir imagens bizarras de abuso em ritual satânico, sexo forçado com animais, crianças sacrificadas, e outros eventos terríveis. Como saber se estes realmente aconteceram? Quando ouvir alguém falando sobre o passado, considere as diretrizes que damos a seguir.

Em primeiro lugar, compaixão é a regra. Sua primeira reação não deve ser questionar as memórias. Deve ser simplesmente sentir compaixão da pessoa.

Alguns podem discordar de que este seja um princípio básico, pois temem que se a memória for falsa, reconhecê-la poderia firmá-la ainda mais. Mas um aconselhamento nitidamente bíblico protege os aconselhados de serem marcados como vítimas sem

esperança, porque guia o povo de Deus a responder em gratidão à Sua graça e ensina a amar os inimigos. A compaixão jamais estraga o processo do aconselhamento bíblico, mas a falta de compaixão, sim.

Em segundo lugar, as memórias são interpretadas. Elas não são simples transcrições mentais de eventos passados. Assim como acontece com frequência no casamento, duas pessoas podem ter versões completamente diferentes sobre um acontecimento. Portanto, quando você ouve falar sobre o passado, você está ouvindo uma *perspectiva* dos eventos passados. Isso é especialmente relevante se o aconselhado decidir confrontar o agressor. Tal confrontação, a menos que haja confirmação clara, deveria ser prefaciada por um “Eu lembro”, e não por “Você fez”. A confrontação também deveria incluir uma abertura à perspectiva da outra pessoa.

Em terceiro lugar, as memórias são falíveis. Como criaturas, nossa memória não é perfeita. Esse princípio é particularmente importante se transcorreram mais de dez anos de amnésia desde a suposta vitimação, se a família inteira nega o fato (e um membro da família for o suposto agressor), se não há padrões de pecado evidentes na família, ou se há uma história de terapia que assumiu a vitimização no passado. Se qualquer desses critérios for preenchido, então o amor bíblico deve levantar perguntas sobre a realidade dessas memórias (ao mesmo tempo que reconhece que existe um senso de angústia).

As memórias são investigadas por amor à vítima e ao agressor. Entretanto, há ocasiões em que a confirmação é impossível devido a morte, distância ou ausência de testemunhas. Nesses casos, vamos simplesmente acreditar na pessoa, mesmo se as memórias incluírem abuso em ritual satânico, e orientá-la a ouvir o que Deus diz a pecadores contra quem outras pessoas pecaram. Essa resposta

não viola o princípio bíblico de ter duas testemunhas, pois essas testemunhas eram requeridas em caso de ação legal contra o agressor (Dt 19.15).

A preocupação básica do aconselhamento é o cuidado pastoral para com alguém que não está caluniando o suposto ofensor nem tratando a memória de forma não-sábia. Independentemente da veracidade e precisão dos detalhes da memória, o conselho bíblico conduzirá ao mesmo ponto: crescer no amor a Deus e ao próximo (ou inimigo).¹⁴

E o demonismo?

Agora vamos à pergunta mais óbvia sobre o Transtorno de Personalidade Múltipla. Não se trata de um caso evidente de possessão demoníaca? Qualquer pessoa que tenha testemunhado as mudanças de personalidade que ocorrem no Transtorno de Personalidade Múltipla não pode deixar de alimentar esse tipo de questionamento. Algumas identidades alternativas são profanas e expressam ira contra Deus, algumas são assustadoras, algumas parecem não se satisfazer com nada senão a morte, e algumas parecem reagir contra as Escrituras. Precisaríamos de maiores evidências? Não seria um caso de possessão demoníaca moderna, revestida de uma terminologia secular? Antes de dar uma resposta, considere algumas verdades a respeito de Satanás e dos demônios.

Quanto a Satanás, é certo que ele não pode nos fazer pecar, e também não pode nos impedir de crer. Tanto o pecado como a fé provêm do coração humano; a fé foi plantada por Deus. Não há evidência nas Escrituras de que Satanás possa mudar, contra nossa von-

tade, a orientação do nosso coração. O que ele *pode* fazer é transtornar nossa vida. Ele pode nos afligir fisicamente, tentar, acusar, mentir e enganar. De suas estratégias, a mais perigosa consiste em procurar nos persuadir de que Deus não é nem soberano nem bom, e cochichar aos nossos ouvidos que ainda estamos cheios de culpa e vergonha, a despeito do que ocorreu na cruz. Sem dúvida, Satanás usa essas táticas com aqueles que são diagnosticados como portadores de Transtorno de Personalidade Múltipla.

E que táticas melhores ele poderia usar? Os supostos portadores do Transtorno de Personalidade Múltipla, com frequência, são pessoas que foram gravemente feridas e traídas por amigos ou parentes. Eles se sentem abandonados. Como deve ser tentador acreditar nas mentiras de Satanás. “Por que Deus não impediu isso? Talvez Ele não tenha poder.” E se mentiras contra Deus não funcionam, então é hora de direcionar mentiras contra a própria pessoa. “Você deve ter feito coisas horríveis para merecer esse tipo de tratamento.” “Você não sabe que coisas más acontecem a pessoas más?”

Satanás é certamente o inimigo, e ele está sempre trabalhando com zelo contra aqueles que apresentam sintomas de Transtorno de Personalidade Múltipla. Mas perceba que seu papel tende a passar despercebido. Ele trabalha na surdina. Cochicha aos ouvidos. Usa de engano. Não deveríamos nos surpreender, portanto, se ele nos distraísse com algo fantástico e bizarro, enquanto faz seu trabalho real longe das nossas vistas. Em outras palavras, não devemos ser distraídos pelo inusitado. O fato de algo (como o Transtorno de Personalidade Múltipla) parecer estranho, não significa que é demoníaco. O inusitado pode ser um acobertamento para a obra do mal a nível mais profundo, mais enganador e mais comum.

¹⁴ Alguns conselheiros sugerem uma ruptura completa de laços familiares durante o processo de “cura”. Esse tipo de conselho não tem orientação bíblica.

Tente ver o comum no inusitado. Por exemplo, se seu amigo repentinamente ficasse muito irado por uma razão não aparente, você pensaria imediatamente em possessão demoníaca? Provavelmente não. Sua primeira pergunta poderia ser: “Parece que você mudou. O que aconteceu?”. Você provavelmente iria querer saber porque seu amigo ficou tão irado. Você disse alguma coisa? Sobre o que ele começou a pensar?

No Transtorno de Personalidade Múltipla, como em todos os padrões de caos pecaminoso, Satanás está sempre falando mentiras a respeito de Deus, da própria pessoa e de outros, mas ele pode não estar operando nas manifestações mais bizarras. Na verdade, se procurarmos sempre identificar Satanás nos aspectos mais inusitados do Transtorno de Personalidade Múltipla, provavelmente o que faremos será prejudicar mais que ajudar. Rotularemos imediatamente todas as palavras maliciosas como demoníacas e encorajaremos ainda mais a transferência da culpa (“Foi Satanás quem fez isso”). Ou deixaremos de entender que palavras iradas podem ser tentativas de manter o conselheiro a uma distância segura, proteger-se de maiores dores ou talvez manipular. Esses propósitos são pecaminosos. Eles nos dirigem a um material bíblico rico, que não a repreensão de demônios.

E quanto à reação contrária às Escrituras manifestada por algumas identidades alternativas? Não seria uma evidência segura de possessão demoníaca? Diante de uma reação contrária às Escrituras, um diagnóstico rápido de demonismo nos impediria de compreender o porquê de tal reação. Talvez a pessoa esteja se distanciando da Palavra de Deus porque esta a faz se sentir mais culpada. Talvez um agressor tivesse o costume de citar as Escrituras, pervertendo

o evangelho e limitando a capacidade da pessoa para distinguir entre a hipocrisia do agressor e a verdade libertadora da Palavra. Talvez ela odeie a Deus, ou odeie quem ela pensa ser Deus. Não estamos querendo dizer que evitar a Palavra de Deus seja desculpável. Entretanto, a avaliação de uma reação contrária às Escrituras pode nos levar para uma direção muito mais proveitosa do que repreender um suposto demônio.

Outra razão pela qual culpar o demônio pode provocar estragos é que aqueles identificados como portadores do Transtorno de Personalidade Múltipla já costumam possuir um senso de perda de controle. Impor um paradigma demoníaco pode piorar a situação. O que eles precisam é de verdade bíblica que ensine sobre Deus, sobre si mesmos e os outros, e que os conduza à simplicidade da fé e da obediência.

Transtorno de Personalidade Múltipla é uma ocasião para falar especificamente sobre o diabo. Sua atividade e sua habilidade para mentir e atormentar podem ser resistidas pela graça de Cristo.¹⁵

Aconselhando pessoas com diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla

A perspectiva que estabelecemos não responde a todas as perguntas associadas ao Transtorno de Personalidade Múltipla, mas ela nos dá categorias bíblicas básicas que são suficientes para nos habilitar para o aconselhamento. Sabemos que o Transtorno de Personalidade Múltipla revela com nitidez a fragmentação emocional que pode estar as-

¹⁵cf. POWLISON, David. *Confrontos de Poder: resgatando a verdade bíblica sobre a batalha espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

sociada à vitimização ou outras dificuldades da vida.¹⁶ Sabemos que a responsabilidade pessoal e a capacidade espiritual de responder a Deus permanecem intactas. Sabemos que as mudanças virão gradualmente, como em qualquer processo de santificação. E sabemos que o aconselhamento, à semelhança dos demais ministérios, pode acontecer apenas dentro de um relacionamento em que há amor e compromisso.

O aconselhamento daqueles que vêm a você com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla sempre começa como todos os demais aconselhamentos: você ouve e compreende a pessoa. E aqui a metáfora de Transtorno de Personalidade Múltipla pode ser útil. Esta categoria de diagnóstico lembra-nos de que a pessoa não está simplesmente com medo. Ela se sente amedrontada, vulnerável, ferida, moída, irada, envergonhada, culpada, abandonada, amaldiçoada e tomada pelo desejo de vingança. Ela não odeia simplesmente seu agressor, mas também sente pena, amor e quer manter um relacionamento íntimo com aquele que a feriu. Pode ser que você jamais alcance uma compreensão de todas essas “peças”, mas você deveria estar ciente do “mapa” básico da vida da pessoa.

À medida que você adquire maior compreensão do aconselhado, você pode apresentar uma declaração escrita, abrangente, cuja leitura precederá as sessões de aconselhamento. Este prefácio pode servir como uma liturgia para ajudar o aconselhado

a manter um foco correto sobre seu problema. Damos aqui um exemplo:

Eu me sinto em cacos. É difícil para eu entender, e é difícil para eu descrever a outros o que acontece. Por isso, às vezes, sinto-me muito sozinho. Mas todas as peças fazem parte de mim mesmo. Agora eu quero ouvir o que Deus diz a estes cacos. Eu sei que eu posso resistir a Deus e deixar de ouvir o que Ele diz. Quando eu agir assim, quero confessar meu erro e voltar a ter fé. Eu também quero estar alerta às mentiras do inimigo. Eu sei que ele tenta questionar o poder e o amor de Deus, e eu devo combater esses ataques lembrando-me da cruz de Jesus. Meu alvo é crescer no amor a Deus, entender a mim mesmo de acordo com a perspectiva de Deus, e amar as pessoas mais do que precisar delas.

O prefácio pode ser ampliado e melhorado à medida que a pessoa continua a crescer em Cristo, e deveria ser revisado a cada sessão de aconselhamento. Pessoas com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla costumam lembrar pouco das sessões de aconselhamento, por isso uma declaração por escrito é mais importante em seu caso que em outros.

Conselheiros podem também considerar a formulação de seu próprio prefácio, talvez redigido em colaboração com o aconselhado.

Eu sei que você está atravessando um período de confusão. Meu desejo é levá-lo à clareza bíblica e a respostas bíblicas. Eu tentarei não reagir em excesso quando você fizer coisas inusitadas, e procurarei sempre falar a verdade. Durante a semana, orarei por você, e pedirei a outras pessoas da igreja para fazerem o mesmo. Eu não o abandonarei, e tratarei você como um irmão (ou irmã).

O aconselhamento tem sequência semelhante à de qualquer outro. Equipado

¹⁶Vitimização não é pré-requisito. A fragmentação pode resultar da tentativa de lidar com a maldição da queda sem usar de recursos espirituais. Por exemplo, a suposta fragmentação de “Eva”, teve início depois de ter beijado a sua avó falecida (apesar de que evidências posteriores sugerem que outros acontecimentos também tiveram parte no problema).

com amor divino, uma teologia bíblica do sofrimento¹⁷, disposição para perseverar mesmo quando o aconselhado tentar afastá-lo para longe, o evangelho misericordioso de Jesus Cristo, e a oração de outros, você está mais que preparado para o aconselhamento bíblico. Tarefas de casa, uma parte essencial da maioria dos aconselhamentos bíblicos, são particularmente importantes. Considere a possibilidade de encontrar um parceiro que possa acompanhar o aconselhado na execução das tarefas designadas.

Algumas questões dizem respeito especificamente ao Transtorno de Personalidade Múltipla e precisam ser consideradas.

É certo usar os nomes das várias identidades alternativas?

Pode parecer estranho ouvir alguém se referir a si mesmo usando um nome alternativo. O que fazer? Pedir à pessoa que use o seu próprio nome? Ou simplesmente tentar entender essa faceta da pessoa e não ficar preocupado imediatamente com a questão do nome? Ou seria certo usar os nomes das diferentes identidades alternativas como forma de mostrar compreensão?

Nos primeiros estágios do aconselhamento, pode ser melhor não repreender a pessoa por usar um nome alternativo. Ao invés disso, considere o nome como um meio de expressão - "Eu me sinto como seu eu fosse _____". Use isso como uma maneira de entender a pessoa. Se você está aconselhando alguém que foi doutrinado em um paradigma de Transtorno de Personalidade Múltipla, ele ou ela desejarão manter os nomes. Talvez seja melhor evitar a confrontação

a esta altura, e começar a trabalhar em um prefácio escrito em conjunto que diga que "as identidades alternativas são eu mesmo".

É certo chamar a pessoa pelo nome da identidade alternativa? Não há lei para isso; mas desde que você quer encontrar o comum no inusitado, provavelmente seja sábio mover a linguagem da pessoa para uma direção mais normal. Por exemplo, ao invés de pedir para falar com "Ira", você pode pedir - "Por favor, fale-me sobre a sua ira".

Como o conselheiro e o aconselhado apresentam o problema à igreja?

Visto que o aconselhamento eficaz e bíblico tem base na igreja, o que o conselheiro e o aconselhado devem dizer à igreja sobre o Transtorno de Personalidade Múltipla? Na maioria dos casos, é desnecessário chamar a atenção para o problema. A igreja, como um todo, deve tratar esta pessoa como faria com qualquer outra pessoa. Entretanto, é provável que exista na igreja um grupo menor de pessoas capazes de compreender as mudanças peculiares no estilo pessoal, e que podem orar mais especificamente e ministrar com amizade. Também é sábio ter um grupo pequeno (de até cinco pessoas) que esteja ciente do que acontece durante as sessões de aconselhamento e possa se unir ao pastor conselheiro para acompanhar o aconselhado nas questões significativas tratadas em cada sessão. Esse acompanhamento é muito importante, visto que pessoas com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla costumam ter uma memória fraca.

¹⁷Cf. WELCH, Edward. *Exaltar a Dor? Ignorar a Dor? O que fazer com o sofrimento?*

E se a pessoa causar transtornos na igreja?

O portador do diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla pode causar transtornos na igreja. Por exemplo, pode falar em voz alta durante um momento de oração e agir de forma notoriamente inusitada durante a Escola Dominical ou o louvor. Em situações semelhantes, lide com esta pessoa assim como você lidaria com qualquer outra: converse em particular, e mostre que ela está distraindo as demais. Talvez você possa pedir a alguém de sua confiança para sentar-se ao lado da pessoa no fundo do auditório e estar pronto para sair em caso de necessidade (mas lembre que agir de forma inusitada na igreja não é necessariamente pecaminoso). Ore com a pessoa. Repreenda-a se seu comportamento for pecaminoso. Na maioria das situações, você precisa tentar compreender porque ela está agitada, e lhe ensinar que a participação nas reuniões da igreja é uma oportunidade para praticar o autocontrole e amor ao próximo. Se ela persistir em seu comportamento, talvez precise limitar o envolvimento na igreja até que demonstre maior autocontrole. Entrementes, procure alternativas para que ela receba alimento espiritual e mantenha comunhão com outros crentes. Se você avaliar que o comportamento é pecaminoso, e outros concordarem, então os estágios de disciplina aplicada pela igreja constituem a melhor maneira de amar e restaurar.

Outra circunstância em que pessoas com diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla podem causar transtornos na igreja - apesar da falha não ser delas - é quando membros da igreja discordam sobre como aconselhá-las. Por exemplo, um grupo de aconselhamento bíblico, um grupo de batalha espiritual e um grupo que confia nos *especialistas* da psicoterapia podem estar

todos preocupados com a pessoa. Esteja alerta, ore por unidade, ensine ativamente a sabedoria bíblica a respeito do assunto, e assegure-se de que as pessoas envolvidas no cuidado pastoral saibam que tipo de conselho está sendo dado.

Quem deveria aconselhar a pessoa com diagnóstico de Transtorno de Personalidade Múltipla?

Se alguém em sua igreja conhece as Escrituras, tem uma compreensão bíblica do Transtorno de Personalidade Múltipla, e experiência no assunto, então esta pessoa seria um bom conselheiro ou coordenador para o caso. Se não há na igreja pessoas que preencham esta descrição, isso ainda não é um motivo suficiente para procurar ajuda de fora. Vivemos em uma época em que há uma distinção exagerada entre especialistas e leigos ou entre um profissional habilitado e um amigo crente. Precisamos lembrar que Deus concede Seu Espírito a todos os que confiam em Jesus. Com frequência, as pessoas com menor grau de instrução acham que têm menos a contribuir que aquelas que possuem graus acadêmicos. Certamente isso não é verdade. Os maiores instrumentos de mudança costumam ser um sermão, uma palavra de encorajamento de um amigo durante um estudo bíblico ou um convite para jantar, e não o conselho de um *especialista*. No caso do Transtorno de Personalidade Múltipla, esse princípio deveria até ganhar maior destaque porque *especialistas* não *compreendem* o problema.

A pessoa escolhida para conduzir o caso deve ser alguém que conheça as Escrituras, não se deixe distrair pelo inusitado, e tenha tempo para pastorear o aconselhado durante alguns anos. Se não for o pastor, este deve supervisionar o aconselhamento e a equipe pastoral que estiver envolvida.

Identidades alternativas que parecem ignorar o evangelho precisam de conversão?

Uma questão peculiar ao Transtorno de Personalidade Múltipla é se as identidades alternativas que parecem ignorar o evangelho precisam ser evangelizadas. Parece ser uma idéia estranha; mas se você se deparar com um caso de Transtorno de Personalidade Múltipla, certamente pensará a esse respeito.

Se você se lembrar do *continuum* entre o normal e o bizarro, a resposta é imediata. Há alguns cristãos professos e batizados que não demonstram frutos em sua vida. De acordo com 1 João, eles provavelmente deveriam examinar sua profissão de fé. Há outros cristãos que agem como pagãos, muito embora tenham feito uma clara profissão de fé. Esses cristãos não precisam de conversão, eles precisam de arrependimento.

Mas até mesmo fazer estas distinções é complicado. Felizmente, nós não temos que dar um veredito a esse respeito. A pessoa professou publicamente a sua fé e foi batizada? Se a resposta for não, ela deve ser conduzida em direção a estes passos. Caso contrário, você deve apontar a ela, em todo o tempo, a Pessoa de Jesus como seu Salvador, exemplo, objeto de sua fé, e Senhor. Além disso, você deve levá-la a descrever as identidades alternativas chamando, por exemplo, “Ira” de “minha ira pecaminosa”, e conduzi-la constantemente ao arrependimento.

Qual é o alvo do aconselhamento?

O alvo do aconselhamento com pessoas fragmentadas é o mesmo de qualquer aconselhamento bíblico: “glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre”. Mas está implícito na pergunta algo sobre a “integração” das identidades alternativas. Se a pessoa parece

fragmentada e isolada de certos aspectos dela mesma, deveríamos esperar que a experiência de desintegração desapareça?

A unidade intrapessoal não é o alvo principal, mas você perceberá que o evangelho tende a expor tudo à luz. A vergonha que estava escondida não é mais desonra (Is 54.1-5). A culpa é lavada, e não há mais necessidade de buscar um falso acobertamento. A ira muda de vingança para confiança no Deus que será o justo Juiz. O temor ao homem transforma-se em amor pelo próximo. A dor pode ainda existir, mas quando unida à esperança, ela não amedronta mais.

À medida que o aconselhamento progride, é possível perceber que as fragmentações artificiais não são mais necessárias.

Quanto tempo é necessário? Posso esperar que a pessoa se torne “integrada”?

Conquanto um entendimento da pessoa e das categorias bíblicas relevantes ao problema possa ser alcançado rapidamente, devemos esperar que o cuidado pastoral intensivo dure alguns anos. O aconselhado levou anos para desenvolver um estilo de vida que separa e distancia certas verdades. Desenvolver o hábito de pensar biblicamente implica trabalho árduo. Certamente, durante esse tempo, o aconselhado tanto será ministrado como ministrará a outros.

Os *insights* que procuramos dar não têm a intenção de retratar o aconselhamento como um processo elementar. Quem já teve a oportunidade de pastorear uma dessas pessoas sabe que não é assim. Mas a compreensão do problema tem a intenção de mostrar que verdades bíblicas simples são ricas na aplicação: há esperança de crescimento espiritual para aqueles diagnosticados como portadores de Transtorno de Personalidade Múltipla. Uma compreensão bíblica também

tem a intenção de romper com a distinção contínua entre o aconselhamento especializado e o aconselhamento pastoral.

Com demasiada frequência recebemos a mensagem de que *especialistas* em saúde mental são superiores aos pastores e aos lei-

gos cheios de sabedoria. Não há como apoiar esta idéia biblicamente. Deus é o *Especialista*; e o povo de Deus, ao buscar as Escrituras e o conselho sábio de outros crentes, é o agente de mudança de Deus. O Transtorno de Personalidade Múltipla pertence à igreja.

Homossexualismo

Pensamento atual e diretrizes bíblicas



Edward T. Welch¹

Homossexualismo² é o assunto quente das últimas décadas. Somente uma pessoa muito ingênua pode evitar uma questão de tão amplo alcance social e que preocupa a tantos. Trata-se de um assunto que confrontará a Igreja ao longo da atual geração, possivelmente mais que a questão do aborto. Represálias políticas serão impostas às instituições que se recusarem a contratar homossexuais; homossexuais provavelmente terão “seu lugar à mesa” com o reconhecimento civil dos casamentos entre pessoas do

mesmo sexo³; sob o título de “pluralismo”, todas as formas de expressão sexual serão consideradas igualmente válidas; aqueles que contraírem AIDS pelo contato homossexual ainda exercerão papel de modelos; líderes da igreja continuarão a ser “ultrapassados”; um número maior de denominações farão uma revisão da exegese de passagens bíblicas para permitir relacionamentos homossexuais⁴; e aqueles que costumam levar a Bíblia a sério em outras áreas da vida deixarão as igrejas que identificarem o homossexualismo como “pecado”. Certamente, ao longo de sua história, a igreja tem enfrentado perseguição e crítica do mundo, mas em tempo algum ela foi tão freqüentemente denunciada como “mã” por sustentar aquilo que parecem ser princípios bíblicos.

¹Tradução e adaptação de *Homosexuality: current thinking and biblical guidelines*.

Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa., v. 13 n. 3, Spring 1995, p. 33-42.

²Homossexualismo pode ser definido no adulto como pensamentos ou ações motivados por uma atração definidamente erótica (sexual-genital) por membros do mesmo sexo, resultando geralmente, mas não necessariamente, em relações sexuais com tais pessoas. Embora haja diferenças entre o homossexualismo masculino e feminino, usaremos o termo “homossexual” para nos referir a homens e mulheres, salvo indicação específica.

³BAWER, Bruce. *A place at the table: the gay individual in American society*. New York: Poseidon, 1994.

⁴As declarações sobre o homossexualismo feitas por mais de 45 diferentes denominações americanas podem ser encontradas no livro de J. Gordon Melton *The Church Speaks out on: homosexuality*. Detroit: Gale Research, 1991.

Então, prepare-se. Não confie naquele seu estudo bíblico sobre homossexualismo feito uma década atrás. Não presuma que está familiarizado com algumas críticas às pesquisas científicas mais recentes sobre o homossexualismo significa ter um preparo adequado. Atualmente, novas interpretações das Escrituras e estudos científicos sofisticados estão nos desafiando para que pensemos com maior clareza. Pessoas de alto nível intelectual estão se convencendo de que relacionamentos homossexuais são bíblicamente permitidos desde que haja compromisso. Em resposta a esta situação, podemos expressar arrependimento e esclarecer que interpretamos mal as Escrituras ou podemos sustentar uma posição que é compassiva, bíblicamente correta e capaz de interpretar as observações das pesquisas atuais. Se mantivermos a idéia de que homossexualismo é pecado, então precisaremos não só *defender* essa posição, mas também desenvolver uma estratégia de *sair em busca* de homossexuais para incentivá-los ao arrependimento.

A defesa pode ser montada mediante estudo cuidadoso do assunto, em oração. O resgate de homossexuais, porém, não é fácil. A dificuldade que encontramos na abordagem da comunidade homossexual é que muitas conversas prolongam-se demais antes que a Bíblia seja aberta. A igreja, portanto, deve prestar atenção não só ao *que* é dito, mas a *como* é dito.

Como estabelecer o diálogo bíblico

O *como* do diálogo bíblico começa com o arrependimento pessoal. Antes de confrontar o pecado alheio, devemos começar pela identificação do pecado em nossa própria vida. De acordo com Mateus 7.1-5, a Bíblia nos exorta a deixar que o Espírito sonde o nosso coração até que vejamos o nosso pecar

do em escala maior que o do homossexual. Uma aplicação apropriada deste princípio bíblico pode perfeitamente desarmar alguém que esteja procurando uma briga, visto que é difícil discutir com uma pessoa espiritualmente humilde. Lamentavelmente, embora a teoria seja clara, a prática é difícil e nada comum.

Muitos cristãos conseguem admitir que são pecadores, porém não colocam os seus pecados na mesma categoria do homossexualismo. Por ser considerado um pecado “contrário à natureza”, o homossexualismo é visto como anormal mesmo entre os pecados. Os cristãos heterossexuais estão freqüentemente iludidos com relação a esta questão. A maioria pode reconhecer no seu coração a semente de quase todos os demais pecados, mas não pode nem imaginar a possibilidade de ser tentado pelo homossexualismo. No entanto, as Escrituras nunca destacam o homossexualismo como objeto de uma reprovação especial. Ele procede do mesmo coração que gera ganância, inveja, desentendimento, desobediência aos pais e difamação (Rm 1.29-32).

Com arrependimento e espírito submisso, poderemos persistir na busca daqueles que praticam o homossexualismo, e faremos isso sem sombra de justiça própria. A Escritura condena tal espírito de julgamento, e os homossexuais são ágeis em detectá-lo.

O arrependimento pessoal, porém, é apenas o começo da nossa preparação para o diálogo. Devido à nossa solidariedade com todos quantos se chamam cristãos, há pecados coletivos que compartilhamos. Será que a igreja tem revelado uma atitude de justiça própria diante dos homossexuais? Há “homofobia” em algumas de nossas congregações, medo ou até mesmo ódio? Será que temos a tendência de pensar no homossexualismo como pior que as fofocas

e idolatrias pessoais que são implacáveis na igreja? Será que a igreja tem deixado de ser receptiva para com os homossexuais incrédulos, mas que estão em busca da verdade espiritual? A resposta a estas perguntas é “Sim”. Mais especificamente, a resposta é, “Sim, *nós* temos pecado”⁵.

E o que dizer se você pessoalmente não pecou contra os homossexuais? Talvez você nunca tenha encontrado alguém envolvido num estilo de vida homossexual. O arrependimento coletivo é apropriado mesmo assim? De acordo com os livros de Daniel e Neemias, embora não sejamos pessoalmente culpados de certos pecados, existe uma unidade entre os membros da igreja. Devido a esta unidade, compartilhamos os pecados dos demais cristãos, e é apropriado confessá-los.

Orei ao SENHOR, meu Deus, confessei e disse: ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra. (Dn 9.4-6)

Este é o ponto de partida para conversar com homossexuais: deixar que apontem para os pecados da instituição a que você pertence. É o momento de você lhes perguntar como a *igreja* tem pecado contra os homossexuais. E se você achar mesmo um pequeno grão de verdade no que lhe for respondido, peça perdão e então convide

os homossexuais a continuar o diálogo com você, em nome de Jesus.

Aberto o canal de diálogo, prepare-se para ingressar numa das conversas mais desafiadoras. Você penetrará em um campo onde pressuposições dão um sentido diferente às palavras, e métodos de interpretação bíblica parecem completamente estranhos. Pode ser de ajuda entender os homossexuais como um “povo” singular e usar uma abordagem missionária. Os homossexuais têm sua própria identidade, cultura, processo de socialização e epistemologia. O que parece biblicamente claro para muitos cristãos pode ser compreendido de modo bem diferente por um homossexual. Dialogar não consiste em simplesmente abrir a Bíblia e ler passagens sobre o homossexualismo. Palavras fundamentais como “pecado” podem significar uma coisa para você, mas outra coisa para um homossexual. Para você, pecado significa desobedecer ao Senhor. Para um homossexual, pode significar prejudicar outras pessoas. Você recorre à Bíblia como regulador da conversa; o homossexual pode recorrer a sentimentos e a certos direitos pessoais e políticos presumidos. Estas diferenças de pressuposição certamente conduzem a uma má compreensão, a não ser que estejamos preparados e atentos.

No início de qualquer debate, a igreja deve deixar claro que, embora ela possa errar na interpretação da Bíblia e esteja pronta a se deixar corrigir de bom grado, ela continua submissa à Palavra de Deus. Não se pode ceder espaço na questão de autoridade das Escrituras. Precisamos, sim, admitir que nem sempre é fácil aplicar a Palavra de Deus. Mas contando com o Espírito Santo como intérprete, devemos esperar unidade entre aqueles que verdadeiramente querem conhecer o que Deus diz acerca deste assunto importante. O alvo é descobrir “Assim diz o

⁵Certamente isso não significa que vamos pedir desculpas por aquilo que a Bíblia diz.

Senhor...”.⁶ Nossas pressuposições não estão fundamentadas em sentimentalismo, mas no ensino das Escrituras.

A informação bíblica

Mesmo com pontos de vista diferentes, é razoavelmente fácil concordar em um ponto: a Bíblia é consistente em suas proibições contra o homossexualismo e não dá margem a ambigüidades. Sempre que ela menciona o homossexualismo, ela o condena como pecado.

Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação. (Lv 18.22)

Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles. (Lv 20.13)

Enquanto eles se alegravam, eis que os homens daquela cidade, filhos de Belial, cercaram a casa, batendo à porta; e falaram ao velho, senhor da casa, dizendo: Traze para fora o homem que entrou em tua casa, para que abusemos dele. O senhor da casa saiu a ter com eles e lhes disse: Não, irmãos meus, não façais semelhante mal; já que o homem está em minha casa, não façais tal loucura. (Jz 19.22,23)

Por causa disso [idolatria], os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por

outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. (Rm 1.26, 27)

Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas (*arsenokoitai*)... herdarão o reino de Deus. (1 Co 6.9,10)

Não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, [...] impuros, sodomitas (*arsenokoitai*), [...] para tudo quanto se opõe à sã doutrina. (1Tm 1.9,10)

Como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição. (Jd 1.7)

Alguns estudiosos das Escrituras dariam preferência a ouvir a proibição do homossexualismo nas palavras de Jesus para que a questão fosse mais conclusiva. Jesus não falou especificamente contra o homossexualismo, mas há vários comportamentos sexuais sobre os quais Ele também não falou especificamente como, por exemplo, incesto, bestialidade e estupro. Isto não significa que a prática fosse permitida. Jesus manteve a lei do Antigo Testamento. Além do mais, Ele indicou que a única alternativa ao casamento heterossexual era o celibato (Mt 19.10).

A resposta de muitos homossexuais a essas passagens bíblicas costuma ser: “O que isso tem a ver comigo?”. É como se você estivesse falando a um grupo de pastores do

⁶O professor Allistair McGrath da Universidade de Oxford destaca corretamente que vivemos numa época em que “abertura e relevância são mais importantes que a verdade. Isso, todavia, é superficialidade intelectual e irresponsabilidade moral”. Michael Foucault afirmou que “verdade” no mundo pós-moderno é nada mais que um elogio.

século XX sobre animais puros e impuros. O texto bíblico é considerado irrelevante, pois a hermenêutica homossexual dá a entender que os versos falam apenas àqueles que participam de relações sexuais “contrárias à natureza” e sem compromisso. As proibições, em seu ponto de vista, não se aplicam a relacionamentos estáveis e amorosos.

Seu raciocínio funciona da seguinte forma: a Bíblia não fala de um homossexualismo “natural”. Ela só trata da prostituição masculina cultural ou “contrária à natureza”, praticada por pessoas com orientação heterossexual⁷. A Bíblia não fala especificamente de pessoas com orientação homossexual. Portanto, para desenvolver uma teologia bíblica do homossexualismo, outras passagens mais relevantes devem ser examinadas como, por exemplo, os ensinamentos sobre relacionamentos heterossexuais. O princípio bíblico destacado é que o comportamento sexual é privilégio dos relacionamentos de amor e compromisso. Para os heterossexuais, relações sexuais acontecem somente no contexto de casamento. Para os homossexuais, na ausência de permissão legal para o casamento, as relações sexuais devem ocorrer somente quando há algum tipo de amor ou fidelidade ao parceiro do mesmo sexo. Relações hetero e homossexuais ocasionais são erradas, mas sexo no casamento ou em relações semelhantes ao casamento é bom.

Encontramos variações desta lógica. Por exemplo, alguns dizem que o homossexualismo é proibido nas culturas do Antigo e Novo Testamentos, mas que tais diretrizes não permanecem válidas para os dias de hoje porque eram aplicáveis principalmen-

te a uma cultura em que a procriação era fundamental. Qualquer que seja a variação, a hermenêutica homossexual consiste em dois pontos: (1) existe uma orientação homossexual “natural” que não é tratada nas Escrituras e (2) as proibições bíblicas contra o homossexualismo não são aplicáveis aos “casamentos” homossexuais atuais.

Esta hermenêutica pode parecer absurda para muitos cristãos. Soa como a lógica de um bêbado que diz que todas as passagens bíblicas acerca dos beberões não são relevantes para ele, pois ele é um alcoólatra. Mas esta lógica não pode ser descartada tão rapidamente. À primeira vista, não lhe parece que muitos homossexuais não escolhem o homossexualismo, mas têm esta orientação desde o nascimento? Também não é verdade que há diferenças entre o tempo bíblico e os dias de hoje? Não costumamos considerar algumas passagens bíblicas como limitadas em sua aplicação a determinado tempo e cultura, ao invés de serem verdades morais eternas? Por exemplo, muitas igrejas não exigem que as mulheres usem véu ou fiquem em silêncio. Por quê? Porque a igreja de Corinto era parte de uma cultura que tinha maneiras distintas de expressar submissão. O princípio é submissão, e não o véu. Mas se podemos fazer isto com o véu, por que não podemos fazer o mesmo com o homossexualismo?

Será que o homossexualismo bíblico era “contrário à natureza”, enquanto o homossexualismo atual é “natural”?

Os argumentos atuais tendem a se apoiar fortemente na idéia de que o homossexualismo atual é “natural”. É uma orientação dada por Deus, em nada diferente do fato de ser canhoto. Homossexualismo não diz respeito a algo que o homem moderno faz, mas a algo que ele é. As “paixões infames”

⁷Por exemplo, consulte o artigo de J. Nelson *Homosexuality and the Church: Towards a Sexual Ethics of Love*, em *Christianity and Crisis*, n. 37, 1997, p. 63-69.

mencionadas em Romanos 1.2 dizem respeito ao homossexualismo irresponsável ou ao comportamento homossexual praticado por alguém que possui uma orientação heterossexual. Este argumento é fundamental para a posição homossexual: homossexualismo é uma identidade. Ninguém escolheu ser homossexual. Simplesmente acontece. O homossexualismo é tão natural para os homossexuais quanto o heterossexualismo para os heterossexuais. E como podem os cristãos esperar que alguém mude sua identidade? Como pode *Deus* esperar que aqueles que *Ele* criou orientados para o homossexualismo contrariem a sua natureza?

Embora muitos cristãos não concordem com a atividade homossexual, eles foram afetados pelo argumento homossexual o suficiente para crer em algum tipo de tendência homossexual. O Ramsey Colloquium, um grupo de estudiosos judeus e cristãos, certamente pensa desta forma quando diz:

Apesar de sermos iguais perante Deus, não nascemos iguais em termos de pontos fortes e fracos, tendências e disposições, natureza e ambiente. Não podemos inverter totalmente a mão com a qual temos maior habilidade por herança e circunstâncias familiares, mas somos responsáveis pelo modo como usamos esta mão.⁸

Até mesmo autores evangélicos bem conhecidos como Tony Campolo têm simpatizado com esta idéia⁹. Mas precisamos ser muito cuidadosos neste ponto, pois as

consequências são profundas. Por exemplo, admita uma orientação homossexual não pecaminosa, e você encorajará a igreja a procurar constantemente um meio para escapar do conteúdo bíblico. Afinal, como Deus poderia responsabilizar pessoas que nunca escolheram ser homossexuais? Não se trata de uma escolha de Deus? A igreja não pode conviver com a idéia de uma orientação homossexual natural sem que, em algum momento, precise reinterpretar as Escrituras para que possam parecer mais de acordo com a perspectiva que ela tem do caráter de Deus. O resultado é que, no mínimo, a igreja se afastará de advertências severas das Escrituras como a de que os homossexuais não herdarão o Reino de Deus (1 Co 6.10). Esta advertência certamente parece muito dura para pessoas que estão feridas e precisam de cura (em contraste com pecadores carentes de arrependimento).

Outro resultado da aceitação da orientação homossexual (embora ainda discordando do comportamento homossexual) é que o melhor conselho a ser dado àqueles com tendência homossexual seria: “Olhe, mas não toque”. “Você sempre pensará nisso, desejará isso, mas não *pratique* o homossexualismo.” As vítimas de tais conselhos nunca teriam o privilégio de lutar contra o pecado e arrancar suas raízes da imaginação, além de que acabariam achando justo estarem iradas com Deus por lhes dar uma orientação e depois se recusar a permitir que ela seja colocada em prática.

A igreja precisa estar instruída no que diz respeito à questão da orientação homossexual, pois é justamente este o ponto crítico para engajar a comunidade homossexual no debate bíblico. A idéia de uma orientação homossexual não encontra fundamento algum que possa ser discutido. Ela não se baseia em informação bíblica nem em pes-

⁸*Morality and Homosexuality*. In *The Wall Street Journal*, feb.24, 1999, p. 3.

⁹Veja os artigos de Anthony Campolo *A Christian sociologist looks at homosexuality*. In *The Wittenburg Door*, Oct.-Nov. 1977, p. 16-17. e de Tony Evans *Homosexuality: Christian Ethics and Psychological Research*. In *The Journal of Psychology and Theology*, n. 3, 1975, p. 94-98.

quisa médica, mas é uma posição política que pretende garantir direitos para os homossexuais, e está alicerçada em experiência pessoal diante da qual nem a informação bíblica nem a refutação de literatura médica serão persuasivas. No fundo, a maioria dos homossexuais simplesmente apelam para os seus sentimentos e para as experiências de outros homossexuais. “O homossexualismo parece adequado a nós, portanto é algo natural. É parte da nossa constituição.” Ainda assim, uma ausência potencial de sensibilidade às Escrituras não deve nos impedir de examinar os argumentos biblicamente.

Do ponto de vista bíblico, é possível que algumas passagens do Antigo Testamento sobre homossexualismo tivessem como objetivo, pelo menos em parte, afastar os israelitas das práticas dos cananeus. Uma destas práticas pode ter sido a prostituição masculina que era parte da religião dos cananeus (Dt 23.17,18). Este homossexualismo “contrário à natureza” era condenado. Mas seria esta a *única* forma de atividade homossexual condenada? Se as proibições do Antigo Testamento focalizavam exclusivamente a prostituição cultual, porque então o Novo Testamento as manteria? A igreja do Novo Testamento não tinha em vista afastar-se das práticas religiosas dos cananeus. Ela queria, porém, demonstrar a santidade de Deus em seu comportamento sexual de tal forma que se distanciasse da licenciosidade generalizada presente em sua cultura.

Sustentar a idéia de que Levítico estava interessado unicamente na prostituição masculina seria promover um distanciamento sem precedentes do tom geral das proibições sexuais contidas na Bíblia. Muitas das leis contidas em Levítico eram parecidas com as das nações vizinhas, mas o código israelita era evidentemente mais forte na questão moral e mais detalhado que os das nações pagãs.

Por exemplo, a ausência de castidade era punida com maior severidade e a prostituição era ilegal, em lugar de ser regulamentada. Considerando o fato de que a atitude para com os atos homossexuais era de modo geral negativa em lugares como Egito, Assíria e Babilônia¹⁰, estaria completamente fora de sintonia com o caráter da lei do Antigo Testamento proibir o homossexualismo associado à adoração de ídolos e permiti-lo para outros propósitos. Além do mais, mesmo que uma passagem como Levítico 18.22 fizesse referência à prostituição cultual, o fato de que o homossexualismo estava associado à prostituição cultual o tornaria, em geral, ainda mais repugnante.¹¹

O que mais podemos dizer quanto ao uso da expressão “contrário à natureza”? Seria possível que os textos bíblicos ignorassem a orientação homossexual e estivessem se referindo a uma prática homossexual “contrária à natureza” porque os participantes teriam orientação heterossexual? Isto equivaleria a afirmar que os homossexuais praticantes mencionados na Bíblia estavam envolvidos com homossexualismo contra à sua orientação natural. Mas biblicamente, a natureza do pecado é voluntária - as pessoas pecam porque elas *querem* pecar (Tg 1.13-15). O pecado vem dos nossos desejos. Ninguém peca esperneando e gritando. O homossexualismo existia nos tempos bíblicos porque as pessoas o apreciavam, e eram

¹⁰BAILEY, D. Sherwin. *Homosexuality and the western Christian tradition*. London: Longmans, Green & Co., 1955.

¹¹Greg Bahnsen também destaca: “Um raciocínio paralelo nos conduz a julgar a bestialidade [mencionada em Levítico 12:23] moralmente aceitável quando fora do contexto religioso ou de culto—uma conclusão que deveria chocar nossa sensibilidade ética”. *Homosexuality: a biblical view*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1978, p. 45.

atraídas a ele pelos seus próprios corações (Mc 7.21-23). Fazer uma distinção artificial entre a prática e a tendência homossexual contraria a constante ligação que a Bíblia faz entre desejo/tendência e prática. Se a prática era proibida nas Escrituras, o desejo também era.

Homossexuais comprometidos com uma maneira bíblica de pensar podem *começar* a ser desafiados em suas idéias acerca da tendência homossexual. Mas uma pergunta bastante significativa persiste: Por que o homossexualismo lhes parece natural? A resposta bíblica é relativamente direta. Como muitos outros pecados, o homossexualismo não precisa ser aprendido. Assim como uma criança que nunca presenciou um acesso de raiva pode ter um desempenho profissional no assunto, o homossexualismo pode ser uma habilidade instintiva do coração humano. Em outros termos, o homossexualismo é tão natural quanto a ira e o egoísmo. Todos eles estão “embutidos” em nossa natureza humana. O homossexualismo é de fato “natural”, mas só no sentido de que é uma expressão natural da natureza pecaminosa e não uma espécie de constituição moralmente neutra dada por Deus.

O fato de que muitos homossexuais não conseguem se lembrar de terem feito uma escolha consciente pelo homossexualismo é também facilmente explicado pelas Escrituras. A maior parte dos pecados atua em um nível onde não percebemos que estamos fazendo uma escolha consciente. Nosso pecado pode ser “não intencional”, mas isto não nos faz menos responsáveis pela violação da vontade de Deus (Lv 5.14-19, Nm 15.22-30).

Em resumo, é possível que a própria igreja tenha aceito a categoria *orientação homossexual* por não ter compreendido bem a natureza do pecado. O pecado foi reduzido

a decisões racionais, conscientes. Talvez a igreja tenha perdido de vista o fato de que o pecado é parte da estrutura humana e ele atua em um nível silencioso e profundo.

As proibições bíblicas são relevantes no caso de relacionamentos homossexuais em que há compromisso?

Mas será que não se trata mesmo de amor? - alguns perguntam. (E como argumentar contra isso?) As Escrituras não proibem apenas os relacionamentos sexuais ocasionais e destituídos de amor? Ou como alguém propôs: “A igreja deve manter uma atitude aberta para como as várias orientações sexuais e formas humanas de relacionamento... desde que sejam praticadas de maneira amorosa e responsável.”¹²

Fazer esta sugestão seria acreditar que as proibições bíblicas não estão claras, e que devemos então apelar à lei do amor que parece ser mais clara. Mas as passagens de Levítico parecem ser bem claras. Levítico 18.22 diz: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação”. O termo “mulher”, neste contexto, refere-se evidentemente a um relacionamento conjugal sancionado biblicamente. Sendo assim, o texto indica que um homem não deve se deitar com um homem, independentemente da lealdade ou amor de um para com o outro. O que se condena é o ato sexual em si, e não apenas a atitude do ofensor. Levítico 20.13 expressa-se de forma semelhante, mas inclui a punição para os relacionamentos homossexuais: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue

¹²DOSTOURIAN, A. *Gayness: a radical Christian approach*. In: CREW, L. (edit). *The gay academic*. Palm Springs: ETC, 1978, p. 347.

cairá sobre eles”. A severidade da punição enfatiza a natureza moral do ato.

A hermenêutica homossexual levanta várias objeções. “Seria possível que os autores das Escrituras simplesmente não conhecessem relacionamentos homossexuais comprometidos?” Afinal, o preconceito contra o homossexualismo era forte, deixando os homossexuais com pouca oportunidade para relacionamentos comprometidos. Tal argumento sugere certa ingenuidade do Antigo Testamento quanto às relações sexuais. No entanto, uma leitura rápida dos capítulos 18 a 20 de Levítico mostra algo diferente. Conquanto os detalhes das práticas sexuais do tempo do Antigo Testamento não estejam claros, o número abundante de proibições indica que a multiplicidade de expressões na área sexual não é um fenômeno atual. Além do mais, o conhecimento das práticas sexuais do tempo neotestamentário, que está mais disponível a nós, assegura-nos que as culturas grega e romana apresentaram todo tipo de homossexualismo imaginável. Ainda assim, o apóstolo Paulo não dá margem a nenhuma exceção quando proíbe o homossexualismo.

É verdade que, em certo nível, pode haver grande afeição e compromisso em relacionamentos homossexuais, mas isto não significa que o relacionamento seja aprovado por Deus. Um homem pode estar divorciado fora dos parâmetros bíblicos e se casar com uma mulher que ele acredita amar verdadeiramente, mas ainda assim esta união é errada. Relacionamentos adúlteros podem ser “amorosos e comprometidos”, mas ainda assim são errados. E com este último argumento muitos homossexuais estão prontos a concordar, visto que alguém está sendo vitimado pelo adultério - em geral, a esposa não-adúltera. Mas eles levantam outro argumento: e quando além

de haver amor e lealdade, também não há ninguém aparentemente prejudicado, como no caso de relações sexuais pré-conjugais? A resposta é que este tipo de relacionamento não expressa o amor bíblico. O amor não é simplesmente a ausência de prejuízo evidente contra outrem. Por exemplo, pensamentos críticos não resultam em vítimas, mas são errados. Limitar o amor a circunstâncias em que ninguém é prejudicado seria escapar completamente do ensinamento bíblico.

O amor deve ser entendido não pela nossa definição, mas pela de Deus. Biblicamente, ele é definido como obediência a Deus. Não somos nós que decidimos por conta própria a forma que o amor deve ter. Deus nos diz como amar. Quando amamos dentro dos *ossos* termos, e não dentro dos termos de Deus, estamos pecando. Mesmo que nosso pecado pareça não estar atingindo outro ser humano, ele ainda é pecado. Se o pecado fosse limitado a prejudicar outrem, então seríamos moralmente perfeitos se nos isolássemos das demais pessoas. O pecado, no entanto, não está primariamente no plano do homem-contra-homem. O pecado está no plano do homem-contra-Deus.

As proibições relativas ao homossexualismo não são parte do código cerimonial do Antigo Testamento a cujo cumprimento não estamos mais sujeitos?

Uma outra objeção levantada pelos homossexuais é que as proibições de Levítico são cerimoniais, estabelecidas para serem cumpridas apenas durante um período específico da história de Israel. À semelhança da lei que declara impuros certos animais, as leis relativas ao homossexualismo também não se aplicam aos nossos dias. Isso é insustentável por duas razões que já mencionamos. Em primeiro lugar, a punição no caso de vio-

lação da lei era a morte. Essa era a punição para violações morais e não violações de leis cerimoniais. Em segundo lugar, os escritores do Novo Testamento consideraram que a lei deveria ser aplicada.

As proibições relativas ao homossexualismo não dizem respeito ao mandamento de encher a terra, o que não é mais relevante em um mundo amplamente povoado?

Uma quarta objeção à permanência da validade da proibição do homossexualismo é que ela foi escrita para uma cultura que sentia o peso do mandato de encher a terra e dominá-la. O homossexualismo, por não resultar em procriação, não seria politicamente correto naquele contexto. Com a vinda de Cristo, segundo alguns sugerem, o mandamento foi interpretado como uma ordem para evangelizar, assumindo o caráter de encher a terra espiritualmente, em lugar de enchê-la pela procriação. Além do mais, agora que o mundo parece um tanto apertado, não existe mais a necessidade de enfatizar o aspecto de procriação.

À primeira vista, pode parecer uma tábua de salvação improvisada, mas parte deste argumento poderia ser aceitável para muitos crentes. Por exemplo, quantas pessoas usam algum tipo de recurso para controle da natalidade? Não seria isso uma violação do mandamento de encher a terra? E o que dizer de casais que escolhem não ter filhos? Estas pessoas são, por acaso, excluídas da igreja? Em que uma união homossexual difere de uma união heterossexual que escolhe não procriar?

O argumento homossexual teria algum mérito se o propósito do casamento fosse simplesmente a procriação. Mas não é assim. O casamento é uma aliança de

companheirismo ordenada por Deus. É a união de duas pessoas que se “encaixam” para formar uma só carne. O casamento estéril não é deficiente nem imoral, mas há uma violação moral quando o plano divino para o casamento é violado.

Isso nos leva de volta à questão da validade do relacionamento homossexual comprometido e amoroso. Não se trata de uma aliança de companheirismo? Como podemos dizer que duas pessoas do mesmo sexo, que se amam mutuamente, não podem gozar do privilégio da sexualidade conjugal? Mais uma vez reiteramos que Deus é Quem define a maneira como devemos amar uns aos outros.

A posição bíblica

Antes de dar início a esta breve argumentação bíblica, precisamos lembrar que todos nós somos capazes de encontrar respaldo para quase tudo nas Escrituras. Nossos corações agradam-se do pecado e estão prontos para a racionalização e o auto-engano. Seria possível enganarmos-nos ao consultar as Escrituras por acharmos que o homossexualismo é ameaçador e diferente? Sim, seria. A resposta a este perigo é sondar nosso coração em oração e ir às Escrituras em atitude de oração. Acredito ser isto o que estamos fazendo.

Seria possível também que os homossexuais se enganassem por quererem satisfazer seus desejos mais que obedecer a Deus? Seria possível que, como bons advogados de defesa, eles estivessem tentando plantar uma semente de dúvida para liberar suas consciências e praticar aquilo que desejam? Esta possibilidade deve ser considerada com bastante seriedade porque a hermenêutica homossexual discorda de uma leitura literal das Escrituras, é contrária à história da interpretação bíblica, e é uma reminiscência do

uso distorcido da lei praticado pelos fariseus no Novo Testamento.

A posição bíblica é que a sexualidade humana faz parte da ordem da criação. O plano ordenado por Deus para o relacionamento sexual é homem-mulher. Os atos homossexuais e os desejos homossexuais, seja no caso de homens ou mulheres, são uma violação daquilo que Deus ordenou na criação e são pecaminosos. Cabe à igreja advertir e repreender aqueles que se chamam de cristãos, mas persistem na prática homossexual, e também ensinar ativamente que a tendência homossexual é pecaminosa. A igreja nunca pode dizer que há uma orientação homossexual moralmente neutra e constitucional. Suplicar àqueles que lutam com desejos homossexuais que simplesmente se abstenham de colocá-los em prática seria pecar contra estes irmãos e irmãs.

Causas biológicas

A pesquisa científica tem sido usada para sustentar a pressuposição de que há uma orientação homossexual predestinada. Ou seja, ela é usada para sustentar o argumento de que a homossexualidade é parte da nossa constituição biológica e não da nossa natureza pecaminosa.

Já que as Escrituras indicam consistentemente que a homossexualidade é expressão de um coração pecaminoso, deveríamos prever certos resultados encontrados na literatura científica. De um ponto de vista negativo, a observação científica não será capaz de estabelecer uma causa biológica da homossexualidade. De um ponto de vista positivo, a ciência deveria ser aliada da posição bíblica. E esta, de fato, é a situação real: em lugar de desafiar a perspectiva bíblica, as descobertas científicas lhe oferecem apoio.

Talvez o estudo mais divulgado acerca da biologia do homossexualismo tenha sido

publicado na revista *Science*.¹³ O pesquisador principal, Simon LeVay, examinou os cérebros de dezenove homossexuais masculinos que morreram de AIDS e de dezesseis homens supostamente heterossexuais, dos quais seis morreram de AIDS. Os resultados obtidos mostraram que o cérebro dos heterossexuais tinha mais neurônios em determinada área (INAH3) supostamente relacionada ao comportamento sexual. Considerando a suposição de que o homossexualismo é determinado biologicamente, a conclusão é que o homossexualismo está localizado no cérebro.

Cristãos e não-cristãos têm percebido com frequência que os resultados deste estudo não estabelecem de forma alguma um vínculo de causa entre a atividade cerebral e o comportamento homossexual. Até mesmo LeVay reconhece as limitações de seu estudo, afirmando que ele é pouco mais que um convite a maiores pesquisas. Ele sabe que suas observações não passam de meras tentativas até que sejam confirmadas por outros pesquisadores, e esta confirmação ainda não se deu. Ele reconhece que a AIDS talvez tenha interferido nos resultados, que o tamanho da amostragem foi muito pequeno para se chegar a conclusões claras, e que suas medidas poderiam ser propensas a erro. Além do mais, três dos cérebros de homossexuais não apresentaram distinção em áreas específicas quando comparados aos de heterossexuais. Até mesmo a suposição de que há uma relação entre INAH3 e o comportamento sexual nunca foi claramente estabelecida.

A conclusão, portanto, é que não podemos concluir nada com base neste estudo. A revista *Science* chegou até mesmo

¹³LeVAY, Simon. A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. *Science*, n. 253, 1991, p. 1034-1037.

a publicar uma carta ao editor que criticava a publicação prematura de um artigo de qualidade duvidosa.¹⁴ Digamos que um dia venha a ser realizada uma pesquisa que estabeleça de fato alguma conexão entre o INAH3 e o homossexualismo. Ainda assim, LeVay reconhece que “os resultados não nos permitem decidir se o tamanho do INAH3 em um indivíduo é causa ou consequência de sua orientação sexual”. Em outras palavras, do ponto de vista de LeVay, é provável que as possíveis diferenças encontradas no cérebro sejam *resultado* do homossexualismo e não causa.¹⁵

Embora seja difícil de acontecer nos próximos cinquenta anos, devido aos problemas metodológicos inerentes a tal pesquisa, vamos supor que alguém fosse capaz de demonstrar que o INAH3 tem participação efetiva na determinação do desejo sexual e que esta área do cérebro é menor *desde o nascimento* em pessoas que mais adiante tornam-se homossexuais. Em outras palavras, o cérebro não estaria revelando padrões de neurônios como *resultado* de uma experiência homossexual, visto que o tamanho reduzido do INAH3 estaria evidente *antes* de qualquer atividade homossexual. Se tal pesquisa existisse, cristãos e muitos não-cristãos fariam pelo menos três observações. Em primeiro lugar, sempre haverá exceções à regra. Alguns heterossexuais podem ter um

INAH3 menor e outros, um INAH3 maior. Em segundo lugar, até mesmo escritores seculares iriam afirmar, como já fazem, que biologia não é destino. A resposta sexual do ser humano é muito complexa para ser reduzida a um déficit de neurônios. Em terceiro lugar, os cristãos continuariam firmes na sua posição de que a biologia não é capaz de nos fazer pecar. No melhor dos casos, a biologia é semelhante a um amigo que nos tenta a pecar. Em certos casos o amigo pode nos perturbar, mas podemos repreendê-lo e resistir a ele.¹⁶

Uma outra maneira de estudar as bases biológicas do homossexualismo é observar a ocorrência de homossexualismo em gêmeos, a fim de sugerir uma tendência genética para o comportamento. Um exemplo frequentemente citado deste tipo de pesquisa foi realizado por Michael Bailey e Richard Pillard.¹⁷

O estudo realizado com 56 homossexuais masculinos gêmeos idênticos mostrou que em 52% dos casos ambos os irmãos eram homossexuais. A percentagem era de 22% entre gêmeos não idêntico, 9% entre irmãos não gêmeos, e 11% entre irmãos por adoção. O grupo de pesquisa também levantou dados estatísticos semelhantes entre mulheres.¹⁸ O que esperaríamos se houvesse um componente genético determinante do homossexualismo é que, de fato, quanto mais

¹⁴Carta de Joseph M. Carrier e George Gellert publicada em *Science*, n. 254, 1991, p. 630.

¹⁵Outra possibilidade é que as diferenças observadas no cérebro não sejam nem causa nem resultado. Por exemplo, pessoas que se expressam em ira pecaminosa poderiam apresentar padrões diferentes de atividade cerebral daquelas que são mansas devido à sua fé em Cristo. Mas tal observação não significa que o cérebro é responsável por sermos irados. Simplesmente significa que o cérebro é uma representação física de um intento do coração.

¹⁶Esta analogia é aplicável também a outras situações como, por exemplo, a síndrome pré-menstrual.

¹⁷BAILEY, J. Michael, PILLARD, Richard C. A genetic study of male sexual orientation. *Archives of General Psychiatry*, n. 48, 1991, p. 1089-1097.

¹⁸BAILEY, J. Michael, PILLARD, Richard C. NEALE, Michael C., AGYEI, Yvonne. Heritable factors influence sexual orientation in women. *Archives of General Psychiatry*, n. 50, 1993, p. 217-224.

perto a relação genética, mais alto o índice de homossexualidade compartilhada.

Com toda franqueza, este estudo é irrelevante. Ainda que ignoremos a parcialidade na seleção de amostras para pesquisa (as pessoas foram recrutadas por intermédio de publicações homossexuais) e o fato de que nenhum outro pesquisador encontrou percentagens tão altas entre gêmeos idênticos, o estudo não é de importância. Isto porque gêmeos idênticos costumam ter uma profunda influência um sobre o outro. Se um dos gêmeos descobre algo novo, é provável que ele envolva o outro na mesma atividade. E por que irmãos adotivos, que não têm relação genética, apresentam, segundo as pesquisas, um índice tão alto de homossexualismo? A taxa de incidência de 11% é cinco vezes maior do que o esperado (acredita-se que o índice de incidência de homossexualismo ativo na população geral seja em média 2%).¹⁹ O estudo seria mais adequado se usado para provar a influência das companhias no desenvolvimento do homossexualismo.

Os pesquisadores estão cientes de que a única coisa que eles realmente provaram é que o homossexualismo *não* é causado apenas por fatores genéticos. Se a genética fosse o único elemento contribuinte para a atividade homossexual, a incidência em gêmeos idênticos seria de 100%. Se um dos gêmeos fosse homossexual, o outro *sempre* seria homossexual. Visto que a estatística se mantém bastante abaixo do esperado, a homossexualidade não pode ser um traço diretamente genético. O estudo não é capaz de provar nada além disso. Gêmeos idênticos

compartilham semelhanças mais acentuadas que outros irmãos. Portanto, não é raro que compartilhem os mesmos pecados. A única maneira de fortalecer a pesquisa seria estudar gêmeos que foram separados por ocasião do nascimento.

Vamos supor, porém, que esta pesquisa se apoiasse em estudos melhor estruturados. E se ela descobrisse que gêmeos idênticos compartilham o homossexualismo com maior frequência mesmo sem ter contato um com o outro? Se isso viesse a acontecer, ainda ilustraria a verdade bíblica. Em primeiro lugar, nunca haverá um índice de 100% de ocorrência. Em segundo lugar, o princípio bíblico é que o corpo físico é nosso contexto de vida. Devemos esperar, então, que o corpo (o cérebro neste caso) tenha alguma maneira de representar biologicamente os intentos do coração. É até possível que um certo tipo de cérebro seja necessário para manifestar a tendência homossexual. Este cérebro ou “*hardware* genético” não é *suficiente* para causar o homossexualismo, mas pode ser necessário. Em outras palavras, uma certa predisposição genética pode ser necessária para a orientação homossexual, mas não é determinante.

É importante tratar esta questão com precisão. Pode parecer que estamos afirmando que biblicamente é possível o corpo causar a homossexualidade; e de fato é assim. Mas o termo “causar” neste contexto significa “modelar ou influenciar biologicamente”, não “compelir irresistivelmente”. Especificando o uso do termo, não há nada chocante em nossa afirmação. Ela está simplesmente dizendo que a expressão do coração pecaminoso em determinado comportamento é resultado de centenas de fatores, entre os quais o biológico. Uma pessoa cujo coração pecaminoso se manifesta em homicídio pode ter sido influenciada por

¹⁹BILLY, John O., TANFER, Koray, GRADY, William R., KLEPINGER, Daniel H. The sexual behavior of men in the United States. *Family Planning Perspectives*, n. 25, 1993. P. 52-61.

tratamento injusto, por pais que lhe permitiram ventilar sua ira, e pelo encorajamento incessante de Satanás. No entanto, nenhuma destas influências remove a responsabilidade pessoal. A causa final do pecado é sempre um coração pecaminoso.

Usando termos mais científicos como *necessário* e *suficiente*, o fator biológico pode ser necessário de certa forma para o homossexualismo, mas o fator biológico não é uma causa suficiente. Considere a seguinte ilustração. Para lavar meu carro, vou precisar de um balde de água. O balde de água com sabão será necessário, pois se eu não dispuser dele, não terei como lavar o carro. É claro que há um número de outras condições necessárias como um dia de bom tempo, o tempo disponível para a tarefa e um carro sujo. Nenhuma destas condições, no entanto, são *suficientes* para a tarefa de lavar o carro. Nenhuma delas pode me forçar irresistivelmente a lavar o carro. Eu tenho que *querer* fazer a tarefa.²⁰ No caso do homossexualismo, esta condição suficiente é função do coração, e é algo pelo qual eu sou sempre responsável.

Um terceiro tipo de pesquisa sobre as bases biológicas do homossexualismo também focaliza informação genética, mas olha para o gene. A equipe de pesquisa mais conhecida é a do National Institute of Health (Instituto Nacional de Saúde), liderada por Dean Hamer.²¹ Trata-se de um trabalho altamente técnico que está em fase inicial, mas nem o amadurecimento da pesquisa nem a

sofisticação devem impedir que o cristão afirme a autoridade funcional das Escrituras sobre a informação científica.

Assim como nos outros dois estudos previamente mencionados, neste também há falhas metodológicas. Ele não foi reproduzido, e por enquanto há ainda muito pouco a ser dito. E ainda que os homossexuais praticantes fossem geneticamente distintos dos heterossexuais, isso não faria do homossexualismo um comportamento com base biológica pelo qual as pessoas não seriam moralmente responsáveis.

Estes três estudos são os mais recentes de uma tentativa relativamente longa, mas infrutífera, de localizar o homossexualismo no nível biológico. Um médico que fez uma revisão de literatura sobre o assunto disse: "Estudos recentes admitem fatores biológicos como a base primária da orientação sexual. No entanto, não há evidência até o momento para comprovar um teoria biológica, bem como não há evidência para apoiar qualquer explicação psicossocial distinta."²² A única certeza que podemos ter é que a sexualidade humana é complexa demais para ser reduzida ao trabalho do cérebro.

Visto que o comportamento é mediado (não causado) por fatores biológicos, não ficaríamos surpresos se tomássemos conhecimento de estudos que oferecessem melhores evidências para um vínculo entre biologia e comportamento. Mas as Escrituras são claras: nosso corpo não pode nos fazer pecar. O corpo é fraco, mas não é a causa do pecado. Este é um princípio inviolável que, quando usado coerentemente, pode trazer esclarecimento à pesquisa sobre o cérebro.

²⁰Quando eu era jovem, meu pai *obrigava-me* a lavar o carro; freqüentemente contra a minha vontade. Não podemos traçar, porém, uma analogia com a experiência homossexual

²¹HAMER, Dean H. et al. A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. *Science*, n. 261, 1993, p. 321-327.

²²BYNE, William, PARSON, Bruce. Homosexual orientation: the biologic theories reappraised. *Archives of General Psychiatry*, n. 50, 1993. P. 228-239

As ciências que estudam o cérebro podem oferecer observações emocionantes, mas estas observações só podem ser corretamente interpretadas quando as Escrituras providenciam os limites.

Um modelo bíblico do homossexualismo

Conquanto a igreja tem sido rápida em refutar a literatura científica, ela tem sido lenta no aplicar os mesmos princípios às teorias da psicologia. Por diferentes razões, muitos tendem a se sentir mais confortáveis com as teorias da psicologia que com as da biológica. Perceba, por exemplo, como o livro *Homosexuality: a New Christian Ethic* (*Homossexualismo: Uma Nova Ética Cristã*)²³ é bem recebido por muitos cristãos. A autora, Elizabeth Moberly afirma que por trás de quase todo homossexualismo, masculino ou feminino, há um relacionamento deficitário com o genitor do mesmo sexo. A teoria é que há uma necessidade planejada por Deus de receber amor, afirmação, aceitação do genitor de mesmo sexo e estabelecer um vínculo com ele. Quando estas supostas necessidades afetivas normais não são satisfeitas, elas tomam uma forma erótica na puberdade. Homossexualismo é um impulso em direção a estabelecer um relacionamento que supra estas necessidades.

Se olharmos de perto para as aplicações desta e de outras explicações da psicologia,²⁴ vamos começar a nos perguntar se a igreja

tem se deixado enganar. Ao mesmo tempo que temos olhado para a pesquisa médica e sido implacáveis em nossas críticas, temos permitido que as explicações psicológicas entrem pela porta dos fundos. Queremos enfatizar que o homossexualismo é aprendido em lugar de ser biologicamente inato; e já que é aprendido, pode ser desaprendido. Mas perceba o problema: o que fazemos é mostrar que a orientação homossexual tem início um pouco após o nascimento em lugar de antes do nascimento. Ficamos quase que empatados com as teorias da biologia, visto que a orientação ainda é estabelecida por forças externas a nós, e a orientação precede o pecado (figura 1). O problema real, o proble-

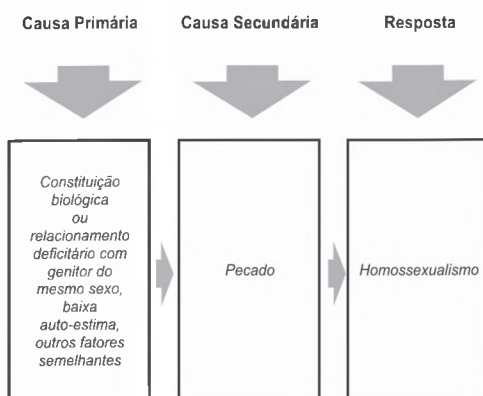


Figura 1. Um entendimento comum, embora não bíblico, do desenvolvimento do homossexualismo

ma profundo, continua sendo a orientação homossexual. Um diagnóstico do pecado e uma cura que inclui arrependimento tendem a ser considerados pela própria igreja como superficiais.

Uma perspectiva bíblica reconhece que há várias influências psicológicas e biológicas atuando no desenvolvimento do homossexualismo, e nos adverte a não nos limitarmos na consideração das diversas influências possíveis. Ainda assim, a Bíblia é inflexível no dizer que não é aquilo que nos influencia

²³MOBERLY, Elizabeth. *Homosexuality: a new Christian ethic*. Stony Point, SC: Attic, 1983.

²⁴Outros tem sugerido que o homossexualismo é o resultado de vitimização. HURST, E., JACKSON, D. *Overcoming homosexuality*. Elgin, Ill.: David C. Cook, 1987. PAYNE, Leanne. *A broken image*. Westchester, Ill.: Crossway, 1981. PAYNE, Leanne. *Crisis in masculinity*. Westchester, Ill.: Crossway, 1985.

que nos torna “impuros”. Pelo contrário, “de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição.... Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.21-23) (Figura 2). Isso significa que a orientação pecaminosa tem inúmeras expressões em nossa vida. Para alguns é cobiça ou inveja, para outros é ira pecaminosa, para outros ainda podem ser desejos homossexuais.

O processo de mudança

À semelhança dos demais pecados, no nível de desejos do coração, o homossexualismo não cede fácil nem rapidamente. Ele é mortificado ao longo do tempo, no processo

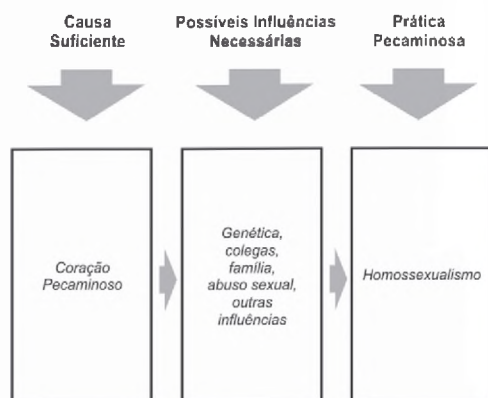


Figura 1. Um entendimento comum, embora não bíblico, do desenvolvimento do homossexualismo

progressivo de santificação. Mas mudança é certamente possível. “Tais fostes alguns de vós” (1 Co 6.11) é repetido com frequência para relembrar que há esperança de vencer tanto os atos como os desejos homossexuais. O método para promover mudança é familiar, não prescinde de técnicas especiais, mas consiste em ministrar simultânea e equilibradamente dois temas: o conhecimento de nós mesmos e o conhecimento de Deus. Esses temas são apresentados em amor e com disposição para ouvir o homossexual.

Ouvir é um bom ponto de partida. Além do mais, como podemos levar a verdade a uma pessoa a menos que a conheçamos? Precisamos, então, fazer perguntas. Como a pessoa encara sua luta com o homossexualismo? Quais as circunstâncias que moldaram a expressão atual de homossexualismo? A pessoa foi estuprada? Ela foi manipulada para ter atividade sexual com uma pessoa mais velha? O fato de ter sido vítima de outros não explica o homossexualismo nem faz com que a pessoa deixe de ser responsável por seus pensamentos e ações no futuro. Mas Deus certamente fala com compaixão àqueles que foram alvo do pecado de outros, e os homossexuais precisam ouvir isso.²⁵ De que forma a pessoa foi prejudicada em relacionamentos? O quanto tem sido doloroso para ela manter um estilo de vida homossexual? O que significa ser confrontada de repente com a realidade de afastar-se de amigos íntimos, companheiros de longa data ou uma comunidade que lhe oferece apoio? “Eu sentia dores em todo corpo como resultado da agitação emocional”, disse um homem que havia deixado seu companheiro. “Mas vários homens cristãos heterossexuais puseram-se à minha disposição de dia e de noite para me ajudar. Eu estou vivo porque estas pessoas me amaram.”²⁶

É nesse contexto que apresentamos o conhecimento de Deus, e especialmente o perdão que Deus oferece aos pecadores. É isso que atrai e muda aqueles que estão lutando com o homossexualismo. Alguns dizem que ensinamos o suficiente sobre o amor de Deus, mas esquecemos de ensinar

²⁵Veja o artigo do mesmo autor *Exaltar o dor? Ignorar a dor? O que fazer com o sofrimento?*

²⁶DAVIES, Bob. Will we offer hope? *Moody*, Maio 1994, p. 16.

sobre a justiça de Deus e o Seu ódio para com o pecado. Isso pode ser verdade, mas não é motivo para sacrificar a grandeza da doutrina da graça. Os homossexuais estão numa posição complexa: eles estão em rebeldia contra o Deus Santo; mas eles estão também, até certo ponto, cientes de seus pecados e receosos da ira de Deus (Romanos 1). Eles não acreditam que Deus possa de fato perdoar homossexuais. Como disse C. John Miller, “não há fator mais importante na transformação de um homossexual do que a fé sólida no fato de que seus pecados foram completamente perdoados por Deus”.²⁷

Para conhecer a graça do perdão de Deus, os homossexuais precisam conhecer a verdade a respeito de si mesmos: eles são pecadores necessitados da graça. Embora tenham certo conhecimento disso, faltalhes, com frequência, uma clareza bíblica e um conhecimento mais amplo do pecado. A carne não quer ver o pecado em toda a sua feiúra; ela opera para encobrir a torpeza. O que cria uma névoa ainda maior sobre o pecado é o mito de que existe uma orientação homossexual criada por Deus. Esses dois fatores operam com toda força contra o conhecimento da verdade a respeito de si mesmos.

O processo de expor o coração vem pela aplicação das Escrituras operada pelo Espírito Santo. O alvo é entender o que Deus diz. O alvo é aprender a “pensar o que Deus pensa”. Uma maneira de penetrar na Palavra é entender que existe, na verdade, algo mais profundo que o homossexualismo. Conforme resumido em Romanos 1, o homossexualismo é uma expressão de um coração idólatra. *Este* é o nosso problema mais profundo. Nosso instinto substitui a lealdade para com

Deus pela lealdade para com ídolos. Quais são nossos ídolos? Conforto, prazer, poder, significado pessoal, auto-estima, e assim por diante. As possibilidades são inúmeras, mas todas têm uma coisa em comum: uma lealdade para com o próprio eu. Somos rebeldes para com Deus e escolhemos viver para a nossa glória em lugar de viver para a glória de Deus. Escolhemos obedecer aos nossos desejos em lugar de obedecer à Palavra de Deus. Os desejos e a atividade homossexual são uma expressão dos instintos idólatras do nosso coração.

A pessoa com que estamos tratando tem perguntas a respeito da orientação homossexual? Ela tem a impressão de que está sempre mais interessada em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo? Se for assim, insista em esclarecer a questão da tendência homossexual até que a pessoa possa pensar biblicamente a respeito. É muito fácil concordar com a ausência de comportamento homossexual e não se preocupar com as atitudes. Lembre-se de que é na questão da orientação homossexual que o mundo, a carne e Satanás convergem. O mundo, com seu ponto de vista não bíblico, decidiu que o homossexualismo é normal. A carne quer desculpar as fantasias homossexuais. E Satanás está ao lado de ambos, sussurrando seus enganos. O engano quanto à neutralidade da orientação homossexual deve ser exposto e corrigido. É um ensino falso que vai produzir maus frutos. Nós certamente temos uma “orientação”, mas é uma orientação espiritual contrária a Deus. Não é simplesmente uma tendência física.

À medida que o Espírito Santo expõe estas questões cruciais, Ele também revela mais do conhecimento de Deus. O tema do amor de Deus tem continuidade, enfatizando que se trata de um amor *santo*. Santo quer dizer que não encontra paralelo na experiên-

²⁷MILLER, C. John. The gay ‘80’s. *Eternity*, nov. 1986, p. 18.

cia humana. Não há nada semelhante a ele. Está além da compreensão, e não pode ser superado. É distinto do nosso amor. Inspira respeito por parte de quem o descobre. Esse é o começo do temor do Senhor. Quando testemunhamos Seu perdão, aprendemos o temor do Senhor (Sl 130.4). Quando os discípulos viram o poder do Senhor sobre o vento e as ondas, ficaram “possuídos de grande temor” e cresceram no temor do Senhor (Mc 4.41). Quando Isaías viu a Deus assentado sobre um trono alto e sublime, exclamou: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6.5). O conhecimento da majestade santa de Deus e do perdão por Ele concedido firmou Isaías no temor do Senhor para o resto de seu ministério como profeta. Certamente o temor do Senhor é o começo de uma vida sábia, e também o alvo.

Uma das grandes bênçãos do temor do Senhor é que ele pode nos ensinar a odiar o mal (Pv 8.13). O conhecimento do Santo pode nos mobilizar, e pode nos tornar guerreiros contra as tendências da nossa natureza pecaminosa. Essa posição agressiva com relação ao pecado é crucial, visto que nosso problema é *gostarmos* do pecado. Se não extirpamos este gosto pelo pecado, estamos garantindo que a tentação esteja sempre por perto extremamente poderosa. O temor do Senhor pode nos manter prontos para a batalha. Com o trono celestial em vista, nós combatemos o “pecado que tenazmente nos assedia” (Hb 12.1).

Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado. (1Co 9.26,27)

Corramos, com perseverança, a carreira que nos está posta, olhando

firme para o Autor e Consumidor da fé, Jesus. (Hb 12.1,2)

Que expectativas deve haver de mudança? Qual é o alvo? O alvo, mais uma vez, é pensar os pensamentos de Deus em lugar dos nossos. Isso significa que podemos nos engajar na batalha quando vemos a verdadeira *semente* da tentação homossexual (Tg 1.13-15). Podemos crescer no sentido de nos tornar capazes de odiar tudo quanto tem traços de rebeldia para com Deus. Podemos ficar libertos da obsessão homossexual. E podemos entender que o casamento de um homem com uma mulher é uma das boas dádivas de Deus. Isso não quer dizer que todas as pessoas que uma vez foram homossexuais devem buscar o casamento. Em alguns casos, Deus dá graça para o celibato. Mas visto que o casamento é uma boa dádiva, e que Deus se agrada com o casamento em moldes bíblicos, então os homossexuais encontram prazer naquilo com que Deus se compraz à medida que crescem no desenvolvimento da mente de Cristo.

Quanto tempo é necessário? Se uma pessoa está disposta a seguir a Cristo, e encontra o apoio de uma igreja, o comportamento homossexual pode cessar imediatamente. “A graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 2.11,12). Ninguém deve pensar, porém, que os *desejos* homossexuais costumam ceder tão rápido. A pessoa que teve uma longa história de prática homossexual lutará por alguns anos. O poder de escravidão dos pensamentos homossexuais é derrotado gradualmente, mas uma divagação homossexual pode voltar décadas depois de terem cessado os atos homossexuais. Isso é desencorajador? Indica a necessidade de um livramento? Não, signi-

fica que Deus está operando, dando poder para lutar, lembrando-nos de que a luta é normal, santificando-nos progressivamente, e dando-nos o privilégio de depender de Cristo constantemente pela fé.

Para que estes alvos sejam trabalhados com segurança, os homossexuais necessitam de algo mais que um conselheiro. Como todos nós, eles precisam do corpo de Cristo e de oportunidades variadas de relacionamento. Homens precisam de outros homens que os amem, escutem, e modelem diante deles relacionamentos fraternos. Mulheres precisam de outras mulheres com que possam estabelecer relacionamentos íntimos, mas não obsessivos nem com expressão sexual. Ambos, homens e mulheres, precisam de relacionamentos piedosos com pessoas do sexo oposto e com líderes e pastores que possam fielmente orar e, se necessário, aplicar disciplina como meio de correção amorosa. Outros relacionamentos podem crescer em pequenos grupos com casais e solteiros, grupos de prestação de contas com pessoas do mesmo sexo, grupos de oração. Algumas igrejas podem ter ministérios específicos

com homossexuais (por exemplo, grupos de apoio), ou ministérios mais gerais dirigidos a pessoas que querem deixar a escravidão sexual em suas mais variadas formas.

Uma igreja eficaz tem lugar para homossexuais! Por causa do amor de Cristo, a igreja deve buscar os homossexuais. E exaltando a Cristo na pregação, na oração e na adoração, a igreja deve atrair homossexuais. Ela deve ministrar a Palavra para aqueles que já estão na igreja, trazendo à luz o auto-engano, expondo a desonestidade, confrontando a rebeldia, oferecendo perdão aos que carregam culpa, e dando esperança. A igreja deve também dar as boas-vindas e prender a atenção daqueles que lutam com o homossexualismo, mas que nunca fizeram parte da igreja. Com relação a estas pessoas, podemos acrescentar que a igreja deve ministrar surpreendendo-as com o amor, um senso de família, e a ausência de um julgamento baseado em justiça própria. Ela deve oferecer a verdade de modo convincente, atraente e radicalmente diferente de qualquer outra coisa que o homossexual tenha jamais ouvido.

Devemos nos Casar?

Cinco perguntas que precisamos fazer a nós mesmos antes de assumir um compromisso.



David A. Powlison e John Yenchko¹

A televisão americana exibiu alguns anos atrás um comercial de filtros de óleo para motores. Um mecânico estava em pé entre dois carros – um deles encontrava-se na oficina para troca de óleo e revisão de rotina; o outro estava com o motor fundido. “Existe uma maneira fácil e uma maneira mais complicada para manter seu carro em funcionamento”, explicava o mecânico. “Você pode me pagar agora [...] ou pode pagar mais tarde. O custo agora é apenas o de um filtro de óleo. Mais tarde, o custo será bem maior: a troca do motor devido à falta de manutenção preventiva”.

Se você estiver pensando em se casar, deve tratar a questão com a mesma sabedoria e precaução de um dono de carro que se mantém alerta o suficiente para filtrar o óleo colocado no motor. Não queremos eliminar com isso o romance ou aquela atração especial entre duas pessoas. Mas quando chegar a hora de você pensar em casamento, há algumas perguntas fundamentais que precisam

ser feitas. Existe uma *manutenção preventiva* que pode evitar que você chegue mais tarde na oficina com um *motor fundido*. Afinal de contas, você só pode apreciar um passeio de carro se o motor estiver funcionando bem.

Vamos propor a você e àquela pessoa com quem você está pensando em se casar cinco perguntas que precisam fazer a si mesmos e discutir em conjunto. Responder a estas perguntas os ajudará a tomar uma decisão com os pés no chão: “Devemos nos casar?”. Estamos convencidos de que a hora de fazer algumas perguntas sérias é *antes* de fazer o pedido mais sério: “Você quer se casar comigo?” Considerar estas perguntas antes de assumir um compromisso pode prevenir a dor de reparos maiores no futuro.

1. Ambos são crentes?

Casamento é um compromisso de companheirismo. Duas pessoas dispõem-se a andar juntas, lado a lado, em sintonia. Se ambas dão a Deus o primeiro lugar em sua vida, elas podem responder com convicção: “Sim, nós temos a Jesus como nosso Salvador e O seguimos como nosso Senhor”.

¹Tradução e adaptação de *Should We Get Married? Five “Pre-engagement” Questions to Ask Yourself*.

Ambas submetem-se ativamente à liderança do Pastor. Debaixo do senhorio de Cristo, serão capazes de enfrentar com confiança tudo quanto surgir em seu caminho.

Ser crente é algo mais que confessar sua fé em Jesus Cristo. É também algo mais que ser membro de uma igreja. Ser crente é um estilo de vida. Na prática, significa que você ama a Jesus e está pronto a depender dEle mais que de seu cônjuge.

Você *vive* como crente? Ou será que você coloca o casamento em posição de importância acima de Jesus? Pergunte a si mesmo e a seu futuro cônjuge: “Jesus é o SENHOR da sua vida? Ele é a sua prioridade nº 1? Ele é o Mestre a quem você ouve? Aquele em quem você confia acima de qualquer outro?”.

Podemos identificar, no mínimo, quatro maneiras como a liderança de Jesus em nossa vida pode ficar facilmente comprometida quando chega a hora de decidir se e com quem devemos ou não nos casar.

Você está olhando para o casamento como algo que vai trazer felicidade, dar identidade ou propósito?

Quando isso acontece, Cristo deixa de ser Senhor de modo prático. Com certeza, o casamento é um presente maravilhoso de Deus. Mas será que você pensa que o casamento proverá significado à sua vida? Direção? Segurança? Auto-respeito? Você espera que o casamento remova a sensação de desespero, inadequação, fracasso, amargura ou isolamento? Você costuma dizer a si mesmo: “Se eu pudesse encontrar um marido, seria feliz” ou “Se eu me casar, finalmente encontrarei amor, aceitação e segurança” ou “Minha vida será um fracasso a não ser que eu me case”?

É comum que as pessoas cheguem ao casamento com expectativas irreais. Sem dúvida, o casamento vai mudar e afetar sua vida de diferentes maneiras, mas não espere que o casamento faça o que somente Jesus pode fazer. Idéias irreais e distorcidas a respeito do casamento podem resultar em decepção, frustração, raiva e desespero quando o parceiro desapontar e provar que é um *santo de barro*.

O casamento será sua fonte de alegria e felicidade? Dará sentido à sua vida? O casamento é uma bênção. É o relacionamento mais rico e íntimo que podemos apreciar. No bom casamento, há potencial para receber muitas coisas boas: amizade íntima, encorajamento, prazer sexual, satisfação de trabalhar em equipe, filhos, liberdade para se expressar com a certeza de ser totalmente conhecido e aceito por alguém. Mas seu cônjuge não resolverá seus problemas pessoais nem satisfará todos os seus desejos. Casamento deve ser em primeiro lugar o compromisso de aprender a abençoar o cônjuge, mesmo quando a caminhada estiver difícil. Se você basear sua vida nas promessas e bênçãos de Deus em Jesus Cristo, você será capaz não só de prever as tempestades, mas de crescer em maturidade e amor em meio às tempestades.

Seja honesto consigo mesmo. Bem lá no fundo, você olha para o casamento pensando naquilo que espera receber? Ou você está ciente do que deve dar, pois você já recebeu de Deus aquilo de que realmente necessita? “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também à eles” (Mt 7.12). Com certeza você quer receber as bênçãos de um bom casamento. Mas será que o seu desejo de edificar a própria vida em Jesus e depois compartilhar essas bênçãos com seu cônjuge é ainda maior?

Um estilo de vida *doador* é a única maneira de *construir uma casa sobre a rocha firme*, uma casa capaz de resistir quando surgirem as decepções. O voto tradicional expressa muito bem esta idéia: “Serei fiel na riqueza ou pobreza, na saúde ou doença, para amar e cuidar, até que a morte nos separe”.

Você está pensando em se casar com um incrédulo?

A Bíblia ensina com clareza que crentes não devem se colocar em “jugo desigual” (2 Co 6.14-16). A visão nítida, *preto no branco*, de 2 Coríntios 6 – justiça ou iniquidade, luz ou trevas, Cristo ou o Maligno, crente ou incrédulo, Deus ou ídolos – não dá margem a erro! Ainda assim, costumamos encontrar pessoas que falham nesse ponto. Elas tentam encontrar uma desculpa para não se submeter à liderança de Jesus. Quando isso acontece, seu compromisso com Cristo está em jogo.

O cristão pode ser mesmo tentado a escolher o lado *preto* de 2 Coríntios 6. Mas se ele decide se casar contra a vontade de Cristo, é sinal de que o romance, o desejo intenso de alcançar realização como cônjuge ou o medo de nunca se casar, tomaram conta de sua vida. Isso é *idolatria*.

Uma versão mais sutil desse problema ocorre quando você quer se casar com alguém cuja declaração de fé é suspeita. Por exemplo, é comum encontramos a situação em que um rapaz não comprometido com Cristo quer se casar com uma moça crente. No curso de seu relacionamento, ele descobre que ela só casará com um crente, e então pensa: “Ótimo! Vou me tornar membro de sua igreja”. O que está acontecendo? A motivação principal do rapaz não é entregar sua vida a Jesus, mas conquistar a moça. Essa cena acontece com muita frequência. E eles estarão unidos em jugo desigual.

Você deve se firmar na verdade de que Jesus Cristo é mais importante que o casamento e a pessoa que você ama. Longe de ofuscar sua alegria de viver, isto conduzirá você a uma alegria maior e poupará muita dor.

Você traz marcas de casamentos ou relacionamentos anteriores?

Em nossa sociedade, as coisas vêm e vão com facilidade. Casamento, sexo e filhos não são vistos com a mesma santidade que Cristo Jesus os via. Se Cristo é o Senhor de sua vida, você precisa determinar de acordo com a Sua Palavra se está livre para o casamento.

Existe um *divórcio legal* que Jesus vê como ilegítimo (Mt 19.1-9). Às vezes Deus nos ordena perseverar em busca da reconciliação, em vez de pensar no recasamento (1 Co 7.10-11), embora haja situações em que uma pessoa está livre para considerar um novo casamento (1 Co 7.39; Rm 7.2-3). Tratar os prós e contras destas questões vai além do objetivo do presente artigo. Se elas precisarem ser consideradas em seu caso, procure aconselhamento com pessoas que o ajudem a olhar para o texto bíblico com seriedade.

Deus lhe deu o dom do celibato?

A Bíblia deixa claro que Deus pode chamar alguns para um ministério frutífero na condição de solteiros ou solteiras. Esta possibilidade é considerada por dois solteiros bem conhecidos – Jesus e Paulo (cf. Mt 19.11-12; 1 Co 7.1-9 e 7.17-40).

As pessoas solteiras podem se dedicar às coisas do reino de Deus, livres das limitações impostas pelas responsabilidades familiares. O casamento tem seu preço: aqueles que se casam enfrentam preocupações com o cônjuge e os filhos (cf. 1 Co 7.28). Alguém que saiba usar bem de sua condição de solteiro

ou solteira tem flexibilidade e liberdade para fazer coisas que uma pessoa casada não pode sequer considerar. Lembre-se de que por mais de mil anos o cristão *ideal* era solteiro! O celibato talvez tenha sido valorizado excessivamente na igreja medieval, em detrimento do casamento. Mas em nossa sociedade, a igreja geralmente caminha em direção ao outro extremo, esquecendo-se de que alguns dos ministérios mais frutíferos na igreja contemporânea necessitam para sua realização da liberdade que o celibato proporciona.

John Stott, o renomado escritor e pregador inglês, teve liberdade como solteiro para ministrar a muitos em redor do mundo. Em nossa igreja local, vemos os solteiros como singularmente capacitados para atender a necessidades difíceis do aconselhamento, envolver-se com adolescentes, dedicar tempo ao trabalho com pessoas carentes, ajudar em diferentes tarefas ou no cuidado das crianças. Uma pessoa solteira pode ter tempo para trabalhar como voluntária em hospitais, asilos ou atividades sociais. Ela está livre de algumas pressões financeiras características da vida familiar, e pode deliberar com generosidade sobre o uso de seu salário.

Pode ser que você tenha o dom do casamento. Em tal caso, você se realizará plenamente constituindo uma família. Mas gaste tempo para considerar se você não tem o dom do celibato. Quais são os seus dons e as oportunidades de ministério? Qual a força do seu impulso sexual, e como você o mantém sob controle? Qual a importância de ter filhos e como isso se relaciona às suas atividades? Quais as vantagens e desvantagens de permanecer solteiro? Qual o *custo* e quais os *benefícios* de se casar?

O casamento é um dom maravilhoso. Não há dúvida quanto a isso. É uma alegria ter um companheiro ou uma companheira. Mas há um perigo: casamento não é o maior dos dons e não provê a alegria mais profunda e segura. “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2 Co 9.15). Esse dom é Jesus, e não seu namorado ou namorada! Não deixe que o desejo de se casar venha a ser um ídolo.

Certifique-se de que Jesus ocupa o primeiro lugar na sua vida e na vida da pessoa com quem você está considerando se casar. Com Ele como alicerce, ambos sentirão prazer em construir um relacionamento de amor duradouro. Se o casamento é a decisão acertada para vocês, é imprescindível que ele seja construído sobre o alicerce firme do amor cristão fraternal.

Para discussão

1. Jesus Cristo é chamado de Salvador e Senhor. O que isso significa em sua vida?
2. Como você costuma orar com relação ao casamento – “Senhor, dá-me um marido/esposa para que eu seja feliz” ou “Senhor, ajuda-me a estar mais preparado (a) para o casamento”?
3. Você está fingindo ser cristão para conseguir um marido ou uma esposa?
4. Você já fez uma profissão de fé pública em uma igreja que segue fielmente a Bíblia?
5. Você está livre de impedimentos no que diz respeito a relacionamentos do passado?
6. Um de vocês, ou ambos, tem o dom de celibato? O casamento contribuiria ou seria empecilho para sua utilidade nas mãos do Senhor?

2. Vocês têm um histórico que testemunha de sua habilidade para solucionar problemas bíblicamente?

Problemas surgem em todos os relacionamentos. Você está habituado a solucioná-los bíblicamente? Esta pergunta pode ser mais difícil de responder que a anterior. Visto que somos todos pecadores e temos problemas, ninguém tem um histórico isento de falhas. Se você for honesto responderá “Às vezes” ou “Não”. O ponto chave não é a perfeição. O seu “Não” está se tornando “Às vezes” e o seu “Às vezes” está se tornando “A maioria das vezes”? Há uma tendência crescente ao “Sim”? Essa progressão indica sua maturidade.

Diante de problemas (contrariedades, desentendimentos, decepções, decisões ou dissabores), você age como adulto centrado em Deus ou como uma criança ensimesmada? O casamento não é para crianças.

A questão da maturidade no casamento envolve três pontos:

1. Você *sabe* resolver problemas bíblicamente?
2. Você *resolve* os problemas bíblicamente?
3. Se não, em que aspectos você precisa *mudar* e crescer?

Em Mateus 7.24-25, Jesus diz: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha”. Jesus fala a respeito de conhecer Suas palavras – a Bíblia. Mas é claro que isso não é suficiente. Ele fala em colocá-las em prática. Problemas virão, mas se você aprender a enfrentá-los bíblicamente, Jesus promete que você permanecerá firme.

Você sabe resolver problemas bíblicamente?

Você é uma pessoa sábia? Uma pessoa madura é capaz de pensar a respeito da vida e seus problemas do ponto de vista de Deus e da Palavra de Deus.

Um casal de namorados não pode antecipar todos os problemas que virão pela frente. Mas será que vocês têm um conhecimento geral de como a Bíblia se dirige de modo prático às principais áreas da vida: compromisso, comunicação, perdão mútuo, adversidades, relações sexuais, educação de filhos, finanças etc.? A Bíblia trata desses assuntos e vocês devem ter um conhecimento básico a respeito do que ela diz, aliado a uma disposição contínua para aprender mais.

Um casal cristão com quinze anos de casamento procurou aconselhamento devido a problemas conjugais sérios. Depois de várias sessões, a esposa acanhadamente se deu conta de que ela nunca havia parado para pensar sobre sua responsabilidade de fazer do marido uma prioridade em sua vida! Ela havia casado sem qualquer compreensão do que a Bíblia diz a respeito da natureza do compromisso conjugal. Muitos anos de dor, solidão e desentendimento poderiam ter sido evitados se eles tivessem começado seu relacionamento conhecendo as diretrizes do Senhor para construir um casamento sólido e feliz.

Você coloca em prática o que a Bíblia diz?

Esta pergunta o leva a deixar o terreno da teoria e olhar para o que você faz na prática! Qual é o seu padrão habitual em lidar com problemas?

O fracasso em resolver problemas bíblicamente manifesta-se de várias maneiras óbvias. Você manipula? Você evita encarar os problemas? Você deixa as coisas de lado

até que elas caíam no esquecimento? Você tapa o sol com a peneira fazendo de conta que tudo está bem? Você guarda ressentimentos? Você fica emburrado? Você sempre joga a culpa nos outros e arranja desculpas, apontando o dedo para outras pessoas ou circunstâncias? Você persiste em fazer o que a Bíblia diz que é errado?

Talvez você já tenha aprendido noções da arte de resolver problemas. Mas será que você já adquiriu o hábito de encarar as questões e conversar sobre elas? Você pede ajuda a Cristo? Você gasta tempo pensando a respeito do que é certo fazer? Você pede perdão pelo seu erro, independentemente do quanto a outra pessoa tenha contribuído para o problema? Você está pronto a perdoar? Depois de perdoar, você deixa o passado para trás e volta a expressar amor? Você mantém a linha de comunicação continuamente aberta para prevenir o desenvolvimento de problemas?

Se um horticultor deseja colher verduras em sua horta, ele precisa inicialmente de sementes, fertilizante, enxada e regador. Se um cônjuge quer desfrutar as bênçãos do casamento, ele precisa cultivar a arte de solucionar problemas e desenvolver honestidade e confiança.

Em que aspectos você precisa mudar e crescer para se tornar uma pessoa mais sábia?

Se você não tem o hábito de solucionar problemas biblicamente, isso não significa que você deva imediatamente terminar o relacionamento. Mas significa que há um sinal de alerta e vocês precisam trabalhar juntos nas áreas de dificuldade e, possivelmente, recorrer a um aconselhamento pré-matrimonial.

A questão é muito séria. Existem hábitos pecaminosos em sua vida? No rela-

cionamento a dois, vocês estão tentando um ao outro sexualmente? ou vocês são críticos um para com o outro? Você mente? Você gasta seu dinheiro impulsivamente? Você está amargurado com seus pais? Você tem medos profundos? Você tem lidado com seus pecados e com pecados de outros contra você de forma introspectiva?

Você precisa ser honesto consigo mesmo e com seu futuro cônjuge, encarando essas questões à luz da misericórdia e da graça de Cristo. São áreas nas quais é possível crescer. Mas se não houver crescimento e os problemas continuarem sem solução, de uma ou ambas as partes, então vocês não devem se casar. Não estamos falando em perfeição – se fosse assim, quem poderia se casar?! Estamos falando em progresso consistente e bem direcionado. Lembre-se do filtro de óleo: “Você pode pagar agora ou pagar (um preço bem mais alto) depois”.

Por que preocuparmo-nos tanto com isso? Problemas habituais não desaparecem quando nos casamos. Pelo contrário, eles se agravam e as conseqüências dolorosas multiplicam-se. Por exemplo, um homem solteiro irascível pode aborrecer seus amigos e se tornar detestável aos olhos dos companheiros. Mas sua ira será algo aterrador e perigoso para a esposa e os filhos. Se o problema for tratado antes que o casal assuma um compromisso, muita dor será evitada. Um homem que aprende que sua vontade não é deus, que aprende a ser honesto e a lidar com seus pecados, que está ciente da necessidade de crescer no autocontrole, torna-se alguém com quem vale a pena se casar.

Até aqui expusemos o lado negro da questão. Há também um lado bonito que acompanha a resposta positiva à pergunta “Você tem o hábito de solucionar problemas biblicamente?”. Os hábitos positivos também persistem quando você se casa. Se vocês

passarem juntos por momentos difíceis, ainda que pequenos, e virem sinceridade, compaixão, paciência e confiança crescer entre vocês, então há base para crer que o Espírito Santo continuará a trabalhar Seu fruto em vocês.

Precisamos ressaltar mais dois aspectos do amadurecimento cristão. Em primeiro lugar, como vai sua vida de oração, individual e em conjunto com seu futuro cônjuge? A oração é a expressão mais objetiva de dependência de Deus.

Ausência de oração? Ausência de dependência!

Oração egocêntrica? Deus é seu *office-boy*!

Oração verdadeira? “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”.

Vocês já aprenderam a buscar juntos a face de Deus? Têm pedido que Ele ocupe o lugar central na vida de vocês? Invoquem a bênção de Deus sobre seu relacionamento, independentemente de ele resultar ou não em casamento. Peçam a Deus sabedoria e graça para decidir se o casamento é a escolha correta.

O segundo elemento chave refere-se ao seu comportamento sexual enquanto solteiros. Casais de namorados freqüentemente pecam na área sexual. Aquela famosa pergunta – “Até onde podemos ir sem pecar?” – não é tão difícil de responder se verificarmos o tipo de expressão de afeto que é apropriado no relacionamento com seu irmão ou irmã. Aos olhos de Deus, há dois tipos de relacionamento amoroso entre homens e mulheres. Quase todos os membros do sexo oposto devem ser considerados como sua *família* e amados de modo apropriado a um relacionamento familiar, ou seja, de modo não sexual. Somente uma pessoa,

seu marido ou sua esposa, pode estar na outra categoria. Deus alegra-se em chamar um cônjuge para amar o outro de modo apropriado num relacionamento de uma só carne, isto é, sexualmente. Ele até mesmo ordena isto! Em outras palavras, todas as mulheres exceto uma – a sua esposa – estão na categoria de mãe, avó, irmã, filha. Sua namorada ou noiva é, em primeiro lugar, uma irmã e deve ser tratada como tal. Todos os homens, exceto um – o seu marido – estão na categoria de pai, avô, irmão, filho. Seu namorado ou noivo é, em primeiro lugar, um irmão. Qualquer atitude que insira um elemento sexual no relacionamento familiar viola o amor.

A pergunta “Até onde podemos ir sem pecar?” é na verdade uma pergunta inteiramente errada. Vocês deveriam perguntar “Como podemos honrar, respeitar, encorajar a pureza mútua, e não tentar um ao outro?”. Se vocês forem capazes de desenvolver esse tipo de amor um pelo outro antes do casamento, terão um alicerce sólido para a vida sexual alegre e leal dentro do casamento e estarão preparados para as fases de abstinência que certamente virão em algumas ocasiões dentro do relacionamento conjugal.

Nenhum casamento está livre de problemas. Mas queremos que você e seu futuro cônjuge tenham confiança na capacidade de enfrentar e resolver os problemas biblicamente. Isto traz um alívio indescritível. Imagine poder prometer “Até que a morte nos separe”, sabendo que pela graça de Deus você terá condições de fazer com que tal afirmação se concretize. O casal que tem o hábito de solucionar problemas biblicamente pode fazer esta promessa. Jesus Cristo é a força motriz em sua vida e ambos estão atentos à Sua voz de comando.

Para discussão

1. Listem três problemas ou divergências que vocês enfrentaram no passado. Conversem a respeito de como vocês lidaram com estas situações.

2. Listem três problemas que vocês estão enfrentando agora. Elaborem uma proposta para resolvê-los biblicamente.

3. Estudem juntos Gálatas 5.13-6.10. Em que aspectos vocês percebem tendências pessoais ao pecado? Em que aspectos vocês têm praticado o amor cristão?

4. Conversem sobre sua vida de oração e devocional.

5. Conversem sobre como vocês têm tratado um ao outro na área sexual. Leiam 1 Timóteo 5.1-2 e percebam como todos os relacionamentos, à exceção do casamento, são caracterizados por termos familiares. Percebam a exortação específica a Timóteo, um homem solteiro, para que trate as mulheres mais jovens “como irmãs, com toda a pureza”. Vocês precisam pedir perdão um do outro e redefinir os seus parâmetros de acordo com o amor e não o desejo?

3. Vocês têm o mesmo alvo de vida?

Quando a Bíblia fala a respeito do casamento, menciona quatro vezes a expressão “deixar e unir-se”. *Deixar* significa cortar o laço com o direcionamento estabelecido pelos pais. *Unir-se* significa escolher andar na mesma direção de seu cônjuge.

Com certeza nunca haverá total acordo e uniformidade entre duas pessoas. Afinal, você não vai se casar consigo mesmo, mas com alguém que deve completá-lo! Não estamos falando aqui da questão de compatibilidade – tão discutida no mundo secular.

Vocês não precisam ter sido moldados na mesma forma. Duas pessoas muito diferentes podem ter um casamento maravilhoso, mas há alguns aspectos em que o acordo é necessário para que um homem e uma mulher possam se unir um ao outro.

É hora de vocês fazerem uma avaliação objetiva de suas semelhanças e diferenças, e traçarem planos realistas com respeito ao futuro. Jesus diz que devemos avaliar o preço de nossas decisões (Lc 14.28-29). Amós diz: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3.3). Sugerimos aos casais que estão considerando o casamento que trabalhem as perguntas sobre *deixar e se unir*, olhando um para o outro de forma objetiva e realista.

Perguntas referentes ao deixar

Há disposição para romper o laço emocional com seus pais?

O fracasso em romper o laço emocional com seus pais pode resultar em alguns problemas: o homem que visita sua mãe diariamente antes de voltar para casa; o homem que não defende sua esposa das críticas dos seus pais; a esposa que insiste para que todas as férias sejam passadas em companhia de seus pais; a esposa que vai para a casa da mamãe – por telefone ou presença física – ao primeiro sinal de dificuldade. Deixar os pais significa construir uma nova unidade familiar.

Há disposição para romper o laço financeiro?

Você está pronto a assumir a responsabilidade de cuidar da nova unidade familiar e responder pelos seus compromissos financeiros?

Há disposição para romper o laço com seus amigos e a vida de solteiro?

O marido não pode sair três vezes por semana com os colegas. A esposa não pode fazer de suas melhores amigas a fonte de toda a sua satisfação emocional e espiritual.

Há disposição para romper o laço com seu trabalho?

Em um mundo direcionado pela *carreira profissional*, você entende que seu cônjuge tem prioridade sobre sua atividade profissional, e que você não pode negligenciar seu cônjuge em função de seu trabalho ou estudo?

Há disposição para romper o laço com o direito que as pessoas solteiras têm de tomar as próprias decisões, andar como melhor lhe apraz e manter o grau de privacidade que mais lhe agrada?

Escolher *deixar* pai e mãe significa também escolher *tornar-se uma só carne* com outra pessoa. A vida pessoal será compartilhada com o cônjuge. As decisões serão tomadas em conjunto. 1 Coríntios 7 ensina que há um preço para a aquisição da intimidade e do companheirismo conjugal – a perda da liberdade individual. Obviamente, deve haver um equilíbrio ao considerar cada uma dessas perguntas. Não estamos entendendo um *romper* no sentido absoluto. Você precisa reorganizar as suas prioridades, valores e compromissos em função da nova posição de casado ou casada. Com certeza, você continuará a amar seus pais e há maneiras convenientes deles participarem da vida do casal; você não vai ignorar seus

amigos; você vai trabalhar; você ainda será um indivíduo. Mas haverá uma redefinição do lugar que cada um desses aspectos ocupa em sua vida.

Perguntas referentes ao unir-se

O que você tem feito de sua vida?

Quais são seus dons e interesses ministeriais? O que você está fazendo para servir ao Senhor? Você tem condições de caminhar em alegria ao lado de seu futuro cônjuge? Que tipo de trabalho você tem ou pretende ter em breve?

Como é o seu estilo de vida?

Quais os seus hábitos de trabalho e sua carga horária? Como você prefere se divertir e gastar o tempo livre? Como você passa seus sábados? A que horas você acorda e levanta? Quantas horas você gasta em frente à televisão – uma hora por semana ou quatro horas por noite? Que tipo de comida você prefere – você faz parte da *geração saúde* ou é um consumidor de alimentos enlatados? Como você costuma usar o domingo – ou seja, o equivalente a um sétimo de sua futura vida a dois? Existem coisas que vocês gostam de fazer juntos?

Quais as suas expectativas na área material e financeira?

Como você lida com o dinheiro? Que porcentagem do seu rendimento é entregue ao Senhor atualmente? Onde vocês pretendem morar – em uma residência modesta de um bairro urbano ou em um condomínio afastado da cidade? Em que localização geográfica – Uganda, Rio de Janeiro ou Amazonas?

Qual o nível e tipo de envolvimento que vocês desejam ter com a igreja local?

Vocês pretendem ir ao culto uma vez por semana ou estão dispostos a gastar quatro noites da semana em atividades da igreja?

Vocês concordam em aspectos teológicos básicos?

Qual sua posição em assuntos como autoridade das Escrituras, calvinismo, movimento carismático, batismo, escatologia etc?

Qual seu ponto de vista sobre o papel do homem e o papel da mulher, do marido e da esposa?

Ambos, marido e esposa, trabalharão fora de casa? Como serão tomadas as decisões?

Quantos filhos vocês querem ter?

Nenhum, dois, ou quanto mais melhor? Como cuidar das crianças e amá-las? Como deve ser a disciplina dos filhos? Quais ofensas merecem disciplina? Quem faz o que com a criança?

Qual será a frequência das visitas aos pais?

Onde vocês preferem passar as temporadas de férias e os feriados? Quanto tempo dedicarão aos amigos?

O que demos aqui é um exemplo do tipo de perguntas que acreditamos que casais que caminham em direção ao casamento devem fazer a si mesmos. Talvez você possa pensar em outras!

Vamos repetir: ambos caminham na mesma direção? Esta pode ser uma questão difícil para casais jovens. É fácil dizer: “Sim, nós andaremos na mesma direção; daremos um jeito”. Mas observar qual a direção as-

sumida no presente é a melhor maneira de se prever o futuro.

Olhe de frente para você e para o relacionamento, seja realista. Por um lado, existe um *sinhal vermelho* indicando que algumas dessas questões não foram resolvidas em sua vida ou na vida da outra pessoa? Resista à tentação de deixá-las passar em branco! Por outro lado, existe um *sinhal verde* indicando que vocês estão cada dia mais caminhando na mesma direção? Se a resposta for “Sim”, anime-se!

O voto do casamento pode ser feito com muita alegria se vocês estiverem firmes na certeza de que ambos estão prontos a *deixar e se unir* para o resto da vida.

Para discussão

Conversem sobre as perguntas referentes ao *deixar e se unir*.

4. O que pensam a respeito do seu relacionamento aquelas pessoas que os conhecem bem?

Tomar a decisão de se casar é uma escolha das mais importantes, pois o casamento afetará o resto de sua vida aqui na terra. Você seria tolo se comprasse uma casa sem antes recorrer a um perito para verificar a solidez da construção. Mas infelizmente, muitas pessoas não tomam a mínima providência em busca de informação para uma boa escolha do cônjuge.

Em geral, não conseguimos ver a nós mesmos com tanta nitidez, como as outras pessoas nos vêem. É fácil ficarmos obcecados a tal ponto por uma pessoa que não vemos o todo com clareza. Embora não devamos permitir que outras pessoas tomem decisões por nós, a Bíblia deixa bem claro que não podemos ser *lobos solitários* que dependem apenas de si mesmos na busca de sabedoria.

Duas (ou três, ou quatro, ou...) cabeças pensam melhor que uma. Provérbios 15.22 diz: “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito”. Romanos 15.14 nos diz que à medida que crescemos no conhecimento de Deus, tornamo-nos aptos para aconselhar uns aos outros.

Pode ser difícil encontrar equilíbrio entre estas duas verdades: você precisa do conselho de outros e, ao mesmo tempo, você deve tomar a decisão final. Encontramos, com frequência, três tipos de pessoas: em primeiro lugar, temos o *lobo solitário*, totalmente independente e que recusa qualquer informação ou conselho de outros. Ele diz: “Eu tomo minhas próprias decisões”. Em segundo lugar, encontramos o *escravo da opinião alheia*, totalmente dependente, que anda em busca de quem possa tomar decisões por ele. Ele diz implicitamente: “Decidam por mim”.

Tal pessoa é jogada de um lado para outro pelas mais diversas opiniões que ouve, e tem medo de tomar qualquer decisão. Em terceiro lugar, temos a pessoa *biblicamente livre*, que é capaz de usar bem os conselhos que recebe. Ela sabe que a decisão final lhe pertence, mas também está ciente de suas limitações e de que pode falhar. Reconhecendo que necessita de Cristo e de outras pessoas, ela está livre para considerar todo e qualquer conselho que a possa ajudar a tomar uma decisão sábia.

A quem devemos pedir conselhos? Certamente não estamos dizendo: “Converse com a primeira pessoa que lhe vier à frente. Se ela der o sinal verde, prossiga”. Escolha bem os seus conselheiros. Você deve estar atento a quatro aspectos.

Em primeiro lugar, dirija-se a pessoas que o conhecem bem. Pessoas que têm oportunidade de observar de perto o rela-

cionamento entre você e seu futuro cônjuge podem fazer considerações úteis. Em segundo lugar, recorra a pessoas que sabem o que faz um casamento funcionar. Escolha pessoas experientes, mais velhas e mais sábias que você, cujas opiniões e sabedoria você respeita. Ainda que não sejam crentes, pais, parentes, amigos de família e outras pessoas que convivem com você podem contribuir com observações que vale a pena considerar. Em terceiro lugar, dirija-se a pessoas que possam ajudar a ver o casamento de um ponto de vista cristão. Seu pastor, um líder da igreja local, um amigo cristão sábio podem ajudar a pensar biblicamente a respeito dos aspectos envolvidos no casamento. Receber aconselhamento bíblico pré-matrimonial é extremamente importante, seja de modo formal ou informal. Em quarto e último lugar, ouça seus pais. Eles o conhecem bem. Eles já viveram bem mais que você. Eles se importam com o que acontecerá em sua vida.

Precisamos falar um pouco mais sobre conversar com os pais, visto que muitos jovens adultos têm um relacionamento tenso com seus pais. Pode ser que na infância ou adolescência você tenha desenvolvido o hábito de ignorar ou desprezar os conselhos e idéias de seus pais. Ou talvez um ou ambos os pais pecaram contra você por meio de críticas, abuso físico, divórcio ou qualquer outro comportamento não bíblico, e existe agora uma distância entre vocês. A essa altura da vida, quando se prepara para o casamento, você tem uma oportunidade maravilhosa de tratar a ferida. É hora de se aproximar para ter uma conversa profunda com seus pais, ouvir suas idéias, mostrar respeito, e levá-los a sério. Resolver assuntos pendentes do passado proporciona a segurança de que você não levará *bagagem emocional* do passado para dentro do casamento. A reconciliação com seus pais facilitará a entrada de seu côn-

juge na família, pois ele não precisará sofrer as pressões e tensões do seu passado. Pode haver casos em que a reconciliação seja impossível, mas esta é uma situação que merece oração e uma conversa franca com o futuro cônjuge. Na maioria dos casos, porém, temos visto o contrário, resultando em aproximação e cultivo de um respeito de adulto para adulto. As paredes de desconfiança e dor de ambas as partes caem diante um novo amor e compreensão, e o casamento torna-se uma ocasião para entregar a noiva ou despedir o noivo com grande alegria. Vá aos seus pais com humildade. Deus tem boas dádivas para os seus filhos, e a cura do *conflito de gerações* é uma delas.

Como ponderar os conselhos recebidos? Muito do que você ouve pode contribuir para um entendimento mais nítido de suas motivações e alvos. Mas buscar conselho não é como procurar respostas em estatísticas: “Sete entre doze pessoas disseram que eu devo me casar com fulana, portanto me casei”. Alguém pode questionar a sua escolha e se opor a ela por motivos incertos; perguntas e críticas podem ser injustas; opiniões podem ser parciais; pressões podem ser fruto de uma motivação errada. Mas você deve ser capaz de responder com convicção até mesmo aos questionamentos que refletem pontos de vista com os quais você discorda.

Há muito conselho duvidoso ao seu redor. Alguns vão animá-lo por razões erradas: “Vá em frente, ela é bonitinha” ou “Vá em frente, ele vai ficar rico”, “O Senhor me disse que você deve se casar com ele/ela”. Outros vão desanimá-lo por razões também erradas: “Não entre nessa. Você vai perder sua liberdade de solteiro”. Mas há também bons conselhos a serem ouvidos. São conselhos que ajudam a pensar e decidir cuidadosamente, e em oração. Eles revelam se suas razões principais para o casamento são

egocêntricas, ou se você está comprometido em amar a outra pessoa. Bons conselhos ajudam a identificar problemas em potencial e tratá-los agora, antes que você esteja comprometido a ponto de se tornar embaraçoso voltar atrás. Bons conselhos também ajudam a identificar se você sabe resolver problemas e enfrentar dificuldades bíblicamente, e se está caminhando na mesma direção de seu futuro cônjuge.

“O caminho do tolo é reto aos seus próprios olhos, mas o que dá ouvidos ao conselho é sábio” (Pv 12.15). O que pensam a respeito do seu relacionamento aquelas pessoas que o conhecem bem? Como estas pessoas avaliam a sua maturidade? O que acham de seus planos e alvos? Não permita que o orgulho ou a timidez impeçam um pedido de ajuda.

Para discussão

1. Quem poderia nos ajudar? Façam uma lista!
2. Como podemos marcar encontros com essas pessoas?

5. Você quer mesmo se casar com esta pessoa? Vocês estão dispostos a aceitar um ao outro como são?

A Bíblia diz que a decisão de casar é uma escolha pessoal. As perguntas finais que você deve fazer a si mesmo são: “Eu quero mesmo me casar com essa pessoa?” e “Essa pessoa quer se casar comigo?”.

Alguns podem pensar que esse tipo de pergunta não é espiritual, como se Deus tivesse a obrigação de revelar miraculosa e misticamente se e com quem você deve se casar. O casamento é um milagre! E Deus realmente conduz o seu povo! Mas Ele nos conduz dando-nos sabedoria e permitindo-nos fazer escolhas. O casamento é de fato

uma escolha pessoal: você é quem assumirá os votos e dirá “Sim”.

Semelhantemente, você deve respeitar a individualidade da outra pessoa e sua responsabilidade de tomar uma decisão pessoal com respeito ao casamento com você. Não somos robôs nem fantoches uns dos outros, nem mesmo do Espírito Santo. Somos filhos que vivem pela fé, que têm um Pastor e um Pai que os orienta no processo de fazer escolhas baseadas na sabedoria bíblica. Desta forma, as perguntas que estamos lhe fazendo pressupõem que caberá a você o compromisso final.

Destacamos a importância da escolha pessoal porque temos visto pessoas ficarem bastante confusas e caminharem em direção a casamentos incertos porque alguém lhes disse: “Eu sei que a vontade de Deus é que você se case com fulano de tal”, ou porque os seus pais ou outra pessoa a quem respeitavam as pressionou. Também já vimos pessoas paralisadas pela indecisão por acharem que necessitam de algum sinal para confirmar se devem ou não se casar. As primeiras quatro perguntas que fizemos têm por objetivo garantir que você não correrá para o casamento simplesmente por vontade própria. Mas *há* um momento apropriado para perguntar a si mesmo: “Eu quero?”.

1 Coríntios 7.25-40 é passagem a mais longa da Bíblia que fala claramente a respeito da decisão de se casar. Você pode encontrar frases como: “Faça o que quiser. Não peca.”; “...fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor”. Pode haver algo mais claro? Deus espera que você tome a decisão. Deus promete abençoar e cumprir a vontade dEle em sua vida por meio de suas decisões.

Conhecemos casais que trabalharam nas primeiras quatro perguntas, e todo o processo parecia andar bem. Quando chegamos

à quinta pergunta, depois de refletir bastante e a sós, um dos dois disse: “Eu realmente não quero me casar agora”. Eis alguns motivos porque as coisas chegam até esse ponto: “Minha mãe realmente quer que eu me case” ou “Meu namorado tem me pressionado muito e disse que isso é o certo” ou “Nós dormimos juntos e me sinto culpado e obrigado a isso, como se já fôssemos casados” ou “Todos dizem que formamos um casal perfeito e fomos feitos um para o outro, mas...” ou “Tenho medo de deixar passar essa oportunidade e nunca mais ter outra”.

Medo, culpa, pressão da sociedade não são razões para se casar. É importante trazer à tona quaisquer dúvidas que você possa ter. Às vezes, podemos lidar com as dúvidas de maneira que você venha a ser capaz de dizer “Sim” de todo coração. Outras vezes, a dúvida é apenas uma razão para dizer “Não”. É muito melhor dizer “Não” antes do noivado do que fazê-lo vinte anos após o casamento: “Eu subi ao altar com dúvidas secretas, e me arrependi desde então.”

O tempo para decidir se você quer ou não se casar é *antes* do noivado. Embora seja muito comum, em nossa cultura, o noivado ser considerado como um período em que “Eu ainda vou decidir”, escrevemos este artigo para esclarecimento e aconselhamento não de noivos, mas de um homem e uma mulher que se tornaram amigos e querem pensar em casamento. Sem dúvida, noivado não quer dizer que você já está casado ou que tomou uma decisão irreversível. Todavia, considerar o noivado como um período de teste é bastante enganoso. Muitos casais poderiam ter evitado a dor e a vergonha de um noivado desfeito se tivessem respondido honestamente a essas perguntas antes de assumir o compromisso.

Dúvidas não são a única questão que deve vir à tona. Lembre-se de que o seu

“Sim” é dirigido a uma pessoa, e não à *mulher de seus sonhos* ou ao *homem em que ele vai se transformar*! Pergunte a si mesmo: “Estou disposto a aceitar esta pessoa da maneira como ela realmente é? Eu quero me casar com *esta* pessoa?”. Tenha certeza de que você não está entrando no casamento com um plano secreto, esperando mudar o cônjuge depois da cerimônia de casamento. Você está dizendo “Sim” a uma pessoa real, com fraquezas e pontos fortes, pecados e dons?

Dizer “Sim” com firmeza nos liberta. Por isso insistimos para que você gaste tempo sondando o próprio coração e orando ao Senhor. “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos. ... em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (Fp 4.4-6). Aproveite este tempo para se alegrar no Senhor. Purifique sua motivação e dê a Deus o primeiro lugar na sua vida. Aquiete-se diante dEle, buscando a Sua sabedoria. Derrame seu coração perante Ele. Peça a Sua bênção. Talvez você queira separar um dia especial para jejum e oração, além de seu tempo devocional corriqueiro. Pense. Faça a si mesmo as perguntas que sugerimos. Medite nas implicações de sua decisão. Tome então a sua decisão, confiando na bondade de Deus para com Seus filhos. “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29.11).

Para reflexão pessoal

1. Você quer se casar com esta pessoa?
2. Você está disposto a aceitar esta pessoa exatamente como ela é?

Conclusão

Casamento é um dos melhores dons que Deus deu ao ser humano. A união da noiva com o noivo é com certeza um dos símbolos mais significativos de alegria. Nossa oração é que Deus permita a muitos de vocês conhecer pessoalmente esta alegria.

O tempo que você gastar na reflexão e discussão das perguntas que sugerimos será tempo bem aproveitado. Trata-se de algo mais que percorrer uma lista de itens a conferir. É um tempo de descoberta a respeito da outra pessoa, que fará crescer seu amor por ela. É um tempo de investimento em sua alegria futura. A Bíblia diz: “A piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1 Tm 4.8). Cada uma dessas perguntas ajudará você a crescer na piedade, cultivar pensamentos corretos e viver habilidosamente.

Algum dia, a morte o separará de seu cônjuge. Mas você estará preparado até mesmo para isso. Sua alegria estará firmada na esperança de uma vida futura. Em tempos difíceis, mesmo na morte, você terá recursos de esperança, força e encorajamento em Cristo, se Ele ocupar desde já o lugar central em sua vida e seu casamento.

Você percebe que há alguém a quem você deve amar muito mais que a seu marido ou sua esposa? Jesus disse: “Se alguém vem a mim e ama a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, mais do que a mim não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26 NVI).

Talvez você esteja pensando que esta é uma maneira estranha de concluir nossa conversa a respeito da decisão de se casar! Mas dê ouvidos a Jesus. Ele ama Sua noiva com

intensidade e profundidade inigualáveis (cf. Ef 5.2, 25; Ap 19.6-9). Um discípulo de Cristo é alguém que está aprendendo a amar com a mesma intensidade. Se você amar a seu cônjuge acima de qualquer outra coisa, será um egoísta, medroso, amargo e desiludido.

Se você amar a Jesus acima de qualquer outra coisa, saberá amar a seu cônjuge de verdade, com o amor de Cristo. Você será alguém que vale a pena ter como cônjuge!

Você será uma fonte de alegria para outra pessoa? Com a ajuda de Jesus,... SIM!

“Amor Incondicional”



David A. Powlison¹

Tenho ouvido pessoas usarem a expressão “amor incondicional” com certa frequência, mas não me sinto à vontade com este termo. É uma maneira adequada para descrever o amor de Deus e o tratamento que as pessoas devem dar umas às outras?

O autor desta pergunta percebeu que alguma coisa o incomodava na maneira como as pessoas falam sobre o amor de Deus e o amor que devemos ter uns para com os outros. Eu também não me sinto à vontade com o termo amor “incondicional”. Raramente uso esta expressão, pois o amor de Deus é diferente e bem melhor que incondicional. Amor incondicional, em sua definição contemporânea, começa e acaba com simpatia e empatia, com aceitação resignada. Eu o aceito como você é, sem expectativas. Mas pense um pouco no amor de Deus por você. Deus não olha favoravelmente para você em atitude de afirmação. A

preocupação que Ele tem com você é grande demais para ser incondicional.

Imagine-se como um pai que está olhando seu filho brincar em meio a um grupo de crianças. Talvez o cenário seja uma creche ou uma sala de aula, um play-ground ou um jogo de futebol. Você está certo ao dizer que tem amor incondicional por aquelas crianças como um todo; você não abriga nenhuma hostilidade específica, você lhes deseja o bem. Mas para com seu filho, algo mais acontece. Você presta maior atenção. Um ferimento, o perigo de se machucar, uma briga ou uma injustiça despertam em você fortes sentimentos de proteção — porque você ama. Se seu filho tem um acesso de raiva ou se envolve em uma briga, você logo se levanta para intervir — porque você ama. Se seu filho é bem-sucedido, você fica alegre — porque você ama. Claro que cada uma destas reações pode ser manchada pelo pecado. Orgulho, medo da opinião de outros, forte desejo de alcançar sucesso, superioridade, ambição ou egocentrismo podem deformar o amor paterno. Mas imagine estas reações não manchadas pelo pecado. Leia o Salmo

¹Tradução e adaptação de “*Unconditional Love?*”

Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Glenside, Pa., v. 12 n. 3, Spring 1994. p. 45-48.

121, os capítulos 11 e 14 de Oséias, Isaías 49... a vida de Jesus. O Senhor olha para *você*. Ele se preocupa com *você*. O que Seus filhos fazem e o que lhes acontece *tem importância*. Olhar, preocupar-se e considerar importante é algo intenso, complexo, específico, pessoal. Amor incondicional não é um termo muito apropriado nem convincente. Pelo contrário, é algo distante, geral, imparcial. O amor de Deus é muito mais que incondicional.

Deus é ativo. Ele decidiu amar, quando poderia simplesmente condenar. Ele se envolve em sua vida, é misericordioso e não apenas tolerante. Ele odeia o pecado, mas busca os pecadores pelo nome. Deus está tão comprometido em perdoá-lo e transformá-lo, que Ele enviou Jesus para morrer em seu lugar. Ele dá boas vindas ao pobre de espírito, com alegria e festa. Deus é imensamente paciente e persevera incansável, intrometendo-se em sua vida.

O amor de Deus é ativo em busca do seu bem. É um amor carregado de sangue, suor, lágrimas. Deus sofre por você, luta por você — em sua defesa. Ele também luta com você. Ele o busca com grande ternura, com o propósito de promover mudança em sua vida. Ele é ciumento, não é distante. Sua empatia e compaixão falam alto: palavras de verdade para livrá-lo do pecado e da miséria. Deus o disciplina como prova de que o ama. Ele habita em você, derramando Seu Santo Espírito em seu coração, para que você O conheça. Ele também o capacita. O amor de Deus contém até mesmo ódio: ódio do mal, praticado contra você ou por você. E o amor de Deus exige uma resposta de sua parte: crer, confiar, obedecer, agradecer com coração alegre, desenvolver a sua salvação com temor, ter prazer no Senhor.

C. S. Lewis comentou a respeito do Senhor em um de seus livros infantis: “As-

lan não é um leão domesticado”. O amor do Senhor não é um amor domesticado, não é uma técnica terapêutica². E nós somos chamados a ter esse mesmo tipo de amor uns pelos outros: “Andem em amor assim como Cristo nos amou” (Ef 4.32-5.2). É um amor real, forte e complexo, e também difícil de praticar. É muito diferente de “Eu o aceito assim como você é. Eu o aceito assim como aceito a todos os demais. Eu não vou julgá-lo nem impor meus valores sobre você. A atmosfera de aceitação que eu crio pode liberar a força de autorealização que há no seu interior.” Este amor incondicional substitui o rei dos animais por um ursinho de pelúcia. Ursinhos de pelúcia fazem com que você se sinta bem; eles não rebatem o que você diz.

Será que o cuidado ativo de Deus pode ser chamado de amor incondicional, um termo cujo significado é moldado pelo distanciamento calmo de um psicoterapeuta e cujo valor central é não impor valores? Que palavras descreveriam o amor de Deus que é rico em aceitação, e ainda assim obstinado, exigente e intrometido?

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” (2Co 5.14,15) Que palavras poderiam descrever um amor que se dirige ao ímpio e ao mesmo tempo mantém uma expectativa de piedade? Ou um amor que me alcança exatamente onde estou e me incentiva a crescer? Um amor que aceita, sim, mas também inclui uma agenda de mudança para o restante da vida?

²Muitas passagens das Escrituras retratam as facetas do amor de Deus: Lucas 16, Mateus 18, Salmo 103, Êxodo 34, 1 João 4, Romanos 1-11, Isaías 49, Isaías 53.

É útil aplicar o rótulo “amor incondicional” àquilo que Deus faz e a que de alguma forma esperamos que pais e conselheiros piedosos façam, falem, modelem?

Não me sinto à vontade com este termo, embora muitas pessoas falem em *amor incondicional* com boas intenções, tentando juntar quatro verdades significativas e relacionadas entre si que veremos a seguir.

Em primeiro lugar, “amor condicional” é uma coisa ruim. Não é amor, de jeito nenhum, mas uma expressão do ódio rotineiro e do egocentrismo do coração humano. Seria melhor chamá-lo de “aprovação condicional e manipuladora”. “Se você me agrada e jogar no meu time, vou sorrir para você. Se você não me agrada, vou agredi-lo ou evitá-lo”. A palavra *incondicional* é escolhida para contrastar com esta manipulação, exigência ou atitude de julgamento. Seu propósito é denunciar uma forma pecaminosa de relacionamento humano, e dizer: “Amor verdadeiro não é bem assim”.

Em segundo lugar, o amor de Deus é paciente. Ele e aqueles que O imitam têm paciência e suportam em esperança. Deus não sai de campo. Visto que Ele persevera, Seus santos perseverarão até o fim e entrarão na glória. A palavra *incondicional* é escolhida para dar incentivo durante o processo de mudança, em lugar de pular fora quando o caminho é árduo. Seu propósito é gerar esperança.

Em terceiro lugar, o amor verdadeiro é um dom de Deus. É uma iniciativa de Deus e uma escolha dEle, não condicionada pelo meu desempenho. O evangelho de amor de Deus não é um salário; é uma dádiva. É algo que não posso comprar; mais que isso, é algo que eu nem mesmo mereço. Deus ama ao fraco, ao ímpio, ao inimigo pecador. O dom de Deus levanta-se contrário à minha dívida, visto que eu mereceria a morte. “Nada do

que minhas mãos fazem” pode me fazer merecedor do amor de Deus. A palavra *incondicional* é escolhida para codificar esta bênção imerecida, para derrotar o legalismo.

Em quarto lugar, Deus o recebe assim como você é: pecador, sofredor, confuso. Em poucas palavras: “Ele vai ao seu encontro onde você está”. Não conserte a sua vida para só depois ir a Deus. Vá. A palavra *incondicional* é escolhida para falar do convite que Deus faz a pessoas rudes, sujas, arrebatadas, e para combater o desespero e o medo que fariam recuar e deixar de pedir ajuda a Deus e ao povo de Deus.

Estas verdades são preciosas. O adjetivo *incondicional* tem uma linhagem teológica nobre no que diz respeito à graça perseverante e liberalmente concedida por Deus. Será que eu deveria me sentir à vontade com a maneira como ele é comumente usado? Será que o uso atual expressa esta carga teológica prática? *Incondicional* é um equivalente satisfatório para estas quatro maravilhosas verdades? Eu creio que não, por quatro razões.

Em primeiro lugar, há maneiras mais bíblicas e vívidas para captar cada uma das quatro verdades que acabamos de mencionar.

- ♦ O oposto de manipulação não é benignidade imparcial. O amor verdadeiramente bondoso inclui zelo, auto-sacrifício e um chamado à mudança (Is 49.15,16; 1 Ts 2.7-12).
- ♦ O chamado para que você dê apoio às lutas de uma pessoa pode ser assim expresso: “O amor é paciente”, “... sejais longânimos para com todos” (1 Co 13.4; 1 Ts 5.14).
- ♦ “Graça” e “dádiva” captam a qualidade de livre e imerecido do amor de Deus com menos ambigüidade que

incondicional (2 Co 9.15; Rm 6.23; Ef 2.4-10).

- ♦ Deus dá as boas-vindas ao ímpio, e diz: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Tm 1.15). “Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós” (Ef 5.2). O evangelho é uma história de ação, não uma atitude de aceitação.

O que presenciamos hoje é o uso do termo *incondicional* de modo vago e abstrato, quando a Bíblia nos dá palavras, metáforas e histórias mais específicas e vívidas.

Em segundo lugar, está claro que a graça imerecida não é estritamente incondicional. Embora o amor de Deus não dependa daquilo que você faz, ele depende muito do que Jesus fez por você. Neste sentido, ele é altamente condicional. Ele custou a vida a Jesus.

O amor de Deus, conforme definido na Bíblia, envolve o cumprimento de duas condições: obediência perfeita e substituição. Jesus, pela sua obediência ativa à vontade de Deus, demonstrou e recebeu o veredito “Justo”. Sua obediência consistente às condições de Deus é imputada a nós pela graça, quando Deus justifica o ímpio. Em sua obediência passiva como Cordeiro substitutivo, Jesus suportou a pena de morte como condição para nossa liberdade e vida, de tal forma que o amor de Deus é oferecido livremente a você e a mim pelo cumprimento de ambas as condições. O amor de Deus contém a obra de vida e morte dAquele que foi tanto Servo como Cordeiro de Deus. Amor incondicional? Não, algo muito melhor. As pessoas que hoje usam a palavra *incondicional* comunicam, em geral, uma aceitação imparcial que diminui a obra de Cristo.

Em terceiro lugar, a graça de Deus é algo mais que incondicional: ela tem a inten-

ção de transformar as pessoas que a recebem. Há algo errado com você. Da perspectiva de Deus, você não apenas necessita de que alguém morra em seu lugar para que você seja perdoado; você precisa de mudança. A palavra *incondicional* pode ser uma forma aceitável de expressar as boas-vindas de Deus. Falha, porém, em comunicar o sentido desta aceitação: uma reabilitação ampla, que durará para toda a vida no aprendizado da “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). As pessoas geralmente usam o termo *incondicional* para persuadi-lo de que “Você está Ok”, despojando o amor — tanto de Deus, como de um conselheiro ou de um pai — de seu verdadeiro significado. Você “se volta” para receber o amor de Deus; você nada faz para receber aceitação passiva ou *incondicional*.

Em quarto lugar, e mais sério, amor incondicional traz uma bagagem cultural. À medida que você leu os parágrafos anteriores, você percebeu como a palavra *incondicional* está ligada a palavras como tolerância, aceitação, afirmação, benignidade. Ela está ligada a uma filosofia que diz que o amor não deve impor valores, expectativas ou crenças sobre outrem. Eu poderia ter usado a frase técnica da psicologia humanista: “consideração positiva incondicional”. Muitas pessoas reportam-se a este conceito quando pensam em amor incondicional: “Você no fundo está bem; Deus o aceita exatamente como você é. Deus sorri para você, mesmo que você não faça nada de extraordinário. Você tem valor inerente. Deus o aceita. Você pode descansar em Deus, e deixar que o seu eu essencialmente bom venha à tona.” Esta é uma filosofia de vida ou uma teologia prática completamente estranha ao verdadeiro amor de Deus.

O oposto de *condicional* pode parecer *incondicional*. O oposto de expectativas altas e excêntricas pode parecer ausência de

expectativas. O oposto de ser mandão pode parecer não ser diretivo. Com certeza, amor condicional é ódio, e não amor. Mas amor incondicional — usado com o significado que o termo hoje carrega — é um engano mais sutil. Leitores que queiram mergulhar mais a fundo nesta questão podem tirar proveito da leitura de “O caso de Herbert Bryant” relatado por Carl Rogers³. Esse conhecido caso de aconselhamento — uma transcrição de 180 páginas de diálogo com comentários — mostra como o *incondicional* de Rogers e o método não-diretivo funcionam na prática. Um jovem libertino com uma consciência mórbida passa a ser um pecador mais civilizado e satisfeito consigo mesmo. O amor incondicional de Rogers, na verdade, mascara um esquema poderoso e insidioso: criar pessoas felizes, civilizadas e anestesiadas para com Deus. De maneira velada, Rogers é inteiramente diretivo.

Não me sinto à vontade com o termo amor incondicional porque trata-se, com frequência, de uma fuga da realidade. Ele faz companhia a ensinamentos que dizem “paz, paz”, quando do ponto de vista de Deus, não há paz (Jr 23.14, 16,17). Recebendo aceitação plena, você não precisa de arrependimento. É só aceitar. É esta aceitação o satisfaz, sem humilhá-lo. Ela lhe dá descanso, sem aborrecê-lo a respeito de si mesmo nem fazê-lo vibrar com Cristo. Ela faz com que você se sinta *aquecido*, sem levar em conta a angústia de Jesus no jardim e na cruz. É fácil, e nada exige. Não insiste nem trabalha em mudançaem sua vida. Engana-o a respeito de si mesmo e de Deus. Precisamos admitir que muitos falam de amor incondicional e aspiram por amor incondicional com uma ampla dose desta bagagem cultural.

Podemos fazer algo melhor. Dizer que “o amor de Deus é um amor incondicional” é quase como dizer “a luz do sol ao meio-dia é como uma luz de flash na escuridão”. A luz produzida por um bulbo de flash admite certa analogia com a luz do sol. Amor incondicional admite certa analogia com o amor de Deus. Mas porque começar pela luz do flash, e não pelo sol fulgurante? Visto mais de perto, o amor de Deus é bem diferente da “consideração positiva incondicional”, a semelhança da noção contemporânea de amor incondicional. Deus não me aceita como eu sou; Ele me ama a despeito do que sou; Ele me ama como Jesus é; Ele me ama o suficiente para dedicar a vida para me renovar à imagem de Cristo. Este amor é muito, muito melhor que incondicional! Talvez possamos chamá-lo de amor “contracondicional”. Ainda que eu não preenchesse as condições para receber as bênçãos de Deus, Ele me abençoou porque Seu filho as preencheu. E agora eu posso começar a mudar, não para conquistar amor, mas por amor.

Poucos ainda usam o termo amor incondicional com o velho sentido teológico intacto. O propósito, em geral, é incentivar que as pessoas se preocupem umas com as outras, e também tranquilizar aqueles que vêem a Deus como um grande crítico a quem servem penosamente ou de quem fogem porque nunca conseguem agradar. E não tenho dúvida de que a frase tem sido útil a alguns, apesar das riquezas que ela deixa do lado de fora e da bagagem que geralmente carrega. Mas a Bíblia ainda nos conta histórias maravilhosas, menciona metáforas emocionantes, e desenvolve uma teologia detalhada para nos informar a respeito do amor de Deus. Você precisa de algo melhor que amor incondicional. Você precisa da coroa de espinhos. Você precisa de um toque de vida à semelhança do filho da viúva de Naim. Você precisa da

³ROGERS, Carl. *Counseling and Psychotherapy*. Boston: Houghton, Mifflin, 1942. p. 262-437.

promessa que foi feita ao ladrão arrependido. Você precisa ouvir que “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”. Você precisa de perdão. Você precisa de um

Agricultor, um Pastor, um Pai, um Salvador. Você precisa se tornar semelhante Àquele que ama você. Você precisa do melhor do amor de Jesus.